



CÃES DO ASFALTO

CONRADO L. RIBEIRO





CÃES DO ASFALTO

**LOBOS DA NOITE
LIVRO UM**

CONRADO L. RIBEIRO

Cães do Asfalto. Copyright © 2018, Conrado Luzini Ribeiro.

Todos os direitos reservados.

Biblioteca Nacional – Registro nº 768014

Todos os personagens deste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos, localidades ou organizações é mera coincidência.

Todos os direitos são reservados. É proibida qualquer reprodução ou uso não autorizado do material ou obra de arte contida neste livro sem a permissão expressa por escrito do autor.

Todos os personagens, culturas fictícias e o mundo da fantasia, são de propriedade do autor.

Capa – Bárbara Sprocati

Revisão – Conrado L. Ribeiro e Bárbara Sprocati

Editoração e Diagramação – Conrado L. Ribeiro

Edição Independente – Presidente Prudente – 2019

ASIN: B07Z45S4S7

ISBN: 9781699730546

Ribeiro, Conrado L.

Cães do Asfalto/ Conrado L. Ribeiro;

1. Lobisomem - Ficção. 2. Ficção Brasileira.

3. Horror. 4. Fantasia. I. Título.

CÃES DO ASFALTO

LOBOS DA NOITE LIVRO 01

CONRADO L. RIBEIRO

Edição Independente

Para Bárbara

Agradeço às noites de RPG com os amigos Carlos MDK “Cavalga Tempestade” Curry, Gabriel “Lobo-Urso de Danann” Ironwood, Nikalay “Canção fatal” Danilov e Sidney “Juiz dos reis” Cacciathore. Que a primeira matilha viva para sempre. Aos meus amigos que o RPG trouxe, ao apoio dos meus pais Marina e João Agostinho, sou grato eternamente.

SUMÁRIO

I – O UIVO

II – PARENTESCO

III – TEMPORADA DE CAÇA

IV – REFÚGIO DOS LOBOS

V – LONDRINA

VI – ÁRVORES E SANGUE

VII – VELHOS GUERREIROS

VIII – MIDGARD

IX – DEMÔNIOS NA NOITE

X – VISÕES E SONHOS

XI – CONCLAVE

XII – DIAS COMUNS

XIII – DONOVANS

XIV – BLACK DOG

XV – CONFRONTO DE GERAÇÕES

XVI – *WAIROS*

XVII – ATHENAS

XVIII – VIDENTE DO FOGO

XIX – TRADIÇÕES PERDIDAS

XX – DIA DE TORMENTA

XXI – DEMÔNIOS DE SANGUE

XXII – FÚRIA

XXIII – LOBO SOLITÁRIO

XXIV – LEGADO

*“ O mesmo martelo que estilhaça o vidro forja o aço.
” – Ditado derivado do poema Poltava de A.S. Pushkin.*

I – O UIVO

A noite tinha um perfume úmido de terra molhada, mas não era o cheiro da chuva. Era um odor ferroso, algo que fez os pelos da nuca de Gabriel ouriçarem e seu corpo todo responder ao sinal de perigo, fazendo o garotinho correr através da floresta ao máximo que suas pernas podiam aguentar. Ofegante, tentava superar as dores musculares espalhadas pelo corpo. Gabriel não aguentava mais correr, porém ao mesmo tempo em que as ondas de exaustão vinham, algo as repelia. Precisava continuar, precisava sobreviver. Desviou das árvores, pilares escuros na parca luz do luar. Saltou raízes que se espalhavam pelo chão da floresta raiado de raios prateados. Fachos da lua crescente que, a muito custo, venciam as copas das árvores.

O peito ardia, queimava com o ar frio sendo tragado a golfadas desesperadas até que os músculos cederam e Gabriel não pôde mais se mover. Ele caiu de joelhos e prostrado de quatro no chão, o garotinho sentia que ia ser trucidado se não se movesse. O corpo tremia, a musculatura, começando pela nuca, tencionava-se involuntariamente indo quase no limite das câimbras enquanto o corpo parecia ferver. Suor desceu em bicas.

Não podia parar, e embora soubesse disso, mover-se era impossível. Tentou gritar para que seu corpo se erguesse, inútil. A garganta contraiu, quis vomitar, fogo queimava em seu abdômen, a garganta contraiu novamente e nada passou por ela. Lágrimas rolaram pelo rosto sem que ele percebesse.

Um urro cortou a noite através da floresta e Gabriel sentiu que morreria se desistisse. Não, definitivamente ele tinha que correr. Os dedos das mãos se

cravaram no úmido solo coberto de folhas apodrecidas. Sentiu a terra escura, forçou os pés e meio de quatro, meio querendo se levantar, correu impulsionado pela vontade de viver. Os pelos de sua nuca arrepiaram, mas ele não ousou olhar para trás.

Usando toda a potência dos músculos impulsionou-se cada vez mais veloz, as pernas se movendo sem que ele sentisse, a dor já havia amortecido o corpo todo. Gabriel corria como nunca correria na vida. As árvores eram vultos, o chão da floresta um borrão enquanto o urro assassino o perseguia, um rosnar continuo e perigoso.

O ar queimava a cada tomada de fôlego; os passos começaram a ficar incertos, desengonçados, vacilantes. Seguia sempre em frente, mas a exaustão vencia seu espírito. Súbito uma sombra o fez desviar e rolar pelo chão. Uma enorme parede de músculos e pelos escuros o encarava. A monstruosidade rosnou mostrando assombrosos dentes amarelados que brilhavam com a saliva, os olhos vermelhos ardiam de forma maligna. Com as possantes garras afiadas a fera intentou ir para cima do garotinho.

Entretanto, uma sombra igualmente grande e muito veloz, veloz como o vento, se interpôs entre os dois dando início a um embate de proporções épicas.

Apavorado Gabriel ficou ali, sem conseguir mover um músculo. As duas poderosas feras arrancavam sangue uma da outra com mordidas selvagens e golpes vigorosos de suas garras. A peleja foi se afastando do garoto à medida que uma das feras empurrava a outra para uma parte mais densa do pinheiral. Sangue lavou o solo, o cheiro úmido e ferroso subindo às narinas do garoto fazendo os pelos do corpo arrepiarem. O perigo era real demais.

Uma nova sombra cruzou a mata, a luta ficou mais violenta com a chegada de uma terceira besta. Um pinheiro tombou sob a fúria dos três colossos.

Adrenalina incendiou o corpo de Gabriel, como se alguém o ordenasse a sair dali. Estava lavado em sangue, não entendia mais as formas que via, tudo ficou confuso. O fogo em seu abdômen retornou e ele rolou de volta para se apoiar. Em desespero para engatinhar e correr, finalmente se pôs de pé e correu. Trovões soaram ao longe.

Os passos continuamente indecisos, viu a luz da lua se tornar mais clara, sentiu um braço forte enlaçar-lhe o corpo de forma protetora e o erguer. Era Eduardo, seu pai. Ele o tirara do chão ainda correndo e continuo carregando Gabriel abraçado a si até que saíram da orla da floresta para uma estrada.

Para longe do perigo.

Já no chão, Gabriel olhou para cima. O rosto do pai estava marcado, três sulcos vermelhos quase o desfiguravam. Eram cortes feios atravessando o rosto diagonalmente. O olho esquerdo de Eduardo estava fechado, sangue escorria por

seu pescoço. Ele se ajoelhou para falar com o filho, mas Gabriel não conseguia entender o que o pai dizia.

O menino assentiu ainda sem compreender e ia questiona-lo, quando foi interrompido.

Um uivo ressoou na noite, um choro sofrido carregado de fúria e dor, um tipo de tristeza capaz de esfacelar a alma de qualquer pessoa, mas não a de Gabriel. Nele, o choro, misto de chamado e lamúria, fez o sangue ferver.

Gabriel voltou correndo para a floresta, deixando o pai para trás; e em um grito gutural, selvagem, um rosnado, ele respondeu.

— Estou indo mãe!

Gabriel acordou em um sobressalto. O fôlego o deixou por instantes. O corpo todo doía, passando-lhe a sensação de grande esforço contínuo. A despeito do frio, suave em bicas. Os vastos músculos tencionados, os fios do cabelo negro colados na face e na nuca.

A seu lado Letícia olhava assustada sacudindo-o, tentando tirá-lo daquele transe como fizera outras vezes.

— Gabriel! – A voz da moça finalmente o alcançou.

Sem dizer nada, apenas com um meneio para que ela soubesse que ele estava ali de volta; Gabriel se livrou das cobertas e sentou-se na cama.

— Eu nunca voltei. — Resmungou para si.

O garoto baixinho de doze anos que um dia fora ficara no passado, dez anos no passado.

Gabriel Donovan era um homem alto medindo 1,95 m, de músculos sólidos e uma complexão de atleta que denotava vigor, força e velocidade. Não podia dizer que era fruto de grande esforço, pois embora se exercitasse, o desenvolvimento de sua musculatura era de longe ímpar. O cabelo negro e bagunçado ia até o queixo, ele nunca deixava passar disso.

Removeu os fios negros do rosto e depois repousou a face nas mãos, tentando focar a mente. Os nós dos dedos feridos da última briga. A dor nas mãos e o hematoma no rosto o trouxeram lembranças.

Os dois sujeitos deviam estar em algum hospital àquela hora.

Será que me aceitaria assim mãe? Um homem à beira de explodir a toda hora?

Gabriel nunca fora violento com Letícia, ou com qualquer um que lhe fosse caro. De fato, suas palavras gentis contrastavam com o jeito rebelde e briguento. Mas às vezes, lá no fundo temia perder o controle.

Olhou para o teto e depois de volta para o quarto. Os olhos de um azul glacial, únicos, nem herdados do pai ou da mãe, perscrutaram as sombras.

— Eu não corri de volta para a floresta. — Falou olhando para Letícia. Ele nunca lhe contara sobre o pesadelo, mas naquela terça-feira sentiu-se diferente.

— Quer um pouco de água? — A jovem buscou um short jogado no chão e vestiu. Usava uma camiseta colada ao corpo, o sutiã estava em algum lugar do quarto.

— Só abra a porta da sacada. Eu quero sentir o ar frio.

Ela fez o que Gabriel pediu, mas não antes de buscar uma blusa no armário. Depois subiu na cama e o abraçou pelas costas.

— Me fala o que está havendo, Gabe. Já faz um mês que tem tido esses pesadelos... quase toda noite.

Aquilo fugia de seu controle, a cada segundo Gabriel sentia-se mais e mais desconfortável.

— Tem razão. Eu... — Tentou tirar a dor do peito, mas as palavras ficaram presas. Era hora de parar de fugir. — Não está dando certo entre a gente e eu preciso resolver umas coisas. Eu vou embora para Londrina.

— Do que você está falando? — A voz de Letícia saiu fraca. Gabriel sentiu os braços da moça ficarem moles, aos poucos ela o soltava.

— É complicado Letícia, muito. Além disso, você vai ficar melhor sem mim. — Gabriel se levantou tirando a mão dela de seu colo. Odiava o que estava fazendo, mas não tinha mais como continuar aquilo.

Gabriel gostava da garota, gostava mesmo, mas sentia que aquele relacionamento estava condenado. Ele pensou em dividirem o apartamento para ficarem mais próximos, até tentou se abrir com ela por mais que a garota não tenha notado. Não funcionava, ele não podia deixa-la entrar. Sabia o que fazer, algo dentro dele gritava isso há dias, era hora de voltar, sabia disso desde os primeiros dias em que os pesadelos voltaram, porém negava a si mesmo, e isso o estava matando. Matando a pessoa que era. Gabriel não queria mais resistir a vontade de voltar para casa, de encerrar o luto pela mãe de uma vez por todas.

Ele sentiu um soco no peito e olhou para baixo.

Letícia era alta, com pouco mais de 1,70 m. Tinha cabelo castanho e olhos levemente puxados, uma herança de seu lado oriental. Olhos agora marejados.

— Por que não me conta nada? Nunca! Não sei nada do seu passado, nunca me diz sobre o que são seus pesadelos ou porque às vezes chama seus pais enquanto dorme. Seis meses Gabe, seis meses morando juntos. Começamos a construir uma vida.

Ele trancou a mandíbula. Letícia merecia alguém melhor, nunca deveria tê-la arrastado para esse turbilhão.

— Fala alguma coisa, você fica aí me olhando assim. — A voz vacilou novamente, ela mordeu o lábio e as lágrimas escorreram.

Ele olhou para o lado e respirou fundo antes de falar, depois a encarou novamente.

— Pensa bem, esse é um tipo de relacionamento que você quer? Eu não mereço você Letícia. Vou sozinho para Londrina, vou resolver minha vida por lá.

Letícia ficou algum tempo encarando ele, seus olhos passeando pelo rosto de Gabriel.

O tapa estralou na face. A dor que ele sentiu não foi física. Os olhos da garota agora ardiam de ódio.

— Suma daqui!

Ela saiu chorando e se trancou no banheiro.

Gabriel respirou fundo e olhou à sua volta para o quarto do apartamento onde passara meses vivendo com uma garota interessante, que definitivamente não merecia ser tratada daquela forma. Ele se odiava por isso, mas precisava partir. Sua cidade natal podia conter a cura para fechar suas feridas, tão porcamente cicatrizadas. Ele olhou novamente para os nós dos dedos, lembrando-se da vida rebelde que seguia.

Passou algum tempo recolhendo as roupas que levaria embora e seus itens preferidos, tudo que caberia na mochila e nos alforjes da moto. Foi até a sacada, era noite ainda, a lua crescente surgia coberta por algumas nuvens. O frio que percorria o quarto lhe agradava bastante, e lá embaixo Caxias do Sul se estendia coberta pela geada. Ele amava aquela cidade, tanto quanto pensou amar a namorada.

Repassou na mente tudo que precisava fazer e o que já tinha feito. No dia anterior pedira demissão da oficina mecânica e pagara três meses de aluguel adiantados para que Letícia ficasse bem até encontrar um jeito de arcar com o lugar ou morar em uma república. Ele não a ouvia chorar mais, talvez estivesse dormindo.

Gabriel ajeitou o notebook na mochila, pegou seus livros favoritos, *A Hora do Lobisomem*, de Stephen King com uma arte impecável figurava entre eles. Um presente dela. Recolheu seu caderno de desenho, seus materiais e escolheu dois de seus quadros já guardados em tubos para transportar telas.

Uma lágrima insistiu em correr por sua face quando percebeu que estava pronto.

Trajava calças jeans surradas, um coturno com biqueira de ferro, sua camiseta velha do *Def Leppard* e uma jaqueta pesada com forro. Ponderou se levaria o capacete de Letícia, decidiu levar apenas o seu, um elmo negro com raios vermelhos.

Gabriel foi até a porta do banheiro e bateu de leve.

— Você está bem? — Ele perguntou.

— É claro que não! — Gritou Letícia aos prantos. — O que você é, uma pedra de gelo?

Não haviam mais palavras a serem ditas. Gabriel sentiu a estrada chamando, o impulso quase incontrolável de sair dali. Manteve-se firme, a garota merecia ao menos isso.

— Letícia eu sei que te magoei, mas logo você vai descobrir que está melhor sem mim. Eu não sou quem deveria ser, esse rebelde por quem se apaixonou só ia te levar para o buraco. De qualquer forma, estou indo embora e não se preocupe, adiantei três meses do aluguel.

Ele ouviu a porta ser destrancada e surpreso, foi abraçado por Letícia. O rosto dela colado em seu tronco.

— Eu te odeio tanto nesse momento. — Ela disse, sem largá-lo. — Nunca mais quero ouvir falar de você, vai logo antes que eu faça algo estúpido.

— Você é uma garota e tanto Lê, uma garota e tanto. O tempo que ficamos juntos foi mesmo muito bom. Se cuida. — Gabriel respondeu beijando a testa da moça e se desvencilhando do abraço.

Foi até a sala e pegou a mochila, o capacete e os alforjes.

— Você é um cafajeste sabia? — Ela falou quando ele já deixava o apartamento.

Já no corredor Gabriel ouviu um grito de fúria e algo sendo estilhaçado contra a porta.

— Eu te odeio! — Foram as últimas palavras que ouviu de Letícia.

II – PARENTESCO

J á no estacionamento do prédio Gabriel sentiu com prazer o frio da noite que findava. Lá fora a luz do sol começava a dar sinais de que o astro logo surgiria, mas o que o jovem não esperava era a neve que caía sobre a cidade. Sua Mirage 650 aguardava para ser levada para a estrada. Ele colocou os alforjes, amarrou um extra na sissy bar junto com a mochila, ajustou o capacete e montou na cruiser preta e vermelha.

O motor roncou forte, seguido de uma lufada de vento que trouxe neve para dentro do estacionamento. Gabriel esquentou um pouco a moto e partiu pelas ruas de Caxias do Sul. As árvores apresentavam seus trajes outonais, as folhas lembrando ouro queimado e laranja crepuscular. O gelo tornava arriscado pilotar, mas ele não ligava, pelo contrário; ficou feliz em ver a cidade se vestir de branco para despedir-se dele. Uma neve fora de época, ainda no outono, mas deveras bem-vinda para o jovem Donovan.

Parou a moto em uma padaria perto da saída da cidade e ligou para o pai. A última vez em que falara com Eduardo as coisas não saíram bem. Os Donovan sempre tiveram um gênio meio forte, embora contivessem os sentimentos bem, por vezes estouravam como tempestades. Gabriel e Eduardo não vinham em bons termos desde que o primeiro atingira a maioridade e passara a sentir-se sufocado pelo jeito controlador de seu velho.

— Caixa-postal. — Resmungou Gabriel.

Resolveu deixar uma mensagem, por mais que estivessem brigados, era certo avisar o pai que iria embora da cidade. O plano era pegar o dinheiro guardado e alugar um lugar para si, depois procurar emprego em alguma oficina de motos. Terminou de escrever o SMS e entrou no estabelecimento. Do lado de fora o dia já marcava sua presença e a neve, tão rara, parava de cair.

Pediu um sanduíche e aguardou, ansioso por devorar algo, enquanto tentava manter a mente vazia. O x-burger duplo com o dobro de queijo não tardou a chegar e para acompanhar pediu uma jarra de suco de laranja além de uma xícara de café com leite.

Devorando o café da manhã ele se deu conta do quanto seu apetite havia aumentado depois dos pesadelos. Terminou o lanche em pouco tempo e pediu outro igual. Aquilo devia bastar. *Noites mal dormidas de certo*. Concluiu consigo.

Olhou novamente para o celular. O visor marcava 07:10. Precisava ter notícias do pai, decidiu que assim que terminasse o outro lanche ligaria novamente para ele. Quando Eduardo sumia assim, era porque estava *caçando* como o pai às vezes soltava em voz alta.

Eduardo Donovan fora policial civil quando a mãe de Gabriel ainda era viva. Depois da trágica morte de Natasha, Eduardo largou a carreira e passou a trabalhar como detetive particular e, agora adulto, Gabriel sabia que o pai fazia alguns trabalhos escusos, procurando criminosos nos quais a justiça não conseguia pôr as mãos. Um trabalho muito perigoso, à margem da lei no Brasil.

Caçando, a palavra trouxe a morte da mãe de volta à mente de Gabriel. Não o sonho ou os acontecimentos que se seguiram, mas a vívida lembrança da noite da morte de Natasha.

Fora em uma quinta-feira que tudo acontecera. Eduardo e Natasha estiveram estranhos durante todo aquele dia e para surpresa de Gabriel iriam levá-lo para conhecer os avós maternos. Até aquele dia ele achava que os avós estavam mortos. Relutantes em responder qualquer pergunta de Gabriel, os dois fizeram as malas do garoto e saíram de Londrina rumando para Curitiba. Pelo que lhe disseram a casa dos avós ficava em uma chácara perto da capital.

A viagem durou pouco. Próximo a Londrina o carro deles fora acertado por alguma coisa, mais de uma vez. A polícia disse que os eventos podiam ter relação. Que na verdade Eduardo atropelara uma onça. O que se seguiu se tornara um borrão na memória de Gabriel. O carro deve ter capotado *ou algo assim*. Ele se lembrava do cheiro de sangue, não sabia se tinha mesmo corrido pela floresta ou porque a estrada em que encontrara novamente o pai não era a mesma em que o carro estava.

Ele chorou muito naquela noite, viu o rosto do pai marcado para sempre, aquilo era muito real, tão real quanto a pior parte do pesadelo. Sua mãe fora enterrada com caixão lacrado. Ataque de onça disseram. Nunca acharam o animal, mas as marcas de garras nas árvores eram um fato. Segundo a versão da polícia, depois de atropelada por Eduardo, a fera louca de dor atacara Natasha. Após a trágica noite o pai largou a polícia e se mudaram da cidade. Se pela forma como a investigação foi encerrada, desgosto ou qualquer outro motivo, Gabriel não sabia. Entretanto, uma vez quase arrancou do pai algo incômodo, algo que o fazia pensar, fazia se lembrar dos seus pesadelos e se perguntar.

E se não foi uma onça? Se foi algo dotado de inteligência?

Gabriel trancou as mandíbulas tão forte que uma dor de cabeça iminente despontou. Precisava se acalmar. Olhou pela janela da padaria, uma ventania soprou de repente fazendo os vidros tremerem e assim como veio, passou.

Terminou o lanche e pegou o celular. A padaria começava a ficar cheia de clientes, resolveu ligar para o pai do lado de fora do estabelecimento. Pagou a conta e saiu. Encostado na moto mudou de planos, seu tio Alex definitivamente sabia onde o pai estava e atenderia de pronto o telefone. Além disso Gabriel precisava de alguns dias para achar um lugar para ficar, nesse meio tempo talvez o tio o deixasse dormir na sala, ou até soubesse de um apartamento ou uma quitinete.

Bastaram dois toques para Alex atender.

— Alô. — A voz rouca do tio o remeteu a infância, e as lembranças que ele tinha de Londrina.

— Tio, é o Gabriel.

— Fala piá, tá com uma voz de trovão eim, seu pai me falou que você está enorme.

— O senhor falou com ele ultimamente?

— Como assim? Eu quase sempre falo com o Edu. Já sei, pelo jeito vocês brigaram de novo...

— Mais ou menos, e que eu tomei algumas decisões e precisava falar com ele e além disso, eu sei que é meio folgado de minha parte, mas eu preciso de ajuda. Estou indo aí para Londrina.

— Ué, você vem me visitar? Seu pai não falou nada... De qualquer forma, pode vir, você quer ficar em casa, é isso?

— Não tio, eu vou morar em Londrina. Preciso de um lugar para ficar enquanto procuro um canto para alugar depois disso eu dou um jeito, pode deixar.

Alex ficou um tempo em silêncio. De alguma forma Gabriel sentiu a tensão passageira.

— Então é isso eim. Ficarei feliz de ter vocês por perto.

Gabriel sentiu quando Alex conteve o que dizia.

— Espera, meu pai está em Londrina? — Gabriel ficou furioso.

A cidade natal era um problema quase todo ano, trazido à tona em seus aniversários e nos aniversários da morte de sua mãe. Até aquele momento, antes de tomar a decisão por si mesmo independentemente do que o pai diria, Gabriel era proibido de voltar àquela cidade. Depois de algum tempo aquilo ficou enraizado nele, porém não mais... *Não mais.*

— Ainda não. Mas virá para cá logo. Falei com ele dois dias atrás. Mantemos contato a cada cinco dias quando ele está... trabalhando.

— Entendo.

— Ei pia, é a primeira vez que ele resolve vir para cá em anos. Quanto a mim, estou pouco me lixando para briga de vocês, só sei que meu sobrinho e meu irmão estarão por aqui. E retomando o que me perguntou, você pode ficar na antiga casa do vô, a primeira onde ele tinha a oficina no térreo.

— Sei, eu acho o lugar, pode deixar. Mas, onde meu pai estava quando te ligou?

— Treze Tílias. Não sei o que ele está investigando. — A voz do tio pareceu distante.

— Tudo bem tio, quando estiver perto de Londrina eu volto a te ligar. Se falar com meu pai, diz para ele que estou indo morar aí e que preciso conversar com ele.

— Havia muitas perguntas retornando a mente de Gabriel, ele precisava de respostas e o prazo para elas se encurtava.

— Escuta Gabe, se for para Treze Tílias, procura uma pousada chamada *Zuflucht* ou Refúgio, e toma cuidado.

Gabriel conhecia a cumplicidade que Eduardo e Alex tinham e sabia o quanto custou ao tio lhe contar aquilo. Ele era grato por aqui, no entanto ainda estava zangado com o pai.

— Obrigado tio. — Gabriel desligou o celular e ficou olhando para o horizonte.

Um caminhão passou por ele e manobrou para estacionar no estacionamento de terra coberto por pedras, ao lado da padaria. O barulho das rodas no cascalho o fizeram voltar para suas reflexões.

A briga começou justamente por causa dos pesadelos. Gabriel fora falar com o pai em um apartamento que ele tinha em Caxias do Sul, contou para ele os sonhos e o pai o ignorou, dizendo para ele esquecer tudo aquilo e ir cuidar de Letícia. A forma como o velho fez isso com ele, de algum jeito fez Gabriel explodir. Era como se ele estivesse negando algo, algo precioso.

Ele sabia que Eduardo não queria que ele esquecesse a mãe, mas as palavras saíram mesmo assim, e o soco na cara, aquilo feriu Gabriel de uma forma que ele não conseguiu suportar. O olhar de fúria do pai diante das acusações dele não o acalmaram. Afinal de contas, Gabriel tinha razão, Eduardo nunca o deixara visitar o cemitério depois que Natasha morrera, nunca permitindo assim não só que Gabriel se curasse, mas que voltasse a viver a vida de Londrina.

Gabriel voltou para dentro da padaria e comprou um mapa do Sul do Brasil. Olhou mais de uma vez traçando sua rota para Londrina, uma passando pela cidadezinha turística de Treze Tílias, outra direto.

Treze Tílias esse nome o lembrava de algo na infância, algo com uma sensação, a mesma de quando uma criança ouve os pais conversando sobre um segredo, um assunto que ela não deveria ter ouvido. Uma de muitas lembranças desse tipo.

Decidiu-se.

Subiu na moto e foi encher o tanque, uma vez pronto, partiu para Treze Tílias. O coração apertou quando finalmente saiu da cidade. Gabriel acelerou, acelerou tudo que a Mirage podia, não queria nem pensar em voltar e foi como se o próprio vento o impulsionasse.

O grito de euforia saiu abafado no capacete quando a adrenalina subiu.
Estou indo mãe.

III – TEMPORADA DE CAÇA

Eduardo estacionou sua Shadow 750 e montado nela ficou olhando a loja de Caça & Pesca do outro lado da rua.

O cenho franzido, relutante em chegar a uma resolução que uma vez tomada, não teria mais volta, seria a decisão de uma vida. Desligou a Shadow, desceu da moto e removeu o capacete. Ele enfiou a mão no bolso da jaqueta e tirou um maço de cigarros e um isqueiro. Respirar o ar frio de Londrina fez Eduardo ser arrematado por lembranças outrora felizes.

Fora naquela loja de Caça & Pesca que seu pai contara para ele e Alex sobre o legado da família, a tradição guerreira dos Donovan, sobre os heróicos *Faoladh*, guerreiros-lobos que reinaram em uma Irlanda primitiva. Ele não acreditou de início, mas Alex ficara eufórico, o irmão mais novo tinha onze anos na época. Foi por causa de Alex que Eduardo conheceu Natasha. Era difícil lidar com tudo vindo à tona novamente, tudo que estava tão bem enterrado no peito.

Ele pegou um cigarro, ascendeu e guardou o maço e o isqueiro de volta no bolso da jaqueta.

Eduardo Donovan tinha cinquenta e quatro anos e em plena forma tinha a constituição de um lutador veterano, com braços fortes e sólidos músculos em seu 1,90 m de altura; cabelos de um denso negro com sinais de grisalho nas laterais e em algumas mechas. A barba e os bigodes cheios também eram muito escuros, com exceção do queixo totalmente grisalho. Eduardo calçava botas pretas, calça jeans surrada, camisa xadrez e uma jaqueta marrom. O olhar era terrível, intensificado por três longas cicatrizes cruzando seu rosto na diagonal.

Ele passou a mão nas cicatrizes em seu rosto ponderando sobre o filho, mas foi tirado de seus pensamentos ao sentir o celular vibrar. O aparelho registrava o número de Gabriel. Decidiu que ainda não era hora de confrontá-lo. Tragou novamente o cigarro.

— Que se dane. — Atravessou a rua e entrou na loja.

A porta fez um barulho típico, o mesmo sino de quase quarenta anos atrás. O estabelecimento continuava o mesmo. Um vasto espaço cercado de varas de pescar, equipamentos diversos de sobrevivência e camping, além de algumas armas dispostas atrás dos balcões. Algumas estantes eram novas, mas o cheiro de madeira

velha que empesteara o ambiente parecia nunca ter mudado. A cadeira onde Jetro costumava se sentar não estava mais lá.

Atrás do balcão havia um homem velho e magro, cabelos ralos e surpreendentemente ainda castanhos, usava óculos com lentes grossas e trabalhava compenetrado em uma isca artificial. A peça de madeira ia tomando forma nas mãos dele, enquanto enrolava habilmente uma linha colorida ao seu redor.

— Bom dia Senhor Deodoro. — Eduardo caminhou em direção ao velho.

Deodoro era o irmão mais novo do velho Jetro, o primeiro dono da loja e ponto de encontro dos caçadores. Depois que Jetro morreu nas garras de dois *ghouls*, Deodoro assumira. Já tinha para mais de noventa anos, mas ainda se movia sem dificuldade. Ele ajeitou os óculos multifocais e encarou Eduardo.

— Ah ora vejam só, o pequeno Donovan... não... não... você é o carrancudo. Achei que nunca mais te veria na minha loja, filho. O que faz em Londrina?

— A porta está fechada Deodoro, não venha com essa de velho desmemoriado. Eu não piso nessa cidade há seis anos. Vim buscar o que é meu e o que mais tiver de valioso para mim.

Deodoro sorriu de uma forma engraçada, lembrando uma velha raposa. Apertou um botão no balcão e um clique foi ouvido.

— Agora a porta está fechada, carrancudo. Quanto à suas coisas, estão em uma caixa lá nos fundos, vai dar um trabalho para pegar, quer mesmo?

Eduardo conteve sua raiva. Não entendia aquele jogo, resolveu falar abertamente.

— Eu sei que os assassinos de Natasha estão na cidade. Eu finalmente acertei o momento, eu quero aqueles desgraçados, me dê logo.

— Olha garoto, a caçada acabou, pelo menos para nós. Todos morreram, o Clube de Caça já era. Meu irmão foi o último, sobraram você e o Alex. Deixa isso vai. — O velho deixou a voz de lamento de lado e continuou. — Agora, eu tenho excelentes varas de pesca, estão em promoção se quiser te faço duas pelo preço de uma. — Deodoro ajeitou os óculos e voltou a trabalhar com as iscas.

Eduardo aproximou-se do balcão, queria estraçalhar aqueles vidros com a cara do velho, mas conteve a fúria mais um pouco.

— Eu sei que os caçadores da cidade morreram. Eu quero minha espada velho, me devolve ou te uso para testar o fio dela depois de quebrar esse lugar. — O jeito calmo como proferiu as palavras aliado ao olhar fulminante fizeram Deodoro levantar uma sobrancelha.

Ele largou as iscas e sem dizer nada abriu a porta do balcão deixando Eduardo entrar. A porta dos fundos da loja levava para um corredor e, subindo uma escada, entraram em um cômodo mal iluminado, com cortinas fechadas e ar carregado.

Deodoro acendeu a lâmpada que jogou uma luz amarelada sobre a sala revelando um embrulho e uma bolsa de couro sobre uma mesa com seis cadeiras. A sala tinha estantes vazias com exceção de uma, feita para guardar armas de caça. Nela haviam seis espingardas, dois revólveres e gavetas, protegidos por duas portas de vidro.

— O que aconteceu aqui? — Inquiriu Eduardo surpreso por ver aquele lugar tão vazio.

Fora uma sala de reunião de caçadores, repleta com algumas armas especiais, artefatos sagrados, livros sobre segredos e tratados de ocultismo. Tomos. Mapas. Tudo sumira. Sobraram a mesa, as cadeiras e as estantes. Aquelas armas, não eram nem um quinto do que deveria estar ali.

O velho caminhou em silêncio até a mesa, pegou o embrulho, um objeto com mais de um metro de comprimento enrolado em tecido verde. Desenrolou o pano revelando uma espada celta guardada em uma simples bainha de couro trabalhada com apenas um nó celta ladeado pelos símbolos do sol e da lua. Ele a arremessou no ar.

Eduardo a pegou pelo meio da bainha sendo inundado por várias memórias, os treinamentos com o pai, as lutas, a caçada que nunca termina.

— Quer saber o que aconteceu? Fomos caçados um por um. Consegui me manter fora do jogo, quem quer que tenha pego os outros talvez estivesse por trás da morte de Natasha e do meu irmão, talvez não. Só sei que o mal tomou essa cidade e nós perdemos. Doei os livros para outros que talvez um dia possam fazer a diferença.

Eduardo trancou o maxilar e ia inquirir o velho, como ele pôde deixar algo assim acontecer? Foi então que realmente viu Deodoro, liberto da memória do herói de sua infância, viu o pobre velho que estava diante dele. Um homem forte para a idade, mas nunca forte o suficiente para enfrentar os demônios que se escondem nas trevas.

Eduardo era diferente. Ele retirou a espada da bainha revelando uma lâmina em folha, feita de bronze. Tudo nela dizia que definitivamente não era uma espada comum.

A lâmina brilhou de forma espectral quando Eduardo firmou a mão no cabo da arma. Era uma empunhadura para uma mão, com uma lua crescente no pomo da arma e uma meia-lua servindo de guarda-mão, unindo lâmina e cabo.

Os Donovan eram um clã antigo da Irlanda, e o braço ao qual Eduardo pertencia era um pouco mais seleta, ele era um *vane* descendente dos antigos *Vaettir*. Em seu sangue corria poder antigo, um poder que o permitia ser mais que um humano comum.

— Meu irmão me contou que os caçadores haviam morrido. Eu o impedi de ir atrás de respostas, ficarmos fora de vista fazia parte do plano.

Deodoro abriu o armário de armas, pegou um revólver e coldre e se armou, seus dias acabavam de se tornar perigosos novamente. Depois abriu uma gaveta e tirou duas bolsas pretas, pôs sobre a mesa, voltou para o armário e pegou uma espingarda e um rifle.

— O estojo está aqui atrás. — Alcançou dois estojos atrás do armário. — Eram as armas do meu irmão, mas nas suas mãos funcionarão apropriadamente. Nas bolsas tem munição de prata. Olha Eduardo, não sou como você. Nenhum de nós foi como os Donovan. Eu precisei sobreviver, mas... ainda tenho amigos e contatos. Se você está abrindo a temporada, eu vou te ajudar, só me dê algum tempo.

— O que te fez mudar de ideia? — Eduardo olhou para aquele homem frágil de espírito tão nobre.

— Não adianta tentar convencer você, seus olhos dizem tudo. Vou te ajudar, pelo menos faço algum bem antes de partir dessa carcaça velha e te mantenho vivo. — Deodoro riu, depois tossiu um pouco. — Seu pai não iria me perdoar se não tentasse.

Eduardo olhou para a espada e a recolheu de volta na bainha.

— O que você sabe e não está me contando, Deodoro?

— Por hora o que posso te dizer é que você tem amigos na cidade, velhos amigos. Aquele seu antigo parceiro, a vida dele mudou depois que você salvou ele, lembra? Alguns inimigos estão por aí do mesmo jeito. Eu não investiguei mais nada, mas ainda ouço histórias e vejo os noticiários. Se eu sei alguma coisa, tem muitos *ghouls* por essa cidade e garoto, mais de uma matilha, os lobisomens parecem ter dominado os encantados daqui. Além disso. — Ele ajeitou os óculos. — Eu não sou idiota sabe, você nunca tentou ir atrás de vingança antes ou estava esperando alguma coisa ou aquele seu filho despertou, era isso não?

Eduardo encarou o velho, estava visivelmente desconfortável.

— Ele mudou não foi?

— Deixe Gabriel fora disso. — A sensação que correu por Eduardo deixou um gosto amargo na boca, ele cerrou o punho ao redor da bainha da espada. — Ele fica fora da nossa conversa.

— Calma aí carrancudo, eu nunca tentaria machucar o garoto, nem ninguém da velha guarda. Mas tem corvos na cidade, se Gabriel vier para cá e bem... só digo que ele pode correr algum risco.

Eduardo anuiu. Pegou os estojos e em silêncio guardou as armas, embrulhou a espada novamente e por fim deu uma olhada na bolsa de couro sobre a mesa. Lá dentro haviam dois cadernos e uma pasta, ele verificou-os rapidamente e guardou

novamente na bolsa. Desceram de volta para loja, pronto para sair ele se virou para Deodoro.

— Cuide-se velho e me mantenha informado.

Já na moto ele voltou a olhar o celular. Se outros caçadores estavam na cidade isso poderia significar problemas, ele precisava ter cuidado, mas impedir Gabriel de ir a Londrina estava fora de cogitação. Para seus planos funcionarem ele precisava do filho e se Alex era tão previsível quanto ele imaginava, Gabriel logo estaria indo rumo a Treze Tílias.

IV – REFÚGIO DOS LOBOS

Gabriel pegou a BR-285 saindo de Vacaria a toda velocidade. Há mais de uma hora rodava em direção ao norte. Os campos planos se abrindo a sua volta acalmavam seu espírito, ao mesmo tempo que o verdejante da paisagem e o céu nublado o fazia ter imensa vontade de correr. Calculou que poderia chegar para o almoço em Treze Tílias, mas desistiu da ideia, não queria ter que esperar tanto por uma refeição.

A estrada estava tranquila e Gabriel mantinha a mente focada em pilotar, até que viu algo em sua visão periférica, como se visse alguém correr ao seu lado. *Tolice*, a estrada era pista única no sentido em que ia, ao seu lado o acostamento era mato.

O painel da Mirage marcava 130 km/h, ele diminuiu um pouco na curva e assim que a estrada ficou reta voltou a exigir velocidade de sua moto até quase os 200 km/h. Seu corpo tremia com a aceleração e não entendia porque estava correndo daquela forma.

Ao aumentar a velocidade veio a certeza de alguém o estar seguindo.

Por um segundo arriscou olhar para o lado, e não fosse o sangue frio, teria perdido o controle da moto. Viu um homem magro de longos cabelos acinzentados correr ao seu lado e quando olhou nos olhos dele, o homem de feições quase femininas; sorriu.

O jovem Donovan manteve a moto sob controle o suficiente para manobra-la em uma guinada abrupta sem se acidentar. A estrada estava deserta. Ele desceu da moto ali mesmo, tirou o capacete e respirou fundo.

— Continue correndo, primo. — Uma voz sussurrou em seu ouvido.

Gabriel se voltou para a estrada e não viu nada. Quando olhou novamente para o acostamento, em meio a um pequeno pinheiral, ele viu um par de olhos brilharem azulados e uma sombra correr para longe dali. E por mais que ele não pudesse crer, a sombra assemelhava-se a um lobo negro. Quase foi até o pinheiral, porém não podia deixar a moto ali parada, a melhor coisa era voltar a estrada. Convenceu-se disso por fim conseguindo voltar para a *cruiser*.

Olhou novamente o pinheiral, montou na moto, pôs o capacete e voltou a rumar para o noroeste.

Gabriel passou a ouvir coisas que não estavam lá e ver vultos estranhos pouco tempo depois que a mãe morreu. Isso nunca o impressionara ou o deixara com medo. Algumas vezes era desconfortável, outras o incomodava e o deixava irritadiço, mas com o tempo essas sensações sumiram. Ainda assim nunca foram como alucinações em plena luz do dia, não até aquele momento na estrada. Guiando devagar ele tentava entender o que vira e o porquê.

Quis parar, comer alguma coisa e pôr a mente no lugar. Acelerou a moto novamente, o ímpeto por correr continuava queimando dentro de si e ele acelerou rumo à Lagoa Vermelha.

A paisagem mudou um pouco, surgiram construções em meio a esparsas árvores margeando a estrada. Hotéis, fábricas, silos e lojas de beira de estrada. Bairros de casas simples vieram e desapareceram à sua esquerda. Gabriel deixava a vista da paisagem preencher seus pensamentos, batalhava contra a sensação de estar perdendo o controle sobre si depois das visões que teve.

Assim que avistou uma parada de caminhões respirou aliviado. Poderia abastecer a moto e se alimentar, antes de parar para almoçar em Barracão, como planejava fazer quando analisou o mapa em Caxias do Sul.

No restaurante ele pediu dois salgados e um copo de café. Sua fome o surpreendia, porém precisava saciá-la e foi o que fez sem pestanejar. Tamborilando os dedos no balcão Gabriel ficou evocando a visão do ser espectral e do lobo. Aquele ser parecia tirado de um conto de fadas, um desenho, algo quase vindo da imaginação infantil. Enquanto o lobo, *era mesmo um lobo?* Esse tinha um tom familiar, os olhos azuis, aquela imagem. Era como olhar algo pela primeira vez, entretanto que já conhecia antes mesmo de ver.

Ligou mais duas vezes para o pai. Caixa-postal novamente.

Decidido, comeu o mais rápido que pode, encheu o tanque da moto e voltou para a estrada. Em seu âmago sentia que aquilo tinha relação com os pesadelos. No caminho para o norte ponderou sobre qual seria a ligação. O que naquilo o fazia pensar nos pesadelos.

— O uivo... o lobo. — Resmungou com a voz abafada pelo capacete e pelo vento.

E por que primo? Seus primos, os filhos de Alex, nunca tiveram contato com ele. O tio separou-se da mulher quando Gabriel ainda tinha cinco anos, desde então nunca mais viu nenhum dos primos.

Desistiu de parar em Barracão. Sua mente divagava, tentando lidar com as visões, os pesadelos, tudo que podia imaginar era que as noites mal dormidas o estavam afetando. O que faria algum sentido, de certo teria dormido enquanto

pilotava a Mirage. Essa era a explicação mais plausível e Gabriel queria se apegar a qualquer esperança de não estar perdendo a sanidade, por mais tênue que fosse.

Enterrou suas dúvidas fundo na mente, como qualquer coisa que fosse inútil naquele momento e concentrou-se na estrada. Assim que cruzou a fronteira dos Estados Gabriel ouviu um trovão ao longe. O céu nublado prenunciava, já há vários quilômetros, que choveria, mas a trovoada veio apenas naquele momento e encheu o coração de Gabriel com uma ansiedade inexplicável.

Santa Catarina se estendia à sua volta. Aos poucos a paisagem mudava, primeiro com suaves elevações; o caminho tornando-se sinuoso. O céu ficou mais escuro, Gabriel ligou o farol da Mirage. Passou por uma placa indicando o caminho, seguia a SC-465 e sentia, à cada pedaço de estrada ganho, um aperto no peito antecipando o confronto com seu pai.

O terreno tornou-se sinuoso, de um dos lados da estrada elevava-se um pequeno paredão verdejante, do outro, além de um longa e plana campina era possível ver ao longe morros verdes, cobertos de arvoredos. Gabriel sentiu que era observado, pensou por um momento em sua mãe e arriscou olhar para os lados. Não viu ninguém, mas a sensação seguiu junto com ele pela estrada.

Em silêncio duas figuras observaram a passagem do motoqueiro. Um homem de pele quase terrosa com veios brancos como em mármore e cabelos esvoaçantes em um azul elétrico. Na face haviam pinturas em azul celeste, uma faixa cruzando horizontalmente os olhos e dois riscos nas faces esquerda e direita. Ornando o pescoço usava um massivo torque, espécie de anel usado em torno do pescoço cujo as pontas não se encontravam, mas; terminavam em bolotas de metal ornamentadas com pedras azuis. O torque era feito de um estranho metal prateado. No braço direito usava um bracelete também prateado, mas liso, e suas vestes eram um saíote, preso por finos cintos de prata, e sandálias de couro ornadas com prata. Sua forma não era completamente física, havia um ar etéreo, como se fosse ligeiramente translucido.

Ao seu lado estava sentado um enorme lobo negro. Os pelos do lupino pareciam hora normais, hora feitos de trevas dançantes. O lobo observava Gabriel seguir ao longe, já saindo da passagem escavada no morro enquanto o homem olhava para o céu e sorria, um riso tristonho.

— Preciso voltar para casa, não consigo ficar tanto tempo distante. — Ele disse para o lobo. — O garoto terá que se proteger até chegar em Londrina, e mesmo lá você sabe que podemos fazer pouco por ele, não?

O lobo anuiu. Não estava com humor para conversas, não até saber se Gabriel era valoroso o suficiente. Assim que viu a confirmação do canídeo, o homem sumiu no ar fazendo um trovão ribombar pelos céus.

A chuva veio de repente pegando Gabriel ainda na estrada ao mesmo tempo em que ele ouviu um segundo trovão estourar ao longe, finalmente a anunciando. Teve a mesma sensação de quando ouviu a primeira trovoada, seu peito enchendo de adrenalina, ele não sabia como liberar essa energia.

Acelerou a *cruiser* o máximo que pôde em busca de seu destino.

O frio abraçou seu corpo, mas ele não se sentia desconfortável. À sua volta a mata ficou serrada, dando origem a um cenário Europeu. Quando passou pelo portal da cidade a chuva era apenas uma garoa. Desacelerou a moto e entrou pela rua principal, devagar, fez a volta para ir novamente até o portal ver se havia alguém na guarita de informações. Conseguiu descobrir facilmente onde ficava a pousada indicada pelo tio.

Refúgio. O nome chamava mesmo a atenção. Esperava não se perder no caminho indicado pelo funcionário da prefeitura. Continuou pela rua principal, precisava atravessar boa parte da cidade ainda.

Treze Tílias era um belo lugar, com arquitetura tipicamente tirolesa; casas grandes com varandas floridas, embora algumas plantas não dessem flor no outono brasileiro, suas folhagens eram belas. Vez por outra um hotel despontava, prédios grandes, porém seguindo a arquitetura das cidades montanhesas da Áustria. O sol de uma da tarde tentava despontar, mal vencendo as nuvens de chuva. Era um cenário quase mágico.

Gabriel encheu os pulmões com o ar úmido e virou na rua que o guia tinha lhe indicado. Rodou por um bairro pouco movimentado e muito arborizado, como a maior parte da cidade. Ele virou em uma viela para chegar até uma rua pavimentada por blocos hexagonais. Um lado da rua tinha apenas duas casas e terminava em um bosque de tílias, altas e de copas largas. A garoa fazia as folhas dançarem e uma cerração parecida com neblina se enroscava pelos troncos das árvores.

Pôde divisar alguns bancos de concreto em meio ao bosque. Não havia ninguém na rua. Gabriel parou a moto para olhar a cena. Daria um belo quadro se tivesse tempo. Olhou por sobre o ombro, para o começo da rua e seguiu olhando para a frente até avistar uma placa de madeira pouco antes da rua terminar em uma curva para a esquerda.

Do lado esquerdo da rua haviam mais construções. Algumas casas, uma mercearia e na esquina um grande prédio rústico, com ares do Tirol, pintado de

branco. Ao se aproximar Gabriel sentiu o cheiro de carne assada e condimentos. O almoço era servido lá dentro.

Ele estacionou a moto, o estômago ansiando por um pedaço suculento de carne. Desceu, levando o capacete no braço. O ar rústico da pousada foi intensificado assim que ele se aproximou. Sobre a soleira da porta havia uma placa de madeira com um urso em alto relevo. A porta era alta, antiga, com uma aldrava no centro, mas ao longo da parede haviam janelas abertas, e ao caminhar até a porta ele viu um salão grande e ouviu o murmurinho de conversas e talheres trabalhando.

Assim que entrou o silêncio tomou conta do lugar.

A porta ficava no início da construção e dava de frente para uma escada metros adiante. Do lado da escada um longo balcão guardava uma recepção, um bar e a passagem para a cozinha. A direita de Gabriel, abria-se um vasto salão de refeições repleto com mesas de madeira maciça e cadeirões. Havia ao menos vinte pessoas no lugar, todas o encaravam.

Junto ao balcão, em uma cadeira alta, um homem corpulento bebia de uma caneca de cerveja. Atrás do balcão, na parte destinada a recepção, um senhor quase careca e de barba vasta encarava o recém-chegado. Da cozinha uma mulher saiu e veio ter com Gabriel antes que ele fosse até ela. Era alta, quase tão grande quanto o homem bebendo no balcão. Trajava um avental verde, tinha cabelo vasto cheios de cachos e de um loiro quase branco. Os olhos lhe entregavam a idade.

— Estamos sem vagas.

Gabriel não gostou do tom áspero e por algum motivo desconfiou que aqueles ali almoçando não eram turistas.

— Procuro um homem, ele está hospedado aqui... talvez. — Por um momento teve medo de não encontrar o pai ali. — Ele tem uma cicatriz no rosto, três marcas. — Resolveu não entregar o nome do pai, já que não sabia no que ele poderia estar metido.

— Não sei de quem está falando.

Gabriel desconfiou, olhou novamente para a multidão. Sentia-se desconfortável, os pelos da nuca se arrepiaram.

— Ainda estão servindo o almoço? — Queria ficar ali, não confiava naquelas informações. Por outro lado, poderiam estar ajudando o pai, tentou ser razoável. — Olha senhora, estou procurando meu pai, preciso falar com ele. Tem certeza que ele não esteve aqui?

O ar ficou mais opressor. Gabriel sentiu o estômago queimar. A mulher olhou-o dos pés à cabeça e encarou os olhos azuis do rapaz, demorando-se nas marcas de briga que ele trazia na face.

— Vá embora. — Quando ela falou, todos no restaurante se levantaram.

Gabriel não moveu um músculo. Sentiu um medo terrível de que algo pudesse ter acontecido com seu pai. Os pensamentos ficaram incoerentes, seus músculos contraíram com força. E tudo mudou quando ele ouviu o homem que bebia junto ao balcão bater a caneca vazia.

— Melhor todos nos acalmarmos, não acham? — O homem se virou revelando uma barba loira muito grossa e por baixo de seu paletó cinza, roupas clericais. — Garoto, seu pai esteve aqui semana passada. Foi embora no sábado mesmo. A última vez que o vi ele saía por essa porta aí atrás, montou em uma Shadow azul e prata e partiu para o norte, presumo.

O padre saiu da cadeira e foi em direção a Gabriel.

— Agora, deixe as pessoas almoçarem em paz está bem. Posso te recomendar um bom lugar para comer. Vamos. — Ele tocou Gabriel no ombro e continuou caminhando para a porta, esperando que o rapaz o seguisse.

Gabriel deu mais uma olhada para as pessoas ali. Sentiu o ímpeto de questionar mais uma vez a mulher, mas quando ela fechou o cenho e voltou para a cozinha ele resolveu sair e ter com o padre. Já passando pela porta, teve a impressão de ouvir rosnados em uníssono. Resistiu a vontade de voltar nos calcanhares e continuou até a rua.

O padre fumava olhando para o céu.

— Eu jurava que estava chovendo quando entrei para beber uma cerveja. Vejam só, fazia algum tempo que não via neve aqui. — Ele soava distante. — Garoto, me preocupou ali dentro eim.

— Padre com todo respeito. — Gabriel deixou passar o fato da chuva fina ter se tornado neve, estava mais interessado naquele momento estranho. — O que acabou de acontecer ali dentro?

— Algumas pessoas ficam nervosas quando estão com fome. — Ele olhou para Gabriel e sorriu. — Olha filho, você deveria pensar em ir embora, essa cidade, não é para você. Não agora.

— Eu... — Ele moderou a voz. — Não vou para merda de lugar nenhum antes de saber o que aconteceu com o meu pai. Olha, ele não atende o telefone e pelo que parece, vocês podem sei lá, ter feito algo com ele. O que ele procurava aqui eim?

— Pouco discreto para o filho de um investigador particular. Mas tudo bem, fome como eu disse, deixa algumas pessoas nervosas. Volte para a rua principal, ache um bom lugar para comer. Quando estiver voltando para lá, provavelmente vai avistar a alta torre de uma igreja. Me procure lá depois, aqui não é o melhor lugar para conversarmos. E não se preocupe, seu velho está bem. — O padre deu uma piscadela para ele e voltou a admirar a neve.

Gabriel não conseguia pensar direito. O estômago roncou, ele montou na moto ainda irado e deu partida. Precisava ter cuidado, as ruas estavam escorregadias.

Limpou um pouco da neve do cabelo e colocou o capacete. Olhou a volta, aquilo era lindo, fantástico e perturbador. Não era como nevar na praia, mas era o mesmo que ter entrado em um quadro europeu.

Ele saiu devagar, fez um aceno para o padre e partiu rumo ao centro da cidade pelo mesmo caminho que viera de lá.

O padre continuou olhando até que a moto virasse na viela e sumisse de vista. A mulher da pousada saiu pela porta.

— O que foi isso Johan? Você sabe de quem ele é filho, não?

— Helga os pecados da mãe não são dele. Além disso. Ela estava certa, você sabe, e nós deveríamos ter feito algo.

— Essa história de batalha contra o mal é pura perda de tempo, isso sim.

— Velhas tradições né Helga, coisa que não existe mais. É isso? Pois são essas velhas tradições que mantem essa vila, por essas tradições seu estabelecimento se chama Refúgio, não é?

— Sim, mas... — A mulher ficou sem palavras.

— Ele pode ser aquele que vai continuar o legado de Natasha e Eduardo. Um *ulfhedinn*. A coragem é de um, só espero que o coração e o espírito também o sejam.

— Você andou falando com o Pai de Todos, não é? — Helga sorriu de forma nervosa.

Johan meneou um sim, jogou o cigarro fora e seguiu rumo a igreja.

Gabriel parou em uma churrascaria pouco movimentada. A neve afugentara as pessoas das ruas de volta para as casas e hotéis. O cheiro de carne assando fez o jovem salivar. Assim que entrou, encontrou uma mesa solitária e lá ficou remoendo pensamentos até que o servissem.

Por que meu pai veio para cá? Tentou tirar alguma conclusão, mas tudo que vinha a mente era um bom pedaço de carne. Pediu um bom caneco de cerveja, precisava relaxar. Para comer, costela e bisteca.

— Malpassado. — Exigiu sem pestanejar.

Quando os pratos chegaram estava no segundo caneco de cerveja. Devorou a carne com certa voracidade. Enquanto comia as costelas, jogava os cabelos para trás, parecia um selvagem com um pedaço da caça. Mal percebeu quando terminou de limpar o osso da bisteca. Sentindo-se satisfeito e ligeiramente sem graça por todos o estarem olhando, Gabriel pediu um novo caneco de cerveja e ficou encarando a neve pela janela do lado de sua mesa.

O vento fazia a neve rodopiar em redemoinhos tirados de um sonho. Por um breve momento o jovem jurou ter ouvido seu nome sendo chamado no vento. Um

arrepio percorreu seu corpo e ele resolveu parar de beber. Pagou a conta e saiu do estabelecimento.

A neve parava de cair, mas o ar continuava frio como antes. As calçadas parcialmente brancas. Gabriel limpou o banco da moto, ponderando sobre próximo passo. Decidiu ir para a igreja.

Saiu com a moto meio derrapando até que acertou o rumo. Quando viu a torre apontar a sua esquerda, virou assim que pôde e seguiu em direção ao templo.

Era um belo prédio. Remeteu Gabriel às pinturas de aldeias usadas em cenografia do início do cinema colorido. Era um prédio grande, medieval, lembrava um pouco a igreja do centro da cidade, mas era diferente, mais antiga. Toda cinza, mostrando que era feita de tijolos de pedra com telhas escuras e uma única torre. Gabriel julgava que era próxima de uma arquitetura neogótica; pelo pouco que conhecia de teoria da arte podia estar errado. Parou a moto perto da entrada e desceu dela sendo preenchido por uma paz que não sentia há dias. Deixou o capacete, limpou a neve e subiu a pequena escadaria para dentro do templo.

O interior da igreja era igualmente belo. Tudo dentro da igreja era trabalhado em madeira. Imagens, quadros em relevo e os bancos com belos entalhes. Próximo ao altar, estava o padre que ele encontrara na pousada. O homem acendia algumas velas e parecia admirar as imagens ali dispostas.

Gabriel caminhou em silêncio até a terceira fileira antes do altar, sentou-se perto do corredor e ali se deixou ser preenchido pela paz tão incomum que permeava o templo. Suas preocupações e ansiedades foram varridas, enquanto seus objetivos permaneciam mais claros. Lembrou-se da mãe falando de como enxergava o mundo, de como toda forma de vida é sagrada.

— Alimentou-se bem?

A voz profunda do padre o surpreendeu, mal percebera a aproximação do sacerdote.

— Sim... — Respondeu dessa vez dando uma boa olhada no homem.

Era um senhor alto, talvez próximo a estatura de Gabriel. Seus ombros largos eram maciços, a barriga ligeiramente avantajada. O cabelo loiro-escuro tinha mechas grisalhas e algumas loiro-claras, costeletas grossas encontravam a barba volumosa em um queixo quadrado. Trajava o paletó grosso, ainda molhado da neve, calças do mesmo cinza e por baixo, como Gabriel vira na pousada, uma camisa preta com colarinho clerical. Uma figura e tanto.

— Alguém já te disse que não parece um padre? — O jovem perguntou sem ponderar. — Tem esse jeito de falar, mas ainda assim...

— Eu acho que tenho cara de padre. — Ele riu e sentou-se no segundo banco, diante de Gabriel. Olhou para a esquerda, para o altar, respirou fundo e olhou para

o outro lado, onde Gabriel estava. — Johan Dorth a seu dispor, jovem Donovan.

Algo queimou dentro de Gabriel. Ouvir seu sobrenome fez com que saísse daquele estado plácido, queria respostas, queria logo.

— O que está acontecendo nessa cidade, padre? O que fizeram com meu pai?

— Eu poderia dizer que nada, mas sabe como ele é. — Johan olhou bem para o jovem. — Parecido com você eu presumo. Se metendo em brigas, fazendo as pessoas gostarem pouco dele.

— Então é isso? Ele causou alguma confusão aqui, foi isso que fez o pessoal da pousada querer que eu fosse embora?

— Na verdade não. Olha, você sabe o que seu pai veio procurar aqui?

Gabriel sentia em suas entranhas a verdade, mas era um chute no escuro; um palpite vago demais, mal compreendia que instintos o levavam para aquela conclusão. Entretanto, as palavras ditas pela mãe há tanto tempo o guiaram.

— Tem relação com a minha mãe, não?

— Natasha Voloshyn. Que garota encrenqueira. — O tom do padre era de saudade, o que intrigou o jovem. — Sim, e é isso que fez as pessoas se incomodarem contigo. O sangue Voloshyn que você herdou. Sabe, é meio estranho estar olhando você nos olhos garoto. Por falar nisso, qual seu nome?

— Gabriel, me chamo Gabriel... minha mãe morou aqui? — A mente do jovem Donovan era uma profusão de pensamentos, lembrou-se das visões na estrada, de como tudo seguia e em um instante seu sangue ferveu, o corpo ficou quente, tudo começou a girar.

— Algum problema? — Johan olhou direto nos olhos do garoto.

Gabriel sentiu sua respiração apaziguar-se e por um momento foi como se estivesse voltando para o próprio corpo.

— Estou bem... estou. Padre, o que raios você sabe? Sem rodeios. — Gabriel usou toda sua força de vontade para conter a ira que ribombava selvagem dentro de si.

— O que posso te dizer com certeza é o seguinte. Sua mãe, Natasha, se mudou para essa cidade muito nova. Foi criada por uma velha amiga minha, hoje falecida. Ela era uma adolescente quando aconteceu. Natasha sabia que o filho de Helga, dona da pousada, era um criminoso envolvido com tráfico e até mesmo assassinato. Foi um escândalo na cidade, ele quase pegou sua mãe uma noite, mas ela era dura na queda. — Johan parou um tempo, como se procurando as palavras corretas. — Eles lutaram, um amigo de sua mãe acabou morto e na luta, Natasha matou Jacob, o filho de Helga.

Gabriel ficou atônito. Entendia agora porque a mulher na pousada o tratara daquela forma, mas o difícil era aceitar que a mãe era uma assassina. Seus olhos correram pela igreja e voltaram ao padre, ele sentia que Johan não mentia sobre o

trágico desfecho da história. Talvez por isso sua mãe lhe falava que toda vida é sagrada. Ainda assim era muito para processar.

— Foi atrás disso que meu pai veio? — E súbito uma sensação amargou sua boca, a sensação de *fuga*. Era esse o sentimento que tinha quando estavam indo embora de Londrina, que fugiam de algo, tentavam se esconder. Gabriel não sabia do que, mas aquele sentimento estourou em sua mente. Eles fugiam para a casa de seus avós... — Espere, você disse que minha mãe foi criada por sua amiga? Mas eu... na noite que ela morreu eu ia conhecer meus avós. Isso não faz sentido.

Johan visivelmente entristeceu-se.

— Sua mãe era uma boa garota. Quando seu pai me contou do acidente, fiquei com o coração partido. — Ele enfiou a mão no bolso interno do paletó procurando algo. Encontrou em outro bolso. — Ela me deu isso certa vez.

Ele estendeu um pingente. Uma corrente prateada com uma cruz com duas traves, uma menor acima da maior, uma cruz patriarcal prateada.

— É feita de aço. Ela me deu, dizendo que para ela representava o sincretismo religioso, a árvore da vida e a vida de Cristo. Um pensamento interessante para uma garota de quinze anos. — O padre disse mais para si do que para Gabriel.

Sem saber o que dizer exatamente, o jovem Donovan pegou a cruz. Uma saudade muito forte brotou em seu peito e uma certeza que só vem com a idade, de que não conhecia sua mãe. Tratar-se-ia disso, de uma viagem para conhecer a mulher tão importante em sua vida? Não sabia dizer. Enquanto essas questões passeavam por sua mente, algumas hipóteses vieram à tona.

— O que meu pai perguntou para você? — Gabriel fechou o punho entorno da cruz e recostado no banco, encarou o padre.

— Sobre essa história que lhe contei. Ele também se hospedou no Refúgio, mas o que encontrou ou perguntou por lá eu não sei lhe dizer. Acredito que apenas Eduardo pode te dizer o que veio investigar aqui. — O padre ajeitou o paletó e por um momento pareceu distante.

Investigar. Esse pensamento fez Gabriel concluir sua linha de pensamento. A fuga, a morte de sua mãe. Eles disseram que foi uma onça parda. Aquilo era tão irreal. *Vingança.* Gabriel levantou-se de súbito e ao tomar o corredor sentiu um aperto firme em seu braço. A força do padre era surpreendente.

— Conheço esse olhar. O que pretende garoto?

— Vou ao Refúgio ter algumas respostas. Eu sei do que isso se trata padre, não foi acidente.

— O que quer que pense, está errado. Helga só quer um pouco de paz. Quer um conselho? Procure um hotel, durma um pouco. Ligue para seu pai, se até amanhã à tarde ele não tiver lhe dado notícias, venha aqui e eu irei contigo até a pousada.

Gabriel desvencilhou-se do aperto do homem. Olhou para o pingente em sua mão e se conteve.

— Eu estou bem. Vou acreditar em você padre. Mas se eu não tiver notícias do meu pai... — Ele olhou para a imagem na cruz depois do altar. Fez o sinal que a mãe lhe ensinara. De sua forma Natasha era cristã. — Obrigado. — Falou com irritação na voz, pôs a cruz envolta do pescoço e saiu.

Assim que terminou de descer a escadaria sentiu o corpo esquentar. Um arrepio percorreu sua coluna e logo depois neve novamente caía sobre Treze Tílias. Gabriel limpou o banco da moto, que em pouco tempo estava coberto por neve, montou e partiu em busca de um hotel. Pensou, mais de uma vez em ir até a pousada, mas decidiu que era a pior coisa a se fazer. Achou por fim um lugar para ficar com estacionamento coberto onde deixou a Mirage.

Indeciso sobre ficar ou não na cidade ele tentou ligar para o pai. Nada. Pensou em ligar para o tio, mas ainda incomodado com o que descobrira sobre a mãe, resolveu fazer sua própria investigação. Queria descobrir tudo que pudesse sobre ela. Olhou no relógio do celular, 15:37. Decidiu descansar, por fim. Ficou com o único quarto disponível deixando a quantidade de estadias em aberto.

Era um cômodo aconchegante na extremidade leste do último andar, por isso parte teto seguia a inclinação do telhado do prédio de estilo austríaco. Chão e teto eram de madeira polida, as paredes, de alvenaria, amarelo-claras como o exterior do prédio. Havia um aquecedor na parede esquerda e do outro lado, o banheiro. A cama era de casal e estava limpa, com lençóis brancos e uma coberta felpuda. Gabriel colocou os alforjes no chão ao lado da cama, a mochila e o capacete sobre a mesa que ficava ao lado da porta para a sacada e a jaqueta molhada na cadeira.

Pensou em ligar o aquecedor, mas gostava do frio. Gostava demais. Tirou os coturnos e se deitou na cama, sem quase perceber. Os olhos pesaram e por fim adormeceu.

Gabriel acordou assustado, como se tivesse feito algo terrível. Olhou para o relógio no criado-mudo. Passava das oito da noite. Ele levantou e resolveu tomar um banho antes de ir para o restaurante jantar. Um bom banho quente seria terapêutico e o ajudaria a pôr a mente no lugar, ele tinha certeza.

Assim que a água quente tocou seu corpo ele sentiu os músculos tensionados relaxarem. Escorou a cabeça no antebraço apoiado na parede do chuveiro e ficou ali, sentindo a água descer pelas costas enquanto seus pensamentos se tornavam coesos. *O que meu pai veio fazer aqui?* A pergunta lhe remoía o espírito cada vez mais e a reposta veio em uma sucessão de hipóteses.

— Ela matou alguém nessa cidade. Alguém envolvido com o crime. — Falou em voz alta, encarando os azulejos. Ele queria culpar a pousada e os moradores, só

então entendeu seu erro. — Vingança, dos criminosos... Ele está investigando a morte da minha mãe!

Gabriel esmurrou a parede partindo alguns azulejos como se fossem vidro fino. Estilhaçaram-se em um barulho que fez eco e caíram no chão molhado. *Merda.*

Ele respirou fundo, não havia o que fazer naquele momento. Tentou aquietar a mente, o que era impossível. Concentrou-se em suas atividades momentâneas. Terminou o banho, vestiu-se e desceu para o restaurante.

O lugar estava cheio, mas ainda haviam mesas vagas. Enquanto caminhava para uma mesa no canto, ele notou que todos ficaram em silêncio encarando-o. Foram alguns instantes, ainda assim era muito nítido. Os homens estavam visivelmente incomodados, com o olhar agressivo, e as mulheres o olhavam de forma ávida e logo todos o ignoravam, como se refreando suas vontades interiores. E assim como em um momento a cena ficou estranha em outro tudo voltou ao normal, as pessoas retomavam as conversas a atmosfera do salão de jantar tinha um toque natural.

Sua mesa ficava longe das janelas o que o deixou incomodado, queria ver a paisagem. Deixando isso de lado pediu uma cerveja e um bife com batatas assadas. Devorou sua refeição de forma quase grotesca, por pouco não pegou o bife com as mãos, antes disso voltou a si. *O que está acontecendo?* Questionou-se olhando para os lados, receoso de alguém ter notado aquele ato selvagem. Quando terminou pediu torta de maçã como sobremesa, servindo-se de duas belas fatias.

Satisfeito, Gabriel voltou para o quarto, a mente um turbilhão. Andou de um lado para outro por algum tempo até que o celular tocou, era um número restrito.

— Fala. — A voz do pai surpreendeu Gabriel. O grave autoritário estava lá. A briga voltou em um flash, mas ele sabia que tinha que olhar nos olhos de Eduardo e não resolver por celular.

— Onde vo... onde o senhor está? — Era difícil não querer arrancar tudo do pai naquele momento. — Estou em Treze Tílias, acho que precisamos conversar... pai.

— Você vem para Londrina?

— Sim. — Gabriel ficou aliviado, o pai parecia bem, o mesmo de sempre, direto, ríspido, com aquele ar na voz, como um comandante.

— Ótimo, aqui nós conversamos. Me avisa quando chegar.

— Será que vai me atender? — Gabriel não aguentou a raiva.

— Boa noite filho. — Sem nenhum titubear no tom de comando Eduardo desligou o telefone.

Gabriel não sabia como reagir. Ficou algum tempo encarando o celular, repassando tudo que vivera naquele dia. Precisava de respostas, queria respostas. Sentiu um aperto grande no peito, uma saudade forte, um vazio inexplicável. Faltava-lhe algo, talvez a mãe, talvez uma resolução.

— É isso mãe, quer que eu resolva? — Perguntou olhando para a janela. — Quer que eu resolva sua morte ou... minha saudade?

Ele precisava descansar, não queria mais saber de adiar as coisas, se preciso voltaria para Treze Tílias, mas antes iria ter com o pai, sairia cedo rumo a Londrina. Tirou a camiseta e os coturnos, apagou as luzes e deitou-se. Não conseguia dormir. Ficou ali encarando o teto, ouvindo o vento soprar forte do lado de fora enquanto o vazio, a solidão, o engolia.

Foi tirado de seu leve cochilo por um nítido rosnar. Assustado, Gabriel saltou da cama e procurou a sua volta de onde vinha o barulho. Ouviu novamente, era como se viesse de toda parte e então a porta da sacada foi aberta pelo vento cortante da noite, que trouxe neve consigo, desenhando um rodopiar branco no meio do quarto.

O silêncio que se seguiu foi fantasmagórico. Era como se a noite estivesse suspensa no tempo. Gabriel caminhou até a sacada e olhou para as árvores cobertas de neve. A cidade estava linda naquele clima atípico. Ele olhou para o céu escuro e sem lua. Ia voltar para dentro do quarto quando um ponto abaixo lhe chamou a atenção. Um vulto passando próximo a uma árvore. Parecia um cão.

Gabriel lembrou-se da visão da estrada, o lobo em meio ao pinheiral. Mas esse era diferente, de alguma forma ele tinha certeza que estava ali, protegido da luz do poste sob a sombra de uma árvore. Gabriel encarou a escuridão e viu um par de olhos verdes brilhando. Aos poucos o animal saiu de seu abrigo para a luz amarelada da rua, era sim um lobo.

Um grande lobo de pelos castanhos com patas quase brancas. Dessa vez Gabriel não ficou parado. Correu sem se preocupar com sua camiseta, desceu pelas escadas descalço, e passou pela recepção do hotel sem nem mesmo responder ao gerente, preocupado com o rapaz que corria para uma noite de neve.

Gabriel saiu do hotel sentindo o vento roçar sua pele como se fosse um velho conhecido que não encontrava há muito tempo. O lobo não estava lá. Gabriel correu até a esquina de onde podia ver a janela de seu quarto. Não havia nada. Quase desistiu de sua busca, no entanto ouviu um uivo, um chamado.

Duas quadras adiante o lobo o esperava. Gabriel correu, o lobo fez o mesmo.

Os dois cortaram a noite avançando pela cidade até um bairro pacato, entrecortado por árvores e braços da flora montanhosa. Gabriel reconheceu o lugar. Passou a andar devagar e parou quando o lobo entrou em uma ruela. O canídeo voltou e olhou para ele. Gabriel podia sentir a inteligência por trás daqueles olhos verdes.

Ele continuou com cautela enquanto o lobo caminhava metros a sua frente. A neve parara de cair e a noite ficou clara, como em um entardecer constante. Gabriel já tinha visto isso antes, um fenômeno maravilhoso.

Entraram na rua da pousada. Um vento gelado balançava a placa de madeira. *Zuflucht*. Lembrou-se da palavra em alemão e só agora reparara que era o que estava escrito do outro lado da placa com o urso em relevo. A pousada estava fechada e as luzes apagadas.

O lobo caminhou até a floresta no fim da rua, composta em grande parte por tília, se sentou de frente e olhou para Gabriel. Só então o jovem percebeu vultos entre as árvores. Eram sombras que se moviam lentamente e tinham todas o tamanho parecido com o do lobo. Ele notou depressa que uma alcateia o cercava, só então um pensamento coerente o invadiu.

Não existem lobos no Brasil!

Subitamente uma miríade de uivos cortou o som do vento nas árvores. A alcateia uivava uma canção longa, que fez o jovem sentir uma saudade indescritível, um aperto forte no peito e uma sensação; a sensação de que havia perdido algo importante, algo que lhe pertencia, como um pedaço de sua própria alma.

Atento aos outros lobos que agora conseguia divisar por entre as árvores, Gabriel caminhou em direção ao lobo castanho que o trouxera até ali.

O canídeo virou-se e começou a andar para dentro da floresta e o jovem entendeu que ele queria ser seguido. A cada passo os músculos de Gabriel se tencionavam mais e mais. Ele percebia a movimentação a sua volta, sentia-se cada vez mais encurralado, quando chegaram a uma clareira coberta de neve ele sentiu os pelos da nuca ouriçarem e temeu ter caído em uma armadilha.

O vento parou subitamente e rosnados cortaram a noite. Gabriel estava cercado. Os lobos estavam ali, novamente, em meio as árvores, mas agora ele podia ver os olhos brilhando na penumbra, os dentes brancos afiados, a agressividade e o perigo pulsantes no ar. Quando Gabriel procurou o lobo castanho que seguia não mais o encontrou, ao invés disso uma silhueta branca moveu-se diante dele. O vento voltou a soprar abafando os rosnados, a neve rodopiava e passou a cair pesadamente.

Diante dele uma loba branca se movia, era como se fosse feita da própria neve. Ela andava de um lado para o outro analisando Gabriel. Ele não conseguia saber como era possível, mas entendia os gestos e a linguagem corporal dela, assim como sabia que era uma fêmea diante dele. Ela o desafiava.

Assim que os olhos de Gabriel se encontraram com os da loba ele viu que eram dourados como o sol, brilhantes e imponentes. Os olhos tornaram-se terríveis em um instante, assim que ela enrugou a face em um rosnado ameaçador e furioso. A loba podia ver sua alma, entrar em sua mente, vislumbrar a criança assustada que perdera a mãe. Gabriel sentiu-se acuado, assustado, algo dentro dele se remexia como se quisesse fugir.

A mera ideia de correr dali fez uma chama brotar em seu estômago. O jovem Donovan foi preenchido por um calor extremo, seu corpo suave, a neve derretia em contato com sua pele. Seus pés descalços formaram marcas molhadas, derretendo o gelo sobre a grama. Lembrou-se de sua mãe.

Nunca mais Gabriel fugiria.

Seus músculos tencionaram, seus pelos ouriçaram, por seu peito uma força subiu e explodiu na garganta. Por mais surreal que fosse a seus próprios ouvidos, Gabriel rosnava como um lobo.

A loba parou de rosnar e observou aquele garoto humano se portando como uma fera. Gabriel arcou o corpo, abriu os braços, ainda rosnando, assumia uma postura pronta para o combate, um combate primal. Ela olhou direto nos olhos azuis de Gabriel e o jovem sentiu uma onda de carinho percorrer-lhe o corpo. A loba mostrava respeito, com a cabeça erguida e o peito estufado ela encarou Gabriel e em uma lufada de vento desfez-se, unindo-se a neve em rodopios na clareira.

Aturdido o jovem olhou a sua volta. Os lobos estavam ali, encarando ele com o mesmo ar de respeito, e aos poucos voltaram para dentro da floresta deixando Gabriel sozinho na clareira.

O vento deixou de rugir, a neve de cair e Gabriel continuava com calor, seu corpo fervendo. Ele caminhou desorientado para uma das tílias e parou assim que viu um sinal. O coração acelerou, lembranças atacaram sua mente, Gabriel via marcas de garras na árvore. Bem na altura de seus olhos, quatro profundos e longos sulcos. Ao analisar de perto ele percebeu o quão antigos eram. Imediatamente uma imagem veio a sua mente, uma criatura enorme, maior do que ele, coberta de pelos, musculosa e de face canídea.

Gabriel deu alguns passos para trás encarando a marca na tília. Contemplou as árvores que cercavam a clareira enquanto o pânico percorria seu espírito fazendo-o se lembrar da noite trágica, queria voltar para lá, o pânico agora era outro, não de uma criança assustada, mas de um filho enfurecido. Ele fechou os punhos com força tentando inutilmente se acalmar. Não notou outras marcas nas tílias que o cercavam, porém adiante, mais adentro no bosque, um carvalho enegrecido lhe chamou a atenção.

O jovem Donovan correu até a árvore e parou quando avistou um entalhe, dessa vez não eram marcas de uma fera, era um entalhe com um propósito. Um triângulo rústico com sulcos mais rasos desenhando em seu centro um olho fendido. Olhar para aquele símbolo fazia Gabriel sentir-se mal. O estômago revirou, um calafrio percorreu sua espinha, era tudo muito fantástico, irreal.

A forma como ali chegara, os lobos, as lembranças, aquela clareira vestida de neve, o carvalho negro. Zonzo, o jovem recostou-se em uma árvore e se sentou

apoiado a ela.

— É um sonho, só pode ser um sonho. — Ele não conseguia negar a realidade palpável de tudo aquilo. Era como estar mais são, um sonhar além do sonhar, um passo além da realidade. Desperto para um novo mundo.

A escuridão surgiu de repente, dragando-o para um abraço silencioso.

Quando abriu os olhos novamente estava em seu quarto de hotel. As portas da sacada batiam com o vento deixando a chuva entrar e molhar o carpete do quarto. Lá fora o sol vencia algumas nuvens, raiando devagar. O corpo de Gabriel estava quente, vestia as mesmas calças de seu sonho. *Teria sido um sonho?*

Ele se levantou olhando para os braços e as pernas, à guisa de tentar despertar de vez. O corpo doía como se na noite anterior tivesse feito um esforço tremendo. A sensação logo o remeteu a tensão que sentiu nos músculos enquanto estava cercado pelos lobos, em seu espírito o uivo solene que ouvira, ardia; e aqueles olhos dourados, era quase possível tocar aqueles olhos em sua lembrança. Ponderou ficar mais alguns dias na cidade para descobrir algo sobre a mãe, no entanto, sem entender como era possível, Gabriel sabia que seu destino o aguardava em sua cidade natal. Lá, entenderia tudo que se passava a sua volta.

Surpreendentemente recuperado depois de uma noite de sono sem o pesadelo de sempre, Gabriel tomou um banho, vestiu-se, pegou as malas e desceu para o café da manhã. Enquanto terminava sua refeição farta, até mesmo para ele, o gerente veio até sua mesa.

— Senhor, o senhor está bem? Ontem o senhor saiu na neve e sumiu na cidade, os funcionários ficaram preocupados.

— Eu... — Gabriel estava aturdido, tudo que pensava era que a noite passada, as visões, os lobos eram reais. — Sim, precisava checar algo, depois voltei para o meu quarto. Ah, eu vou encerrar minha estadia.

O gerente tinha olhar de reprimenda na face, mas anuiu e voltou para recepção.

Era pouco antes das oito da manhã quando Gabriel ganhou a estrada. O vento parecia impulsionar seu corpo. Preenchido por um sentimento desconhecido que o remetia a infância, talvez nostalgia, o jovem Donovan acelerou a moto rumo a Londrina.

V – LONDRINA

Gabriel sentia os pneus de sua Mirage 650 rodarem velozes no asfalto. A cada cadência a adrenalina corria forte em seu corpo fazendo a tensão no pulso aumentar até que ele girou o guidão e acelerou a moto exigindo seu máximo. O vento frio vindo das redondezas o abraçou com força, enredando a sua volta à medida que o jovem motoqueiro ganhava os quilômetros que o separavam de Londrina.

O ar úmido de mata entrou por seu elmo. A sua volta a noite se dividia entre um azul denso e recortes de verde escuro. Pinheirais altos ladeavam a estrada, iluminados por uma meia lua radiante no céu cheio de nuvens enormes. A lua estava mais encantadora do que a que vira há duas noites em Caxias do Sul.

Perto da entrada da cidade Gabriel reduziu a velocidade. O posto policial estava vazio. Aos poucos, construções surgiam na paisagem. Ao longe a cidade parecia levantar-se iluminando a noite.

Assim que entrou em Londrina uma forte onda de nostalgia preencheu seu corpo. Seu lar, sua cidade. Ela parecia estranha e familiar ao mesmo tempo. Os prédios confundiam suas memórias de criança, alguns, tinha certeza, eram antigos; outros eram perceptivelmente novos. Gabriel parou a moto perto de uma padaria, o cheiro de assados fez seu estômago roncar. Dera tudo que pôde na estrada, fizera apenas duas paradas para comer e de resto algumas para abastecer a moto. Agora estava onde deveria, aonde pertencia.

Diante de seus olhos um espetáculo foi se desvelando aos poucos. Uma densa neblina cobria Londrina, dançando por suas ruas, vinda do Norte como que de encontro ao jovem. Ele ergueu a viseira e olhou o relógio do celular. 23:17. Compraria algo para comer depois de encontrar o tio. Olhou para o céu enquanto ligava para Alex e farejou o ar distraidamente. Depois que a noite esfriasse um pouco, a neblina daria lugar a chuva, ele tinha certeza.

— Dez anos... — Resmungou pouco antes do tio Alex atender.

— Já na cidade pia?

— Sim tio, cheguei agora. Onde posso te encontrar?

Em pouco tempo Alex explicou para Gabriel como chegar na antiga casa dos avós.

— Estou indo para lá Gabe, até daqui a pouco.

— Até tio. — Gabriel desligou pensando no pai. Estaria lá esperando por ele?

Ligou a moto e partiu ávido para descobrir. Seguiu até o centro da cidade e depois para o Leste. À medida que ele seguia com a moto, as copas das árvores pareciam acaricia-lo com as sombras recordadas nas luzes dos postes alaranjados. Londrina era uma cidade arborizada e de clima ameno. Porém Gabriel sentia um desconforto perene na noite, como se a cidade fosse escura, sinistra, de alguma forma com um ar carregado. A sensação passou em pouco tempo. Ele dobrou a esquina e entrou na avenida onde a casa do avô ficava. Uma via estreita, menor do que se lembrava.

Quanto mais se afastava do centro mais a avenida perdia os estabelecimentos comerciais, tornando-se mais verdejante e cheia de casas e prédios baixos. Quando Gabriel chegou ao seu destino a neblina já havia abandonado as ruas da cidade.

A antiga casa, um predinho de dois andares, era de esquina. A fachada que deveria ser branco gelo estava manchada de cinza, marca do tráfego de carros ao longo dos anos. Uma enorme e malcuidada trepadeira tomava conta de um dos lados do prédio. O portão de entrada, de frente para a avenida, era novo, assim como o portão que levava ao salão térreo, onde o avô tivera a primeira oficina de motos. No primeiro andar ficava o apartamento onde o pai e o tio de Gabriel cresceram. Suas primeiras lembranças daquele lugar já eram de uma simples residência, o galpão funcionava de depósito e atelier para a avó, Agatha, de quem herdara o gosto para artes.

Gabriel parou a moto em frente ao portão, alguns metros adiante um Corsa branco estava estacionado. De certo Alex já estava lá. A fachada ficava para a avenida enquanto o lado leste ficava para a rua que cruzava ali. Pelo portão de grades paralelas ele viu, mesma na parca luz, que o jardim do quintal parecia um bosque e a árvore que o avô Érico plantara ainda estava ali. Sua infância passou pela memória e o vento noturno soprou a copa das árvores. Parecia uma música de boas-vindas aumentando a nostalgia do jovem Donovan.

Ele buzinou duas vezes e desligou a moto. Desceu tirando o capacete bem quando uma chuva fina começou a cair. A água fazia um som abafado caindo fria na jaqueta de couro. As luzes do andar de baixo se acenderam, o portão do galpão rangeu e Gabriel viu o tio erguendo ele, revelando um salão arrumado e bem iluminado.

— Põe a moto aqui já. — Alex disse correndo para abrir o portão de entrada.

Alex Donovan era um sujeito com marcas de sorriso no rosto, de jeito alegre e olhos tristes. Os cabelos negros já tinham mechas grisalhas e estavam compridos,

amarrados em um rabo e cavalo meio frouxo, o rosto era liso, bem escanhado. Ele calçava coturnos surrados, jeans manchado de graxa e uma camiseta da banda *Asia*; sobre ela uma jaqueta jeans.

Alex tinha quase a altura de Gabriel e a mesma de Eduardo, o jovem viu que, no entanto, o tio tinha que olhar para cima para cumprimentá-lo e isso o fez rir de si mesmo.

— Gabe, você virou um gigante. — Alex apertou a mão do sobrinho e o puxou para um abraço.

— Que bom te ver tio. — Falou Gabriel se afastando depois de retribuir o gesto.

— Fazem seis anos? É isso? Nossa. — Alex encarou o sobrinho com um pensativo. — Mas olha isso, vamos levar a moto para fora da chuva.

O sobrinho anuiu dando tapinhas no braço de Alex.

Gabriel foi até a *Mirage* e a empurrou para dentro do galpão. Sentiu um aperto no peito assim que entrou. O cheiro era um misto de coisas novas e do velho perfume daquele lugar.

— Que saudades. — Falou mais para si mesmo.

O lugar era espaçoso e na parede do fundo havia uma bancada de madeira. Sobre ela uma caixa que o lembrou da caixa para guardar pinceis e tintas que deixara em Caxias do Sul. Encostado na outra parede jazia um cavalete e perto dele, várias telas em branco. Gabriel desceu o descanso da moto e caminhou até o cavalete.

— Seu pai falou que você gosta de pintar. Mamãe também gostava, o cavalete dela está como novo. — Alex apontou. — Depois coloca onde quiser, como ela dizia, onde a luz for melhor. — Ele riu.

Havia também dois bancos de madeira no outro canto, uma pequena mesa de madeira, uma estante de livros vazia e um frigobar; que mais tarde ele descobriu estar cheio com sucos, cervejas e garrafas de água.

Sem se conter Gabriel abriu a caixa de ferro. Nela havia pinceis e tintas, algumas que ele sabia ter deixado na casa do pai, semanas antes de decidir ir embora de Caxias.

Sentiu-se um brinquedo na mão de Eduardo. Furioso ele não sabia como interpretar tal emoção, não entendia o que o incomodava tanto nas atitudes do pai. Não entendia porque sentir culpa da raiva, mas sabia que eram seus instintos falando e que ele merecia explicações de atos tão incoerentes.

— Ele quem montou tudo isso? — A certeza com que fez a pergunta deixou o próprio Gabriel aturdido.

— Desculpa Gabe, ele pediu para guardar segredo, ficou até bravo por eu ter lhe falado de Treze Tílias. Era a cidade natal da sua mãe sabe. — Alex tinha um

brilho no olhar que desarmou Gabriel. — E além disso, Edu é meu irmão mais velho, um cabeça dura e mais velho.

Alex riu sem graça.

A perda de Natasha mudara todos os Donovan para sempre, ele tinha que entender isso, era sua mãe, mas também fora nora, cunhada e esposa. Ainda assim, o pai não tinha tais direitos, não de esconder tanta coisa.

— Eu sei, eu...

Ele foi interrompido pelo tio que o pegou pelo ombro e sorrindo afirmou.

— Vamos subir, eu te mostro o apartamento e a gente conversa, senão vamos acabar a noite toda conversando aqui nesse galpão.

Gabriel anuiu com o cenho cerrado. Abriu a jaqueta revelando uma camiseta do *Judas Priest*, era uma relíquia que pegara do pai. Alex fez menção de comentar algo, mas Gabriel foi mais rápido.

— Ele me devia uma camiseta, longa história.

Ele deixou a jaqueta sobre a moto e o capacete no guidão, pegou seus alforjes e com a ajuda do tio levou o resto da bagagem. Uma porta de vidro emoldurada em ferro levava à uma escada lateral iluminada por uma lâmpada fluorescente que piscava randomicamente. Ao final da escada outra porta, essa de madeira se abria para dentro do apartamento no primeiro andar.

Assim que as luzes foram acesas revelaram um lugar simples, mas acolhedor.

A sala tinha uma poltrona, um sofá de três lugares e uma mesa de centro. A estante de televisão era a mesma de quando Gabriel era pequeno. A grande televisão era antiga, de tubo, mas muito bem conservada. Ele deixou a bagagem no chão perto do sofá e foi até a estante, na prateleira acima da TV havia um porta-retratos. Conhecia a foto, pegou o retrato nas mãos e uma lágrima involuntária correu por sua face esquerda.

Na foto estavam seu pai, seu tio e seu avô.

Lembranças vieram de imediato.

Fora em um churrasco em sua antiga casa, quando tinha dez anos. Natasha, sua mãe, usava calças jeans e uma blusa verde musgo, o cabelo loiro-amendoadado caindo em cascatas onduladas pelas costas. Gabriel conversava com quatro amigos da escola, era seu aniversário; a casa não estava lotada, os Donovan sempre foram reservados, porém convidara alguns amigos.

Natasha pegara a câmera para tirar uma foto dos três, a avó já não estava mais com eles naquele ano, morrera quando Gabriel tinha sete. O sorriso do avô Érico era diferente do de Alex, e o pai, Eduardo nunca fora muito de sorrir, entretanto aquele olhar era o de um homem feliz. Gabriel observou com admiração a foto ser tirada, depois voltou a conversar com os amigos.

Um sorriso involuntário brotou em sua face trazendo-o de volta. Havia outra fotografia, ele lembrava, essa com ele junto aos três. Onde estaria?

Do lado de fora um relâmpago iluminou a noite e logo veio o trovão. O vento noturno entrava na sala pela fresta das portas entreabertas que levavam a sacada. Alex correu para fecha-las, com medo da chuva ficar mais forte.

Gabriel colocou o porta-retratos no lugar e deu uma última olhada para a foto. Érico tinha uma barba densa, era um pouco mais baixo que os filhos, porém truncado. Eduardo tinha o rosto liso na foto, sem o olhar frio e a cicatriz cortando a face e Alex tinha o mesmo cabelo comprido, mas usava solto.

— Meu velho está com uma barba cerrada como a que o vô tinha. — Gabriel passou a mão nos cabelos, tirou um elástico do bolso da calça e os amarrou em um rabo de cavalo.

— Eu vi, falei pro Edu que ele está a cara do véio Érico. A última vez que vi o rosto dele liso foi no enterro do seu avô.

Gabriel baixou a cabeça. Não pudera ir ao enterro, ao invés disso fora deixado com um amigo de seu pai. Era para ter ficado na casa do sujeito por uma semana, dois dias bastaram até que fugisse e voltasse para casa. Se era para ficar para trás, preferia ficar sozinho. Ele tinha quinze anos na época. Pensar em tais coisas o deixava furioso e com um gosto ruim na boca. Um novo raio atravessou a noite lá fora, dessa vez o trovão fez as janelas vibrarem e a chuva ficou mais forte.

— A briga foi feia, não é? Não sei se ajuda, mas ele trouxe essa foto e falou que vai trazer mais, só não tem certeza se vai achar alguma da sua mãe. Ela não gostava de tirar fotos.

Gabriel anuiu antes de falar.

— Sabe tio, eu nunca entendi meu pai. Não pude voltar para cá nunca mais, nunca visitei o túmulo da minha mãe, vi o vô uma vez depois da morte dela e ele nem me trouxe para o enterro. Essas coisas, tudo isso começou a me cansar sabe? — Gabriel olhou de soslaio para o retrato, lembrando-se a última vez em que vira o pai, e agora notava o quanto eram parecidos, não apenas fisicamente, mas principalmente no gênio. — Dissemos coisas um para o outro eu... acho que nos magoamos para valer dessa vez.

Alex respirou fundo, frustrado, e entrou na cozinha.

— As compras devem durar uma semana ou mais. Tem carne, frutas e nos armários também tem mantimentos. — Alex voltou com duas garrafas de cerveja *pale ale*.

Gabriel o seguiu para dentro da cozinha. Alex acendeu a luz e entregou uma das garrafas para o sobrinho. Abriam as garrafas e as ergueram em um brinde silencioso sorvendo em seguida goles generosos de cerveja.

— Começa do começo. — Alex riu da frase. — Por que você veio pra cá Gabe? Eu sei que alguma coisa rolou. Você me contou que estava morando com essa moça... Letícia.

— Sim. — Gabriel sentou-se à mesa de quatro lugares que ficava na cozinha, o tio sentou-se na cadeira diante dele. — O senhor lembra dos sonhos?

— Você teve pesadelos por mais de um ano depois da morte da sua mãe. — Alex afirmou bebendo outro gole.

A chuva tamborilava na janela acompanhando os dois, por um momento Gabriel quase visualizou o lado de fora da casa, ouvindo as várias gotas batendo em sequência no chão, uma após a outra, reverberando infinitamente. Os sons da chuva, do vento, das árvores, dos animais, dos carros... das pessoas. Tudo veio como uma sinfonia aos seus ouvidos, sem, no entanto, desorientá-lo. Era como uma música há muito esquecida. Súbito voltou a encarar o tio, fora uma cacofonia harmoniosa que durou apenas um instante, mas no pensamento pareceram minutos.

— Foi mais ou menos isso. — Retomou a conversa. — Tive pesadelos depois que mamãe morreu, pesadelos diários com aquela noite. Era sempre a mesma coisa, às vezes com algumas confusões, mas enfim. Meu velho me levou em uma terapeuta amiga dele, não deu certo. Ela disse que era minha fase rebelde que a impedia de trabalhar, eu tinha quase quatorze na época. Fugi de uma das sessões, meu pai demorou dois dias para me encontrar. Morávamos em Blumenau e eu me escondi em uma fazenda vizinha. — Gabriel viu a cara de espanto do tio. — Nem eu sei como cheguei lá. Enfim, achei que meu pai tinha te contado.

Alex meneou negativamente e Gabriel continuou seu relato.

— Depois disso começamos a brigar mais, eu e o velho. E bem, as coisas seguiram seu rumo, eu fui parando de ter pesadelos, até que sumiram. Depois da morte do vô eu fugi novamente, dessa vez fiquei uma semana sumido, mas na real eu estava em casa, o velho que não sabia onde eu estava, ele tinha vindo aqui deve ter ficado muito tempo aqui sei lá...

Alex interrompeu Gabriel

— Não, ele falou comigo, viu o enterro de longe e foi embora. Se ficou uma hora na cidade foi muito. — A expressão do tio entregou que falara demais, mas continuou. — Ele não veio aqui depois disso, quer dizer, até esses dias.

— Se você está dizendo. — Gabriel sabia que o tio mentia sobre algo, só não tinha certeza sobre o que, mas mais importante, justo quando ele decidiu ir para Londrina, o pai fora também; sem planejarem, só foram. Cada um seguindo sua própria jornada, e isso o intrigava. — Isso me deixa ainda mais desconfiado do meu pai. Por que tudo isso? Trauma? Não... não acho. E por falar nisso, o que ele veio fazer aqui afinal de contas?

— Não sei Gabriel, sério mesmo. Ele é bem misterioso daquele jeito dele, eu acho que ele está trabalhando em algum caso, seja o que for ele vai nos contar uma hora. Talvez ele até conte pra você, se você perguntar. — Alex terminou a cerveja e deixou a garrafa sobre a mesa cruzando os braços.

— Talvez tenha razão tio, bom, voltando aos sonhos. Para resumir, um pouco mais de dois anos atrás comecei a namorar a Letícia e há seis meses começamos a morar juntos. Estava indo bem, mas desde o início eu sentia que havia algo sabe, algo que não parecia ir bem. Acho que eu não servia para ela.

— Que isso cara. Você é um bom garoto Gabe.

— Ah tio. Eu às vezes duvido disso. — Gabriel desviou os olhos da face do tio e voltou a pensar nos pesadelos. Por que se atirava tão fácil em brigas de bar se fugiu da maior briga de sua vida? Ele cerrou os punhos e a garrafa estourou em sua mão esquerda. Sangue e cerveja lavaram a mesa.

O jovem Donovan ficou sem reação, olhando para a mão e os cacos.

Alex correu para pegar um pano. Gabriel voltou a si e foi até a pia lavar a mão. Poucos cacos estavam cravados nela. Ele enrolou um pano de prato que o tio lhe entregou e estancou o sangue.

— Desculpa por isso.

— Está tudo bem Gabe. Até porque só sujou a própria casa. — Alex brincou. — Pode falar garoto, eu sei que está sendo difícil, mas estou te ouvindo.

— Eu... — Ele estava muito desconfortável em se abrir, mesmo para o tio era complicado, não gostava de se mostrar a luz para as pessoas. Porém, sabia que precisava contar para alguém como se sentia. — Eu voltei a ter os pesadelos... eu nunca me perdoei tio, foi culpa minha. Eu devia ter voltado e salvado minha mãe. Eu... Devia ter voltado. Por isso eu sabia que os pesadelos queriam me dizer para voltar, e cá estou.

Gabriel mal percebeu que lágrimas escorriam pelo rosto, abrir-se, dizer em voz alta para o tio que sentia ter falhado ao salvar a mãe foi como abrir uma porta por muito tempo fechada.

— Ah garoto, é isso né? Acha que é culpa sua e pensa que o Edu acha o mesmo. — Alex pôs a mão no ombro de Gabriel. — Gigante, eu via o seu avô da mesma forma, te entendo. Não é assim pia, não é. Edu e eu perdemos nossa mãe quando adultos, mas você terminou de crescer sem uma, por isso não posso te dizer que sei como é. Mas, o seu pai perdeu a mulher da vida dele. A Natasha era a luz da alma do Edu cara e seu pai... ele não te culpa garoto. Ele... ah o Edu te ama tanto que morreria por você, morreria naquela floresta por vocês dois se pudesse, se conseguisse.

O silêncio ficou no ar até que Gabriel resolveu pegar outra cerveja. Abriu e bebeu bons goles antes de falar novamente.

— O senhor acha que existem mais coisas por aí no mundo, digo. Coisas estranhas?

Alex ponderou olhando o sobrinho.

— Eu acho que o mundo é vasto, não podemos conhecer tudo que há. Mas, por que pergunta? — O cenho do tio estava diferente do que Gabriel conhecia, os olhos inquisitivos.

Gabriel ponderou se comentava sobre as visões — *Não aquilo era real, mais real do que qualquer visão*. Resolveu guardar para si.

— Nada. Só que a morte da mãe é... — Ele bebeu novamente e passou a mão no cabelo, tentando limpar seus pensamentos. — Como fica o aluguel do apartamento tio? Quer que fique aqui até achar algo novo, ou alugo de ti mesmo?

— Que isso Gabe, essa casa era dos seus avós. Ela é sua por quanto tempo precisar. Cuida bem dela tá? — Alex enfiou a mão no bolso da jaqueta e tirou um molho de chaves. — A chave marcada é do portão, essas duas das portas da casa, enfim você vai se achar.

Gabriel pegou o molho, o chaveiro era uma linda pena de metal pintada de preto. Sem saber o que responder ficou encarando o tio. Não esperava ter um lugar para morar, um lar em Londrina. O peito apertou e ele sentiu o amor fraterno de sua família circular por ele e por aquele lar.

— Nossa tio... obrigado, de verdade.

— Seu avô ia gostar da decisão. Ah, mais uma coisa. Quando achar que está pronto passa na minha oficina. — Alex entregou um cartão para Gabriel. — Posso te contratar como estagiário lá, se for tão bom quanto Edu fez parecer. — Ele riu do sobrinho.

— Tio, sério eu não sei como te agradecer. Passo sim, amanhã mesmo estarei lá.

— Relaxa, aproveita a sexta e o fim de semana para descansar. Se instala primeiro, faz o que tem que fazer e vamos conversando. — Alex olhou no relógio, pegou a garrafa sobre a mesa e pôs no canto da pia. — É... vai dar um trabalho limpar. — Ele apontou para a mesa suja de sangue e cerveja depois deu um soco leve no braço de Gabriel. — Abre o portão lá pra mim.

A chuva já era uma fina garoa novamente. Dessa vez não saíram pelo portão da garagem. Na lateral do galpão, na face leste do prédio, havia uma porta que dava no jardim. Saíram por ali. Do lado de fora, já na calçada, os dois apertaram as mãos felizes por se reencontrarem depois de tantos anos. Gabriel ficou algum tempo olhando o tio partir no Corsa.

O jovem Donovan voltou para o apartamento, estava faminto. A conversa com o tio ficava remoendo em sua mente, retornando e retornando, repassando tudo que vira e vivera até ali. Algo instigava seus instintos mais primitivos. Sabia que

escondiam coisas dele, mas havia mais. Algo o incomodava na morte de sua mãe. *Assassinato*. Pensou novamente.

Limpou a cozinha o melhor que pôde, pegou outra cerveja na geladeira e quando se deu conta já comia o quarto naco de carne de uma bandeja de bifes. Ele não quis parar, não quis sair dali. Sentado no chão da cozinha Gabriel continuou a comer pedaços de carne crua e beber cerveja.

O gosto ferroso do sangue, a suculência bovina descendo a garganta e revigorando seu espírito era no mínimo prazeroso, de uma forma diferente de tudo que já sentira. Era como o prazer de estar vivo, de sentir-se parte de algo maior. Quando terminou de comer todos os bifes jogou a badeja fora, terminou a cerveja e separou as garrafas em um canto.

Resolveu desfazer as malas somente no outro dia, estava tarde e tudo que o corpo pedia era um banho e uma boa noite de sono. No espelho do banheiro Gabriel ficou algum tempo se encarando. O sangue no queixo o intrigava, mas não o incomodava. Os bifes estavam deliciosos. As marcas da briga de dias atrás sumiram, pareciam pertencer a outra vida agora, e era para isso que o jovem torcia, dentro de si buscava uma chance de mudar.

Deixou a água do chuveiro correr pelo corpo e lavou o rosto. Depois vasculhou na bolsa uma calça de abrigo, vestiu e verificou as trancas das portas e janelas. Quando finalmente se deitou, o sono não veio.

Ele ficou quase meia hora encarando o teto. Levantou-se e foi até a sacada do quarto, onde viu que uma trepadeira se espalhava cobrindo boa parte dela, mas sem impedir o caminho. Ele percorreu toda a sacada até dar a volta no prédio chegando na porta da sala. Gabriel ficou algum tempo olhando a noite fria, pensando em Letícia, na mãe em tudo que passara em poucos dias. Finalmente estava em Londrina. A mente cedeu, ele conseguiu voltar para a cama e dormir.

Encontrou um sono inquieto, cheio de sombras e árvores, ele corria, mas não como em seu pesadelo recorrente. Era uma corrida livre, até que tudo mudou, tornou-se sufocante, trevas tragavam tudo em seu entorno. Árvores, campo, bosques, céu e lua sucumbiram à uma enorme escuridão viva que o envolveu enquanto rosnava.

Súbito Gabriel acordou. Estava deitado e encolhido no chão, com o lençol jogado por cima do tronco, e o sol a pino no céu invadindo o quarto. Dentro de si Gabriel tinha a certeza de quem rosnava era ele mesmo.

VI — ÁRVORES E SANGUE

A manhã começou lenta. Gabriel acordou com o corpo pesado, a cabeça latejando. O sono conturbado o deixara em estado deplorável, era como se tivesse corrido uma maratona e dormido sem de fato descansar no sono. Um paradoxo que o deixava muito incomodado.

Depois de um bom banho, Gabriel preparou para si ovos mexidos com queijo, servindo-se de um bom copo de suco de laranja para acompanhar.

Resolveu passar a manhã arrumando seus pertences e organizando sua nova casa. Vagarosamente desfez suas malas colocando as roupas no armário de seu quarto. Andou pelo predinho planejando como usaria o espaço e começando por ver tudo de que dispunha em seu no apartamento.

Pegou o material de pintura, as telas guardadas nos tubos que trouxera consigo de Caxias do Sul e desceu para o galpão. Deixou os tubos ao lado das telas em branco. Resolveu que usaria a estante de livros quando tivesse mais livros para fazer companhia aos outros. Organizou a bancada e colocou uma tela no cavalete. Ficou algum tempo fitando a tela em branco. Assim que tivesse uma inspiração rabiscaria algo.

As dores no corpo já o deixavam e finalmente ele despertava. Empurrou a moto para perto do portão e analisou o espaço que tinha. Era um bom lugar para se exercitar, ainda que sem aparelhos ou um saco de pancada, podia fazer uma boa prática. Fez uma série de exercícios e depois praticou um pouco de boxe sombra, dessa vez buscando aprimorar os contra-ataques. Passava das duas da tarde quando subiu para um novo banho e para encarar uma verdade sobre si.

Fugia dos próprios pensamentos.

Tem que ser hoje. Preciso fazer isso. Ligou a televisão para distrair-se um pouco enquanto preparava o almoço. Estava decidido, naquela sexta-feira iria visitar o túmulo da mãe.

Pensar nisso deixava-o abalado. Era uma mistura de ansiedade, medo e sentimento de fuga, pois mal podia acreditar que estava mesmo em Londrina. A

tarde estava fresca, enquanto esperava o arroz cozer ele abriu a porta da sacada na sala. O ar frio correu pelo cômodo enchendo o jovem de boas memórias.

— Estou te devendo essa visita mãe. — Falou admirando a cidade agora à luz de um sol dourado em um céu azul sem nuvens.

Assim que terminou de comer Gabriel se deu conta dos bifes que comera na noite anterior. *Carne crua!* Sua mente corria depressa de pensamento em pensamento, nada era coeso. Olhou para o prato sobre a mesa da cozinha, comera como se fosse dois, mas dessa vez tudo estava cozido, embora a carne fora preparada malpassada. Isso o fez lembrar-se de suas preferências no último mês. Comera quase sempre carne vermelha malpassada ou sushi e quando se alimentava de aves preferia assadas ou a moda caçadora, mas sempre logo após o preparo, quando o sabor da carne era mais forte, intenso... vivo. *Vivo* foi a palavra que fixou na mente.

Era como sentir as forças do animal alimentando suas próprias. Arrepiou-se ao construir tal pensamento, a boca salivou fazendo-o sobressaltar-se.

— Gabriel meu velho, você já está trancado nessa casa tempo demais. — Resmungou para si.

Lavou a louça, guardou a comida e arrumou a casa antes de sair. Pegou uma jaqueta preta, de couro. Vestia roupas pretas e coturno. Fechou a casa, abriu o portão e levou a moto até a rua, depois de trancar tudo partiu. Sabia exatamente para onde ir e no caminho quis parar na primeira floricultura que encontrou. Olhou as várias flores e arranjos expostos na banca e teve uma súbita certeza, instintiva.

— Rosas brancas. — Pediu.

Pagou as flores, pôs o embrulho no colo e partiu com a Mirage cruzando a cidade. O céu que duas horas mais cedo, azulado e limpo, agora estava coberto de nuvens, como uma abóboda branco-acinzentada. O entardecer veio rápido, passava pouco das cinco da tarde, mas o dia já escurecia.

O Cemitério João XXIII ficava em uma zona arborizada da cidade, ao lado de um bosque cortado pelo córrego Água Fresca. Gabriel parou a moto debaixo de uma das vastas árvores que seguiam o muro do cemitério e desceu em direção ao singelo portal de entrada, pintando de branco e azul. Ele estivera naquele lugar apenas uma vez, no dia do enterro de sua mãe. Mesmo assim, conhecia o lugar como se estivesse gravado em sua carne. Seus pés conheciam o caminho de cor.

As copas das árvores cantavam ao sabor do vento, e folhas dançavam a volta de Gabriel.

A necrópole estava vazia. Túmulos erguiam-se por toda parte fazendo um mosaico fúnebre de últimas moradas. Ele olhou no relógio, ainda tinha algum tempo antes dos portões fecharem. Não viu zeladores ou coveiros em parte alguma. Resolveu primeiro ir ao túmulo dos avós. As flores coladas ao peito, caminhava

agarrado a elas como se fosse uma criança que não quisesse perder algo importante.

Lá estava o jazigo, simples, pintado de branco. Sem flores, sem detalhes, mas com os nomes dos avós e suas fotos.

— Queria ter te visto mais uma vez, vô. — O amargor por Eduardo cresceu no peito do jovem Donovan.

Tentando deixar o gosto ruim da boca sair junto aos sentimentos odiosos, ele pegou a cruz patriarcal dada a ele pelo padre Johan. Trazia o pingente pendurado no pescoço e colado ao peito. Fez uma rápida prece, do jeito que a mãe o ensinara. Pegou uma das rosas brancas e deixou sobre o túmulo dos avós, acreditando que Natasha apreciaria o gesto.

Os pés, inquietos, o levaram de volta ao seu destino. Era como se pudesse farejar o caminho e quase o fez, erguendo o cenho e encarando adiante a viela entre as tumbas. Continha-se a todo instante para não correr.

Ao chegar perto do túmulo de Natasha Gabriel empacou. Os passos vacilaram. Vagaroso, finalmente parou diante do lugar onde a mãe repousava. Onde estava enterrada. Lágrimas involuntárias correram por suas faces, ele trancou o maxilar e cerrou os punhos, segurando firme as rosas na mão direita.

O jazigo era feito de mármore negro, brilhante como ónix. Na base veios de branco leitoso faziam as vezes de linhas quase místicas a encerrar o túmulo. Na lápide não havia foto, mas em prata estava os dizeres:

Natasha Voloshyn Donovan, mãe e esposa amada.

09 de novembro de 2000

E uma pena estilizada, feita também em prata com linhas brancas, logo abaixo da epígrafe.

Havia uma longa rachadura diagonal no canto inferior esquerdo da laje, ainda assim o túmulo tinha um aspecto de bem cuidado, limpo, com dizeres em prata bem polidos. O que fez o jovem se perguntar se o pai realmente não voltara a cidade mais vezes, ou se era o tio quem cuidava dele.

Com o coração apertado a voz saiu fraca.

— Você era tão linda. — Balbuciou sem conseguir falar mais alto. — Eu devia ter vindo aqui antes mãe. Me desculpe, fiquei tão furioso com o pai por nunca me trazer aqui, mas quando fiquei independente... eu devia ter vindo antes.

Gabriel mergulhou o rosto em uma das mãos e respirou fundo. O jovem se via como uma criança assustada.

— Eu sinto tanto a sua falta, eu devia ter corrido de volta para a floresta. — Ele falou se lembrando de seu pesadelo e do fatídico dia em que perdera a mãe.

Aos poucos recuperou o controle sobre si.

O vento frio do entardecer bagunçou os cabelos do jovem e diante dele, à vários passos, uma figura atravessou as vielas para sumir atrás de um mausoléu. Gabriel firmou os olhos, tinha certeza de ter visto essa forma em algum lugar. O vento soprou novamente, dessa vez produzindo um sussurro.

— Gabriel. — Foi nítido como o despertar de um pesadelo. A voz familiar o fez arrepiar-se por completo.

Era a voz de sua mãe.

Sem conseguir responder, o jovem ficou ali, olhando, sentindo. Memórias o preencheram. Sentiu o perfume de sua mãe, ouviu seu riso, lembrou-se do sorriso do pai, a amargura que sentia por Eduardo o corroía. Revolta, alegria e tristeza vieram amontoadas abarrotar seu peito. *A voz dela*, Gabriel tinha certeza. Olhou à sua volta procurando a aparição, se era o fantasma de sua mãe, ou sua mente lhe pregando peças, não saberia dizer. O que tinha certeza era que estava onde deveria estar, em casa, em sua cidade.

Ele pôs as flores gentilmente sobre a laje negra e tocou os dedos nos lábios, depois na pedra fria. O sinal de um beijo, um beijo que queria ter dado em sua mãe.

Pensou em momentos perdidos. Momentos que lhe foram tirados pelo destino. O vento soprou novamente causando certo desconforto, e lá estava a imagem de alguém, uma silhueta de longos cabelos, indo se esconder atrás de um mausoléu mais adiante. Gabriel foi até lá, mas não havia ninguém.

Voltou até o túmulo da mãe e sentiu um cheiro podre e adocicado junto ao perfume de flores mortas. As rosas brancas jaziam apodrecidas sobre o mármore. Os instintos do jovem afloraram gritando perigo. Ele observava seu redor com atenção absoluta. Os túmulos a sua volta eram malcuidados, as flores por todo lado estavam podres. Notou animais mortos por ali. Uma cena que ele deixara passar completamente, tão compenetrado estava ao pensar em sua mãe.

Tornou-se desconfortável estar ali. Saiu caminhando rumo a entrada do cemitério. O relógio do celular marcava 17:56. Mal notara o tempo passar. As árvores do lugar estavam mortas, só agora via que as folhas dançando no ar eram secas, as copas que cantavam ao vento estavam do lado de fora. Todas as plantas no cemitério estavam mortas. Ao longe, sobre uma das tumbas ele viu três cães negros magros com as costelas desenhadas no pelo, saliva amarelada pingava das presas e os olhos semicerrados eram ferozes. Encaravam Gabriel. Era quase como se fossem inteligentes, acompanhando as passadas do rapaz com o olhar.

Por puro instinto Gabriel olhou de esguelho por sobre o ombro direito. Ao longe um velho o observava. Era um homem magro, de pele amarelada e o desenho dos ossos aparecendo sob a pele do rosto. Os dentes amarelados, os dedos ossudos e compridos, o olhar entorpecido por alguma doença ou fome. As roupas puídas, um paletó e um par de calças, eram azuis marinho e estavam sujos de terra. O

jovem continuou em direção a saída, ainda sentindo perigo no ar. Uma sensação diferente do medo, um estado de alerta levando-o à beira do puro desejo de sobreviver. E desse sentimento surgiu uma fúria que Gabriel não conseguia entender.

Não era objetiva, não era direcionada, era como se não estivesse de acordo com algo, incomodado, levado ao seu limite de um instinto desconhecido. Voltou-se para olhar o homem, ele não estava mais lá. Os cães desceram de cima da tumba e foram para os fundos do cemitério, ainda encarando Gabriel de quando em quando.

O jovem, por sua vez, foi direto para a moto.

A rua estava escura, as luzes amareladas dos postes oscilavam, os cabos de energia vibravam com o vento e as da quadra casas jaziam em quase silêncio. Em poucas janelas a luz azulada de televisores variava de intensidade e muito ao longe Gabriel ouvia o som de conversas abafadas. Nenhum carro passava por ali, as quadras que seguiam o cemitério estavam desertas.

Gabriel montou na Mirage, pôs o capacete e deu partida. A luz do farol banhou as árvores à frente e ele viu nitidamente uma marca. Um glifo feito no tronco de uma sibipiruna.

De alguma forma lhe era familiar. Ele levantou a viseira do capacete e desceu da moto, aproximando-se da árvore, quase em transe. A marca era diferente da que vira em Treze Tílias.

Quatro linhas principais formando claramente a mandíbula inferior de uma fera com várias linhas terminadas em pontas fazendo as vezes de dentes na mandíbula. O estilo era inegavelmente o mesmo, talhado na madeira com um objeto pontiagudo.

O coração acelerou, o sangue corria quente por seu corpo, Gabriel fervia de fúria e mal entendia o porquê. Farejou o ar e sem controlar suas ações, como que guiado por uma força interior, correu em direção ao bosque do Água Fresca.

Com o cair da noite uma suave neblina se formou deixando o solo escondido em uma cortina branca, os braços da névoa dançando ao redor das pernas de Gabriel e dos troncos das árvores.

Ao entrar na mata fechada os pelos da nuca se ouriçaram, os músculos tencionaram e um ruído brotou de sua garganta. Enquanto caminhava, não percebia o que fazia até notar o frio típico vindo do córrego e o perfume de umidade. Foi apenas aí que ouviu o próprio rosnado, um vociferar vindo da alma, algo que ele não podia conter. Rilhou os dentes procurando, perscrutando a mata. A escuridão se adensava à medida que as nuvens bloqueavam cada vez mais a luz do luar. Virou e seguiu o curso da água antes mesmo de se aproximar ou enxergar a margem.

Sentia olhos sobre si, uma sensação terrível. Queria encontrar quem o estava observando. A noite mergulhada no silêncio, com exceção do burburinho da leve corredeira. O cheiro ferroso e inconfundível de sangue inundou suas narinas e por puro instinto Gabriel correu seguindo seu faro. Em meio as árvores estava um vulto ajoelhado sobre um corpo no chão. Ele sabia, ele sentia, era uma mulher ferida.

O vulto voltou-se para Gabriel e correu na direção oposta.

Furioso, o jovem Donovan intentou perseguir a figura, no entanto, o ruído de galhos secos sendo partidos chegou aos seus ouvidos como um alerta. Prontamente Gabriel voltou-se na direção do som e o que viu foi aterrador.

Poucos passos adiante estava o homem de terno puído que vira no cemitério.

Gabriel urrou de fúria, um som gutural que não sabia ser capaz de fazer, e encarou o sujeito. Um odor maldito, de podridão, um perfume adocicado e enjoativo, misturado ao cheiro de terra desnorteou os sentidos do rapaz. O coração agora batia ritmado, podia ouvir, era como um tambor de guerra. Sangue impulsionava o corpo com potência máxima, trancou o maxilar e então viu, claramente o homem, como se um véu lhe fosse tirado, permitindo a percepção da realidade como é.

Era um sujeito anormal. Algo em seu caminhar estava errado, as mãos grandes e nodosas tinham unhas compridas e amareladas. A camisa por baixo do paletó estava rasgada e manchada de sangue seco, a barriga à mostra era amarelada com veias negras. Entretanto o pior era o rosto.

A estrutura do rosto era estranha, primitiva; as orelhas eram pontudas e a face cadavérica. Magra, com a pele grudada aos ossos e os cabelos desgrenhados, faltando em nichos aqui e ali onde mostrava nãos o escalpo, mas o crânio liso. Os olhos, profundos na face, tinham um aspecto alucinado e quando piscou, tornaram-se branco amarelados, mortos. Um corte seguia pela têmpora esquerda indo se perder perto da nuca, aberto e seco, era horrível olhar para a ferida. A boca estava rasgada do lado direito, deixando os dentes afiados e longos à mostra.

Gabriel assumiu postura de boxeador, serrou os punhos e embora a sensação de perigo o preenchesse e deixasse seu corpo alerta, a vontade que crescia em seu espírito era a de destruir aquele homem. Nunca tivera vontade de matar alguém, de ver um ser tornar-se inerte e deixar de existir como a vontade que tinha olhando para aquele sujeito.

Dúvida não existia na mente do jovem Donovan, apenas uma ira tempestuosa. Seu instinto gritava, seus músculos queriam agir, ele não pôde mais se conter. A razão abandonou Gabriel e em um instante ele partia em direção a criatura.

O homem grotesco guinchou, um grito sinistro e aterrador, abriu a boca até a mandíbula estalar, indo além do que um humano poderia abrir; da escuridão de sua

garganta brotou uma longa língua, com espetos de osso na ponta e fileiras de farpas ósseas por sua extensão.

Gabriel não parou, desviou o corpo para a esquerda em sequência girando no calcanhar, atingindo a face da criatura meio-morta com um soco direto de esquerda. O soco foi potente, mas era como bater em um bloco de gelo. Ele ouviu o som abjeto de fibras rompendo e ossos partindo. O meio-morto foi lançado alguns passos para trás e quando se voltou novamente na direção do jovem, a criatura tinha a mandíbula pendurada, deslocada e parcialmente partida. A língua cresceu e, como um chicote vivo, estalou rápida, ferroando Gabriel no ombro esquerdo.

A dor era lancinante. Calor subiu pelo ombro até o pescoço, o sangue queimava, fervia. Sua boca ficou dormente, o braço esquerdo pendeu. Gabriel ficou cada vez mais irado, até que não enxergou mais nada, apenas o inimigo.

Os olhos azuis glaciais do jovem Donovan tornaram-se azul turquesa. No mesmo instante ele partiu para o ataque, mal sentindo o golpe com as garras que a criatura desferiu em sua barriga. As longas unhas rasgaram pele e arranharam músculos, mas não conseguiram passar além da parede na qual o abdômen de Gabriel se tornara.

O jovem socou a cara do monstro e no retorno do movimento agarrou a língua farpada, com um puxão arrancando-a. Sangue negro esguichou para todo lado.

O meio-morto guinchou, grunhiu e mostrou os dentes afiados. Estava prestes a saltar sobre Gabriel quando uma trovoadas cortou a noite.

Súbito um zumbido e em seguida três relâmpagos cruzaram a noite. Em instantes atingiram seus alvos, o primeiro, uma árvore próxima aos dois, o segundo o espaço entre o jovem e o monstro e o terceiro acertou em cheio a criatura. Gabriel foi arremessado metros para trás, caindo de costas na grama. O trovão em seguida foi ensurdecador, ribombou pelo peito do rapaz e o fez sentir-se revigorado.

Quando Gabriel abriu os olhos garoava e o cheiro ferroso de sangue roçava suas narinas. De pronto levantou-se buscando o inimigo, mas não havia ninguém a sua volta. Uma árvore partida jazia em chamas, com o fogo lutando contra a fina chuva para manter-se aceso.

Seus músculos estavam fatigados, as mãos tremiam, era como se tivesse lutado a noite toda. Lembrou-se do cheiro de sangue e olhou a sua volta, o corpo estava mais ao longe. Quando se aproximou, o estômago deu uma volta, o coração apertou, era uma cena triste e terrível.

O corpo de uma jovem, de no máximo vinte e cinco anos, estava estirado ao chão, os olhos abertos mirando o céu, a garganta estilhaçada, as roupas em farrapos e a barriga aberta.

Por um momento Gabriel não conseguia compreender a realidade, dividindo-se entre a percepção do real e do imaginário. O súbito medo de estar ficando louco o consumia. Queria fugir dali, buscar um lugar seguro, um lugar familiar e lá permanecer. Levado por tal medo da insanidade, ignorou o pouco que conhecia de procedimentos policiais e aproximou-se da moça. Tocou-lhe a face delicadamente fazendo uma prece e com os dedos fechou as pálpebras da jovem.

Tirou o celular do bolso e ligou para a polícia. Precisava de qualquer ponte com a realidade que pudesse encontrar.

Foram terríveis minutos ali sentado, recostado à uma árvore, enquanto as chamas do tronco do cedro atingido pelo relâmpago se extinguíam na chuva.

Os policiais demoraram a achar Gabriel. Ele gritou para que o encontrassem, até que quatro policiais militares se aproximaram e o renderam. Ele não ofereceu resistência, estava exaurido, mas quando viu-se sendo levado para a viatura estacou. Os homens não conseguiram tira-lo do lugar e antes que resolvessem usar de força bruta, um tenente se aproximou.

— Foi você quem achou o corpo, não?

— Sim. — Gabriel encarou o sujeito em tom de desafio. Sentiu quando todos ali ficaram nervosos. — Eu liguei para vocês, e lutei com um dos assassinos. — Ele hesitou. Tirara essa conclusão ali. Se a mulher estava mesmo morta e ele ferido, tudo era real, mas não era o momento de tentar descrever a criatura. — Sei que é procedimento, mas se pensam que vou pagar por um crime que não cometi, estão bem enganados.

O tenente não conseguiu continuar encarando ele por muito mais tempo.

— Lamento, mas terá que ficar com as algemas por hora. Você vai esperar no banco de trás da viatura. — Indicou com o dedo.

— Não consegui salvá-la. — Gabriel resmungou remoendo pela primeira vez a morte da moça.

O policial anuiu e guiou o jovem até a viatura. Gabriel ficou ali esperando enquanto dois soldados, de escopetas em prontidão, guardavam o carro.

Pensativo o jovem tentou relaxar, aquela noite seria exaustiva, sabia disso. Pensou em ligar para o pai, mas não queria agir de forma suspeita, lembrou-se que seus pertences não estavam mais com ele e resolveu prestar atenção no lado de fora.

A chuva começara a amainar e luzes indicaram a aproximação de dois carros. Havia cinco viaturas estacionadas ao longo da lateral do cemitério. Policiais espalhados pelo lugar impediam a aproximação de carros civis e de eventuais pedestres. Gabriel ouviu nitidamente à metros dali o tenente resmungar para outro policial.

— É mais um daqueles casos e lá vem os investigadores roubarem a cena e nos fazer de garotos de recados.

Gabriel pôde ver pelo para-brisas três policiais civis iluminados pelos faróis dos dois carros que chegaram antes. Um deles era velho e estranhamente familiar, um pouco calvo no topo da cabeça, de cabelos brancos nas laterais, bigodes cheios e óculos, usava calças jeans e um paletó de tweed. Trazia pendurada no peito a insígnia da polícia. O outro ao seu lado era mais baixo, negro, com um ar carrancudo e usava terno cinza completo. Esse último tirou um maço de cigarros do paletó e ficou brincando com ele nas mãos enquanto olhava para a viatura em que Gabriel estava. A terceira, uma policial com a insígnia também pendurada no pescoço, usava um boné, colete da polícia e calças pretas.

Trocaram poucas palavras com os PMs antes de dirigirem-se até Gabriel.

— Gabriel Donovan. — O mais velho falou, olhando nos olhos do jovem depois de abrir a porta do carro. — Sou o investigador De Angelis. Essa é a investigadora Tchoven e aquele é o investigador Limeira. Melhor vir conosco, depois te levamos até a delegacia para esclarecermos o que faltar, por hora queremos dar uma volta contigo aqui mesmo.

Aquilo claramente deixou os outros dois desconfortáveis.

Gabriel contou tudo para eles enquanto caminhavam até a cena do crime. Resolveu contar a verdade, embora soubesse o quão maluco soaria.

— Língua gigante... — O investigador Limeira falou rindo.

— Eu sei o quão ridículo isso soa. Mas, enfim. Foi o que eu vi. Pode ser algo psicológico, posso ter sei lá fantasiado no meio da briga eu sei lá. — Gabriel sentia um desgosto em falar daquele jeito, de alguma forma começava a entender o quão real foi tudo que vira e vivera naquele bosque. — E ali caíram os raios. — Ele mostrou. — Isso também é bem surreal, e eu estava aqui.

Os policiais se entreolharam, aquele relato claramente os intrigava, mas Gabriel não sabia dizer de que forma. Possivelmente tornara-se um suspeito de maior interesse depois de parecer e soar tão maluco. Deu de ombros com sua própria conclusão.

— E você só fechou os olhos dela, não tocou em nada? — Tchoven falou. Apesar das poucas palavras, ele notou o jeito militar da mulher.

— Como disse, toquei ali na face direita, recitei uma rápida prece e fechei os olhos dela. Sei que não devia tocar, mas... aquele olhar morto. — Ele sentiu um arrepio intenso e uma enorme vontade de pegar o responsável com as próprias mãos.

— Alguém chamou uma ambulância? — De Angelis questionou ainda olhando para a mulher.

Um dos policiais ainda na cena respondeu que sim, no mesmo instante todos ouviam sirenes.

— Tchoven leva o Gabriel aí para a ambulância depois pede para deixarem ele no meu carro. Pede para ficarem de guarda. — Ele olhou para Gabriel medindo-o de cima a baixo. — Dois soldados tá? Depois volta aqui. Filho, você vai ficar um bom tempo conosco.

Apenas quando se sentou na ambulância Gabriel tornou-se consciente das dores angustiantes que latejavam no ombro e na barriga. Olhou para baixo e viu a camiseta rasgada e quatro linhas vermelhas.

— Vou ter que levar ele para o hospital...

— Não. — Tchoven interrompeu o paramédico que de pronto não questionou mais, apenas pediu para Gabriel tirar a jaqueta e a camiseta. — E tire uma amostra do sangue dele.

O paramédico apenas olhou de soslaio e continuou o trabalho.

Quando Gabriel tirou a camiseta ele notou o olhar de Tchoven. Por um momento ela perdeu a postura séria, intrigada com os ferimentos, mas logo voltou a si.

— O que aconteceu contigo parceiro? — O paramédico perguntou limpando os cortes. — É pareciam mais feios, mas sangrou bastante para cortes rasos.

O jovem Donovan olhou para o curativo quase terminado se perguntando se a sensação de ter parte dos músculos rasgados era alucinação. Pelo que o homem dizia, foram cortes superficiais. O ombro estava pior, mas também era um ferimento mais brando do que o jovem imaginava por conta da dor, que de tão aguda não diminuiu em nada depois dos curativos e do paramédico lhe aplicar uma injeção de antibióticos.

O jovem Donovan viu a inspetora pegar a camiseta e colocar em um saco plástico depois sinalizar para ele descer. Gabriel vestiu a jaqueta e fechou o zíper.

As horas de espera no carro foram torturantes. Sentado no banco e trás, Gabriel repassava as cenas na sua mente e exausto cochilou um pouco. Por volta da meia noite a aproximação dos três o despertou. De Angelis entrou no carro, colocou o cinto e sem dizer palavra alguma guiou o veículo para longe dali. Logo atrás os outros dois oficiais da Polícia Civil os seguiam com uma viatura branca e preta.

O 3º Distrito ficava no Jardim Bandeirantes, um pouco longe dali. O que fez Gabriel se perguntar o porquê dos policiais acionados serem aqueles.

— De Angelis não é? O que fizeram com a minha moto, deixaram ela lá perto do cemitério?

— Você pega sua moto depois garoto. — O investigador soava distante. Desceu do carro e abriu a porta para Gabriel.

O prédio que funcionava como delegacia era uma larga construção térrea, parecendo mais um escritório de xerife em filmes americanos do que uma divisão de investigações especiais, como informava a insígnia ao lado da porta de entrada. O estacionamento estava quase vazio, um espaço amplo forrado de cascalho com mais dois carros e uma viatura, além dos veículos em que chegaram.

Gabriel foi guiado por De Angelis para dentro do prédio. Caminharam escoltados pelos outros dois.

— Daqui eu assumo, Presto. — Debochou Limeira colocando a mão no ombro de Gabriel. — Vem garoto, vamos bater um papo.

O interior da delegacia estava tão vazio quanto o estacionamento. Uma mulher em paletó e saia passou por eles e entrou em uma sala ampla. Um escrivão copiava alguns documentos sem dar a menor atenção para os quatro. Limeira abriu uma porta e guiou Gabriel para dentro de uma sala puxando-o pelo braço. O investigador era mais forte do que parecia, com uma pegada de ferro.

A sala de interrogatório era um espaço quadrado de paredes claras com uma lâmpada branca no teto e uma mesa com cadeiras no centro da sala. Em uma das paredes ficava um espelho, o clássico vidro por onde os outros investigadores poderiam assistir o interrogatório, Gabriel imaginou.

Sobre a mesa havia uma tela de computador com o gabinete escondido abaixo. O jovem mal notara que na mão direita do investigador estava um saquinho com sua carteira e o celular.

Limeira pôs os pertences de Gabriel sobre a mesa e apontou a cadeira.

— Senta aí. Só preciso preencher seus dados aqui. — Ligou a tela do computador, tirou um gravador de dentro de uma gaveta, ligou e começou com uma série de perguntas, verificando dados no documento depois questionando Gabriel sobre algumas outras informações.

— Três dias na cidade eim, e já viu um corpo. É, bem estranha essa sua história, eu particularmente não sou muito fã de contos de fada sabe? Vamos fazer o seguinte, que tal me contar tudo de novo, desde o início, começando pelo que você fez o dia todo.

Gabriel achava até plausível suspeitarem dele, e conversando com o pai entendera alguns procedimentos de investigação, mas aquilo cheirava a um problema maior. Suspeitavam dele com uma veemência preocupante. Somado a isso ele não queria ficar ali. A sala o sufocava, o cheiro pungente de pessoas o incomodava. Não temia a polícia, temia ficar preso e confinado. Uma vontade insana de correr sem rumo pela noite acometeu Gabriel.

— Está nervoso garoto? Ainda nem começamos. — O investigador reclinou na cadeira e cruzou os braços.

— É só que... — Repassou em sua mente tudo que queria dizer, tudo que sentia, mas respirou fundo e desistiu. Os músculos outrora tensos estavam fracos, seu espírito exaurido. — Bom, o dia de hoje foi normal.

Ele começou seu relato parando apenas quando chegou ao cemitério, daquele ponto em diante o inspetor o interrogava a cada instante, esmiuçando detalhes.

— Só não entendi uma coisa ainda. Por que você entrou no bosque? Você estava indo embora, parou com a moto ligada e foi até o bosque, por que?

Gabriel olhou para baixo, cansado. Ponderou sobre contar da marca gravada na árvore, mas como relacionaria isso com Treze Tílias? Aquilo o afundaria mais ainda. Mentiu.

— Ouvi um grito. — Falou encarando Limeira. A sala o sufocava ainda mais, como se as paredes fossem se fechar. Olhou para os lados e o estômago roncou.

— Ah então é isso que está te deixando inquieto? — O homem reclinou sobre mesa apoiando os cotovelos e encarando Gabriel nos olhos. — Continue, logo você terá comida.

Uma vez terminado o relato exaustivo Limeira deu-se por satisfeito e foi até a porta.

— Ô Presto, pede uma pizza pro grande aqui, e uma pra gente.

De Angelis grunhiu um sim.

— Sabe por que eu chamo ele de Presto? — Limeira surpreendeu Gabriel. — Porque ele deve ser o único policial na cidade que acredita nessa sua história. Ele tende a achar que coisas assim podem existir. Mas não diga que te falei isso, ele não faz ideia que já li as anotações dele. Seguinte, Donovan né? Eu já volto e a gente continua com esse papo.

A espera devia fazer parte do jogo. Gabriel sabia que estava muito encrocado, mas não tinha muito o que fazer. O telefone e a carteira ficaram na sala. Ao invés de mexer neles, Gabriel tampou o rosto com as mãos e respirou fundo. Conteve sua frustração, mas a fome já afetava o humor tornando cada segundo mais difícil.

Limeira voltou, trazia um pedaço de pizza na mão, debaixo do braço tinha uma pasta. A pizza cheirava bem. O investigador devorou o pedaço em instantes enquanto pedia, ainda mastigando, para que Gabriel repetisse o relato desde o início. Voltou a ligar o gravador enquanto limpava as mãos em um lenço que tirou do bolso da calça.

No meio do relato o investigador jogou a pasta sobre a mesa. Era marrom e estava virada para baixo. Gabriel continuou o relato, exausto, e quando chegou na parte do bosque Limeira virou a pasta para cima.

Natasha V. Donovan era a identificação da pasta.

Gabriel gelou. Por um momento foi como se seu coração parasse. Sentiu um vazio no peito, algo afundando, algo correndo para seu âmago, mas não tinha para

onde fugir mais. As imagens do seu pesadelo... *Não* ele sabia que eram lembranças. As imagens vieram à tona como borrões. Ele se conteve e questionou o policial.

— O que é isso? — A voz parecia de uma criança assustada.

— Eu sabia que seu nome era familiar. Foi há dez anos não? Sabe o que é estranho? Todas essas mortes com teor ritualístico. — Limeira abriu a pasta e Gabriel não conteve as lágrimas. Por relance viu que uma das fotos era da mãe, viu os cabelos dourados contra o chão da floresta.

O investigador jogou uma foto na frente dele. Era de um tronco de árvore, Gabriel reconheceu na hora. O mesmo símbolo feito na árvore em Treze Tílias.

— Onde...

— Acharam no carro do seu pai. Sabe o que eu acho, moleque? Esse lance de morte accidental por uma onça foi para proteger seu velho. A polícia não teve estômago para um cultista, satanista, maluco, ou seja lá o que seu velho for.

Limeira jogou as fotos diante do rapaz.

Em choque, Gabriel ficou olhando as imagens terríveis de Natasha morta, dilacerada por uma besta selvagem. As memórias vieram como um raio. Monstros lutando, feras enormes com a cabeça de lobos, seres que pareciam deuses primitivos. Ele piscou e lá estava novamente na sala de interrogatória olhando as fotos de sua mãe.

—Mãe... MÃE! — Gabriel levantou-se de uma vez estourando as algemas e erguendo a mesa por sobre os ombros. — Seus desgraçados!

A mesa voou atravessando o vidro espelhado. Limeira, assustado, foi com a mão para a arma, mas Gabriel estava sobre ele. A fúria era impossível de ser contida. Ele torceu o braço do policial e o ergueu do chão segurando pelo paletó.

A porta da sala abriu com um baque, De Angelis correu em direção aos dois enquanto da sala além do espelho Tchoven e outros dois policiais gritavam com Gabriel apontando suas semiautomáticas para ele.

— Solta ele Gabriel. — De Angelis tocou o braço de Gabriel e foi como se o jovem despertasse de um transe.

Sua implacável ira estava li, porém agora ele permanecia consciente dela e de si mesmo. Rosnando ele colocou Limeira no chão. Antes que o policial tentasse revidar, a mulher de terno entrou.

— Mas que merda é essa?

A confusão que se seguiu pareceu um tornado ao redor de Gabriel. Desorientado, furioso e com fome, a sensação que tinha era de não saber mais onde era o chão ou o teto, de quem era a voz estridente, ou quem gritava para se afastarem. Até que em dado momento se viu sentado na sala, algemado a mesa com uma pizza inteira para si e um copo de café.

Sem cerimônias ele atacou as fatias. O queijo descia para o estômago prazerosamente, sentia o molho de tomates frescos e o sabor de lombo defumado. Devorou a pizza toda ouvindo a conversa dos policiais. Eles estavam em outra sala, que a julgar pela facilidade com que ouvia a conversa, Gabriel supôs ser contígua à sala dele ou ficar perto da sala do espelho. Porém, quando algumas palavras sumiam e ele se esforçava para entender, parecia que as vozes vinham de mais longe, além de várias paredes.

Pelo que entendeu Limeira estava suspenso por uma semana e ele seria levado para casa com pedidos de desculpas. Mas o mais importante era que agora entendia o caso.

Outras pessoas, não apenas mulheres haviam sido assassinadas. Todas as vítimas cortadas da forma como a moça fora e às vezes com órgãos faltando. Comumente um dos olhos. Gabriel de certo impedira o ritual, era uma testemunha chave, a única até o momento e um forte suspeito, por isso o investigador perdera a linha. O jovem era a primeira pista concreta, além disso tinha o caso de Natasha. Confrontar a possível vítima de um trauma da forma como Limeira fizera poderia render muito mais do que uma suspensão.

O último pedaço de pizza tinha sabor de triunfo. Enquanto terminava de comer, Gabriel ruminava as informações tentando montar melhor o quebra-cabeças que figurava em sua mente até ser interrompido por De Angelis.

— Gabriel eu sinto muito pelo que te aconteceu. Vem... — Ele disse abrindo as algemas, mas antes de concluir qualquer coisa, o jovem emendou.

— Não quero que ninguém me leve, eu quero a minha Mirage.

De Angelis anuiu. Saíram da sala em silêncio. Do lado de fora Tchoven e Limeira encaravam o garoto, sentados à uma mesa longe da entrada.

— Toma, seus pertences. Por sorte trouxeram sua moto para cá antes de levarem para o pátio. — O investigador entregou a chave para Gabriel. — Dirija com cuidado garoto.

Gabriel esboçou um sorriso e saiu.

Do lado de fora tudo que pensava era em correr sem rumo, correr para longe dali, correr para dentro de alguma floresta e ficar por lá para sempre. Exaurido foi até a moto. Estacionaram ela perto de uma das viaturas, o capacete estava lá também. Gabriel montou na Mirage e deu partida para ver se a bateria não havia arriado. Suspirou aliviado ao constatar que conseguiria chegar em casa. Pôs o capacete e partiu com a moto roncando pela noite.

VII — VELHOS GUERREIROS

Quando ouviu a voz de De Angelis no celular Eduardo trancou o maxilar. Havia começado e já estava fora de controle.

— Não é seguro falarmos por essa linha. Vamos nos ver no lugar de sempre. — De Angelis desligou.

Eduardo forçou o corpo a levantar, seu espírito estava cansado e isso era mau sinal. A .45 jazia no criado mudo ao lado de sua cama, bem como um punhal. Olhou a volta e por um segundo buscou a mão de Natasha atrás de si. Aquilo doeu profundamente. Cerrando o cenho e guardando os sentimentos, Eduardo levantou-se para se vestir. O escritório convertido em quarto estava iluminado pela luz dos postes. Tudo tinha um tom sépia, melancólico.

Ele vestiu suas calças pretas de brim, coturnos com ponteira de ferro, camiseta cinza, o coldre e pegou um *duster*, uma espécie de casaco longo de couro, marrom escuro. O casaco permitiria esconder seu trunfo, a espada curta. Depois de passado o cinto da bainha pelo peito e bem preso, ele vestiu o casaco. Testou a espada, sabia que ela não cairia pois só poderia ser desembainhada por ele. Em seu cinto prendeu, às costas, uma Glock 9 mm e pegou sua Magnum .45 colocando-a no coldre junto a costela esquerda. Conferiu os pentes de munição do outro lado do coldre. Tudo certo, ponderou sobre a espingarda, mas resolveu deixa-la lá. De Angelis era um velho amigo, isso significava problemas e também confiança.

Desceu até o barracão onde outrora fora o campo de treino seu e de seu irmão. Os bonecos de madeira, as espadas sem fio e os alvos ainda estavam lá. Eduardo ligou a Shadow e deixou ela roncar. Abriu o portão e saiu com ela. Depois de trancar tudo partiu em direção ao local de sempre, o Bar da Luna, uma velha piada que o fez querer sorrir, mas deixar as emoções aflorarem assim seria como abrir as comportas de uma represa e ele não tinha tempo para isso.

Parou no semáforo e lembrou-se do curativo no braço direito. Resolveu tirar para olhar, estava curado.

— Entendi. — Agora seu cansaço fazia algum sentido, seu corpo usara grande energia para curar os ferimentos.

A noite iluminou-se de verde e ele seguiu em frente. Passou pelo Empório da Sorte, com seu trevo de três folhas pintado em um muro branco, a tinta desgastada e verde sem vida. Albert de certo estava dormindo, Eduardo ponderou em avisar o antigo amigo, mas seguiu adiante. A palavra amigo ecoando em sua mente a medida que acelerava sua Shadow por Londrina.

O bar era agora um prédio abandonado, sem teto com uma placa caindo para dentro do antigo balcão. O lugar fora palco de um ataque sangrento, uma das últimas lutas em que os Donovan estiveram juntos, Natasha, Eduardo, Alex e Érico. O pai lutara brilhantemente e sozinho foi capaz de matar um troll das trevas, alcunha que davam aos trolls que se bandeavam para o lado de demônios e *ghouls*. Era só questão de tempo para que o bar fosse alvo de seus inimigos, afinal de contas, vários caçadores passavam por ali. Antônio, o dono do lugar nunca soubera o que lhe partiu o crânio, era apenas um homem comum, sem qualquer ligação com eles ou as caçadas.

Um sedan preto com alguns arranhões no para-choques traseiro estava estacionado em frente ao prédio. As luzes do carro piscaram uma vez e logo De Angelis saiu pela porta do motorista. Eduardo parou a moto *cruiser* do outro lado da rua, à sombra onde a luz de um dos postes não iluminava bem. Lá esperou o antigo parceiro atravessar a rua.

— Queria dizer que é bom te ver, Donovan, mas nunca é uma situação apropriada. Então eu digo, é bom te ver vivo e por perto. — De Angelis estendeu a mão, sempre teve a mania de filosofar sobre a vida.

Eduardo apertou a mão dele ainda analisando o sujeito, não gostava da situação, algo o incomodava. Olhou a volta por instinto e tentou ser o mais cortês possível.

— Diga. — Falhou no intuito, mas mirando o velho amigo nos olhos viu algo diferente, seus instintos de caçador diziam que De Angelis não era mais o mesmo, também pudera, depois de quase morrer nas mãos de um demônio *drekaovac*, a mente do homem tinha que mudar.

De Angelis havia despertado para o mundo real, o mundo que as pessoas escolhem não ver. Um mundo de magia, encantos, sombras e morte. Beleza e dor, nobreza e amargura, encantamento e maldade. Luz e trevas.

— Sempre direto. Bom, vamos para o mais importante. Seu filho quase se encrencou hoje, mas mal foi culpa dele.

Eduardo não conteve a ira. Estava frustrado consigo mesmo, com De Angelis, com o mundo. Se Gabriel se ferisse ele nunca se perdoaria, se ele se ferisse seus planos iriam por água abaixo. Ele não podia ser machucado ou preso, ele precisava usar seus poderes para ajudar Eduardo a matar os assassinos de Natasha, isso era imprescindível.

Ele pegou De Angelis pelo braço.

— Onde está Gabriel?

— É melhor deixar que eu te conte o que aconteceu Eduardo, e se continuar descontrolado desse jeito não vai vingar Natasha, você mal sabe com o que está lidando. — O investigador ajeitou os óculos e sorriu sarcasticamente para o antigo parceiro, à guisa de provoca-lo. Livrando-se do aperto de Eduardo ele continuou. — Essa noite, seu filho achou um corpo no bosque do Água Fresca...

Eduardo ouviu pacientemente o relato de De Angelis. Tragou dois cigarros antes que o investigador terminasse.

— E ele falou para vocês com detalhes sobre o *ghoul*?

— Sim. — De Angelis tinha o olhar sério, o semblante carregado, arqueou os ombros e respirou fundo. — Não fosse pela merda que o Limeira fez poderiam ter prendido ele preventivamente, achando que se tratava de algum distúrbio psiquiátrico. A delegada pediu para deixar Gabriel quieto por algum tempo, isso vai manter ele longe de encrencas.

— Ele afirmou que viu o sujeito dentro do cemitério. O *ghoul* que o atacou esteve, todos esses anos, vigiando o túmulo de Natasha. Me surpreende que seja um só. — Eduardo falou pensativo.

— Se fossem mais, Gabriel poderia ter morrido. — De Angelis testou o antigo parceiro.

— Talvez. — Eduardo tinha o cenho fechado e mesmo jeito resoluto, porém agora o ar sombrio tomara o lugar do jeito destemido.

— Essa marca. — De Angelis tirou uma foto do paletó. — É a mesma dos rituais que a Natasha pesquisava? Eu sei que na época você me mandou ficar fora disso e por respeito eu fiz, mas agora é diferente.

Eduardo não respondeu, mas pegou a foto e ficou analisando sob a luz do poste mais próximo. De Angelis o acompanhou ainda incerto sobre o quão consumido pela vingança o velho amigo estava.

— Eduardo, o Gabriel, ele puxou a Natasha não?

— Ele tem o sangue dos *Vaettir*, isso é óbvio. O que ele é, porém, não é de sua conta. — Eduardo entregou a foto novamente. — O que você quer Antônio?

— Imediatamente? Sua ajuda para matar esse *ghoul*. O carniceiro pode ser responsável por muitas mortes já.

— Acha que é ele quem matou a moça?

— Pelo que vi seu filho tem bons instintos. — De Angelis provocou, a relutância de Eduardo deixava tudo mais óbvio. — Ele viu outro ser no bosque, um que fugiu. Além disso a marca na cena não bate com a da foto que a Natasha tinha. O que denota algo mais complexo. Tenho procurado um padrão nessas marcas, mas tudo que sei é que são rituais *strigoi*, ou de magia das trevas.

Eduardo se surpreendeu ao ouvir De Angelis usar tal nome. Os *strigoi* são uma raça de seres malignos, meio demônios, eles vivem espalhando o mal, se alimentando não somente da corrupção da humanidade, mas de seu sangue e carne. Segundo seu pai, Érico, lhe ensinara, eles usam *ghouls* para seus propósitos. Fora uma das primeiras lições de caça, uma das que provaram ser verdadeiras. Infelizmente muito do que aprendera com o velho estava distorcido por anos de preconceito e por velhas alianças quebradas graças a sangue inocente derramado. Mas *ghouls* e *strigoi* esses eram definitivamente malignos e um problema sério. Mais importante, Natasha e Eduardo achavam que os *ghouls* em Londrina tinham uma liderança.

— Quem quer que tenha feito isso, agora sabe que meu filho está aqui, deve saber onde ele está. — Eduardo voltou para a moto, mas foi impedido por De Angelis.

— Quem quer que seja pode ter deixado rastros. Caçar o *ghoul* que fez isso pode ser mais eficiente, além disso, seu filho está bem protegido a contar pelos relâmpagos.

Eduardo parou e percebeu o quanto suas emoções o estavam tirando do eixo. Respirou fundo e olhou novamente para o velho amigo. Ele não era apenas um desperto.

— O que aconteceu com você Antônio?

— Tem muito que não posso te dizer, muito que jurei proteger. Se seu filho for o que penso que é, então eu terei que te levar a um lugar. Até lá o que posso te dizer é que, depois que você e Natasha me salvaram eu comecei a estudar e vasculhar o mundo brumoso. — Aquele termo lembrava velhos dizeres, coisas das quais o velho Érico havia ouvido falar e contado aos filhos. Eduardo ficava mais intrigado com o investigador. — E as brumas me acharam. Sei sobre os *Vaettir*, sobre o sangue que corre nas veias de uma parte pequena da humanidade, sei que possivelmente sou como você, um *vane*, um humano com potencial como dizem, ou um plebeu como outrora fomos chamados. E sei que nós dois temos um dever, cara. Por mais que queira vingar sua esposa, inocentes estão morrendo. Esses *ghouls* podem não ter nada a ver com os casos que estou investigando, ou podem ser a chave. Você fez um juramento Eduardo, seu pai mal entendia a verdadeira tradição, mas você fez um juramento.

Por um momento Eduardo sentiu-se diferente, foi como se Natasha estivesse ali a sussurrar o título pelo qual ela amava chamar-lhe.

— *Einherjar*. — Falou para si. — Você tem razão é uma boa pista, mas quando terminarmos, vai me mostrar o que tem feito.

De Angelis anuiu. Talvez, só talvez o velho guerreiro estivesse de volta, de qualquer forma uma pequena chance de vitória para a Luz era uma chance.

— Vamos até o cemitério. — Falou indo até o carro. De Angelis preferia que o velho parceiro fosse com ele de carro, mas sabia que Eduardo não largaria a moto.

Eram 04:45 no celular de Eduardo quando chegaram ao cemitério. De Angelis desceu do carro com sua pistola Glock 22 já fora do coldre. Olhava para os lados como se esperasse um ataque a qualquer momento.

Eduardo parou a moto logo atrás do carro e foi até o antigo parceiro.

— Também sinto a hostilidade e o perigo. Mas é melhor guardar a arma por enquanto e pegar uma lanterna.

— Tudo bem. — O investigador assentiu pegando uma pequena lanterna em seu bolso e testando. Guardou a arma e desligando a lanterna apontou o muro para Eduardo, à guisa de sugerir um salto.

Donovan olhou para o velho parceiro, sorriu e foi até o portão. Estava trancado com uma corrente. Ele puxou a espada de suas costas e fez um movimento veloz, recolhendo ela novamente. O portão rangeu e as correntes caíram no chão.

Surpreso, De Angelis seguiu o amigo para dentro do cemitério.

— Essa espada. Você... nossa faz anos.

— Sim De Angelis, faz sim. — Eduardo acendeu outro cigarro e caminhou de forma automática para o túmulo de Natasha.

Ele caminhava certo dos passos, indo em um ritmo em que o velho parceiro pudesse seguir.

Quando chegaram ao túmulo Eduardo estacou. Havia ali várias rosas brancas, mortas, mas ainda assim o fez sentir uma dor profunda e quase se arrepender da forma como usava e ainda usaria o filho. Cerrou os punhos, não podia haver dúvida ou tudo ruiria.

Abaixou olhando para o chão em busca de rastros, sorriu distraidamente pensando em como era fácil achar rastros com o auxílio do faro de Natasha, a essa altura já estariam caindo sobre o *ghoul*. De Angelis ligou a lanterna e passou a auxiliar ele na busca.

— Tenho um método. — O investigador enfiou a mão em um bolso do paletó de tweed, depois em outro até que achou um frasco de vidro com um pó rubro brilhante à luz da lanterna. — Segundo os livros isso é um encanto chamado “Pó de Cemitério”. Não saberia reproduzir, mas acredito que vai funcionar. Você disse que alguém vigiava o túmulo... vamos ver.

De Angelis destampou o frasco segurando a lanterna pela boca e jogou o conteúdo na laje do sepulcro. Um vento frio soprou suave, depois agitou as árvores mortas e fez um leve redemoinho com o pó até que ele se dispersou dando a impressão de sumir, mas logo os dois viram pegadas de pés quase humanos, com unhas longas, brilhando em um vermelho suave.

— Onde arranhou isso? — Eduardo encarava o amigo.

— Uma caixa com coisas que herdei. Eu vou te levar no meu... escritório depois que acabarmos isso. Essa cidade definitivamente esconde mais segredos do que nós dois suspeitamos meu amigo e os Donovan podem estar no centro disso, só não sei dizer o quanto isso é bom... seja para nosso bem, ou para o de vocês.

Eduardo anuiu. Quando ele e Natasha investigavam os acontecimentos na cidade seus instintos lhe disseram que lidavam com algo maior que eles, por isso fugiram, para proteger Gabriel e depois buscar auxílio. Aquilo fez seu sangue ferver, de ansiedade e ira. Acreditava estar no caminho certo.

Seguiram a trilha de pegadas até um mausoléu. O lugar emanava uma aura que ambos podiam notar, uma coisa que só conseguiam identificar como profana. Os instintos humanos os faziam querer ir embora, aquilo significava um perigo enorme e Eduardo sabia o que teriam pela frente. Ele sacou a arma e fez sinal para o amigo. De Angelis tirou a Glock e apagou a lanterna.

— É um ninho deles. — Eduardo sussurrou.

O mausoléu estava caindo aos pedaços. As paredes rachadas, a porta enferrujada e com vidros quebrados. Dentro não havia um caixão, mas sim uma escada iluminada por uma luz alaranjada que vinha de algum lugar lá embaixo, no subterrâneo do cemitério.

Com cuidado entraram no sepulcro. Eduardo foi na frente descendo com arma em punho e seu antigo parceiro cobrindo a retaguarda. A escada era de mármore e o interior do cômodo subterrâneo era ladrilhado e iluminado por um archote na parede. Em um dos lados estava um símbolo diferente de todos que já vira, era uma espiral com o que pareciam dois chifres de cada lado. Mas Eduardo reconhecia o estilo, era magia das trevas, evocação demoníaca. Aquele ninho de *ghouls* fora criado por alguém. No fim do cômodo havia um portal escuro, encoberto pela penumbra que o archote produzia.

Eduardo tentou dar um passo adiante quando sentiu os pelos do corpo ouriçarem e os músculos tencionarem para o combate.

Ele sabia, foram encurralados.

Da escada, soltando um guincho terrível surgiu uma mulher de cabelos brancos e longos, até os joelhos. Ela usava os trapos de um vestido que outrora fora azul, a pele enrugada, cinzenta e grossa dava-lhe um aspecto animalesco. Dos dedos longos projetavam-se unhas em garra, amareladas e curvas. Ela desceu alguns degraus depois grudou-se na parede e correu como um aracnídeo pelo teto. Quando chegou acima deles ela virou o rosto em um ângulo que causava certa angustia, nada natural. A face era quase humana, mas tinha algumas linhas canídeas, protuberantes, os dentes caninos inferiores eram grandes e os olhos completamente amarelos com veios vermelhos.

Do corredor na penumbra, se arrastando, um homem cadavérico, metade da face era sem carne, só a caveira. O terno marrom chamuscado em vários pontos e um dos braços faltando. Logo atrás dele outros dois sujeitos, esses mais rápidos correram para cercar De Angelis e Eduardo. Tinham também a pele cinzenta e grossa, vestiam macacões azuis e estavam descalços, um deles tinha uma pá nas mãos.

Eduardo esperou pacientemente até que os quatro *ghouls* os cercassem, ele queria ter certeza que os inimigos tinham saído para a luz. Uma vez cercado, com a Magnum na mão direita, sacou a espada em um movimento veloz. Dois disparos que assustaram De Angelis por um segundo, e o *ghoul* cadavérico teve a cabeça despedaçada como um melão podre. Quase ao mesmo tempo a *ghoul* no teto saltou sobre Eduardo. Ele reagiu rápido, esquivou para a esquerda o que impediu o golpe certo, mas a criatura arranhou o braço direito dele do ombro até quase a mão, fazendo-o soltar a pistola.

Em resposta, veloz como o vento, ele girou com a espada, um golpe preciso passando a milímetros de De Angelis, mas abrindo um talho da barriga da *ghoul*. Ela urrou de dor e recuou. Eduardo trocou a espada de mão, o braço doía, mas sua resistência inumana só fazia a dor impulsionar a ira.

Eduardo Donovan era um *einherjar*, um guerreiro sagrado, ligado a uma antiga tradição passada através das eras pelos povos dos Bálcãs, da Germânia, de Norden, Albion e por fim até *Éirinn*, a Irlanda. Quando jovem passou pelo despertar de seu dom, um ritual de morte realizado em combate contra uma criatura das trevas, se feito corretamente alguém com o dom como o dele volta do limiar do mundo dos mortos mais forte, veloz e resistente, e com um dom, o dom de despertar armas encantadas como a sua espada, *Bhíoma Gréine*, a Facho Solar, que tinha propriedades únicas contra criaturas das trevas, uma espada feita por Ferreiros Celestes, antigos ancestrais de Eduardo, e passada de geração em geração no clã O'Donovan.

Ao toque da lâmina a criatura perdera mais do que o sangue enegrecido, perdera parte de sua essência e agora o ferimento queimava como se ferro quente o tivesse aberto.

Vendo a lâmina de bronze fazer tamanho estrago, os outros dois *ghouls* hesitaram. De Angelis apontou a lanterna para o rosto do que estava com a pá e descarregou sua Glock. Os tiros faiscaram em contato com a pele do morto-vivo, que caiu alvejado, finalmente em paz. Irado, o companheiro dele correu para cima de De Angelis.

O investigador saltou para o lado em um rolamento fugindo da investida do *ghoul* que agora estava entre ele e Eduardo.

Assustado, o *ghoul* viu a larga lâmina de bronze brotar em seu peito. Ele grunhiu, mas o *einherjar* subiu o golpe girando o corpo traçando um arco para cima. A lâmina partiu a cabeça da criatura ao meio fazendo sangue negro voar por toda parte. O corpo, agora finalmente morto, tombou fazendo um baque.

A *ghoul* que aproveitara a distração dos caçadores para se recuperar, correu em direção ao túnel, mas o investigador foi mais rápido. Com um novo pente na Glock 22, apoiando um joelho no chão, ele fez mira e atirou, dessa vez foram apenas cinco disparos. Todos certos. Novamente as faíscas ao alvejar a *ghoul*.

O investigador e o *einherjar* ficaram algum tempo olhando a volta, respirando. Ambos estavam sujos de sangue negro, mas Eduardo tinha o braço direito ferido, com três profundos cortes. Ele olhou para De Angelis estudando o homem, sabia que a munição por ele usada não era nada convencional.

— Você vai me levar ao seu escritório velho amigo, ah se vai.

De Angelis sorriu.

— Balas feitas por uma amiga. São mais fracas que sua espada, e acredito que servem apenas para *ghouls* como as suas de prata. — Ele se levantou. — É melhor você ver esse braço logo, vai ficar bem feio quando sarar.

Eduardo fechou o cenho.

— Apenas um tipo de encantado pode me deixar cicatrizes.

— Lobisomens. — Os dois falaram juntos.

VIII — MIDGARD

Gabriel chegou em casa abalado. Guardou a moto sentindo os músculos ainda moles. Tirou o capacete e o deixou sobre a mesa onde estavam seus materiais de pintura. Confuso, com a mente em uma profusão de sentimentos, caminhou devagar até o frigobar, pegou uma garrafa de cerveja pilsen e a abriu. Sorveu em longos goles a bebida rememorando a noite. Uma angústia profunda tomou conta do seu peito e na garganta trazia uma sensação desgastante, a mesma de alguém que chorara pôr horas. Mas Gabriel não tinha lágrimas para derramar.

Logo seu espírito fragmentado convergiu todo para uma fúria tremenda e em um urro de ira ele arremessou a garrafa do outro lado do galpão.

— Desgraçados! — Urrou novamente.

Ele se sentou no pé da escada e ficou algum tempo encarando o nada. Tinha certeza absoluta de que o que vira era real, ele podia discernir perfeitamente, como se pudesse tocar as lembranças. Algo dentro de si, um instinto guia, o dizia de alguma forma que todos os eventos estavam conectados. Cansado, Gabriel subiu para o apartamento, o corpo passou a tremer a cada passo e uma fome avassaladora passou a tomar conta de si ao mesmo tempo em que a ira sumia, substituída por uma vontade profunda de fugir. Queria correr, sumir, deixar tudo para trás, se embrenhar em uma floresta, um bosque e nunca mais voltar a ser visto.

Gabriel só queria fugir.

Não conseguiu fazer mais nada a não ser tirar a jaqueta e se jogar na cama.

Foram minutos perturbadores encarando o teto, tentando esquecer tudo que vivera e simplesmente dormir. Aos poucos finalmente a exaustão o venceu e cercado pelas sombras, dormiu.

O jovem Donovan se viu preso em um sonho estranho, embaçado, suas vontades anuladas, sabia que se movia pela força de outrem. Um facho de luz o guiou, era fraca e alaranjada, ar frio veio dela e a próxima sensação foi um calor reconfortante no estômago. Seu sangue ferveu e uma sensação prazerosa percorreu o corpo. Em um fôlego, como se não respirasse em muito tempo, Gabriel abriu os olhos. Estava diante da geladeira, as mãos sujas de sangue, segurando uma enorme

bisteca. Ele mastigava um suculento pedaço de carne, engoliu e sem pestanejar mordeu outro naco da bisteca, sentiu as fibras se partindo na poderosa mordida, fez força e rosnou, passando a mastigar novo pedaço.

Era saboroso, mas estava sem vida, com um gosto que só podia considerar *morto demais*, não havia tanto sangue, mas era bom. Revigorava, e foi só então que ele encarou a bisteca novamente e entendeu o que fazia. Intentou cuspir a carne, mas ao contrário, engoliu satisfeito.

Outra vez? A mente dele corria pelas lembranças, uma vez quando era criança roubou carne crua em um churrasco, porém, a carne com sal lhe fizera mal. *A segunda vez foi.* Lembrou-se da primeira noite em Londrina, a primeira noite desde seu retorno, no entanto, mastigando mais um pedaço ocorreu-lhe que estava errado. A segunda vez fora na noite em que a mãe morrera, e foi ela quem lhe deu um bife, um pedaço grande de bife, enquanto Natasha mesma, comia um naco de carne.

A voracidade se apoderou dele e o jovem só voltou a si quando o osso em suas mãos ficou limpo. Era como saciar algo maior que a fome, acalmara algo dentro de si. Ele fechou a geladeira, ainda como se estivesse em transe. Deixou marcas de sangue na porta branca. Jogou fora o osso e passou a mão na barriga

Os curativos estavam lá, mal se lembrava de seus ferimentos, todavia ao senti-los, eles passaram a coçar. Incomodado, Gabriel tirou as ataduras da barriga e do ombro. As suturas estavam quase completamente engolidas pela pele e os cortes e a perfuração tinham um tom vermelho escuro, como no limiar de ferimentos que podem se abrir em um movimento brusco. Livre das ataduras, Gabriel tomou um banho quente, relaxando as tensões e aos poucos sendo tomado por pensamentos eufóricos. Mal trocou de roupa, correu para o galpão que finalmente iria se tornar um atelier.

Abriu a porta de correr que dava para o quintal, era uma porta lateral de vidro que fiava no outro extremo da parede leste. O ar frio aumentou a euforia, queria sentir o carvão na tela, a tinta molhar o tecido, as cerdas desenharem formas. O dia já se fazia há algumas horas, a luz não era ideal alguns diriam, mas Gabriel estava inspirado.

Pegou a maior das telas e colocou em um cavalete. Caminhando de um lado para o outro ficou encarando a tela branca. Nada satisfeito com a quietude de ideias, correu para o apartamento e pegou o notebook. Desceu com ele, o ligou sobre uma das mesas, longe das tintas, e escolheu ouvir *Epica*. Ao som da banda holandesa vasculhou sua caixa de tintas.

Precisava de algo imediato, algo no que pudesse dar forma logo. Achou várias tintas acrílicas e as colocou sobre a mesa, encarando os tons que tinha. Preto, branco e cinza pareciam responder ao seu chamado. Pegou o caderno de desenho e rabiscou algumas formas, depois finalmente desenhou. Lobos, desenhou uma

alcateia de trinta deles, depois rascunhou mais outros, rabiscava frenético. Quando parou viu que tinha passado três horas desenhando lobos.

— Lobos. — Ponderou em voz alta, lembrando-se das visões, dos sonhos, de Treze Tílias. Depois esfregou o rosto frustrado, não queria pensar em nada. Aumentou o volume do notebook que tocava *Def Leppard*, e foi direto para a tela.

Em alguns movimentos definiu um fundo, passou a explorar a ideia e algo surgiu, compenetrado deixou seu espírito guia-lo, pintando um cenário, rabiscando com o carvão a tela em seguida. Respirou profundamente e passou aos pinceis diferentes, as texturas, as mesclas.

Gabriel pintava como se conhecesse os traços de cor. Não analisava nada, não parava para respirar, comer, beber. A mão seguia pintando guiada por sua alma, traçando naquele quadro tudo que estava em seu angustiado coração.

O sol já se punha, dando lugar a uma brisa fria e uma noite nublada, quando Gabriel finalmente recuou alguns passos contemplando seu quadro. Pintara um lobo negro em uma clareira nevada. Porém a pintura estava incompleta, faltavam os olhos, dando a Gabriel uma sensação perturbadora. Ele guardou os materiais encarando aqueles espaços vazios no crânio lupino. Não conseguia definir em sua mente como completar o quadro.

Tentando não pensar em mais nada foi tomar um banho. Ele deixou a água correr por seu corpo, enquanto sua mente viajava para memórias ruins. Viu a moça sendo degolada, sentiu o corpo pesado, lento demais, enquanto uma voz lhe dizia, corra, corra. Inicialmente pensou em fugir, porém em seu íntimo sabia que queria correr para impedir a morte da jovem.

Gabriel não queria mais ficar em casa, precisava sair daquelas paredes que o oprimiam, ansiava correr, sentir o vento frio da noite. Ele se vestiu, trancou a casa e foi até a moto. Ficou alguns minutos encarando o quadro, estava desgostoso com a obra, desejava não a ter pintada. Ao mesmo tempo em que pensava em cobri-lo não conseguia deixar de encarar aquele lobo negro sem olhos nas órbitas.

Acelerou a moto para focar a mente. Suas mãos tinham manchas negras e cinzas. Gabriel foi preenchido por um anseio enorme de fugir de tudo, inclusive de Londrina, usou toda sua força de vontade para não o fazer. Parou de encarar o quadro e saiu.

Rodando pela cidade a esmo com sua Mirage ele achou uma lanchonete e resolveu jantar por lá. Comeu um suculento x-burguer duplo, malpassado, acompanhado de uma cerveja. Notou que as pessoas o encararam de forma estranha assim que entrou. Os olhares foram incisivos e isso o incomodava, era como se o temessem ou o admirassem, não conseguia dizer ao certo. Porém, depois, em sua mesa no canto da lanchonete, foi ignorado.

Terminou a refeição e saiu novamente sem rumo. Em poucos minutos o barulho de vento, o cheiro da noite fria e o som da roda deslizando no asfalto despertaram em Gabriel um forte desejo pela velocidade e ele acelerou, sem se importar com mais nada. Correu sem rumo, rasgou alguns faróis vermelhos, o coração tamborilava trovejante no peito e nos ouvidos. Percebeu que seu verdadeiro desejo era correr descalço, sentir o chão sob seus pés, a terra fofa e as folhas mortas, foi então que voltou a si desacelerando a moto e respirando ofegante.

Andou mais duas quadras na direção norte e virou à direita em uma rua estreita. Assim que dobrou a esquina ouviu o som abafado de uma guitarra. O bairro era comercial, lojas, prédios de escritórios e restaurantes se intercalavam na estreita rua. A maioria fechada, com a exceção de um restaurante à direita, com algumas mesas do lado de fora e uma clientela miúda, e aparentemente um outro estabelecimento mais adiante.

Por instinto seguiu o som da guitarra. Na outra quadra, dobrando a esquina à esquerda, espremida entre dois prédios comerciais, estava uma fachada cinza, de concreto lizo, grafitado em letras tribais azuis o nome *Midgard*. Logo abaixo uma porta preta de ferro estava aberta. Havia uma fila moderada, com jovens como Gabriel e até algumas pessoas mais velhas, todos vestindo roupas pretas ou camisetas de banda e jeans. Dois homens e uma mulher faziam a segurança, deixando as pessoas entrarem pouco a pouco.

Gabriel sorriu ao ouvir o abafado solo de guitarra terminar e o som de uma multidão explodir. Era um bar de metaleiros e pelas motos estacionadas, o seu tipo de bar. Do outro lado da rua, estavam várias *cruisers* e dentre elas uma *chopper*. Ele manobrou para ficar longe das motos, mas não muito. Estacionou a Mirage, amarrou o capacete com uma corrente e prendeu um cadeado. Tirou a bandana que usava debaixo do elmo e foi para a fila, já menor.

As pessoas na fila ignoraram Gabriel por completo, mas os seguranças fecharam o cenho assim que chegou a vez dele. A entrada era estreita, o segurança do lado esquerdo que o encarava era um sujeito grande, sorridente e careca. Seu sorriso era misto de afronta e ameaça, as sobrancelhas grossas, cerradas. A outra segurança estava recostada do lado direito da porta, ela usava roupas apertadas de couro e tinha uma tatuagem de meia-lua na bochecha esquerda. Seus olhos eram curiosos, perscrutando Gabriel dos pés à cabeça. O homem do meio era pouco menor que o jovem Donovan, de pele morena e dreadlocks até o meio das costas.

Ele encarou Gabriel, e o jovem teve a impressão de ver olhos vermelhos brilharem. Foram segundos desconfortáveis, mas logo ele olhou por sobre os ombros e, sem trocar palavra alguma, ficou de lado deixando que Gabriel entrasse.

O corredor por onde seguiu era estreito, iluminado por uma pequena lâmpada branca no teto, com cartazes de várias bandas colados nas paredes e no final uma

escada que descia. O som de muitas vozes, música e conversas entrecortadas vinha lá debaixo, pouco antes dele alcançar o primeiro degrau a música se sobressaiu revelando ser o familiar som de *Iron Maiden*.

Ele desceu pouco mais de vinte lances de escada que deram em um corredor com portas laterais, de um lado a porta do banheiro masculino, do outro do feminino. Adiante o corredor se abriu em um salão. Gabriel entrou em um bar tirado de uma história em quadrinhos ou um filme de ação, talvez uma boa dose das duas coisas.

O local estava lotado de várias tribos, metaleiros, punks, motoqueiros, góticos e até uns tipos que não se encaixavam muito bem em nada que envolvesse *Rock'n'Roll*. Na parede esquerda ficava o balcão de bebidas e uma porta que levava para a cozinha. Logo acima do balcão estavam presos a parede uma bandeira quadriculada lembrando um kilt, um machado e um escudo ornamentado com uma serpente azulada. O balcão era de madeira escura, no centro tinha o entalhe de um guerreiro viking e sobre uma das extremidades haviam dois barris de carvalho decorados com pinturas tribais em azul.

As mesas ficavam perto da entrada do salão e ao longo da parede direita. A maioria de quatro lugares, as maiores coladas as paredes tinham bancos almofadados, como sofás. Acima delas, na parede lanternas medievais de metal com lâmpadas dentro derramavam luz alaranjada sobre as pessoas que comiam e bebiam. As paredes em si passavam a impressão do lugar ser uma construção medieval erigida com pedras. No fim do salão ficava o palco e no espaço entre as mesas e o palco, uma multidão considerável se aglomerava conversando, bebendo e rindo.

Gabriel foi até o balcão de bebidas. O cheiro de comida fez seu estômago roncar, por isso foi direto olhar um cardápio escorado em um dos barris. Era uma lousa preta com os pratos escritos em giz. Poucas pessoas estavam encostadas no balcão e ele notou que havia apenas um garçom e uma garçonete no local, de certo a maioria dos pedidos era feito direto ao barman.

Um homem magro, de estatura mediana e ombros fortes, com braços poderosos. Nos antebraços, à mostra graças a camisa com as mangas enroladas para cima, ele tinha tatuagens tribais que à Gabriel remetiam a algo celta. Por sobre a camisa usava um colete listrado de vermelho e preto, e nas orelhas vários brincos dourados.

A música mudou para *Rammstein* e o barman veio até o jovem.

— O que vai querer?

— Uma porção de picanha com alho e cebolas.

— Vai querer molho? É o melhor da cidade. — O homem apoiou os braços no balcão e o perfume de chuva, grama molhada e terra escura encheu as narinas de

Gabriel. Por um segundo foi como estar nas montanhas olhando para o mar com uma chuva fina a cair sobre si.

— Sim. — Ele respondeu, e então se deu conta de que a despeito do som alto reverberando nas paredes e em seu corpo, ele conseguia ouvir bem o barman e ao que tudo indicava o homem também o ouvia. — O que tem nos barris?

— Cerveja *scotch ale* nesse e hidromel com ervas no outro, e aqui embaixo do balcão, uísque.

Gabriel conhecia o hidromel, mas nunca experimentara, resolveu beber um pouco enquanto esperava a comida. O barman pegou uma caneca de metal e encheu com a bebida dourada. O cheiro era doce e perfumado, sem cerimônia Gabriel sorveu um gole generoso, deixando a bebida escorrer pela garganta e esquentar o peito. Repousou a caneca e observou o ambiente novamente. Várias pessoas o mediam com o olhar, algumas mulheres sorriam, mas logo todos o estavam estudando. Ele voltou a beber novo gole e se dirigiu ao barman.

— Lugar bacana. — Tentou quebrar o gelo.

O barman apenas o mediu com o olhar, como os outros e sorriu ao ao notar alguém além de Gabriel.

Uma mão tocou suavemente o ombro do jovem que se voltou para encarar uma moça de cabelos roxos, com uma única mexa preta. Ela sorriu para Gabriel e depois pareceu confusa.

— Ops, desculpe achei que te conhecia. Hey Heitor, duas canecas de cerveja.

— Não tem problema moça, mas podemos nos conhecer já que é assim. — Gabriel não conseguira se conter, um forte desejo lhe veio a ponto de secar a boca, uma libido como fogo. A moça era bela, vestia uma blusa azul bem escura, que deixava o umbigo com um piercing reluzente à mostra, uma saia preta até os joelhos e coturnos de bico metálico. — Me chamo Gabriel.

Ela sorriu sem graça, mas os olhos eram confiantes.

— Raquel. — Disse escorando no bar, no mesmo momento em que Heitor, o barman, colocava duas canecas com cerveja escura, um tom de castanho bem forte, sobre o balcão. — Sabe Gabriel, até que você é bonitão, mas eu não sou para o seu bico. É de fora?

Sem perder o humor o jovem respondeu.

— Voltando para casa depois de um tempo.

— Mas vejam só. Foi um prazer. — Ela pegou as canecas e saiu.

Gabriel seguiu a mulher com os olhos, ele sentia o perfume feminino no ar, e percebeu que era como sentir o perfume de todas as mulheres naquele lugar, sua cabeça doía as veias da têmpora latejavam. O prazer da libido deu lugar a um incomodo terrível.

Raquel chegou em uma mesa onde estava sentado um jovem tão grande quanto Gabriel. Ele tinha a tez brilhante, cor de ébano, era troncudo, com a complexão de um homem naturalmente forte. Tinha fúria e tristeza no olhar, o cabelo crespo era cortado curto, mas não muito. Sua barriga se projetava um pouco redonda, coberta por uma camiseta preta com um S em vermelho e por cima vestia uma camisa cinza, aberta. Ela colocou as canecas na mesa e em um instante Gabriel sentiu uma forte sensação de ameaça, uma que ele queria responder rilhando os dentes.

O rapaz troncudo encarou Gabriel, pegou a caneca de cerveja, bebeu um gole e voltou a falar com Raquel.

— Conselho de amigo, garoto. — Heitor o chamou de volta a realidade. — Fica longe da moça.

O perfume das mulheres sumiu e Gabriel voltou ao controle dos próprios pensamentos. Era como entrar na puberdade ampliada milhares de vezes em um segundo. Ele fez o a única coisa que lhe pareceu plausível, bebeu um bom gole do hidromel findando a bebida.

Quando a porção chegou ele pediu para Heitor encher sua caneca com mais hidromel. A carne estava succulenta e o molho, levemente picante, era muito bom. Gabriel devorava avidamente a carne, a cada mordida era como tomar consciência de uma enorme fome, tão grande quanto um certo vazio. Pediu uma segunda porção antes mesmo de chegar na metade daquela.

A nota solitária de uma guitarra o fez voltar sua atenção para o palco, mal notara os instrumentos sendo montados, tamanha atenção que dera a comida. Limpou molho do queixo com um guardanapo de pano que Heitor lhe entregara.

A mulher no palco era alta e loira, lembrando uma guerreira escandinava, e dedilhava a guitarra com maestria. A banda passou a acompanhá-la e o som de um Metal-Folk Nórdico tomou conta do lugar. O vocalista cantava no que parecia ser alemão, a música era boa, mas Gabriel prestava atenção na guitarrista. Ela era linda, e competente. Por isso ele estranhou quando a banda toda desceu do palco depois de apenas uma música. A música em seguida que estourou nos alto-falantes foi *Pet Sematary*, seguido de várias do Joelho de Porco.

Heitor parecia se divertir com a banda paulistana de Punk Rock.

— Essas tribos se mesclam bem aqui. — Gabriel estava intrigado.

— Regra do bar.

— Como assim?

— Eu estipulei que aqui se ouve tudo que eu ouço, eu julgo o que toca nesse bar e quem toca. Aqueles de opinião contrária escoiceio daqui.... Tem funcionado. — Heitor cruzou os braços orgulhoso. — Isso traz à tona bandas como a que vai tocar e projetos, como o que tocou agora.

— Você é o dono daqui?

— Sócio majoritário. — O barman respondeu com o cenho fechado. — Quer provar a *scotch ale*?

Gabriel olhou para a caneca vazia.

— Hidromel mesmo. — A bebida era melhor do que ele esperava.

O jovem se voltou para olhar a multidão pensando no que Heitor lhe dissera, de certa distância o ambiente abrigava uma só tribo, porém ele sentia que a paz era tensa. Antes que questionasse Heitor sobre brigas, viu um grupo de motoqueiros socar alguns punks e pararem imediatamente quando o rapaz negro e Raquel saíram de suas mesas e cruzaram o salão até subirem no palco.

O rapaz pegou o baixo e começou a ajustar e caminhou até o microfone. A formação da banda era interessante. Raquel assumiu a bateria, com outro cara pegando a guitarra e um sujeito de boné nos teclados.

— Vocês nos conhecem, Nik nos teclados, Marcelo na guitarra, Raquel na bateria, eu sou Eric. — Ele dedilhou o baixo. — E nós somos SELVAGENS! — Bradou a banda e uma parte do público.

A primeira música era bem diferente do que Gabriel poderia esperar, era algo próximo de um blues com o vocal rasgado do tecladista, lembrando Led Zeppelin e influências de Black Sabbath na mesma música, os caras eram bons. Depois passaram para um speed metal competente, com letras próprias essa cantada por Eric. O baixista tinha uma voz potente e empossada, encontrava-se muito bem entre metal, rock e blues. A letra falava sobre a vida na cidade, a modernização e a liberdade ao ar livre.

Euforia e nostalgia colidiam no peito de Gabriel, quando a música falou de sair da cidade, a vontade de correr aumentou no jovem e ele mal percebeu que acompanhava o ritmo marcado pelo baixo de Eric.

“Rasgaram a Terra com veios de concreto

Cicatriz negra, Cicatriz negra

O asfalto me chama para fora

Para o mar verdejante

Cicatriz negra, Cicatriz negra”

Quando a terceira música puxou para o Metal Industrial, Gabriel já estava na metade da segunda porção. A euforia o deixou em um estado de alerta quase paranoico, ele ouvia risadas ao longe, conseguia focar a audição em conversas, no entanto, não se perdia no espaço ou nos vários sons ambientes. Notou uma garota se aproximando, algo em seu jeito sorridente e nos olhos brilhantes lhe era familiar,

o coração acelerou, por um momento foi tomado por lembranças da infância sem saber o que isso queria lhe dizer.

Talvez o hidromel fosse mais forte do que imaginava, porém percebia-se lúcido, mais desperto a cada segundo. A garota chegou ao seu lado e pediu para Heitor três cervejas. Ela tinha mechas azuis no cabelo, usava uma camisa cinza rasgada revelando um espartilho preto por baixo, jaqueta jeans curta e uma saia jeans igualmente pequena e por baixo meias calça pretas. Calçava coturnos bem engraxados.

— Gosta do que vê, garotão? — A moça falou mirando Gabriel com um sorriso no olhar.

— Não é nova demais para beber? — Respondeu Gabriel no ouvido da moça.

— Ah deixa de ser careta. — Ela riu e encostou nele fingindo que era sem querer. — Me desculpe... nossa você é forte né? — Tateou o braço dele.

Gabriel sorriu para ela, sentiu o perfume da pele da garota e novamente foi remetido a infância a lembranças difusas, ele conhecia ela.

— Eu acho que te conheço, qual seu nome moça? — E ofereceu a caneca de hidromel.

Os dois se entreolharam e súbito Gabriel percebeu perigo, antes mesmo de ser tocado ele se afastou da moça e alguém entrou entre eles.

— Ai cachorrinha, o que você está fazendo aqui com esse bosta? — O homem entre eles encarou Gabriel. Ele usava óculos escuros, empurrou o rapaz que não moveu um músculo do lugar.

— Desculpa Zed, eu estava indo ali com vocês e...

— Shhhu! — O sujeito a interrompeu apertando as bochechas dela e a beijando. — Depois a gente conversa, minha gostosa, agora você. Quem é você eim?

A garota olhou nos olhos de Gabriel, mordeu os lábios, parecia que ia falar algo, porém sorriu e pegou Zed pelo braço.

— Hoje vai ficar só na vontade grandão, vem. — Ela chamou o homem e o puxou.

Zed era quase da altura de Gabriel, de ombros largos, cabelos brancos espetados e um bigode cinza. Usava calças jeans, botas, camiseta preta e uma jaqueta de couro. Nas mãos trazia vários anéis e na mão esquerda tinha tatuada uma caveira do *Día de los Muertos*. Quando se voltou o jovem viu que costurada na jaqueta, as cores, como os motoqueiros chamam seus emblemas, eram uma caveira com três olhos, caninos protuberantes e sangue escorrendo das mandíbulas e embaixo escrito em vermelho, Sanguinários.

Ele saiu com a moça. Gabriel intentou puxar Zed, mas quatro motoqueiros o interceptaram rindo dele e seguiram o homem para o final do balcão onde eles começaram a conversar.

Heitor estava visivelmente abalado, olhava para os motoqueiros e para Gabriel, muito diferente de como ficara calmo quando a briga quase estourou antes dos Selvagens tocarem. Adrenalina correu pelas veias do jovem Donovan, como um rio de fogo. Ele ansiava o combate, o sabor de sangue veio a boca, os sentidos se intensificaram.

— O que você tava pensando eim? Ou você tá comigo ou pode sair rebolando esse rabo em outro lugar. — Zed urrou com ela. Gabriel ouviu nitidamente, a despeito do som alto, da distância, de tudo.

Heitor notou a violência ali, ou também ouviu a conversa. Do ângulo em que estava, Gabriel viu o barman pegar um taco de baseball e se aproximar do grupo.

— Zed, deixa a garota.

O líder dos motoqueiros pegou a menina pelo braço.

— Vai fazer algo Heitor? — Ele rilhou com o barman que deixou o taco no canto e ergueu as mãos em sinal de recusa.

— Quer que eu deixe você? — O líder dos motoqueiros se voltou para a moça puxando ela mais para perto.

Gabriel pode notar em cada sílaba uma maldade secreta, escondida no olhar, na forma como ele a segurava. Zed podia quebrar o braço da moça a qualquer hora, porém não fazia força para machuca-la.

— Não. — Ela respondeu e seu olhar procurou o de Zed, mas algo estava errado.

O jovem Donovan foi acometido por repulsa e fúria, a música agora era um ruído no fundo. Sua noite anterior o atingiu como um raio, e a imagem da mãe veio à mente. Não sabia o que fazer até que sua ira explodiu.

Antes que Zed pudesse beijar a moça uma caneca de metal passou voando entre eles acertando em cheio a cara de um dos motoqueiros, fazendo o nariz do sujeito explodir em sangue.

Gabriel caminhou devagar em direção a Zed, rindo, mas era de raiva, os dentes à mostra, sentiu o rosnado brotar e sabia que aquela era uma briga séria. Zed soltou a garota e antes que ele atacasse Gabriel, os outros motoqueiros voaram sobre o rapaz.

O primeiro Gabriel pegou como um boneco e arremessou para uma mesa vazia, fazendo a madeira estourar, e o motoqueiro desmaiar. O segundo puxou um soco inglês, e atacou, o jovem se esquivou e agarrou o sujeito, atacou com três joelhadas e o deixou no chão babando. A cada motoqueiro que ele enfrentava, se aproximava mais de Zed. O terceiro motoqueiro tentou chutar a cabeça dele. Gabriel segurou a perna dele e chutou o saco, com força. Aquilo era uma briga de bar.

Zed se moveu veloz. Quando Gabriel tentou defender-se já tinha recebido três socos no estômago. O líder dos motoqueiros era tão forte quanto ele. Gabriel parou

de brincar. Assumiu a postura de boxeador. Respirou fundo e deixou o corpo leve. Quando Zed atacou novamente Gabriel bloqueou e veio a sequência, vários jabs e diretos seguidos e para terminar um gancho de esquerda.

Os óculos escuros de Zed ficaram em frangalhos. Gabriel sabia agora que podia vencer.

Zed estava com a cara sangrando e ira no olhar, uma ira psicótica que mostrou a Gabriel perigo e a incerteza do resultado da luta.

Eles avançaram ao mesmo tempo e socaram os punhos um do outro. Gabriel teve a impressão do som ter explodido e ressoado, como o choque de trovões. Seu braço todo doía, e Zed recuou um passo. Foi quando a garota entrou no meio deles.

— Para com isso. — Ela pediu olhando para Gabriel. Se voltou e abraçou Zed pela cintura. — Vamos.

O líder dos motoqueiros intentou tirar a moça do caminho e partir para cima de Gabriel, mas quando tocou nos ombros dela, o bar fez silêncio. Somente então Gabriel notou que a banda parara de tocar. Os seguranças entraram, mas ficaram de longe, no grande círculo que as pessoas abriram a volta da briga.

Os motoqueiros Sanguinários foram mancando, apoiados uns nos outros, para perto do líder. Todos encaravam Gabriel. O jovem não sabia o que fazer.

— Já acabou. — Eric, o baixista, bradou no microfone em tom de comando.

Zed e seus Sanguinários saíram com a garota pelo corredor que levava a escada para a rua.

— Você também. — Ordenou Eric olhando para Gabriel.

O *Midgard* estava mergulhado em silêncio. Todos encaravam o jovem. Ele olhou para Heitor e levou a mão a carteira quando o barman meneou a cabeça em sinal negativo. Gabriel quis protestar, o sangue ainda fervia do prévio confronto, os dedos se abriam e fechavam. Queria quebrar o bar todo pôr o estarem castigando, já que o tal Zed era o verdadeiro vilão da história, ou assim ele pensava. Confuso, sob os olhares de todos, Gabriel saiu do bar.

Os seguranças o acompanharam de longe, e assim que saíram na porta ficaram só olhando ele atravessar a rua. Várias das motos que ele vira antes, não estavam mais lá, de certo eram dos Sanguinários.

O jovem Donovan sentou em sua Mirage e ficou olhando a fachada do *Midgard*. A sensação que trazia consigo era incomoda, como ter comido algo amargo, ter falhado com alguém e ao mesmo tempo o sentimento de não pertencer a lugar algum. A mistura de sensações o fazia querer ir embora da cidade. Ele encarou o céu nublado e respirou fundo prestes a sair quando ouviu passos firmes e céleres em sua direção.

Atravessando a rua o baixista vinha em seu encontro.

— Quem é você cara? Não... esquece, me diz o que veio fazer aqui.

— Como assim? — Gabriel desceu da moto e encarou Eric. Não queria brigar com o baixista, por algum motivo gostava dele. — Eu só vim beber um pouco, comer e ouvir um som. Mas, ei, quem é você para vir assim?

— Esse território é meu e você não é bem-vindo. Dessa vez eu vou deixar passar. — Eric era um sujeito grande e definitivamente estava zangado, mas sua voz não se alterava, era como se estivesse sempre no controle.

— O bar? Esse lugar não é do Heitor? E cara, que merda foi essa? O sujeito estava maltratando a guria, você acha que é normal todo mundo ficar só olhando o cara machucar ela? — Gabriel estava furioso. A imagem da moça segurada a força e depois cedendo a vontade a Zed fazia seu sangue ferver novamente. Lembrou-se dela indo embora com ele e entendeu que essa escolha era dela. — Que seja cara, mas esse lugar...

Eric encarou Gabriel nos olhos e a expressão mudou para algo próximo a surpresa.

— Você ainda não sabe, não é? — Ele suspirou e enfiou as mãos nos bolsos da calça. — Essa cidade não é lugar para um filhote como você. Vá embora de Londrina.

O baixista atravessou a rua de volta para o bar.

— Gostei do som da sua banda. — Gabriel respondeu colocando o capacete.

—Valeu.

Quando Eric ergueu o braço em um aceno sem se voltar, Gabriel deu partida na moto e saiu sem rumo pela cidade.

IX — DEMÔNIOS NA NOITE

Deixando o ar frio circundar seu corpo com um abraço que o fazia sentir-se mais vivo, Gabriel pilotou veloz pelas ruas de Londrina. Queria esquecer de tudo, dos problemas, da morte de sua mãe de seus sonhos acordado. Sim foram apenas delírios, pesadelos. Dizia para si mesmo. Ele queria fugir das brigas, da fúria, da dor nos nós dos punhos. Sentiu falta de ser criança, de ter uma vida normal. No peito carregava um aperto forte, um vazio tremendo.

Segunda-feira, pela manhã, procuraria o tio. Estava decidido. Iria se dedicar a oficina, colocar a vida nos eixos. A luz vermelha que se espalhou pelo asfalto fez Gabriel voltar a si. Parou no semáforo e aguardou. A larga rua estava deserta. Mais adiante, na outra esquina, havia um estabelecimento com as luzes acesas e pelas mesas na calçada Gabriel deduziu ser um bar.

O semáforo acendeu verde e uma garoa fina principiou, molhando a cidade. Ele resolveu continuar guiando a moto por aquela rua, sentindo o perfume de asfalto molhado enquanto tentava aplacar sua ansiedade. Passou pelo boteco onde alguns poucos clientes bebiam, jogavam cartas e sinuca. Uma mulher loira saiu do estabelecimento e Gabriel pôde sentir seu perfume, o perfume de sua pele.

O coração dele disparou, o sangue ferveu a boca secou. Fora de si, ele parou a moto para se conter. Viu a moça caminhando até a outra quadra. Perto dali, encostados em um poste, estavam três homens. Assim que ela dobrou a esquina os três foram atrás.

Gabriel reconheceu a garota, era a guitarrista que vira mais cedo no *Midgard*. A vontade de esquecer a noite foi por terra e uma inquietude diferente de tudo que conhecia tomou conta dele.

Queria proteger, queria fazer algo, não podia falhar. Diante de si foi como se visse a floresta do passado, de seus pesadelos novamente, e sua mãe. Mas não ouviu o pedido de socorro de Natasha, ao invés disso notou que o perfume da mulher ficara mais intenso e outro cheiro, um de que não gostava e o remetia a repulsa, a maldade, a algo de errado, torpe, se misturou ao dela.

Gabriel acelerou a moto e virou a esquina. Passou por alguns prédios e ouviu um grito selvagem. Vinha de um terreno baldio entre duas construções. Enfiou a moto por sobre a calçada jogando o farol para o terreno, iluminando a cena, dissipando as trevas. Um homem grande tentava segurar a moça que lutava ferozmente arranhando sua cara e gritando de forma selvagem, o outro sujeito, baixo e com olhar lunático, avançou e rasgou a blusa dela. O terceiro sujeito grudou nas pernas a jogando de cara na terra.

A luz do farol fez os três congelarem, momentaneamente cegos.

Fúria brotou no peito do jovem que rosnou ao mesmo tempo que um relâmpago cortou os céus e trovoadas fizeram os vidros da rua tremerem. Ele saltou da moto sem nem tirar o capacete e arremeteu contra os sujeitos.

— Morre! — Foi tudo que Gabriel conseguiu proferir, pegando o mais baixo pela nuca, que surpreso tentou se soltar em vão da pegada de ferro do jovem Donovan.

Sem se conter Gabriel segurou o sujeito pelo meio do corpo com a outra mão, ergueu e o jogou usando toda sua ira. O homenzinho voou de encontro a uma das paredes que ladeavam o terreno. Solto um gemido quando acertou a parede, emitindo um baque surdo ai cair ao chão. Ficou imóvel.

O segundo bandido soltou as pernas da moça e tirou uma faca do bolso enquanto o grandalhão partia para cima de Gabriel, o rosto todo retalhado pela moça lhe dava um aspecto monstruoso, ele ria excitado de forma doentia. Gabriel firmou a postura de boxe para receber o atacante e esquivou das investidas dançando a volta do sujeito.

Partiu para uma sequência desenfreada, acertou quatro jabs intercalados e um direto de direita. Uma físgada metálica chamou sua atenção, virou uma cotovelada no outro sujeito que estava quase atrás dele. Depois voltou a se concentrar no grandalhão. Gabriel se movia muito rápido para qualquer um deles, esquivou de um soco do brutamontes e encaixou uma sequência de oito ganchos no, cinco no abdômen e três nas costelas, parando quando ouviu ossos se partindo. Recuou e desferiu um direto fazendo o bandido tombar. Voltou-se para o sujeito que tinha uma faca.

Ele estava sentado no chão com o nariz sangrando. Gabriel não viu sinal da faca e quase deixou o bandido para lá, mas o homem se ergueu. Sem piedade, Gabriel desferiu um direto de direita potente que fez o sujeito cambalear, depois um gancho na boca do estômago e um cruzado de esquerda que fez o último bandido tombar.

— Você está bem? — Gabriel perguntou para a moça, sem nem ao menos subir a viseira do capacete. A voz saiu abafada. Assim que viu o estado dela, ele intentou tirar a jaqueta e sentiu uma dor aguda.

— Calma. — A mulher falou. Os olhos traziam um ódio quase irradiante. Ela tremia e não era de medo. Ainda assim caminhou decidida em direção a Gabriel.

O jovem olhou para as mãos, a visão ligeiramente turva. Sentiu um líquido quente escorrer pelo flanco. Quando viu onde a moça o tocou, finalmente entendeu. O sujeito com a faca a cravara no lado esquerdo de Gabriel, bem abaixo da costela, de certo tinha ferido um órgão vital. Ele finalmente se tornou consciente da dor. Sangue vertia pelo ferimento, a perna esquerda bambeou, mas logo o jovem conseguiu se firmar.

— Meu Deus, isso está... Você precisa de um médico. — Ela balbuciou, os olhos agora mostravam certo receio enquanto olhava para Gabriel e depois para os homens no chão.

O sujeito que ele jogara contra a parede parecia não respirar.

Gabriel pegou a faca pelo cabo e sem pensar puxou jogando-a no chão.

— Quer que eu te leve para casa ou algum lugar? — Ele falou tentando manter a postura enquanto tirava a jaqueta. O sangue aos poucos parava de verter, ele podia sentir, mas a dor era profunda, cada movimento um martírio.

Quando entregou a jaqueta para a moça, finalmente viu ela de verdade. Os lábios estavam fendidos, uma das mãos manchada de sangue, o lado direito do rosto roxo da queda, as calças sujas e um rasgo em um dos joelhos, a blusa rasgada revelando o tronco. Um dos bojos do sutiã estava rasgado e caído revelando um seio farto e belo. Gabriel sentiu-se um porco por um momento até perceber que a via ali com outros olhos. O perfume de sua pele era atraente, mas os pensamentos do jovem estavam direcionados a segurança da moça e a sua própria vida.

— Desculpe. — Ele virou o rosto e levantou a viseira ainda alerta com os três desacordados. — É melhor sairmos logo daqui, vou te deixar na sua casa, pode ficar tranquila.

Ela caminhou em direção a moto de Gabriel, mas antes cuspiu em um dos atacantes, o que tinha a faca, e chutou a barriga do sujeito, tirando uma nota de dor do homem meio acordado.

— Vamos, mas você vem comigo para um hospital primeiro. — Ela ficou ao lado da moto esperando o rapaz.

— Melhor não envolver a polícia ou hospitais, a não ser que queira dar queixa. — Ele disse, ainda preocupado com a força que empregara.

— Para minha casa então. Mas eu vou te fazer um curativo. — A moça soou enérgica.

Gabriel subiu na moto e a esperou montar também. Fechou o elmo e partiu. Saiu sem saber para onde ir, deduzindo que a direção que a moça seguia antes os levaria para perto da casa dela. Várias ruas depois, em uma placa de PARE, ela o

abraçou pelo flanco direito com cuidado e encostou a cabeça nas costas dele. Calor subiu pelo corpo do jovem como uma erupção, misto de desejo e euforia.

— Obrigada. — Ela murmurou e passou a indicar o caminho para sua casa.

A garoa se tornou uma chuva fria que os açoitava combinada ao vento soprando forte. Já na direção correta e bem longe de onde a moça foi atacada ela indicou a rua de sua casa.

— Ali na Hélio Cortês. — A moça voltou a se recostar na *sissy bar*. — Cinco quadras adiante, um prédio branco.

Gabriel não foi até a portaria, parou a moto de frente para o portão da garagem e esperou. A moça fez um aceno e isso bastou para o porteiro. A garagem começava em uma rampa que levava para o subsolo, o lugar fedia a óleo queimado e gás carbônico. Ainda que Gabreil estivesse acostumado com tais cheiros, a sensação era de algo se embrenhando por debaixo de sua pele e o envenenando aos poucos.

Ele suava frio. *Perdi muito sangue*. Ponderou, somente então estranhando as circunstâncias de seu ferimento. Não desmaiara depois de tanto sangue vertido, a dor suavizara e tinha uma consciência primitiva de como seu ferimento estava. *Se eu fosse um médico de certo saberia até que órgão foi atingido*. Ponderou pensando no baço ou pulmão.

— Não tenho vaga na garagem, mas ali cabe uma moto e o porteiro não vai ligar. — A moça apontou para um espaço depois de duas pilastras em um canto onde não atrapalhava a passagem de ninguém e não caberia carro algum.

O lugar era escuro, os canos do teto pareciam podres e em algum canto havia uma goteira. Gabriel sentiu um arrepio na nuca e se voltou para as sombras. Tinha certeza de que alguém os observava e foi apenas o toque da moça que trouxe dos pensamentos paranoicos.

— Você está febril. — Ela disse alisando o braço do rapaz.

Gabriel tirou o capacete e esperou ela descer da moto para fazer o mesmo.

— Qual seu nome? — Perguntou prendendo o capacete na moto com sua corrente. A dor pulsou no flanco esquerdo e ele fez uma careta.

— Beatriz. Vem vamos cuidar disso. — Ela o puxou pela mão e apertou o botão para chamar o elevador.

— Eu sou Gabriel. — Entraram no elevador. Ele ainda estava constrangido por ter visto o seio da moça em tal circunstância. — Desculpe por...

— Gabriel, um belo nome para um herói. — Ela divagou cortando o que o jovem iria dizer. — Não faça essa cara, obrigado de verdade, nem todos vocês são babacas cretinos afinal. — Beatriz sorriu de forma cruel.

A boca dela era fina e sensual, o maxilar triangular e altivo dava ao rosto um belo ângulo. Os olhos eram de um azul intensamente escuro. Gabriel ficou algum

tempo olhando para ela, quando a moça corou os dois voltaram a olhar para a porta do elevador.

No quinto andar o elevador parou fazendo as correntes tremerem, a porta fez um som metálico e rangeu, abrindo-se. O corredor era sombrio e fez os pelos da nuca de Gabriel se arrepiarem. Ele seguiu Beatriz até a porta do 503. As trevas no ambiente mal iluminado o incomodavam, era como se alguém ainda o espreitasse.

Ela tirou a chave do bolso e abriu a fechadura, entrando no apartamento seguida de Gabriel. O jovem arrepiou-se novamente e os pelos das costas se ouriçaram, mas quando fechou a porta atrás de si a sensação passou.

A sala tinha dois sofás largos dispostos formando um L e uma televisão de LED de 40". Uma passagem estava nas sombras e de certo levava para o quarto, a outra deixava entrar a luz da noite por uma larga janela, ali era a cozinha do apartamento. O lugar era aconchegante, Gabriel não sabia se eram os quadros psicodélicos, ou os sofás novos e modernos, talvez a mistura notável entre mobiliários aparentando estilos diferentes, de períodos diferentes, mas o apartamento tinha um aspecto atemporal. Era como ter entrado em uma história sem época definida, onde décadas se mesclavam no ambiente.

Beatriz entrou na passagem para o quarto.

— Eu já volto com algo para esse seu ferimento. — Ela olhou por sobre o ombro para o jovem e sorriu meio tímida, uma expressão que não combinava com seu rosto austero ainda que delicado.

Enquanto a moça demorava a voltar, Gabriel ficou pacientemente de pé. As roupas sujas de sangue manchariam o sofá, e não queria correr o risco de sujar a casa. Olhou para sua camiseta ainda se perguntando como poderia ainda estar de pé.

Beatriz voltou usando uma camisola semitransparente preta, nas mãos trazia uma toalha envolvendo vários objetos. Ela colocou o embrulho no sofá e foi até Gabriel.

— Tira a camiseta. — A moça falou encarando ele de soslaio e ajudando o rapaz a remover a peça.

Gabriel engoliu em seco quando farejou o perfume de excitação de Beatriz. Uma fragrância forte e doce que, contrariando a lógica, fez o corpo do jovem arder em desejo. Confuso, ele não conseguia entender o estado de espírito de Beatriz.

Ela o guiou para o sofá depois de estender a toalha para que se sentasse. Pegou o braço dele e sem trocarem palavras, apoiou no encosto do sofá para que pudesse examinar o corte. Limpou o ferimento com álcool e quando Gabriel reagiu a dor ela o beijou longamente. Depois voltou a ação de cuidar do ferimento.

Ele não conseguia parar de pensar no quanto a moça era linda. O impulso de tirar a roupa de Beatriz era quase irresistível. Queria fazer sexo com ela ali mesmo.

Beatriz terminou de limpar a ferida e passou a suturar o corte. Mas antes esterilizou a agulha com um isqueiro. Quando o olhar dos dois se encontrou, Gabriel notou como os olhos dela estavam brilhantes e os lábios úmidos, avermelhados e vivos.

O beijo o instigara a muito mais, o sangue fervia deixando o jovem tenso, com os músculos rígidos.

— Você precisa relaxar. — Ela falou no ouvido de Gabriel.

E os dois não se contiveram. Foi como uma explosão de chamas. Mal estavam despidos e Gabriel já estava dentro dela. Beatriz mordeu os lábios do jovem até sangrarem enquanto tinha espasmos de prazer. Ele não pôde mais se controlar e fez a roupa da moça em farrapos. Os movimentos ritmados fizeram a sutura mal terminada abrir e sangue escorrer pelo flanco de Gabriel. Algo na selvageria do cheiro ferroso fez os dois ficarem mais excitados.

Passaram para o chão e Gabriel beijou os seios entumecidos de Beatriz enquanto ela se entregava ao orgasmo. O corpo dos dois ardia em calor ao contato e logo continuaram seu ato selvagem enquanto Gabriel quase urrava, ela o arranhava fazendo sangue verter nas costas do rapaz. Os lábios dos dois se encontraram e o beijo foi voluptuoso, cheio de desejo. A boca doce da mulher fez Gabriel se perder no prazer e ele jorrou dentro dela.

Mal notou quando foram para cama. Fizeram uma pausa para recobrar o fôlego e Beatriz trouxe para eles uma bacia com pedaços de queijo e presunto e um fardo de cervejas. Ligou o rádio do quarto e *Iron Maiden* estourou nas caixas. Depois de comerem e molharam a garganta com duas garrafas, Gabriel voltou para dentro dela. Não pensava direito, só se deliciava com os fartos seios e se derramava em Beatriz enquanto ela pedia por mais.

Feridos, exaustos, eufóricos, eles dormiram entrelaçados sem ligarem muito para como estavam, só se entregando ao sono, embriagados um com o outro.

X — VISÕES E SONHOS

Gabriel abriu os olhos ligeiramente, não quis enxergar nada além das sombras embaçadas então os fechou novamente. Sob seu queixo e peito a grama fresca exalava um perfume agradável. Não queria sair dali, ainda assim todo seu corpo estava inquieto, os pelos ouriçados, pensou mais de uma vez em correr, continuou deitado. As copas das árvores balançavam ao sabor de uma fria brisa de outono, soando melodiosamente aos ouvidos aguçados do jovem.

Fungou soltando o ar e depois farejando novamente, sem se mover. Visões de sangue e morte luziram diante de si, como frames de uma antiga máquina de slides. Queria correr, unir-se a terra, ao ciclo perpétuo da vida. *Queria morrer? Queria viver? Quero fugir!* Resmungou sons ininteligíveis, ainda sem abrir os olhos.

As trevas à sua volta o oprimiram. Sabia que Beatriz estava ali, ao seu lado. Gabriel rolou na relva e rosnou satisfeito. Um fecho de luz solar o incomodou, abriu um dos olhos. Estava na floresta em Treze Tílias, mas o cenário era muito pior. Sangue por toda parte, os lobos que outrora ali viviam estavam esquartejados.

Viu a moça que não conseguiu salvar, o monstro que quase o matou. Letícia correu por meio da floresta sem olhar para ele, Beatriz riu conversando com uma árvore. Gabriel levantou e correu. Aquele não era seu lugar, gritava isso para si. Essa não era a vida que queria.

Respirou fundo e abriu os olhos novamente. O ventilador de teto no quarto de Beatriz rodava devagar fazendo um barulho cadenciado, um fecho de luz entrava por entre as cortinas. Ao seu lado viu Beatriz nua. Pensou em esquecer seus sonhos, seus problemas, tomando-a novamente, entrando nela, prendendo-se a esse único momento.

Ele a envolveu pela cintura e a puxou para si. Beatriz arqueou o corpo, mas com algum esforço conseguiu se conter e parou Gabriel. Ela levantou, passou a mão pelos longos cabelos loiros enquanto Gabriel a olhava de cima a baixo, vestiu uma calcinha e foi em busca do celular.

— Preciso ver que horas são. — A voz rouca dela tinha um toque sensual. — Passa das oito. Tenho que ir trabalhar e você ir para casa.

Beatriz voltou para cama, montou sobre o colo de Gabriel e o beijou longamente, quando o desejo já estava prestes a aflorar ela parou.

— Sinto muito gato, hoje você fica sem café da manhã. Vou tomar um banho.
— Ela saiu da cama e pegou uma toalha. — A porta está aberta.

Gabriel a puxou novamente, ela quis recuar, mas por fim o beijou.

— Vamos nos ver novamente? — Ele se surpreendeu com a própria pergunta.

— Quem sabe? — Ela soou sem graça e se desvencilhou dele dando um tchau com um aceno.

Gabriel recolheu suas coisas enquanto o apartamento jazia em silêncio, ao fundo o som do chuveiro ligado. Passou a mão no peito, a cruz não estava lá. Procurou pelo apartamento até que a encontrou pendurada no encosto de uma das cadeiras da cozinha. Terminou de se vestir e saiu para o corredor. O ar ficou rarefeito, como se mãos fortes pudessem pressionar os pulmões de Gabriel até que ele não tivesse mais forças para dar nem uma golfada. Tossiu e voltou a respirar. Encostou na parede recuperando o fôlego.

Intentou voltar para o apartamento de Beatriz, quis ir até ela, estar dentro dela, mas arrependeu-se desse pensamento assim que sua mente foi acometida pelos pesadelos despertados dos últimos dias. Monstros existiam, monstros humanos e não-humanos. Gabriel não queria viver em meio a nada disso, ou arrastar alguém para sua vida tão desencaminhada.

Tomou o elevador até o estacionamento, certo de que nunca mais veria Beatriz, e isso era bom.

As sombras do subsolo ainda o atormentavam como na noite anterior. Ligou a moto e partiu sem olhar para trás. Já ganhando as ruas fechou a viseira do capacete e guiou a Mirage de volta para casa.

Assim que chegou, Gabriel foi direto para um longo banho. A cabeça pesada, o corpo exaurido.

As memórias o atormentavam, migrando do prazer com Beatriz, para o horror da noite no parque. Culpa corroeu seu peito, algo que sentira poucas vezes quando pensava estar desagradando sua mãe. Um nó brotou no peito, um aperto de arrependimento.

Saiu do banho faminto. Saciou-se como pôde, com frutas, leite e pão. Vestiu uma calça e desceu para a garagem-atelier. Uma vontade frenética o consumia e ele passou a riscar uma tela com carvão com traços bem suaves, logo depois partindo para os pincéis em uma técnica diferente, sem esperar a tinta secar, mesclando as cores enquanto pintava.

O sol lançava raios alaranjados no prédio e o jardim já estava nas sombras quando Gabriel afastou-se do quadro para admirar a obra. Na tela outrora branca estava gravado a viva imagem do rosto de Beatriz. Um calafrio percorreu pelo

corpo do jovem ao notar quão frio eram os olhos que havia pintado. Uma expressão dura e o ar sombrio da moça denotavam no quadro. Ainda assim um rosto atraente, intrigante.

Exausto, Gabriel guardou os materiais, limpou-se e resolveu jantar. O espírito estava desanimado, abatido, não sabia bem o que queria fazer de sua vida. Estava completamente perdido.

Fez um jantar modesto para si, olhou com certo repúdio para a carne na geladeira. As marcas de sangue na porta branca ainda estavam lá, decidiu limpar outra hora. Cozinhou legumes, não queria carne.

Jantou na sala, assistindo TV, enquanto a noite tornava-se mais fria a cada minuto. O celular repousava ao seu lado. Gabriel olhou para ele pensando em Beatriz, queria ver a moça novamente. Quando menos esperava o aparelho tocou. O número lhe era estranho, atendeu meio sem jeito.

— Parece que eu não consegui me segurar eim... — Aquela voz meio rouca, sedutora, já era familiar a Gabriel, já conhecia bem a voz de Beatriz. Ela soava um tanto nervosa.

— Parece que não.. — Ele respondeu em tom de brincadeira.

— Sabia que não devia ter ligado, agora vai ficar se achando o gostosão...

— Não, espera.. na verdade eu estou me achando com sorte apenas.

— Uhn... sei.

— Tudo bem?

— Está sim, estou no meu intervalo aqui no shopping, jantei e resolvi falar com você... Sobre ontem à noite, eu...

— Você achou que tudo foi muito rápido?

— Talvez. — Beatriz tinha a respiração entrecortada.

Gabriel desejava aquela mulher como nunca, podia quase jurar que ela estava excitada do outro lado da linha.

— Queria te ver. — Ela falou, depois completou em um sussurro. — Quero você.

Gabriel respirou fundo.

— Que horas você sai hoje?

— Hoje não vamos nos ver. — A voz dela voltou ao normal, Beatriz tomava o controle novamente. — Fica para uma próxima gato, mas foi bom falar com você.

Ela desligou o celular. Gabriel não sabia se gritava ou ria, acabou gargalhando.

— Essa garota quer me enlouquecer. — Falou para as paredes, rindo.

Era bom sentir-se normal. Decidiu que sairia novamente com ela, assim que ela aceitasse. Não queria arrastar ninguém para seus problemas, mas talvez um relacionamento leve, sem cobranças, fosse o que precisava, nem que no final virassem apenas amigos, ou fosse algo passageiro. Gabriel queria esquecer os

problemas que pairavam em sua mente. Lembrou-se novamente do quadro e se indagou se ela gostaria da pintura. Súbito, as cortinas da sala dançaram freneticamente com um sopro forte de vento. Gabriel foi até a sacada e fechou a porta de vidro.

Teve a impressão de ver alguém na copa das árvores do outro lado da rua.

— Chega disso. — Falou para si, trancando o maxilar.

Resolveu dormir mais cedo, tentar descansar para começar uma segunda-feira diferente. Olhou para o céu e conseguiu ver a lua através da vidraça, estava quase cheia.

O sono veio rápido. Sentiu-se mergulhar em trevas, em um sono sem sonhos até que imagens difusas, velozes, indistinguíveis passaram diante de seus olhos. O estômago deu uma fígada, havia anseio por alimento, por carne, por caça. Terra fofa entrou entre os dedos de Gabriel, das mãos e dos pés, quando ele fez força contra o solo e se impulsionou veloz, tão rápido quanto sua moto. Árvores passavam por ele como vultos etéreos, os galhos e arbustos roçando seu corpo como se a floresta lhe desse boas-vindas.

Seus músculos queimavam com satisfação impressionante, o corpo ansiando pela corrida, pela busca. Farejou o ar, o cheiro pungente de suor, medo e degradação permeava o ar e indicava sua presa. Desacelerou e caminhou devagar até vislumbrar três odiosas sombras.

Gabriel saltou sobre elas. Sangue espirrou quando cravou seus dentes em carne dura e de gosto horrível. Sacolejou e dilacerou, atacou com ferocidade até que os três não pudessem mais se mover. Arfante, o jovem correu até um riacho e se banhou.

A visão tornou-se turva, embaçada e então rubra. Comia com voracidade nacos de carne arrancados de um corpo no chão. Engoliu os pedaços suculentos e quando se deu por satisfeito estufou o peito e ergueu a cabeça para o céu.

De sua garganta sentiu brotar uma vontade pulsante, um sopro imemorial. Encheu os pulmões e cantou uma ode ritualística, primitiva, familiar. Rolou e caiu estatelado no chão de seu quarto.

A cabeça doía, os músculos tensionados começaram a reagir em espasmos como se Gabriel estivesse com muita febre. Subitamente ele relaxou. Levantou-se e percebeu que estava nu, coberto de lama avermelhada. O estômago doía. Em um espasmo ele regurgitou no chão no quarto um pedaço de carne, sangue e bÍlis.

Ele não conseguiu encarar aquilo, olhava para si em busca de respostas e sentiu o cheiro ferroso que não lhe deixava dúvidas.

— Sangue! — Olhou aterrorizado para si mesmo e percebeu que o golpe de faca estava curado. Foi só então que se lembrou de não ter pensado no ferimento

desde que voltara da casa de Beatriz.

Encarou novamente o pedaço de carne no carpete e correu para o chuveiro. Ficou ali por mais de meia hora enquanto a água quente corria por seu corpo levando a lama e o sangue embora.

— Que porra é essa? — Gritou para si ouvindo apenas a água correr em resposta.

Terminou de se banhar e foi limpar o quarto e colocar os lençóis para lavar.

— Por que eu vim para cá mãe? Para enlouquecer? — Falou por sobre o ombro como se a mãe estivesse atrás dele.

Passavam das nove da manhã. Gabriel andava de um lado para o outro sem saber o que fazer. Dentro de si tinha certeza de que suas visões e sonhos eram reais, palpáveis. Ele matou, ele predou, mas que tipo de coisa ele era?

Precisava livrar-se de tudo, mas não sabia exatamente do que se livrar. Angustiado resolveu ir até a única pessoa que o recebera de braços abertos e começar uma vida que talvez o tirasse da loucura em que estava se enfiando.

Foi para a oficina de seu tio.

XI — CONCLAVE

Heitor achou melhor recorrer as antigas tradições para garantir um acordo seguro. Sabia que não podia confiar em nenhum dos encantados tanto quanto gostaria e não era culpa exclusivamente deles. Muitos estavam com a presas sobre suas gargantas, vivendo uma vida aprisionada sem muros ou grades, o que era pior. Sabia também que se caçadores não estavam ainda na cidade, logo estariam. Ele podia sentir isso da ponta de seus chifres até a sola de seus cascos.

Por isso convocou os dois únicos seres em quem podia confiar minimamente. Júlia e Albert.

Ficou acertado que se encontrariam naquela segunda à noite, às dezenove horas.

Ele olhou no relógio de parede do *Midgard*. 18:25. Tinha tempo de sobra. Conferiu o dinheiro novamente e o colocou em um envelope. Na terça-feira pagaria Eric, como toda semana o fazia. Respirou fundo, as mãos tremiam, mas estava decidido a dar esse passo. Guardou o dinheiro, desligou as luzes do bar e subiu para seu apartamento.

A velha escopeta de cano cerrado estava dentro do armário. Pegou a arma e o coldre, afivelou nas costas e vestiu a jaqueta.

— É isso meu velho. — Olhou para si no espelho.

Heitor Murray era um *urisk*, membro de um dos povos nobres, descendentes do antigo povo chamado *Vaettir*. Os *urisks* são hominídeos com pernas de carneiro, corpo forte de couro grosso e cabeça também caprídea. Heitor era um belo espécime de sua raça, com longos chifres curvos, quase dourados. Uma barba hirsuta, ruiva com pelos dourados crescia longa em sua face, sua pele era levemente amendoada. Da cintura para baixo, começando do meio do abdômen ficando cada vez mais cheios, nasciam pelos com as cores da barba. Vestia um kilt com o *tartan* de sua família, um padrão de cores destinados apenas aos Murray. Acontece que os *urisks* adotaram desde tempos imemoriais os costumes dos povos que viriam a ser os escoceses, vivendo apenas naquela região por muito tempo, seguindo os costumes que iam e vinham e de lá migrando apenas na era moderna.

Ele piscou os olhos e se viu como sua magia fazia com que os humanos o vissem, como Heitor o dono do Midgard que muitos conheciam. Com seus cabelos castanhos e a barba curta, calças jeans e coturnos, uma camiseta de banda e o colete xadrez por cima. De sua verdadeira forma, os brincos dourados e as tatuagens nos antebraços, era tudo que ele deixava à mostra.

Trancou o lugar e foi até o jipe do outro lado da rua. Um 4x4 verde musgo. Deu partida e saiu rumo ao ponto de encontro, o Empório da Sorte.

Por todo o trajeto ele ficou olhando no retrovisor, tentando sentir o sabor do ar para determinar se estava sendo seguido. Como guerreiro Heitor não era grande coisa, seus antepassados lutaram ao lado de pictos, celtas e rebeldes escoceses, seguindo poderosos líderes de clã. Foram astutos guerreiros de seu tempo. Ele, no entanto, era apenas o dono de um bar. Claro, tivera suas batalhas particulares, mas não era treinado, mal conhecia os costumes antigos de seu povo. Tudo que possuía era seu instinto primitivo, conectado a uma era remota. Logo, sentir um lobisomem poderia ser desafiador. Olhou novamente no retrovisor, sentiu o sabor do vento na língua. A rua estava deserta.

— Tudo que me resta é fé. — Resmungou para si.

As luzes do empório estavam apagadas, apenas uma pequena lâmpada alaranjada sobre uma porta lateral permanecia acesa. Os portões de ferro do estabelecimento estavam baixados e trancados. Heitor estacionou em frente à loja e foi até a porta. Mal tocou a campainha e ouviu a chave sendo virada do outro lado.

— Muito bem, muito bem. — O homem baixo e ruivo encarou Heitor nos olhos. — Nem trouxe uísque eim?

Se voltou e entrou pelo corredor dando as costas ao *urisk*.

— Fecha a porta e traz a chave.

— Também é bom te ver Albert. — Heitor gostava do jeito daquele *leprechaun*, mais do que queria admitir.

Albert O'Malley era o dono do Empório da Sorte, uma lojinha como outra qualquer, onde como pagamento também se aceitavam moedas de ouro. Albert era um *leprechaun*, uma das muitas tribos descendentes dos *Vaettir*, os Antigos. Baixo e troncado, Albert tinha cabelos avermelhados com alguns fios brancos nas longas costeletas que desciam pelo maxilar.

Heitor trancou a porta e seguiu o *leprechaun* por um longo e estreito corredor que dava em uma área atrás da loja. Era um ambiente arejado, com uma árvore no canto e várias plantas em volta. O piso ladrilhado tornava o ambiente ainda mais fresco. No centro do quintal verdejante havia uma mesa com quatro cadeiras. Sentada à mesa estava Júlia, com seu semblante misterioso e os longos cabelos dourados, quase brancos. No extremo da área havia uma porta de vidro que levava para dentro da casa de Albert, e uma janela ao lado que dava para a cozinha.

Albert entrou na casa e voltou com uma garrafa de uísque e três copos.

— E então? — Júlia não gostava de Heitor e ele sabia. Ela tinha essas inimizades com povos que outrora tiveram contendas com seus ancestrais. E por vezes o *urisk* desconfiava que talvez ela mesma vivera tais contendas.

Júlia Sonen era uma *alf*, a raça de seres que deu origem as histórias de elfos nórdicos. Uma senhora poderosa de domínios do frio e da noite, uma mulher muito perigosa, dona de uma pequena joalheria.

— Bom, chamei vocês porque são os únicos de todos os encantados que tem algum bom senso no sangue e vão me ouvir antes de me julgar ou me entregar aos... lobos. — Pontuou, Heitor, a sentença sinistra. Ele tirou a jaqueta e desafivelou o coldre da escopeta pondo-a sobre a mesa. — Não temam, isso é mais para nos proteger.

Albert e Júlia trocaram olhares. O *leprechaun* serviu a bebida nos copos e depois de sorver rapidamente tudo de seu copo se serviu novamente.

— O que está aprontando Heitor? — A mulher perguntou fazendo um gesto com as mãos que fez todas as plantas farfalharem. — Só para garantir já que nosso amigo nos convidou para algo mais sério do que parece. — Ela esclareceu para Albert depois de beber um gole de uísque.

— Eu imagino que vocês dois, ainda mais você Júlia, ouviram coisas nessa última semana. Sobre o final de semana principalmente. — Os dois ficaram em silêncio e Heitor percebeu que tinha que pôr as cartas na mesa. — Sou apenas um *urisk*, vocês sabem, nem muito mágico e hoje em dia nem muito guerreiro. Mas meu coração é de um Murray e eu tenho certos instintos. Nós todos... Ou ao menos nós, os que não tiveram escolha, aderimos ao método dos lobisomens. Pagando eles pela nossa segurança.

— Não gosto do rumo dessa história. — Albert sorveu novo gole e se levantou. — Vou pegar algo mais forte.

— Não estou falando de nos revoltarmos. — Heitor fez um som diferente com a garganta, um misto de balido com resmungo. — Não ainda. — Falou em um murmúrio. — Do que exatamente... os lobos têm nos protegido ultimamente? Já ouviram falar de um tal de Zed e a gangue dele, os Sanguinários?

— Aquele moto-club? — Albert trazia uma garrafa decorada com ramos e cheia de um líquido verde. Ele misturou uísque e o líquido em seu copo. — Agora sim, uísque de trevo, isso sim é bebida.

— Não, gangue mesmo. Que seja. Eu não sei o que o Zed é, mas humano nunca foi e ultimamente ele tem causado problemas no Midgard. O Eric me disse que falaria com ele, não sei o que aconteceu, só sei que um dia o Eric veio e falou que estava de mãos atadas, ordem do Arthur. Boa coisa não é...

— Do que tem medo? — Júlia o provocou.

— Das antigas histórias, de *drekvacs* e *waerlocks*. Dos *ghouls* que mataram um dos meus seguranças. Disso que eu tenho medo. Os lobos deviam estar caçando os *ghouls*, eles dizem ter afugentado alguns, mas eu sei que tem mais por aí.

— Está certo em temer essas coisas. — Júlia pegou um pouco da bebida verde e fez o mesmo que Albert. — Depois das Grandes Guerras muito dos mistérios antigos se perderam no mundo, eu e Albert conhecemos alguma coisa porque éramos jovens antes dos conflitos que iniciaram a Primeira Guerra Mundial. Porém já em nosso tempo as tradições se findavam, esquecidas, desrespeitadas. Poucos se lembram dos demônios antigos, do mal que anda sobre a Terra e de como nosso povo já lutou contra isso. Infelizmente minha magia não é forte para saber o que está acontecendo, mas tem razão, tenho ouvido coisas e observado também. Natasha, a antiga caçadora buscava um *strigoi* nessa cidade, isso é o que sei e isso foi há anos. Mas nem ela sabia ao certo quem era, ou quão poderoso é esse ser. Eles servem aos demônios antigos, e se um deles está em Londrina, ele é o responsável pelos *ghouls*. Mas, o que podemos fazer? Fugir? Lutar? Nós não somos combatentes. — Ela terminou a frase olhando para a noite, como que buscando algo.

— Não, mas tem um rapaz na cidade que é. O que quer que o Zed seja, acho que tem alguém que pode com ele, eu vi o garoto dar uma surra nele... ou quase. Claramente era tão forte quanto esse *ghoul*... ou demônio. Quem parou a briga foi o Eric e eu desconfio que esse garoto... ele é um lobisomem.

— Patrick e todos os santos! — Albert ergueu-se da cadeira. — Se o rei dos *leprechauns* algum dia amou um súdito tão medíocre quanto eu que esse seja o momento. — Ele tirou uma moeda de ouro do bolso e jogou para o alto apanhando ela nas costas da mão em um cara ou coroa solitário.

Os olhos dele brilharam esverdeados e quando voltaram ao normal, Albert caiu sentando de volta na cadeira.

— O que você viu? — Heitor perguntou afoito.

— Muita coisa e eu já te expliquei como isso funciona.

— Eu sei, uma visão geral para entender a ligação entre suas suspeitas. O que viu?

— Do que estão falando? — Júlia estava curiosa. Primeiro interpretou como sendo um presságio o que Albert tivera, mas estava confusa.

— Eu explico. — Albert sorveu um gole da bebida e estralou a língua. — Afinal de contas parece que esse conclave estava destinado. Essa magia que fiz é responsável pela lenda de que somos seres espertos e sagazes. Não se trata de uma profecia, mas uma visão clara no bom sentido das palavras. Me permite ver além das impressões, unir tudo que já vi, pensei, presenciei e guiar-me a uma resposta para uma indagação ou problema. Vão entender assim que eu disser o que eu já

sabia e o que eu agora entendi. Todos nós, bom Heitor não a conheceu, mas conhece a história, sabemos como Natasha Donovan morreu, provavelmente pelas garras de um *warg*. E nós sabemos que ela teve um filho. Agora, Eduardo Donovan está na cidade e ele andou por aí atrás de encenca que eu sei. Antes de você chegar, Júlia me disse que noite passada um lobisomem matou. Um espírito dos ventos disse para ela que logo ele precisará de ajuda. Para que, ou porque, nós não sabemos.

— Donovan... uma vez você me disse que isso é gaélico irlandês para guerreiro ou príncipe de cabelos negros. O jovem que lutou com Zed era grande, forte e tinha cabelos negros. — Heitor falou depois de beber todo o uísque em seu copo. — Acha que ele é filho da caçadora?

— Não me surpreenderia em nada. — Albert serviu Heitor com a mistura. — Eu acho que há grandes chances de esse garoto se tornar algo bom, algo heroico, sim... — Ele esfregou as mãos. — Talvez esse dom dos *leprechauns* tenha algo de profético afinal. Nós precisamos falar com o De Angelis, ele é o guardião da *Seidr*. Não sei o que ele está planejando, mas ele pode nos ajudar, ajudar o antigo parceiro e esse possível herói.

— Por que? — Júlia deixou o copo vazio à sua frente. — Por que ajudar esse garoto, ou resolver lutar contra algo que nem sabemos se é um demônio mesmo? Arriscar nossas vidas, minha família, meus filhos, meu sobrinho.

— As trevas vão nos engolir. E não falo da noite que você ama tanto. — Por um momento Albert soou como um senhor muito velho, os olhos brilhando com uma chama antiga e Heitor entendeu como era estar na presença de dois seres com mais de duzentos anos. — Elas já nos têm cercado, nós sobrevivemos até aqui, mas logo todos nós vamos perecer. Inclusive sua família.

Ela olhou furiosa para Albert e levantou-se da cadeira. Respirou fundo e declarou.

— Vamos observar mais um pouco. Se esse jovem for mesmo um herói... um *ulfhedinn*. Bom, então as antigas tradições serão revividas, e os demônios vão sangrar. — Ela sorriu com um brilho assassino no olhar.

XII — DIAS COMUNS

Pouco antes das dez da manhã daquela segunda-feira, Gabriel Donovan chegou na oficina de seu tio Alex. Fizera todo o trajeto o mais devagar possível e quando faltava uma quadra parou a moto e respirou fundo. Ainda tremia com as memórias dos dias anteriores o atormentando. Mais calmo, estacionou diante do prédio e foi a procura do tio.

A oficina era grande, com um pé direito alto, o que tornava o ambiente arejado e bem iluminado. Na fachada pintado em preto e azul estavam os dizeres “Al Motos”.

As duas portas de aço do galpão já estavam erguidas revelando um espaço organizado onde três mecânicos trabalhavam. Em um lado estavam quatro motos paradas e um toldo cobrindo uma quinta motocicleta. Mais ao fundo uma *chopper* jazia com suas peças à mostra, ainda incompleta. Do lado esquerdo ficava uma lojinha de peças e em uma área erguida com divisórias de madeira crua, o escritório da oficina.

Alex viu Gabriel pela janela do escritório e foi receber o sobrinho.

— Então veio atrás do estágio? Ou aconteceu alguma coisa? — Tio Alex sempre fora perceptivo. Embora se sentisse à vontade com o tio, Gabriel não queria remoeir os assuntos que o perturbavam.

— Está tudo bem tio, vim mesmo atrás do estágio. Preciso fazer alguma coisa além de pintar e ficar em casa. — Não querer pintar criara uma sensação ruim em seu peito, um desanimo que ainda não conhecia, por isso também queria se dedicar a algo diferente. Em poucos dias, viver em Londrina já o impactara bastante.

Alex encarou o sobrinho por algum tempo sem dizer nada, depois sorriu e dando um soco leve em seu ombro declarou.

— Será bom ter você por perto. — Ele guiou Gabriel para o escritório. — Vamos acertar sua situação aqui e acho que pode começar depois do almoço.

Alex apresentou Gabriel para o gerente e os três ficaram algum tempo no escritório resolvendo a contratação do jovem. Gabriel almoçou sozinho em um pequeno restaurante no centro da cidade, antes de voltar para a oficina levando os

papéis do escritório. Não quis fazer sua refeição com o tio para evitar perguntas, precisava de algum tempo de silêncio em sua própria mente.

Assim que voltou para a oficina Gabriel foi apresentado aos mecânicos, três indivíduos marcantes. Hugo, um motoqueiro barbudo, vice-presidente do moto-clube “Coiotes”, foi com quem Gabriel mais se identificou. Pedro era baixo, de rosto escanhado, era o único que se parecia com um mecânico de filmes; de macacão azul, coturnos pretos e graxa na cara. O último era Marcelo, com seus óculos de lentes bem grossas, magro e mais forte do que aparentava. Quando eles colocaram um rock pesado para tocar na oficina, Gabriel sentiu que tinha encontrado um refúgio seguro.

Trabalhar nas motos passou a manter sua mente tranquila, ocupada, levando as preocupações para bem longe.

Mal notou quando chegou terça-feira à noite em casa, percebendo que já trabalhava como estagiário há dois dias para o tio. Gabriel estava tranquilo, os problemas pareciam distantes, quis ligar para Beatriz e leva-la para jantar, mas o que o deixava inquieto era que não estava feliz. Pelo contrário, estava cada vez mais apático.

Tomou um bom banho, mas não conseguiu tirar toda a graxa das unhas, reparou que havia também tinta em suas mãos e enquanto se encarava no espelho do banheiro Gabriel ponderava sobre si. A pintura viera da avó, o gênio e o jeito com motos do pai. O que teria herdado de sua mãe?

Fechou os punhos lembrando-se de Eduardo. Foi até o celular e ligou para o pai, desligando em seguida. Não queria mais falar com ele. Não queria ter mais relação alguma com o que ele estava fazendo na cidade.

O que fez gerar grande revolta no jovem, já que o pai o ensinara tudo sobre motos e era isso que o mantinha bem até aquele momento.

Os pensamentos o tragavam como uma espiral.

Gabriel preparou o jantar, evitando carne novamente embora olhasse para os bifos com água na boca. Sentou-se na sala para fazer sua refeição e assim que deu a primeira garfada a campainha tocou. Ele ainda não tinha recebido nenhuma visita em sua casa, por isso surpreendeu-se com o som longo e meio elétrico.

— Duas pessoas. — Resmungou para si sem entender como saberia isso.

Deixou o prato dentro do micro-ondas e foi até a sacada. Na rua estava estacionado um carro que ele conhecia bem. Do lado de fora do portão os investigadores Tchoven e Limeira acenaram para ele.

Gabriel desceu, abriu o portão e saiu para a calçada, queria falar com eles do lado de fora.

— Algum problema? — Perguntou nervoso. Quanto mais tentava esquecer tudo que vivera em Londrina, mais a cidade parecia afundar ele em seu horror pessoal.

— Só checando. — Foi Tchoven quem falou. A mulher era séria, mas tinha um tom afável na voz. Limeira olhava para o outro lado, tentando evitar contato visual com Gabriel. — Podemos entrar?

— Boa pergunta. — Gabriel conhecia o jogo. — Se eu mandar arranjar um mandado vão fazer o inferno na minha casa, se eu deixarem entrar... — Ele fez questão de cruzar o olhar com Limeira. — Esse aí pode me incriminar de alguma coisa, ou o que será dessa vez?

Por mais que quisesse odiar o sujeito, Gabriel era incapaz de sentir raiva, tudo que ele pensava era em ir embora. O próprio jovem reparou em como as palavras saíram apáticas.

— Não sou corrupto. — Foi tudo que Limeira falou. — Vamos Rosa, ele merece essa, dessa vez.

— Mas... — A mulher ficou visivelmente surpresa. — Quer mesmo um mandado?

— Da próxima deixo entrarem, quem sabe?

Gabriel voltou para dentro de casa. Trancou as portas e não quis tocar no jantar. Deitou e logo dormiu.

Passou a noite tendo o mesmo e longo sonho. Estava sozinho em uma clareira, sentando no chão. O céu não tinha lua ou estrelas, as árvores e a relva estavam mortas. Gabriel definhava vagarosamente, cada vez mais magro. Não queria se mover embora o vento sussurrasse para ele.

— Corra, mude... cace.

Gabriel continuou sentado enquanto seu corpo apodrecia e se deteriorava, até que por fim, ao se tornar parte do solo, ouviu o telefone tocar e acordou como se voltasse a respirar depois de longo tempo. Ele se levantou meio perdido, cambaleando pela casa até atender o telefone. O aparelho ficava preso na parede do corredor, entre a sala e a cozinha.

Do outro lado da linha seu tio pediu para que o jovem chegasse mais cedo, ele precisava que alguém ficasse na oficina no horário de almoço daquela quarta-feira. Com um sentimento estranho no peito Gabriel deu graças a Deus por alguém tirá-lo daquele sonho terrível e concordou com o pedido de Alex.

Quando chegou na oficina Pedro era o único no lugar. Ele entregou um molho de chaves para Gabriel e indicou o escritório.

— Se precisar abrir alguma coisa da loja ou do escritório tá aí. Tem uma marmita lá dentro pra você, lá pela uma da tarde seu tio deve estar por aqui. — Ele deu um tapa no braço de Gabriel, pôs o capacete, montou em sua Titan e saiu.

Pouco depois de comer, o jovem Donovan sentiu as forças retornando parcialmente. Só então notou que devorara a marmita toda incluindo um bife à

parmegiana. Comera de forma automática, quase instintiva. *Estava sentindo falta de carne*. Pensou consigo repreendendo a forma como agira nos últimos dias.

Ele ligou a TV do escritório para passar o tempo. O jornal do meio-dia anunciava o desaparecimento de dois jovens nos arredores da Mata dos Godoy, um parque londrinense localizado à mais de quinze quilômetros do centro da cidade. O lugar fora transformado em parque em 1989, um terreno vasto de floresta subtropical, aberto a visitas supervisionadas. Apenas uma área pequena era destinada a passeios, mas sempre haviam os incautos que se embrenhavam na mata. Gabriel imaginou que os jovens haviam se perdido e ia desligar a televisão quando a Âncora anunciou que um crime bárbaro tomara como palco a área rural da cidade. Três homens foram mortos com um objeto cortante e a polícia suspeitava de um acerto de contas, já que os três tinham ficha criminal.

Imagens desconexas vieram a mente do jovem Donovan, cenas do que jurava ser um pesadelo que quisera esquecer. O vento sussurrou em seu ouvido — Corra! — e tensão muscular subiu pelas costas de Gabriel. Ele só voltou a si ao ouvir uma buzina.

Estacionada do lado de fora da oficina, estava uma Picape Ranger vermelha. Na garupa um sujeito desamarrava uma Boulevard M800 azul escura. Era um jovem asiático, de certo descendente de japoneses, baixo e de cabelos negros cheios e espetados, vestia jeans, calças e jaqueta, as calças tinham rasgos nos joelhos. O motorista desceu para abrir a porta da caçamba e ajudar o asiático. Era um sujeito tão alto quanto Gabriel, loiro, a barba estava por fazer e os cabelos penteados para trás, ele vestia calças de brim preta e uma camiseta lisa azul. Trazia perigo nos olhos verdes em uma expressão dura como pedra, fazendo Gabriel cerrar os punhos instintivamente.

— E aí bro, pode dar uma ajuda? — Perguntou o asiático, terminando de soltar a moto.

— Claro, qual o problema dela? — Gabriel quis saber já caminhando para dentro da oficina para buscar uma rampa metálica feita para situações como aquele. O tio tinha uma picape preparada para buscar motos enguiçadas.

— Então, eu não sei bro, acho que não tem relação, mas começou com um barulho estranho que o Arthur aqui acha ser a suspensão, mas depois parece que o motor dela pifou. Não consigo mais dar nem partida.

Juntos o homem loiro e Gabriel colocaram a rampa metálica na traseira da picape e os três desceram a moto, levando ela para dentro da oficina.

— Vou fazer sua ficha e vamos ver o que tem essa moto, a não ser que queira esperar o pessoal chegar do almoço. Você quem decide.

— Valeu, não poderemos ficar, mas vamos fazer essa ficha e amanhã eu venho ver como estão as coisas. A propósito meu nome é Alan. — Ele apontou para a

camiseta do *AC/DC* que Gabriel estava usando. — Tem bom gosto eim bro.

— Ah valeu. — Gabriel achou os dois tipos intrigantes.

Enquanto faziam a ficha de cliente ele prestava atenção no jeito dos dois. Alan era mais tranquilo, com o olhar de alguém que conhecia uma piada secreta, Arthur tinha olhos perigosos e um ar taciturno. Por um lado, sentiu certa conexão com eles, por outro, ficava nervoso a ponto de querer socar os dois e ele não conseguia entender esse instinto agressivo.

— Bom, de qualquer forma, assim que descobrir o problema da moto eu te ligo, vou dar uma olhada nela já. — Concluiu Gabriel assim que terminaram a burocracia.

— Certo. É Gabriel, né? — Alan confirmou enquanto Arthur caminhava em direção à Ranger.

— Isso. — Respondeu tentando não demonstrar animosidade e caminhando com eles até a porta da loja.

— Aquela Mirage ali é sua? — Foi Arthur quem perguntou, indo alisar a capa do tanque como quem testa a textura de um bom trabalho de arte.

— É sim. — Gabriel não conseguia relaxar com o sujeito, a voz dele parecia sempre transmitir alguma agressividade.

Já na picape Alan chamou Gabriel.

— Você gosta de Rock e Heavy Metal, não é? — Ele se voltou para Arthur. — O que acha Art?

— Pega aí um convite. — O loiro respondeu.

— Olha só bro, conhece a Feira da Lua né? — Alan se referia as feiras noturnas que aconteciam semanalmente em Londrina, sendo em um local diferente cada dia da semana, uma feira com barracas de hortifrutigranjeiros, de comidas variadas e artesanatos locais. — Nós temos nosso festival também, com barracas de comida e tudo, claro que mais fechado e com menos frequência. Para dar uma diferenciada pensamos em um nome, Festival de Selene. Teremos umas bandas legais por lá, vai muita gente, umas garotas gatas bro... Tem uns caras bacanas também, sei lá... Enfim, aparece.

Gabriel achou graça do comentário de Alan. O asiático tirou um convite do porta-luvas e entregou para ele.

— Caramba cara, valeu mesmo. — Gabriel estava sem graça por ter feito mal juízo dos dois e pensou em algo, precisava espairar e queria, ou ainda não tinha certeza, mas iria tentar, um relacionamento com Beatriz. — Por mais folgado que seja da minha parte, posso pegar mais um convite? Eu pago, se for o caso.

Arthur fez um meneio para Alan e deu partida na Ranger.

— Leva a guria. — Alan piscou para Gabriel e sorriu com ar de cafajeste.

Os dois partiram.

Gabriel ficou algum tempo encarando os convites até tomar coragem. No papel a gravura de uma lua azulada e a data em prateado, 20 de maio. Seria naquela sexta-feira. Ele pegou o celular e ligou para Beatriz. O telefone tocou até cair na caixa-postal. Gabriel ponderava se ligaria novamente quando viu que o tio dentro do Corsa branco estacionado do outro lado da rua.

Alex desceu e foi até o sobrinho.

— Quem era? — Perguntou se referindo aos rapazes da picape.

— Clientes novos, não tinham cadastro. Eles deixaram uma Boulevard M800, parece que é o motor. — Ele falou em tom desanimado imaginando o trabalho que daria para achar o problema. — Ah o cadastro está no nome de Alan... Yamamoto. — Completou seguindo o tio para o escritório.

— Você fica encarregado da moto então. Vamos ver como se sai. — Alex checou o cadastro. — É, você aprendeu bem, o cadastro tá certinho.

— Valeu. — Gabriel disse já na porta do escritório. Quando ia sair, o tio o interrompeu.

— Você está bem, Gabe?

— Tudo em ordem tio, tudo em ordem. — Ele não queria entrar no assunto, só esquecer. Procurar Beatriz e esquecer.

— Bom, sabe que pode contar comigo, não é? Já ia esquecendo de te perguntar, como está o Edu?

— Meu pai? — Gabriel não conseguiu disfarçar o ar de indignação. — Não sei dele não tio. Por que saberia? E nem quero. — Terminou com um sussurro voltando para a oficina.

Gabriel passou a tarde sem conversar com ninguém, apenas concentrado na Boulevard. Ela tinha alguns problemas além dos que Alan relatara. Teria que limpar o carburador, checar os bicos injetores, e depois de algum tempo teve certeza que teria que mexer no motor. Iria precisar de ajuda para essa parte, mas conhecia bem o resto.

Enquanto mexia na moto ele viu Pedro consertando uma DragStar. As memórias vieram sem freio, foi com uma XVS 650 DragStar, que Eduardo começou a ensinar Gabriel sobre motos. O relógio digital na parede marcava 17:22 e Gabriel não aguentava mais ficar na oficina.

Ele limpou um conjunto de peças, deixou a bancada onde trabalhava organizada para a quinta-feira e foi embora sem se despedir de ninguém.

Chegou em casa repassando a conversa com o tio. Algo no ambiente ao redor de sua casa passou a incomodá-lo. Gabriel entrou no galpão farejando o ar, sentiu apenas a mistura dos cheiros de gás carbônico que a moto soltava com o característico perfume do lugar. Pensou no quanto suas telas poderiam ser

maltratadas por aquela fumaça, ou em que talvez isso fosse uma resultar em uma mistura interessante.

Por um momento ponderou sobre suas pinturas e então desanimado percebeu que não ligava tanto. Abriu as ventarolas no alto das paredes para arejar o ambiente e subiu para o apartamento.

Gabriel parou na sala e farejou o ar do lugar como um cão desesperado. Por algum motivo ficou muito frustrado ao não perceber nenhuma nuance no ambiente, nada, quase não notava o cheiro do próprio apartamento e isso era incômodo.

Furioso voltou para sua moto *cruiser* e saiu. Queria ir para algum lugar que o acalmasse e acolhesse, pensou na mãe e decidiu esquecer-se dela.

Quando chegou ao prédio de Beatriz o peito doía vazio. *Não. É mais que vazio...* Ele sentia uma dor o consumindo, fazendo um buraco em sua alma. Ao avistar a jovem de cabelos loiros e traços nórdicos atravessando a rua, Gabriel esqueceu-se de tudo e foi preenchido pelo cheiro da pele de Beatriz.

Ele desceu da moto e tirou o capacete. Quando se aproximou de Gabriel ela sorriu, o ar era de surpresa, mas logo mudou para um sorriso sem graça.

— Beatriz, eu... — Ele começou falando, mas foi interrompido por um beijo de Beatriz.

— Me chama de Bia, gato. — Ela o puxou pela mão.

Gabriel não percebeu nada, só notou a consciência voltando a si quando já estavam entrando no apartamento dela. Foi como ir em um transe de puro desejo. Sem nenhum pudor, ele rasgou as roupas de Bia que só se excitava cada vez mais com o gesto selvagem do parceiro.

Eles transaram ali mesmo no tapete da sala, ao som de um rádio tocando em algum dos apartamentos à volta. Antes de continuarem, Bia trouxe uma garrafa de conhaque e dois sanduíches.

Comeram nus, sentados no chão. Ela contou um pouco sobre seu dia e pediu desculpas a Gabriel por não ter atendido a ligação dele antes. Depois disso, terminaram a garrafa e transaram novamente. Mantiveram o ritmo variando entre beber vinho, vodca, rum e fazer sexo, até que os dois não aguentaram mais.

Gabriel não conseguia sentir a si mesmo, nunca estivera tão entorpecido de prazer, e ainda que fosse agradável, sentia-se vazio. Completamente vazio. Pensou em pedir a garota em namoro, em dizer-lhe que a amava, mas olhado nos olhos de Beatriz ele não conseguiu articular as palavras. Em resposta à contemplação, Bia o beijou longamente e se desvencilhou dele indo para o banheiro. Gabriel adormeceu ali, no tapete da sala.

Uma lufada de vento passou pelo corpo nu de Gabriel. Ele acordou sobressaltado, a cabeça girando a vista turva, o cheiro doce de Beatriz marcado em

seu corpo misturado ao perfume de álcool e um odor que ele não conseguia distinguir ao certo. As costas ardiam, a pele incomodada pelo tapete e por vergões, que ele sabia, terem sido feitos pelas unhas da garota.

Ele se levantou e caminhou, trôpego, até o banheiro. A casa jazia em um silêncio sepulcral. Gabriel lavou o rosto e buscou por Beatriz. Ela não estava em parte alguma, sem bilhetes, sem resquícios da garota. Gabriel não quis bisbilhotar as coisas dela, por isso não olhou vasculhou à fundo os cômodos. Bastou ter certeza de que ela não estava no apartamento. Ele foi até as roupas jogadas na sala e se vestiu. Pegou a cruz que jazia no sofá e a encarou lembrando-se de Treze Tílias, da mãe, do vento que o acordou.

Não queria pensar mais nessas coisas, queria seguir a vida como antes.

Notou que a porta do apartamento estava entreaberta, a luz alaranjada do corredor oscilava. Gabriel vestiu a jaqueta e buscou o celular no bolso. Abriu a porta com cuidado. O corredor estava vazio, o silêncio caíra sobre o prédio todo.

Ele olhou as horas, 05:05 da manhã.

Ali parado na porta o jovem ligou para Bia. Tentou três vezes, mas nada. Um arrepio percorreu a nuca ao se lembrar dos três homens que atacaram Beatriz. *Mortos.*

Ele resolveu andar até o elevador, mas antes fechou a porta e percebeu que era do tipo que trancava ao ser batida. Caminhou com cautela. Por algum motivo a cada porta que passava sentia-se apreensivo. O elevador demorou a subir, mas estava vazio, sem sinal algum da garota. Preocupado Gabriel tomou as escadas, indo até o subsolo, ainda que não quisesse dar ouvidos aos instintos, naquele lugar já havia se sentido desconfortável uma vez e pensou que talvez fosse uma quase premonição.

Uma goteira insistente pingava em algum lugar da escuridão, os carros parados pareciam testemunhar o jovem em busca de Bia. Gabriel sabia que estava sendo observado de algum lugar. O frio na espinha o fez se lembrar-se do ataque no cemitério, do corpo da moça que não salvara. *O assassino sabe que falei com a polícia?*

Por que deixara isso passar assim? *Não avisei nem meu pai, ou meu tio.... Baixei a guarda.* Pensou se lembrando do boxe, de sua mãe, e o vazio cresceu em seu peito. Não sabia porquê, mas era incomodo pensar em sua mãe.

— Eu esqueci ela. — A voz do vento sussurrou, fazendo Gabriel sobressaltar-se.

O celular tocou. Era Bia.

— Desculpa ter que sair assim gato. Precisei resolver algo.

— Bia, onde você está? Não quer conversar? — As palavras saíram meio moles, ainda estava entorpecido pela noite de prazeres. — O que estou fazendo de

errado?

— Gabriel... — Era a primeira vez que a ouvia pronunciar seu nome daquela forma. — Eu sou uma garota complicada só isso. A gente se vê por aí.

Antes que ele pudesse falar qualquer coisa Bia desligou e ele sabia que era inútil tentar o celular dela novamente.

Ele caminhou para fora do prédio, esperou o porteiro abrir o portão e foi até a Mirage do outro lado da rua.

A noite estava fria.

Gabriel puxou o ar revigorando-se. Gostava daquele clima, da neblina que cobria as ruas, mas queria ver a lua, não sabia porque, no entanto, não ver a lua o incomodava. Acalmou-se quando notou o brilho do corpo celeste por entre as nuvens, era o suficiente. Fechou a jaqueta e esfregou o peito para esquentar um pouco, depois soltou o capacete da corrente na *sissy bar*, montou na moto e partiu.

XIII — DONOVANS

Alex Donovan terminou de fechar a oficina e esperou até as sete da noite. Aquela quarta-feira estava fria e o céu nublado prenunciava uma noite de neblina. Alex conhecia bem o clima da cidade.

Ele foi até os fundos do prédio, na sala de estoque onde somente ele podia entrar. Abriu a primeira porta e caminhou por um corredor de prateleiras com caixas trancadas. Foi até o alçapão nos fundos do cômodo e destrancou o cadeado.

A caixa negra estava lá dentro, com um D feito de prata cravado na tampa. O velho Érico gostava desse tipo de coisa. Alex passou a mão na tampa lembrando-se do pai e da habilidade que ele tinha, uma diferente da dos filhos, a habilidade de forjar. Enquanto Eduardo e Alex eram guerreiros, *einherjar*, pertencentes a uma seleta classe de humanos com capacidades além do comum, Érico fora em vida um *goibenturk*, um Ferreiro Celeste, membro de uma tradição fragmentada.

Infelizmente Érico nunca conseguira atingir seu potencial máximo, porém deixara um legado para seus filhos. O achado de sua juventude, a herança perdida dos O'Donovan, ficara para o filho mais velho; enquanto o trabalho de suas próprias mãos fora um presente para o mais novo.

Alex abriu a caixa revelando um interior compartimentado. De um lado duas Colts e quatro cartuchos. Do outro, duas longas adagas dispostas lado a lado, guardadas em bainhas negras bem trabalhadas. Alex pegou uma das adagas e revelou a lâmina.

— É velho Érico, quem dera eu pudesse fazer belezas assim. — Guardou-a de volta na bainha. Prendeu as duas adagas no cinto.

Pegou as pistolas e ajeitou-as no coldre axilar fechando a caixa em seguida. Vestiu a jaqueta, uma peça preta de couro toda surrada, com três costuras na manga esquerda, onde fora, há muito, rasgada pelas garras de um *warg*.

Devolveu a caixa para o alçapão, fechou e saiu do estoque trancando a porta. Caminhou pensativo até a moto coberta por uma lona, removeu o tecido pesado e o jogou no chão, revelando uma Shadow VLX preta com relâmpagos azuis pintados pelo corpo da moto.

Alex olhou o relógio na parede da oficina. 19:22. Era hora de encontrar o irmão. Segundo Albert, Eduardo sairia às oito de casa, dessa vez ele não iria interrogar o irmão. Deu partida na moto e deixou o motor roncar um pouco, abriu o portão e a tirou para a calçada. Voltou para pegar o capacete, trancou tudo e partiu.

O galpão da família trazia memórias conturbadas a Alex, por isso o evitara por tanto tempo. Ao contrário do irmão, ele não tinha o espírito de um guerreiro nato, foi construindo sua capacidade com os anos, um processo psicologicamente doloroso para um garoto que nunca gostara de matar. Com a vida, Alex descobriu que era bom no que mais detestava, violência. Ele desligou a moto e respirou fundo. Os sentidos atentos às redondezas. Tudo calmo.

Bateu na porta do galpão algumas vezes antes de ter uma resposta. A luz lateral do prédio foi acesa. Alex deu a volta e foi para a ruela entre o galpão e uma loja. Era um beco usado para descarregar caminhões. Do lado do galpão ficava uma escada de metal que levava a uma porta de madeira iluminada por uma lâmpada acima do batente.

Alex já estava diante de porta quando Eduardo a abriu e encarou o irmão com certa surpresa.

— O que está fazendo aqui?

— Caramba, não é à toa que vocês vivem brigando. — Alex empurrou a porta e encarou o irmão mais velho. — O que aconteceu contigo?

Eduardo tinha olheiras profundas, como se não dormisse há dias. A pela branca, os olhos injetados claramente sensíveis a luz.

— Veneno de *ghoul*. Mas já estou no processo final de cura.

— Caçando sem mim então... Qual seu problema? — Alex perdia o controle da raiva poucas vezes, mas ver o irmão agir de forma tão descuidada era um dos gatilhos para isso.

— As adagas que o pai fez. — Eduardo tentou desconversar, mas viu que não seria tão fácil. Resolveu ser direto. — Eu não fui sozinho. De Angelis estava comigo, hoje eu vou encontrar ele para seguir uma pista.

Alex fechou a porta e foi até o sofá. O cômodo, misto de quarto e sala que ele conhecia tão bem, estava do mesmo jeito. O velho sofá de couro marrom, a estante de livros, a cortina fazendo vezes de porta para a cozinha.

— Só fala.

— Eu ainda não sei o que ele quer Alex. Acho que é uma pista sobre Natasha.

— Sempre o patrulheiro solitário. De Angelis era seu parceiro, um humano normal, virou um desperto depois que salvamos a vida dele. Vocês sobreviveram a um *ghoul*. Isso não é normal... O que? — Alex estranhou a feição de Eduardo.

— Esse *ghoul*... eram quatro *ghouls* na verdade, descobrimos um ninho, um *strigoi* ou um demônio está por trás disso.

— Chega Edu, isso está ficando cada vez pior, eu consigo ver onde tudo isso leva. Ao caso que a Natasha investigou, a tudo isso... você precisa falar com o Gabriel cara, você tem que contar a verdade pra ele, toda a verdade.

— Como ele está?

— Distante, deprimido, desperto.

— Desperto?

— Sim, os sentidos dele estavam conectados novamente, ele podia ver e entender o mundo brumoso, como costumávamos dizer. Ele está perto de mudar novamente, ele pode virar um *warg* Edu.

— Não, ele não vai. E não é hora para isso. — Eduardo passou os dedos em suas cicatrizes. — Preciso verificar umas coisas. Primeiro vamos até o Deodoro. Depois encontrar o De Angelis, será bom ter você por perto. De volta a caçada, irmão?

— Os Donovan nunca pararam. Foram só longas férias. — Ele piscou com o velho sorriso assassino nos lábios.

Os irmãos riram e logo Alex estava de pé. Eduardo se armou, pegou a espada e atou às costas como antes. Tanto sua espada como as adagas de Alex pareciam ter a propriedade de se camuflar a vista de humanos comuns. Algo que os irmãos aprenderam com o tempo, mas nunca entenderam como ou porquê.

Alex saiu pela porta e esperou o irmão do lado de fora já sentado em sua moto.

— Pensei que tinha vendido essa Shadow. — Eduardo disse parando a 750 ao lado do irmão.

— Você tá de brincadeira né? Edu, essa vingança não é só sua. Não vou abandonar a caçada até tudo estar encerrado. — Alex colocou o capacete.

Eduardo fechou o cenho, baixou a viseira e acelerou sua Shadow 750 sendo seguido de perto pela Shadow VLX do irmão.

Assim que chegaram na loja de Caça e Pesca, Alex sentiu um arrepio forte. As cicatrizes no braço esquerdo arderam como brasa por alguns segundos e pararam, mas foi o suficiente para ele afogar a moto enquanto estacionava.

— Você está bem? — Eduardo questionou removendo o elmo.

— Sensação ruim. Espero que Deodoro esteja bem. — Alex verificou as adagas e deu uma boa olhada em volta.

A noite estava silenciosa, como se todos soubessem que uma tempestade viria e por isso se escondessem em suas casas, seguros, protegidos. Em noites assim, Alex e Eduardo não se escondiam e embora não gostasse da violência, ele sorriu para o irmão mais velho, saudoso dos tempos de caçada.

A loja estava fechada, mas as luzes acesas. Assim que pararam diante da vitrine puderam ver Deodoro guardando algumas varas de pescar e vindo até a eles. O

velho desligou as luzes e abriu a porta deixando que os dois entrassem.

— Nos fundos rapazes, nos fundos. — Ele pediu olhando para os lados e trancando a loja em seguida.

Já no cômodo do andar de cima, o mesmo lugar onde Eduardo estivera há mais de uma semana, Deodoro começou a falar.

— Estão atrás do seu menino. Eu sei disso, e de todo *warg* que anda nessa cidade.

— Do que você está falando? — Eduardo ficou furioso. A menção de estarem caçando seu filho, de *wargs*, de talvez Deodoro querer insinuar que Gabriel fosse um, tudo aquilo o tirou de si e foi Alex que interveio.

— Ei. É o Deodoro cara. — Alex ficou entre os dois. — Eu senti o perigo, o que aconteceu?

— Caçadores. A Sociedade *Muninn*. — Ele coçou o rosto onde uma barba sem fazer crescia grisalha. — Estão atrás dos *wargs* que andam predando cidadãos aqui em Londrina. Nos últimos dias andei investigando usando os velhos métodos, caminhei por aí, vi e ouvi coisas. Sei da sua pequena aventura com os *ghouls* do cemitério. Ouvi falar de um ataque de lobisomem, *warg*, ou a fera que for. E seu garoto foi testemunha de um crime. Junta os pontos... A questão não é ele ser culpado, nós sabemos como os corvos agem, já agimos assim. Eles vão investigar ele, uma vez tendo sangue dos *Vaettir*, vão matá-lo.

— Ou tentar... — Eduardo interrompeu. — Uma coisa de cada vez. O que você sabe sobre ataques de *wargs* e sobre lobisomens na cidade?

— Edu... — Alex não conseguia se conter. O irmão que tanto admirava, o homem diante dele, estava mais preocupado com a vingança do que com o próprio filho. — Cara, faz o que bem entender, eu te ajudo. Mas hoje você fala com o Gabe.

A fúria nos olhos de Alex deixou o irmão mais velho surpreso, mas não menos convicto das próprias intenções.

— Faz algum tempo já que eu desconfio de pelo menos uma pequena matilha de *wargs* vivendo por aqui. — Deodoro interrompeu os irmãos. — Os Donovan eram uma força poderosa contra as trevas nessa cidade, depois que... depois do que aconteceu, a cidade começou a mudar. Nós sempre desconfiamos de um *strigoi* agindo nas sombras. Natasha estava caçando todos os *ghouls* que ela acreditava terem sido criados por essa coisa. — Deodoro sentou-se na cadeira próxima a mesa. — Ainda me lembro do dia em que ela entrou aqui, com todos os caçadores da cidade armados de prata e nos convocou. Aquela sua loba era durona, Eduardo.

Os irmãos sentiram o peso das palavras do velho e amainaram os ânimos. Deodoro continuou quando Eduardo e Alex se sentaram à mesa também.

— Você não sabe ou não quer me dizer o que sua esposa encontrou. Eu entendo...

— Ela não quis me contar. — Eduardo o interrompeu. — Tinha relação com o passado dela, algo que nem ela entendia direito. Mas vou contar o que sei. Nós sempre caçamos os *strigoi* como se fossem vampiros. Eles são piores que isso. Tudo que alguns poucos caçadores já enfrentaram foram *strigoi* novos, acólitos. Os anciões entre eles são comparáveis a demônios, na verdade eles podem até ser aliados de demônios antigos. Mas, não entendo bem como isso funciona. Natasha não quis entrar em detalhes comigo. Sei que vai além de criarem *ghouls* para atacar pessoas. Muito além. Os objetivos desse um que caçávamos eram indecifráveis, mas o pior não é isso. Pode não ter relação com ele, pode ser outro caso que acabou... Por isso eu tenho que me concentrar no principal, você disse que a cidade mudou. Matilhas vieram para cá, não?

— Como se fossem convocadas. — Deodoro roçou o queixo. — Existem três territórios aqui, eu tenho certeza disso. Algumas pessoas andaram sumindo, alguns corpos encontrados pela polícia e nunca noticiados nos jornais ou na TV. Os humanos estão ignorando esses casos, mas o terror tem crescido. Eu não entendo o padrão.... Bom, há uma família no Athenas, eles são sua melhor pista. Uma família é perigosa, eles se protegem com unhas e dentes, mas a chance de comerem carne humana... é menor. — Ele tirou um mapa da cidade de Londrina do bolso. — Tome, circulei os territórios possíveis, mas tem mais. — Ele abriu o mapa. — Aqui entre São Tomas e Barcelona, eu tenho certeza que há um demônio, um *drekavac*.

— Como descobriu isso em tão pouco tempo? — Alex questionou analisando o mapa.

— Os encantados não confiam em nós. Mesmo assim eles falam, comentam certas coisas, algumas que queremos que saibamos, outras para nos despistar, mas até eles temem certas criaturas. E rapazes, eu não sei o que esses lobos estão fazendo em Londrina, mas estão aqui há anos já, eu não fui atrás sozinho, mas sempre que ouvia uma conversa ou outra gravava bem, e estão envolvidos com os encantados. Eles se estruturaram em algum tipo de sociedade por aqui.

— Isso é mais antigo do que pensa. — Alex respondeu dobrando o mapa. — Mas não vêm ao caso. E sobre meu sobrinho e os caçadores?

— Não fui o único a notar essa movimentação toda, falei isso para o enfezado aí. Alguns corvos chegaram aqui há um mês mais ou menos. E estão de olho nos encantados. Não sei bem porquê, mas o objetivo primário deles são os lobisomens.

Corvos, o nome ressoou na mente de Alex. Arautos da morte. Era a forma como todo caçador de seres sobrenaturais era apelidado, uma alcunha muito antiga remetendo a ideia dos pássaros que se alimentam dos corpos deixados por uma

batalha sangrenta. Porém, de fato esse era um título entre os membros da Sociedade Muninn, uma sociedade que remontava a Alta Idade Média.

— Há algumas noites houve um ataque, um que se desviou um pouco dos padrões que analisei. Três homens foram mortos por um lobisomem solitário. Os corvos podem achar que é uma presa fácil, eu acharia. — Deodoro coçou o queixo e se recostou na cadeira.

— É tudo? — Eduardo pegou o mapa e se levantou.

— Basicamente sim, posso continuar procurando mais...

— Não. — Eduardo interrompeu Deodoro. — Se os corvos estão envolvidos, deixa isso para lá. Daqui eu e meu irmão assumimos.

— Tá certo. — O velho ergueu os braços em sinal de rendição. — Só tomem cuidado rapazes.

— Obrigado Deodoro. — Alex se ergueu e apertou a mão do velho caçador. — Tome cuidado meu velho.

O dono da loja de Caça & Pesca anuiu um sim e se levantou para guiar os irmãos até a saída.

Já nas motos, Alex esperou Deodoro voltar para dentro do prédio e trancar a loja. Respirou fundo e deu um soco no braço de Eduardo.

— O que tá acontecendo contigo cara?

— Só não quero que ele morra Al. — Edu colocou o capacete. — Isso foi perigoso antes. E é um assunto dos Donovan.

Alex não disse mais nada. Ficou pensando no sobrinho enquanto guiava sua Shadow. Ele sabia que precisava convencer Eduardo a falar com Gabriel, ou logo o sobrinho estaria perdido, entregue a uma fúria assassina, entregue a loucura que o homem pode impregnar no lobo. Os irmãos Donovan seguiram pela noite, lado a lado até o Bar da Luna.

Do outro lado da rua, na contramão dos dois, estava estacionado um sedan preto, já conhecido de Eduardo. O Taurus que De Angelis dirigia. O policial piscou as luzes, e em resposta Alex jogou a luz alta da moto no carro. O investigador teve que tampar os olhos por alguns segundos até que Alex desligasse o farol.

— Vamos segui-lo. — Avisou Eduardo, quando o carro deu partida.

— Não gosto disso. — Gritou Alex para além do capacete.

Quando o sedan preto passou por eles, os irmãos viraram as cruisers, sincronizados, e seguiram, lado a lado, atrás de De Angelis. Rodaram pela cidade até afastarem-se do centro e entraram em um bairro mal iluminado e silencioso.

O investigador diminuiu a velocidade de tal forma que os dois irmãos puderam andar devagar o suficiente para notarem as casas e prédios locais. Era uma zona

primariamente residencial, com um ou outro comércio de pequeno porte. As casas estavam fechadas, as luzes dos postes oscilavam, o silêncio jazia por toda parte.

Munidos de sentidos sobre-humanos, os irmãos Donovan sabiam que magias antigas pairavam por ali, só não compreendiam sua natureza. Ambos trocaram olhares, era instintivo a forma como se preparavam para o combate. Fazia anos que não ficavam lado a lado em uma situação como aquela e mesmo assim já estavam preparados e conscientes um do outro. Como sinal disso os movimentos com as motos começaram a se mostrar ensaiados, guinando, virando, e desacelerando juntos.

De Angelis entrou em uma viela e estacionou o carro. Ao longo daquela calçada haviam casas e prédios, todos com luzes apagadas, aparentando estarem vazios. Os irmãos pararam as motos atrás do carro e desceram de prontidão. Prenderam os capacetes nas motos e esperaram o policial descer do carro. Do outro lado da rua havia um prédio claramente concebido para ser um comércio, porém inacabado, a fachada ainda toda em concreto. Onde talvez pudessem colocar duas grandes vitrines haviam tapumes grossos, as janelas do segundo andar todas tampadas por madeira e a porta, destoando de tudo, era de metal e parecia bem conservada.

Eduardo e Alex sabiam que aquele prédio era seu destino, eles podiam sentir.

O investigador desceu do Taurus munido de lanterna e um molho com chaves grandes e antigas.

— Muito bem rapazes, eu tive que convencer algumas pessoas, mas vai ficar tudo bem, vocês estão sob minha proteção a partir de agora.

Os irmãos se entreolharam.

— Antônio, o que está acontecendo aqui? — Eduardo puxou a arma de prontidão deixando o braço abaixado em espera, buscando com o olhar por algum sinal de perigo à volta deles.

— Me avisaram sobre seu temperamento de caçador, como se eu não te conhecesse. Pode ficar com arma se isso te faz se sentir melhor, mas não vai precisar dela enquanto vier em paz.

Atravessaram a rua e De Angelis escolheu uma das chaves no molho, enfiando-a na fechadura e girando. A sensação que se seguiu foi como a de sair de uma piscina, embora nada houvesse mudado ao redor deles, sentiam que algo havia mudado no próprio bairro, com se aquele já não fosse mais o mesmo lugar. Os irmãos sabiam que forças antigas operavam ali.

O investigador abriu a porta revelando um salão mergulhado em escuridão. Acendeu a lanterna e esperou que entrassem para então trancar a porta.

Uma chama amarelada acendeu em um canto do vasto salão. Era um tambor com uma fogueira dentro. Ao lado dele estava Albert, os sapatos bem lustrados e vestindo calças verde musgo, suspensórios, e uma camisa xadrez de flanela cinza e

preta. Os cabelos ruivos com manchas grisalhas pareciam coruscar à luz da chama do barril.

— Bom, bom, finalmente chegaram. — Ele caminhou em direção aos três.

Eduardo guardou a arma em sinal de paz.

— Isso está ficando intrigante. — Brincou Alex. — Você só me pôs à par do que meu irmão estava aprontando para que eu viesse também né? Seu duende safado.

— Leprechaun. — Corrigiu Albert com o dedo em riste. — Um nome antigo de nosso idioma que vocês, seus celtas ingratos, roubaram e usaram como bem entendiam inventando sobre duendes sapateiros.

Os dois deram as mãos.

— Tenho que admitir que é bom ver vocês reunidos. — O *leprechaun* afirmou com um sorriso selvagem no rosto. — Mas quem nos queria aqui mesmo era ele, então vamos ao que interessa.

Apontou para De Angelis que mirou o facho da lanterna para uma das paredes e depois para o chão revelando uma escada que levava ao subsolo. Assim que deram um passo em direção a escada, os irmãos sentiram os pelos da nuca arrepiarem, vários pares de olhos brotaram na escuridão.

Eduardo perscrutou as sombras e conseguiu discernir vários sem teto. O mais estranho era esse surgimento do nada, como se antes eles estivessem alheios a presença daquelas pessoas ali. Um grupo de seis estava agora esquentando as mãos em volta do barril quebrando o silêncio do lugar em sussurros de uma conversa tímida, como se não quisessem serem ouvidos inteiramente pelos quatro visitantes.

De Angelis continuou até a escada descendo calmamente enquanto era seguido pelos Donovan e por Albert.

Assim que chegaram no subsolo dois pequenos braseiros dourados, colocados em um pedestal, acenderam-se com uma súbita faísca vermelha. As chamas eram tímidas, levemente alaranjadas e tornaram a sala aconchegante, porém parcamente iluminada.

Instantes depois outros três braseiros irradiaram luz. Estes estavam curiosamente pendurados no teto como castiçais, eram diferentes, maiores e com a base formada por quartzo puro. Suas chamas crepitaram douradas para logo se tornarem brancas iluminando a sala toda, revelando um espaço pequeno com um quarto de tamanho do andar superior ou menos e com o aspecto de uma sessão de arquivos.

— Tem café quente e uísque na mesa. — De Angelis disse desligando a lanterna e tirando o casaco para pendura-lo no mancebo de madeira ao lado da mesa.

Prateleiras de metal com livros, arquivos e caixas catalogadas formavam cinco corredores pelo cômodo. O corredor do meio, mais largo, tinha uma mesa com seis lugares. Ao lado da escada estavam o mancebo com o casaco do investigador e uma mesa longa com uma cadeira de espaldar alto, sobre a mesa jaziam uma máquina de escrever, cadernos de anotação, canetas e utensílios além de uma garrafa de café com oito canecas ao lado e uma garrafa de uísque.

— Que lugar é esse? — Eduardo perguntou ainda surpreso. — O que aconteceu com você?

— Ora essa. — Albert retrucou incrédulo enquanto se servia de café e acrescentava uísque na caneca. — Ah café irlandês, meu favorito, mas falta creme... Eduardo você não está tão surpreso assim está? Ele é um desperto, qualquer coisa poderia acontecer, e aconteceu que nós o escolhemos, bom, as forças que nos habitam o escolheram.

— Eu sou o que os encantados... os *daerhines* chamam de *Hodjak Seidr*. É o mesmo que um arquivista, contista. Eu escrevo as coisas que acontecem, arquivo, mantenho o conhecimento aqui.

— Certo... — Alex estava inquieto. Havia mais, muito mais. Ele sempre fora mais sensível para a magia antiga do que seu irmão que desenvolvera mais o lado físico. Eduardo era um guerreiro incrível, enquanto Alex tinha os sentidos aguçadíssimos. — E aquela porta ali?

Apontou e assim que o fez, a parede no fim da sala se desfez como se fosse feita de brumas dando lugar a uma grande porta dupla de ferro, com um urso desenhado em alto relevo.

Albert e De Angelis trocaram olhares surpresos e o *leprechaun* riu alto.

— Os homens certos para o caso.

— Sim Albert, certos demais. Aquilo meus amigos, não é a questão e somente a pessoa certa pode abrir aquelas portas. — De Angelis ajeitou os óculos e estendeu a mão para a porta. O urro de um urso preencheu a sala e logo ela sumiu da vista dos irmãos. — Desculpe, mas deixem esse assunto para os encantados, sim?

— A pessoa certa? — Alex franziu o cenho.

— Nós não... — De Angelis ia concluir, mas foi interrompido por Alex.

— Alguém terrivelmente perigoso nos espreita na escada.

Em sintonia os irmãos Donovan se puseram em postura de combate, foram segundos apenas e Alex já estava com as adagas em mãos, o metal das lâminas vibrando, ansiosas pelo combate. Eduardo empunhou a *Bhíoma Gréine* com a lâmina refulgindo e crepitando em faíscas douradas.

Foi como se o tempo parasse, ou passasse lentamente. Os irmãos, estáticos, viram um homem no topo da escada, um vulto que se moveu como o vento, quase como feito de areia e vento.

O homem passou por eles em um instante, e então, do outro lado, se revelou por completo.

Era um maltrapilho, descalço, a pele negra, as calças jeans rasgadas, sem camiseta vestindo apenas uma jaqueta jeans velha. Os cabelos eram dreadlocks pretos e grisalhos, a barba curta e desgrenhada, os olhos vermelhos, as unhas longas e amarelas de um predador, os dentes afiados. A visão completa de sua forma permaneceu por um instante apenas, um vislumbre. Deixou que os irmãos o encarassem quando passavam entre eles e logo se desfez como uma ilusão para ir parar próximo a parede onde antes Alex havia vislumbrado a porta dupla.

— Guardem essas armas crianças. — O sujeito bradou. — Não quero matar vocês. Vim com um aviso.

— Está tudo bem. — De Angelis tentou acalmar os ânimos. — Esse é Bruno, ele protege o andar de cima e seus moradores.

— Não me interessa que merda ele faz. — Alex rilhava os dentes. — Edu, minhas cicatrizes ardem feito brasa, esse sujeito é problema.

Alex preparou as adagas em posição enquanto seu irmão mirava o adversário com ódio advindo da frustração. Eduardo tinha uma vingança a concluir e odiava cada segundo que algo ou alguém entrava em seu caminho adiando seus planos. De Angelis tentou interromper o embate, quando as luzes oscilaram por um instante e Bruno desapareceu.

— Pelo menos o garoto Érico ensinou vocês a diferença entre o bem e o mal, além de garantir que saibam o que é realmente perigoso. Mas, o mais novo não tem um pinga de inteligência e o mais velho não sabe o que é juízo. — A voz de Bruno vinha de toda parte. — De Angelis trouxe vocês aqui contra minha vontade, mas a favor dos encantados e dos humanos dessa cidade. Entretanto, todos estaremos perdidos se o lobo negro morrer e virar um demônio. E ele já matou, ele se transformou antes e agora novamente, ele matou para proteger, mas logo matará pelo sangue.

O silêncio que seguiu foi sepulcral, desconfortável, como a ausência do fôlego antes de sentir a tempestade sobre as cabeças. Do lado de fora Londrina se tornara mais fria.

De Angelis olhou de forma repreensiva para os irmãos, que guardaram as armas em resposta. Ele tirou os óculos, limpou as lentes e pegou uma caneca de uísque para si.

Passada a tensão, Alex caminhou até as caixas catalogadas. Não conseguia ler as runas, e sabia que não eram marcas nórdicas, lembravam um pouco os traços do *oghan* celta, entendia que se tratava de outro dialeto. Talvez uma mistura. Os livros estavam com lombadas em português e alguns eram compêndios escritos a

máquina, com o nome na folha capa. Pegou um nas mãos e colocou sobre a mesa entre as estantes. Na folha capa se lia “Sociedade *Strigoi*”.

— O que é isso? — Ele questionou enquanto folheava.

— Isso é algo em que estou trabalhando com De Angelis. — Albert disse, puxando uma cadeira e colocando um copo de café com uísque na mesa para Alex. — Eu sou um dos mais velhos que vivem nessa cidade, ainda assim conhecia pouco de nossos mistérios antes de muitos segredos serem perdidos para aquelas duas estúpidas guerras. De Angelis e eu estamos tentando reunir informação. Como ele disse é parte do trabalho dele, mas tem mais nisso, eu vislumbrei o futuro. Essa cidade está condenada a menos que façamos algo e para começar, seu irmão aí precisa desistir da vingança dele.

— Você só pode estar de brincadeira seu duende desgraçado. — Eduardo explodiu. Ficara calado tentando conter sua ira, não gostava daquele lugar, não gostava que ficassem lembrando o tempo todo que ele era um guerreiro da luz, ele não era mais, não depois que sua luz se apagara. Eduardo era agora um espírito da vingança, fadado a esperar a hora certa e a hora chegara, não deixaria que o detivessem. — Pague sua dívida comigo De Angelis, nós não vamos ficar brincando de campeões da luz, eu te ajudei com aqueles *ghouls* porque atacaram Gabriel, eles foram postos de prontidão para isso, estão no meu caminho. Fale!

Eduardo não podia mais se conter e o que o incomodava não era a espera, era que estando ali reunido com aqueles três, cada fibra de seu ser o fazia se lembrar de sua missão sagrada, de Natasha e seu senso de dever, de como isso a mantivera viva e poderosa, de como a matara e ruína a vida de Eduardo e Gabriel. Ser um *einherjar* se tornara doloroso, quase uma maldição para ele.

— Certo. — De Angelis respirou fundo e colocou os óculos caminhando até uma prateleira próxima da mesa. — Desde a morte de Natasha, tenho feito minhas próprias pesquisas sobre o “Mundo Brumoso”. Sabem do que estou falando, a realidade por trás da negação humana. — Ele olhou de soslaio para Eduardo que se aproximou da mesa. — Pois bem. Com isso acabei reunindo tudo que pude e arquivando aqui e ali, mas o que importa são os padrões que encontrei e esse livro aí Alex, tem certa relação com isso.

O investigador pegou mais dois encadernados e de uma caixa tirou um mapa da cidade.

— Comecei pelos *ghouls*. Embora o que tenha tentado me matar tenha sido um demônio, me lembro que haviam *ghouls* naquela caverna. Eles estavam juntos. Você e Natasha não quiseram falar comigo a respeito disso naquele dia, mas a Caçadora me procurou depois. — De Angelis engoliu em seco ao ver a ira nos olhos de Eduardo. — Ela me pediu que pesquisasse esses *ghouls* para ela e foi assim que começou meu interesse pelo ocultismo. Semanas depois ela me pediu

para parar, eu não tinha encontrado nada de concreto ainda, não sabia com o que lidava e então, bom. Um mês mais tarde aconteceu a tragédia. Como vocês foram embora depois da morte dela, eu comecei a pesquisar por conta própria. O que me tornei depois disso foi o que já ouviram. Como guardião de tradições e cronista dos encantados, certos poderes brotaram em mim, a capacidade de seguir certas... pistas do destino. Foi assim que voltei aos *ghouls*, investigando tudo que pude. Vocês combatiam um *strigoi*, não precisa esconder de mim, um *strigoi* que comandava *ghouls*. Um que fez aquele demônio possuir um corpo e quase me matar, mas os motivos dele estavam nublados para vocês e principalmente, a relação entre ele e os *wargs* que mataram Natasha.

— Não foram *wargs*. — Eduardo respondeu, pegando a garrafa de uísque e uma caneca, continuando a falar depois de voltar para a mesa. — Foram dois lobisomens.

De Angelis e Alex encaravam Eduardo com surpresa, Albert sorria bebericando seu café irlandês.

— Como sabe... a pelagem?

— Sim. Por mais que alguns *wargs* disfarcem, a decadência vem até eles, não são como lobisomens, são monstruosos e deformados, muitos com a face cadavérica. Esses eram lobisomens. — Eduardo enfiou a mão na jaqueta e jogou uma foto sobre a mesa. Um glifo em uma árvore. — O mesmo símbolo que Gabriel e você viram noites atrás. Mas não foi um *ghoul* que fez isso.

— Eu sabia. — De Angelis abriu um dos encadernados. — Um desses símbolos, diferente em forma, mas similar em natureza eu tracei até a Hungria. Há uma história sobre um bruxo que por lá matou muita gente, controlava *ghouls* e exterminou uma alcateia de lobisomens...

— Matilha. — Eduardo corrigiu. — Em português eles usam matilha, como cães de caça.

De Angelis tirou uma caneta do bolso e anotou algumas palavras na página.

Alex entendeu o que se passava. Natasha era o ponto fraco do irmão, sempre fora. Ao descobrir que ela confiara uma investigação tão importante à De Angelis, Eduardo se deu por vencido, mas Alex sabia que o irmão escondia mais, de alguma forma, como somente um caçador faria, ele estava usando De Angelis para se aproximar de sua vingança.

— Certo, uma matilha. Eles foram mortos, essa foi a única ligação que achei entre eles, mas conversando com Albert e tendo a ajuda de outros, levantamos alguns fatos. *Strigoi* e lobisomens lutam há muito tempo. Como inimigos naturais. Bom, tem algumas coisas acontecendo aqui em Londrina que podem ter relação entre si. Existem *wargs* rondando a cidade, eles estão confinados a um território. Estão no sul da cidade, ligados a uma gangue, mas não sei como, talvez um dos

membros seja um *warg*. No território deles há mortes violentas, esses caras não escondem os corpos, eles simplesmente deixam os mortos à luz para que os humanos encontrem. A polícia organizou uma força tarefa da qual faço parte porque conectaram essas mortes a outras na cidade. Não à toa, caçadores vieram para a Londrina, digo, caçadores do pior tipo, do Velho Mundo.

Albert pediu a palavra enquanto De Angelis folheava os encadernados e abria o mapa.

— Andei conversando por aí, recolhendo histórias, de humanos, despertos e encantados. Existe uma briga territorial entre as matilhas, isso faz com que se fixem mais em seus protetorados. Por isso foi fácil taçar algum padrão nos locais das mortes e comparar com o que sabemos do possível comportamento dessas matilhas. E têm mais, antes mesmo de Natasha chegar na cidade houveram duas mortes, pelo que percebemos, parecidas com essa que seu filho testemunhou, com os símbolos nas árvores e tudo mais.

— Nós achamos que há uma ligação sim, mas diferente do que suspeitávamos antes. — Albert anunciou brincando com a caneca vazia.

De Angelis abriu o mapa revelando para os irmãos Donovan marcações parecidas com as do mapa que Deodoro lhes dera, a união dos dois na mente dos irmãos preenchia muito bem o território de caça dos lobisomens e *wargs*.

— Espera. — Alex tentou puxar algumas memórias vagas. — Natasha disse uma vez que isso era antigo, foi pouco antes de vocês me excluïrem de tudo. Essa ligação, um bruxo matando lobisomens, lobisomens se matando. É meio óbvio a essa altura, mas é como uma guerra por Londrina.

— Foi o que pensei a princípio. — O investigador continuou. — Porém esse é o problema. Não batem, as ligações não batem. Esse *strigoi*, esses *wargs*, os *ghouls*. O que sabemos é que as mortes pelas mãos de *ghouls* e talvez aliados deles, seguem um padrão, um ritual. Órgãos faltando, glifos nas árvores ou na pedra e isso vem de muito tempo. Coisas meticulosas me levam ao que acabei de falar... ritual.

— Um ritual para o que? — Eduardo sabia que Natasha, no ímpeto de proteger a ele e a Gabriel, escondera muitas coisas, coisas que talvez ela só contasse ao filho quando ele crescesse. E isso sempre o frustrara.

— Ainda não conhecemos a extensão da ligação entre os *strigoi* e os demônios, não é? Nem eu sei que tipo de ser me atacou naquela noite, anos atrás. — De Angelis ajeitou os óculos pensativo.

— Um *mardröm*, se alimenta de pesadelos falando de forma leiga. — Alex soltou propositalmente e viu o olhar de Eduardo, ele sabia, o irmão fingia ajudar, mas não queria de fato dar todas as informações, mesmo uma irrelevante para o caso.

— Preciso descobrir o que esses glifos significam. — De Angelis tomou notas novamente, dessa vez em um caderno que tirou do bolso da calça. — Mas o mais importa é que aqui chegamos ao ponto crucial. Nenhum de nós pode lidar sozinho com o que está acontecendo.

— Precisamos de Gabriel. — Albert se levantou e pela primeira vez sua expressão mostrava súplica e não mais o ar jocoso de alguém que tem a sorte ao seu lado. — Ele é a chave para nos ajudar, ele pode se tornar nosso protetor.

— Vocês usaram minha esposa como sua guardiã e protetora. Ela está morta. — Eduardo virou a caneca cheia de uísque. — Vamos Alex.

Sem questionar, o irmão mais novo se levantou e seguiu Eduardo. De Angelis e Albert entenderam que a batalha ali estava perdida. Não falaram mais nada. A determinação no olhar dos Donovan era imbatível, mas antes que o velho parceiro saísse do prédio, Antônio correu até ele.

— O território dos *wargs* é muito perigoso até para vocês, passam de cinco lá. Se vão agir, ajam com cautela, sejam espertos e furtivos, e se... quando precisarem, eu ajudarei. — Ele disse ajeitando os óculos com um olhar cansado e fechando a porta do prédio assim que os irmãos saíram.

Já nas motos Alex puxou o irmão mais velho pelo ombro.

— Cara eu não estou gostando nada disso.

— De Angelis é um bom homem e Albert tem seu valor.

— Eu estou falando de você. — Alex estava furioso, cutucou o irmão no peito como se o acusasse de um crime. — O Gabe não está bem cara, eu quero que se foda esse seu jeito de mal, a Natasha não está aqui, ele precisa de alguém para guiá-lo na primeira mudança.

— Ele já mudou. Quem barrou a própria mudança foi ele, Alex. E além disso, o Gabriel é minha carta na manga.

— Ele não é um brinquete ou uma peça de xadrez, Edu. Você não pode tratar seu filho assim.

— Eu sei como criar meu filho. — Eduardo explodiu com o irmão e logo não conseguiu mais se conter. A dor era sufocante e o olho direito lacrimejou livre. — Gabriel esqueceu muita coisa, ele apagou a dor. Eu não quis que meu filho revivesse tudo novamente.

Alex fez um meneio e pôs o capacete, seguiria o irmão aonde quer que fosse.

De Angelis voltou para a sala de arquivos. Albert parecia frustrado enquanto brincava com uma moeda dourada.

— Precisamos achar a *spakona*, precisamos da magia dela para saber o que fazer. — O investigador se jogou em uma das cadeiras, desamparado.

— *Hodjak Seidr*. — Albert saboreou as palavras. — Guardiã da magia. Você tem um dever muito belo e foi bem escolhido. Não se preocupe, o que deveríamos fazer, fizemos. A Vidente das Chamas achará o caminho apropriado para chegar até nós, mas isso somente depois que despertar as labaredas em si e em quem lhe é caro. — Albert pronunciava, enquanto o reflexo dourado da moeda que agora ele girava entre o dedo indicador e a mesa, passava por seus olhos.

— Espero que tenha razão.

— Ah eu espero também caro Antônio, pois vejo corvos e tempestade, o Andarilho aparecerá. — Falou como se estivesse em transe para depois guardar a moeda e buscar mais café com uísque.

A Wild Star cinza cruzou o asfalto como um relâmpago. O motoqueiro estava sem capacete e seus cabelos grisalhos esvoaçavam com a velocidade imprimida na moto cruiser. Ele desacelerou quando chegou em um entroncamento.

— Eu sei minha amada, farei o possível, mas dessa vez, ao menos um puxão nos cordões do destino eu darei, pois é assim que deve ser. — Disse olhando para a lua.

XIV — BLACK DOG

Antes do sol raiar para a quinta-feira, Gabriel chegou em casa. A neblina nas ruas tornava Londrina uma cidade de histórias e lendas. Sem conseguir focar seus pensamentos, ele entrou em seu predinho, guardou a moto e subiu para tomar um banho. Os músculos doíam e era como estar fraco e doente. Sem se vestir ou comer ele se jogou na cama para um sono sem sonhos.

Chegou na oficina como se não tivesse vivido o intervalo entre acordar, se vestir e comer. Era como se seu espírito estivesse fora dali; adormecido, entorpecido. Mal falou boa tarde para os mecânicos, mexeu na playlist do rádio para colocar qualquer banda de Death Metal que encontrasse e tentou focar no trabalho. Ele estava irritadiço, fechado e sentindo-se mais cansado como jamais se sentira na vida. Sua força e motivação se esvaíam aos poucos.

A medida que trabalhava na Boulevard, Gabriel rememorava a noite anterior. Não fora afetado pelos efeitos colaterais do álcool, ao menos não tivera ressaca, ainda assim sabia que extrapolara. Gabriel tentava entender seu relacionamento com Bia e isso era uma das coisas que o estava deixando mais irritado. Pensou em Letícia e em como no fim das contas tinha mudado de cidade apenas para entrar em outro relacionamento onde encontrava conforto, mas ao mesmo tempo se sentia vazio. Irritado, sem conseguir focar no serviço, Gabriel simplesmente pegou o capacete e foi embora sob o olhar preocupado de Alex.

Não queria ir para casa, não queria fazer mais nada. Passou perto de uma igreja e decidiu ir até um marco de Londrina, a Catedral Metropolitana. Erigido em formato de chalé, uma construção moderna e enorme, facilmente vista de vários pontos da cidade.

Gabriel estacionou de frente para o templo, desceu da moto e recostou-se na Mirage. Ali ficou admirando o templo e pensando na vida.

— Por que vim até aqui? — Ponderou consigo mesmo. A mãe era cristã, mas não seguia exatamente uma igreja.

Foi quando se lembrou de ter ido até aquele templo uma vez quando era muito pequeno. A memória de sua mãe sorrindo e lhe dizendo algo enquanto estavam

andando por entre os bancos do templo lhe veio embaçada à mente, o rosto dela esvaecendo como uma ilusão de fumaça.

A angústia atacou Gabriel com uma mordida feroz, ele urrou para os céus fazendo força para se lembrar e então viu o sorriso de sua mãe, nítido como se ela estivesse ali.

Um trovão ressoou como uma resposta. Automático, como estava vivendo até ali, Gabriel voltou para a oficina e foi até o tio.

— Desculpa sair daquela forma, preciso pôr a cabeça no lugar. Amanhã chego de manhã.

Alex fez um meneio concordando, mas seu olhar era triste. Sem saber como responder a expressão do tio Gabriel saiu direto para sua casa. Entrou na garagem pegou uma tela e começou a rabiscar, primeiro frenético, depois calmo, ficando mais compenetrado quando uma chuva fina começou a cair na cidade.

Fez vários traços com o carvão, sem conseguir definir uma forma, até que parou e olhou para o quadro no canto do atelier. O lobo negro sem os olhos o encarando estático na pintura inacabada.

Tentou uma golfada de ar, mas era como se respirar doesse enquanto a consciência voltava a seu corpo. Os músculos doíam de outra forma agora, a cabeça girou e ele teve que se apoiar, o coração disparou e finalmente a verdadeira dor lhe veio.

Gabriel chorou, chorou a morte de sua mãe, chorou sua própria existência, e enquanto as lágrimas vertiam ele socava a parede, até que no terceiro soco ele ouviu um crack e ergueu os olhos marejados. Uma rachadura se ramificou partindo de uma pequena cavidade manchada de sangue. Ele marcara a parede com um soco.

Depois de fazer uma farta refeição Gabriel dormiu. Sonhou que rosnava e corria e quando o rádio relógio o despertou, ele acordou como se não tivesse dormido nem dois minutos.

A manhã foi a pior parte, longa e cansativa, terminando em mais frustração até que ele conseguiu achar o problema principal da Boulevard. Uma peça defeituosa trocada e agora ela roncava como nova, mas Gabriel sabia, ele ouvia e percebia pela vibração da moto que o motor precisava ser revisado.

Alan chegou para pegar a moto logo depois do almoço.

— Que ronco sinistro bro, ela está melhor do que antes.

— Mas esse motor ainda me preocupa. — Gabriel resmungou entregando um cartão que o tio lhe dera de uma oficina especializada em motores.

— Vou dar uma olhada sim bro, mas que maneira. E aí, vai no festival né?

— Ah cara, eu não sei. Não queria ir sozinho, talvez eu passe lá depois de dar uma passada no Midgard.

— Conhece o Midgard? Nunca te vi por lá.

— Fui lá só uma vez... é que eu me mudei faz pouco tempo para a cidade. — Gabriel não queria dar mais detalhes, estava ficando incomodado com a conversa.

— Ah, mas já deve ter ouvido os Selvagens. Eles vão tocar na festa, na verdade o Eric é um amigo nosso. Sabe, o baixista.

— Sei. — Gabriel lembrava bem do sujeito e de como acabaram as coisas no Midgard, mesmo assim queria voltar lá, talvez fosse até melhor ir para o bar.

— Além disso o bar vai fechar cedo. Até o Heitor vai para o festival, bro.

Gabriel ponderava sobre as brigas, resolveu que talvez ficaria em casa, mas não quis comentar nada com Alan.

— Vai lá, assim você já conhece um pessoal na cidade e fica mais enturmado. Bom você quem sabe. Obrigado Gabriel. — Alan apertou a mão do jovem mecânico e foi para o escritório pagar o serviço na Boulevard.

Ele partiu depois de um meneio para Gabriel, fazendo a Boulevard roncar alto e gritando feito um lunático assim que chegou na esquina, para sumir pela cidade.

Gabriel almoçou sozinho em um restaurante próximo dali. O jovem tentava pôr a mente em ordem, mas a cada minuto sentia-se mais cansado, desanimado, como um animal sem consciência do porquê viver, de como viver. Apenas seguindo em frente, sem nem ao menos os instintos para guiar sua direção. Fartou-se com bifes gordos, mas a cada naco de carne que comia a fome aumentava.

Mastigando o último pedaço ele ergueu os olhos para a vitrine que dava para a rua. Lá, na calçada, um enorme lobo negro o encarava. Aos poucos a imagem foi se tornando translúcida e sumiu. Gabriel ficou ali, mastigando o pedaço e engolindo com uma golada de cerveja. Ele sabia que o que via era real, cada fibra de seu ser dizia que um lobo estivera ali, mas o jovem não fazia ideia do que isso significava.

Angústia, raiva, frustração e fome cresceram nele e a imagem do lobo de certa forma parecia tê-lo julgado por isso. Se não fosse o pedaço de carne em sua boca, talvez Gabriel tivesse até mesmo pedido desculpas.

Ele tentou ligar para o pai e para Beatriz, mas sempre desligava o telefone antes de completar as ligações. Desistiu e voltou para a oficina onde ficou ajudando Hugo com uma Virago 535. Foi somente então, enquanto pegava algumas ferramentas para o veterano, que Gabriel notou que a moto antes coberta pela lona estava à mostra. Uma Shadow VLX preta e azul. Gabriel a conhecia, conhecia aqueles relâmpagos azuis. Aquela cruiser era do tio.

Intrigado, Gabriel intentou perguntar sobre ela para Alex, mas o tio havia saído.

Era pouco antes das cinco da tarde quando duas figuras já conhecidas do garoto entraram na oficina. Os investigadores Limeira e Tchoven.

— Vem com a gente. — Foi Limeira quem mandou.

— Espera aí meu chapa. — Hugo pegou uma barra e ficou entre eles. — Quem pensa que são para entrar assim?

Os outros mecânicos imediatamente ficaram em prontidão. Gabriel sabia que tinha que impedir aquilo e ao mesmo tempo não conseguia entender aquela lealdade toda.

— São policias Hugo.

— Foda-se, não é assim que procedem. — Quem falou foi Alex na entrada da oficina. — Querem tirar meu sobrinho daqui? Façam da forma correta.

— Tudo bem. — Tchoven entregou um papel para Gabriel. — Não nos deixou entrar na sua casa, você vem para nossa, sabe ler né? Uma condução coercitiva para ir depor. Vira, eu vou te algemar, você é bem perigoso garoto.

Gabriel não conseguiu resistir, não disse nada. Virou-se deixando a investigadora algemá-lo e foi com os dois para a viatura, sob o olhar consternado de todos.

— Para onde vão levar ele e quando ele sai? — Alex questionou.

Foi Tchoven quem respondeu.

— 3º DP, qualquer coisa pergunta para seu irmão, ele sabe bem onde fica. Quanto ao tempo, isso depende de como ele vai se portar. Se arremessar uma mesa novamente... dessa vez fica preso, né grandão?

Gabriel sabia que aquilo era uma estratégia dos investigadores, como que para agitar os ânimos.

— Mesa... outra vez? — Alex pegou Gabriel pelo braço. — O que é isso Gabe? O que você fez?

Gabriel não conseguiu suportar o olhar de julgamento do tio, o mesmo olhar que o lobo negro tinha, foi como ser partido ao meio. Não queria mais existir. Ele não respondeu, só virou a cara e seguiu. Talvez a estratégia deles funcionara.

— Eu levo sua moto. — Alex disse, tentando um último diálogo com o sobrinho, que só anuiu e entrou no banco de trás do Polo azul marinho.

O caminho até a delegacia foi silencioso. Os dois investigadores só trocaram olhares e não tentaram nada contra Gabriel. Já na delegacia, Tchoven tirou as algemas dele e o levaram para a sala de interrogatório. Pouco antes de chagarem na porta De Angelis os encontrou.

— Que merda é essa?

— Você está fora desse caso De Angelis. — Limeira barrou o outro deixando o caminho da sala de interrogatório livre para a parceira. — Não se preocupe, a unidade ainda é sua, mas consegui que a chefe te tirasse da parte que envolve o

garoto aqui, já sabemos o quanto era amigo do pai dele, eu sou bem burro às vezes. — Empurrou o investigador com uma mão e entrou.

— Não faz ideia do quanto. Mas até aí somos dois burros... — Resmungou De Angelis indo para fora da delegacia e já pegando o celular.

— Muito bem garoto. — A investigadora puxou uma pasta e colocou diante de Gabriel assim que Limeira fechou a porta. — Nós já sabemos umas coisinhas a seu respeito. Gosta de brigar em bares por aí e se meteu em uma briga feia no Midgard eim?

Ela abriu a pasta e jogou duas fotos diante dele. Eram as figuras de corpos mutilados. Em uma das fotos era possível ver dois corpos em um chão de terra batida por entre árvores ensanguentadas. Faltavam os braços em um e no outro o peito estava aberto, fatiado. A segunda foto mostrava um corpo com a coluna para fora, saltando por entre as roupas, carne e tendões dilacerados. Gabriel não conseguiu olhar mais, só captou esses detalhes e desviou a cara para o lado.

— E aí garoto? — Limeira bateu de leve no ombro dele. — Tem estômago forte eim... ou será que já viu essa cena antes?

— Reconhece esses três? — Tchoven colocou três fotos diante do jovem.

Eram fotos oficiais de criminosos, do tipo que se tira ao fichar alguém depois da prisão. Gabriel conhecia os três. Suor escorria por seu rosto, a tensão cresceu forte pela nuca.

Os três eram os mesmo que atacaram Bia. Os mesmos que Gabriel agredira e quase matara em uma briga de rua. Imagens rubras como pinturas em sangue vieram a mente do jovem.

— Ah foi com eles que brigou então não foi? — Limeira parecia satisfeito. — E como fez isso eim garoto. — Ele pegou outras fotos e as espalhou diante de Gabriel, fotos detalhadas, agora o jovem conseguia prestar atenção. — Como você mutilou eles assim, com um facão?

— Não foi isso. — Gabriel estava enojado. Ele via sangue diante de si, sangue em suas mãos, o suor corria por suas costas, a fome crescia dentro de si. Ele engasgou antes de continuar. — Eu lutei com eles em um beco... estavam agredindo uma moça.

Quando percebeu já tinha dito, agora era o principal suspeito. Pensou em retificar, respirou fundo e olhou novamente para as fotos. Sua força de vontade se esvaia, Gabriel queria correr e se esconder. O estômago revirou e olhou novamente para as fotos.

Um dos homens teve a perna arrancada, a barriga aberta, e vasculhada. Os braços do outro haviam sido arrancados com mordidas, ele sabia disso.

— Como? — Balbuciou, tentando entender. Por um momento esqueceu completamente onde estava. — Eu não fiz isso. — Urrou.

— Sabe o que eu acho garoto. Você ficou maluco quando sua mãe morreu. — Limeira disse isso já do outro lado da sala com a mão na arma. — Piradinho. Aí, resolveu matar.

— Quis copiar o assassinato de sua mãe, quis sentir como era ou talvez fazer a dor seguir adiante. — Tchoven provocou e a calma em sua voz tornava as provocações ainda mais intensas.

— Não. — Ele ficou furioso e logo as imagens vieram. A visão do que poderia fazer, a visão da monstruosidade que era capaz de libertar.

Gabriel se viu saltando sobre um deles, puxando o braço, abocanhando com vontade e dilacerando o membro, sangue jorrou quente para dentro de sua boca, sangue amargo, ruim, podre. A imagem e as sensações foram fortes demais, reais demais, como uma premonição. A visão daquilo que queria, que desejava. A mera ideia de querer carne humana foi insuportável. Gabriel caiu de joelhos no chão da sala de interrogatório e vomitou. Se ergueu parcialmente sob o olhar ainda suspeito, porém ligeiramente surpreso dos investigadores e foi acometido por uma luz de racionalidade.

— Copiar o assassinato da minha mãe? — Ele se ergueu. — Seus desgraçados, vocês encerraram o caso como sendo um ataque de animal selvagem, de uma onça. Agora estão falando em copiar um assassinato. Seu filho da puta! — Ele quase avançou para cima de Limeira que já havia sacado a arma. — Eu vou fazer uma representação contra os dois.

Lágrimas escorriam do rosto de Gabriel.

— E eu vou sair por aquela porta. — Ele rosnou indo em direção a saída da saleta.

Para a surpresa de todos e até de De Angelis que assistia tudo da sala adjunta, Limeira e Tchoven congelaram, não moveram um músculo. Era como assistir uma tempestade passar, um predador andar em uma sala. De Angelis sabia o que acontecia e infelizmente agora tinha certeza do que Gabriel era e do que havia feito.

Gabriel saiu da delegacia sem ser perseguido por ninguém. Do lado de fora viu a moto estacionado no pátio. O tio o esperava.

— Não quero conversa tio Alex. — Ele pegou o capacete e montou na moto deixando o tio abismado. — Fala para o seu irmão que eu quero conversar com ele. Assunto de família, mas se eu fosse você, tio, eu não iria e eu sei que ele sabe como me achar.

Gabriel acelerou a moto e fez uma volta rápida jogando cascalho por todo estacionamento tomando cuidado para evitar o tio. As pedras estouraram alguns vidros e as lanternas de viaturas. Ele não ligava, acelerou a moto, não colocou o capacete, deixou ele apenas preso no cotovelo e partiu rumo à sua casa, sua toca.

O jovem Donovan era um poço de fúria e frustração, queria destruir o mundo e a si ao mesmo tempo. Entrou meio desesperado pela garagem, estacionou a moto e fechou o portão. Subiu ainda sentindo o estômago remoeir, as lembranças viam como socos em sua mente.

Sangue por toda parte. O rubro ferroso parecia manchar sua visão, não sabia mais onde estava. Sentou-se recostado à parede da sala e tentou puxar o ar e o que veio foram memórias nítidas.

Naquela noite ele correria pela madrugada a procura de um deles. O cheiro que ainda guardava bem era o daquele que o esfaqueara. Gabriel se lembrava da fúria assassina que o movia, do meticuloso instinto de caça. Ao achar o sujeito não fez nada, apenas esperou, a fúria ardendo como uma chama secreta, pronta para ser liberta apenas no momento certo. Gabriel estava caçando. Ele esperara o sujeito encontrar os outros dois e os seguira. As imagens em sua mente ficaram confusas, não conseguia rememorar como eles chegaram àquela mata, mas estavam lá. Uma armadilha para ele? Não, estavam esperando alguém, iriam tentar pegar outra moça? Não importava, não mais.

Era o momento e Gabriel deixou toda sua fúria ser liberta. O primeiro foi o da faca, os braços, ele os arrancou a mordidas, é claro, como bem sabia ao ver as fotos. Deixou o homem gritando para ir atrás do segundo que tentava fugir. Saltou veloz e dilacerou as costas do sujeito com as próprias mãos, arrancando a coluna em seguida. O terceiro correria, mas Gabriel era mais veloz. Conseguiu dar a volta e, erguendo-se diante dele, rasgou a barriga do bandido, foram sucessivos golpes com as mãos, as próprias mãos... *ou garras?*

— Eu sou um monstro! — Gritou incrédulo correndo até a cozinha. Não queria se entregar à loucura e ao canibalismo.

Ele não queria mais viver. Puxou uma faca de dentro da gaveta, os nós dos dedos estavam brancos de tanta força que imprimia no cabo da lâmina escolhida. No entanto, antes que a mão trêmula pudesse agir ele ouviu um uivo. Um chamado estrondoso que foi logo acompanhado por uma trovoada. Assustado ele largou a faca, foi até o banheiro e lavou o rosto, enxaguou a boca e escovou os dentes na esperança de esquecer o gosto do sangue.

Gabriel ficou ali algum tempo encarando seu reflexo. *É mesmo verdade?* Perguntou a si. Precisava encontrar Bia, tinha que conversar com ela, contar o que houve.

— Não, é melhor eu manter ela longe de mim. — Ponderou.

Fugir seria assinar sua culpa, mas fugir talvez mantivesse todos a salvo. A cabeça latejava, sabia que estava esquecendo de algo importante. Lavou as mãos, trocou de camiseta e foi para o festival. Enquanto isso ligaria para Bia, eram dois

dos três lugares onde procuraria ela, mas preferia a festa, em local público ela estaria segura caso ele fosse ter um surto de insanidade.

O peito doía, mas era uma dor diferente, era na alma. Partiria no sábado de manhã, sem mensagens para o pai, sem adeus para o tio ou a... mãe. Lágrimas involuntárias vieram e Gabriel não entendia ao certo porque estava chorando enquanto guiava sua Mirage até o endereço indicado no convite.

Foi fácil identificar o local, pois uma quadra antes ele já ouvia Black Sabbath rasgando a noite. O lugar parecia um canteiro de obras. Fechado por altos tapumes de metal com o telhado de um barracão à vista, fora isso Gabriel só conseguia ver luzes no lado de dentro.

O bairro era comercial, com dois prédios ainda em construção. Os vários estabelecimentos estavam fechados, a exceção era uma conveniência uma quadra antes de chegar no festival.

Motos e carros estavam estacionados ao longo das duas mãos da rua. Na entrada do festival, uma porta improvisada entre os tapumes, havia uma pequena aglomeração de pessoas. Gabriel passou reto e foi estacionar a moto na outra esquina. Deixou seu capacete preso a sissy bar e pegou o convite na mão.

Perto da entrada vários cartazes indicavam as bandas que estariam presentes e traziam o nome: Festival de Selene, com um símbolo da lua cheia pintado em azul.

Na porta dois brutamontes com coletes de couro e barbas trançadas faziam as vezes de seguranças, enquanto outros dois sujeitos menores fiscalizavam os convites e seguravam a fila. Gabriel tentou espiar o lado de dentro, quase cortando a fila e quando um dos sujeitos foi interceptá-lo ele deixou toda a frustração sair em seu olhar de ira.

Queria encontrar Bia logo, não ficar ali esperando para entrar. Sem palavras afáveis Gabriel deixou o convite no peito do sujeito que deu um passo para trás e o encarou surpreso.

— Cadê o Alan? — Gabriel questionou já entrando.

— Com o Arthur. — O homem mostrou entrando ao lado de Gabriel e apontando.

— Valeu, xará. — Ele falou ranzinza e entrou indo em direção a Alan.

“Iron Man” do *Black Sabbath* deu lugar à um som do *Black Label Society*. A medida que caminhava, Gabriel olhava à volta prestando atenção no lugar e procurando Beatriz na multidão. Alan estava próximo a uma barraca de bebidas. A tenda retangular tinha lâmpadas penduradas na frente do toldo e uma certa aglomeração de pessoas em um dos lados.

O Festival de Selene era bem estruturado. Na ala esquerda do terreno havia um grande barracão com mesas e outras barracas de comida, além de um palco ladeado

por potentes caixas de som. Barracas de comida e bebida faziam corredores no lado direito do terreno e entre as duas alas havia um espaço largo para a circulação de pessoas. O chão de terra batida trazia um ar campestre à comemoração enquanto os barris com chamas colocados em alguns cantos traziam a festa um ar underground. O público era misto, com mais tribos, como no clima do Midgard. De góticos à ratos de boate, de metaleiros e motoqueiros à engomados em ternos. Muitas caras diferentes, embora o ar claramente dominante estivesse nas transgressões do *Rock'n'Roll*.

Gabriel sentia-se vigiado. Notou dois membros dos Sanguinários na multidão, mas não tinha certeza se tinham visto ele. Procurou olhos curiosos e notou que muitas pessoas o olhavam da cabeça aos pés.

Chegou na barraca de bebidas tentando não se mostrar nervoso. Alan estava bebendo uma cerveja e ao lado dele havia uma jovem asiática com a mesma estatura, fisionomia e um jeito no olhar muito parecido com o de Alan. Junto à moça, com a mão em sua cintura, estava Arthur.

Na barraca de bebidas ele viu uma garota familiar. Ela estava de costas e ao se virar as madeixas roxas e a mecha negra gritaram seu nome para Gabriel.

— Raquel? — O jovem estranhou e súbito ficou envergonhado lembrando-se da briga no Midgard.

A moça usava calças jeans e uma camiseta preta com um decote fundo, amarrada acima do umbigo deixando à mostra um piercing com uma ametista encrustada.

— Ué, vocês se conhecem? — Alan parou meio aturdido depois assoviou alto. — Como eu sou burro, um gigante, cabelos negros. Você é o brutamontes que quase quebrou a cara daquele Sanguinário. Queria ter visto essa briga.

Arthur deu um tapa no ombro de Alan em sinal de reprovação, ao que o outro reagiu recuando e ficando cabisbaixo.

— Da uma cerveja para o Gabriel, Raquel. Por minha conta. — Arthur falou. — Pilsen ou malzbier?

— Malzbier. E Raquel... — Gabriel pensou em pedir desculpas, porém desistiu. — O Eric está por aqui? Vão tocar que horas?

— Daqui a pouco. — Ela entregou a cerveja. — Ele está arrumando alguma coisa no palco... Bom te ver grandão.

Ela se virou sem graça e foi atender um casal.

— Acho que vou dar uma volta. — Gabriel deu gole na cerveja e intentou sair, porém Alan o impediu.

— Calma bro, deixa eu te apresentar minha maninha, essa é a Laura. — Alan retirou a jaqueta que usava revelando uma tatuagem tribal que, subindo o braço direito até o ombro, se perdia na camiseta.

Laura tinha os cabelos longos e escuros, lisos como os do irmão. Usava uma blusa preta com uma caveira rosa estampada na lapela, calças de couro bem agarradas e botas pretas de salto baixo e cano médio. Os olhos rasgados tinham linhas belas e as íris negras como a noite. O piercing no nariz era delicado. Enquanto olhava para ela Gabriel reparou que Arthur fechou o cenho e se aproximou mais da moça.

Gabriel fez um meneio para Laura e depois olhou diretamente para Arthur.

— Obrigado pelo convite. Eu vou dar uma volta, depois volto aqui se ainda estiverem por perto. — Gabriel ergueu a garrafa em sinal de brinde. — E valeu pela cerveja.

Arthur respondeu apenas com um meneio.

— É isso aí, acho até que seria bem legal ter um cara como você na gangue. — Falou Alan de forma descontraída. Mas quando Arthur cruzou o olhar com ele, Alan ficou mais sério, como se tivesse tomado uma bronca. — Bom Gabriel, vamos deixar os três aqui e arranjar umas gatas.

Alan pegou uma garrafa de cerveja por cima do balcão, tirou a tampa e empurrando Gabriel foi se afastando da barraca.

Metros longe da barraca Gabriel percebeu que o amigo relaxou.

— Pode não parecer, mas o Art gosta de você bro, talvez te chame para nosso clube.

— Ou gangue? — Gabriel não levou a sério, tinha problemas piores, por isso falou a palavra em tom de brincadeira e quando trocou olhares com Alan os dois riram alto.

— É como chamamos às vezes. Um grupo de amigos mais chegados... acho que no fundo a gente nunca cresce né? — Alan brindou.

O Heavy Metal deu lugar a uma espécie de Rock Eletrônico, com solos de guitarra mesclados à sintetizadores, fazendo as pessoas se mexerem mais e dançarem de forma quase selvagem. Três moças animadas se mexiam ao som da música e uma delas quase mostrou mais do que devia quando roçou os seios nos da amiga. Os dois rapazes passaram rindo pela cena, como dois moleques que viram uma garota mais velha mostrar a calcinha.

Ainda rindo da cena Gabriel virou o olhar para um grupo e do meio da multidão viu uma garota vindo até ele, e ela era encrenca. A moça de mexas azuis sorriu e Gabriel logo buscou o namorado motoqueiro com quem brigara no Midgard, mas não viu sinal do sujeito.

— Eu sabia que estava certa sobre você, garotão. — A moça de mexas azuis o abraçou forte, ela era um pouco alta, por isso conseguiu afundar a cabeça no meio do peito de Gabriel.

O perfume que exalava era doce e familiar. Ela estava toda de preto, com jaqueta de couro e coturnos lustrosos. Gabriel ficou sem saber o que fazer e a reação de Alan não ajudou muito.

— Bom já que estou sobrando, eu fui. Boa sorte aí, bro. — Alan falou rindo e sumiu na multidão.

— Garota, seu namorado vai aparecer para brigar a qualquer momento. Além disso... certa sobre o que? E... eu nem sei seu nome.

— Desculpa por isso Gabriel. — Ela o surpreendeu. — Eu quis brincar contigo naquele dia, mas acabei incomodando o Zed. Eu tenho que prestar atenção no que faço.

— Você... quem é você? E mais importante, aquele cara não devia te tratar daquele jeito.

A jovem ainda abraçando Gabriel olhou para os olhos dele e passou a mão em seu rosto.

— Eu não vim falar do Zed e além do mais, estamos bem, obrigada. Eu vim tirar uma casquinha de você antes que ela te roube.

— Ela riu alto. — Logo logo você vai descobrir meu nome.

A jovem se desvencilhou do abraço e saiu dançando no meio da multidão, sumindo entre as pessoas.

Gabriel ficou parado algum tempo bebericando a cerveja tentando entender a garota de mexas azuis, depois voltou a si e andou pelo lugar procurando por Bia.

Tinha que sair da cidade logo, embora de alguma forma o Festival fizesse seu coração se aquietar. Por um momento ele se deixou levar pela música. *Alter Bridge* tomou o lugar do rock eletrônico e a introdução de *Blackbird* fez Gabriel refletir sobre a vida.

Caminhando para um canto vazio ele olhou por sobre a multidão e depois para o céu noturno. Respirou fundo e admirou o luar. As sombras já começavam a engolir uma das metades do disco prateado. A lua cheia se despedia aos poucos e em dias seria minguante.

Uma coceira subiu por sua garganta, o peito inflou de ar, solidão e tristeza vieram a sua garganta e teria cantado isso à noite, não fosse a nostalgia que brotou em seu espírito ao sentir um conhecido perfume levemente adocicado, acompanhado de uma voz feminina igualmente familiar.

— Gabriel? — A voz do passado o atingiu com um estrondo de emoções, reverberando em sua alma.

Ele se voltou e viu a jovem de mexas azuis acompanhada de outra moça, mais alta, muito semelhante a primeira, com cabelos longos e ondulados, os mesmos cabelos longos e ondulados que Gabriel conhecia tão bem. E aquele sorriso. As

memórias se acenderam como uma chama solar e da dor e tristeza, da confusão e medo, Gabriel foi arremessado para um passado feliz.

Era uma tarde de primavera, uma das garotas da escola tinha resolvido fazer uma festa de aniversário no parque, a Área de Recreação e Lazer Luigi Borghesi, conhecido popularmente como Zerão. Boa parte da classe fora convidada, incluindo Gabriel, para sua surpresa. Ele tinha poucos amigos, era um garoto magro e muito introspectivo que gostava de rock desde a quarta série, e que com doze anos ainda era mirrado. A turma da sexta série estava reunida cantando parabéns e Gabriel resolveu ir até uma árvore, afastada do grupo, onde jurava ter visto uma criança meio verde subindo nos galhos. Não tinha medo dessas visões, mas aprendera desde cedo a não contar para ninguém o que via, ou a quase ninguém.

Para sua surpresa uma garota estava encostada na árvore, sua melhor amiga e a paixão de infância. *Mais do que isso*. Seu eu do passado e seu eu presente pensaram. Ela era bem mais.

— Amanda. — Gabriel falou saindo das memórias, voltando a Londrina de 2011, ao Festival, à sua vida. Uma chama crepitou em seu peito, com o espírito inflamado, ele esqueceu de todos os seus problemas e de suas dúvidas.

— Então se lembrou de mim. — A moça deu um passo adiante.

— Soraya. — Gabriel finalmente reconheceu a irmã mais nova da amiga. Ela era quatro anos mais nova que eles, mas agora ele se lembrava de onde conhecia aquele ar debochado e o olhar risonho.

Em resposta a jovem acenou timidamente.

— Nossa quanto tempo e como você ficou enorme Biel... que apelido bobo agora. — Amanda souou sem graça.

Amanda Krevey tinha 1,77 m de altura, o corpo esbelto e bem desenhado, cabelos longos de um castanho alourado que chegavam a cintura em madeixas onduladas, seus olhos mel pareciam luzir como ouro e a pele levemente acobreada denotava uma ascendência incomum da Europa Oriental. O sorriso acendeu o coração de Gabriel, os lábios carnudos emoldurados em um rosto de belos ângulos delicados. Ela trajava um longo vestido azul claro que ia até o tornozelo, com delicadas flores brancas estampadas na barra, calçava sandálias. Porém de tudo isso o que chamava a atenção de Gabriel era algo que não podia enxergar apenas com olhos de carne. Ele via Amanda muito além, era como ver também o coração e a alma da moça, enxergando-a como um todo e isso o aqueceu por inteiro.

— Posso te dar um abra... — Antes que Amanda continua-se a frase Gabriel a envolveu em um terno abraço, fazendo o mundo parar para os dois.

— Fiquem aí matando a saudade que eu vou distrair o tonto. — Soraya disse rindo e mostrando a língua para a irmã que embora quisesse repreendê-la não queria nunca mais se desvencilhar do abraço de Gabriel.

Os dois ficaram ali sozinhos por um tempo. Gabriel experimentava algo inédito para ele. Sentia o perfume da moça, o cheiro de sua pele, os seios roçando em seu corpo, ouvia o coração dos dois batendo, foi como despertar de um sonho estranho e ao mesmo tempo sentir um amor que não conhecia. Aturdido ele não sabia como reagir além de ficar ali abraçando-a. Queria fazer amor com aquela mulher, mas queria mais, muito mais.

Foram segundos para o mundo, porém, desprendido do tempo, Gabriel repensou seus caminhos. Ainda indeciso sentiu-se leve e decidiu que iria até o fim para descobrir seu próprio mistério antes de fugir da cidade. Primeiro ele tinha que saber com o que estava lidando.

Súbito, pensou na monstruosidade que era e o perigo em que poderia estar colocando Amanda. Como se estivesse conectada a ele de algum modo a moça pareceu reagir ao temor de Gabriel e os dois saíram do abraço.

— Você se tornou uma mulher linda. — Gabriel falou sem pudores, os instintos o guiando. — Bem pudera, sempre fora linda.

Amanda corou e sorriu.

— Senti sua falta Gabriel. E não precisa ficar vermelho. — Ela riu, um riso musical. — Senti falta de nossa amizade.

— Sempre me arrependi de não ter continuado a te escrever. — Gabriel lembrou-se da solidão que sentiu, do coração partido ao sair de Londrina, das dores se amontoando e por isso deixara de escrever. Seu primeiro amor estava intimamente relacionado com a morte de sua mãe, memórias entrelaçadas. — Eu sei que... eu não sei o que dizer. Achei que nem se lembrava de mim direito.

— Está brincando né Gabriel, meu melhor amigo e meu primeiro beijo. Como posso esquecer isso? — Ela deu um tapa de leve no braço dele, depois amainou a voz. — Eu entendo, senti saudades sim, mas hoje sei que o que passou com sua mãe, tudo deve ter sido muito difícil para você. Mas ei não fique assim. Uma segunda chance eim, quem diria?

— Sim, nossa, Amanda, como é bom ver você. — Gabriel sorriu tímido.

— Me passa seu celular, não podemos perder contato.

Gabriel engasgou antes de falar o número, resolveu pegar o próprio celular e quando o tirou do bolso sentiu os pelos da nuca arrepiarem. Notou que alguém deitava olhos sobre ele e se virou para esquerda. Beatriz passou por entre alguns rapazes que conversavam alto e veio até Gabriel.

— Oi gato... quem é essa aí?

— Bia! — Ele exclamou surpreso, porém logo pensou claramente. — Eu estava te procurando.

— Para quem estava me procurando pareceu ter me confundido fácil com uma hippie.

Amanda se sentiu encabulada e quase saiu, mas Gabriel tentou concertar a situação.

— Amanda essa é Beatriz... minha namorada. — Ele sentiu que mentia de alguma forma. — Bia, a Amanda é uma amiga de infância, não nos víamos há tempos.

— Namorados? — Beatriz olhou para Gabriel por alguns segundos, o semblante dela era de pura ira. — Amanda né? Bom, se quiser um pedaço dele é todo seu, nós não somos namorados, só transamos um bocado... acho que isso faz de nós o que? Parceiros sexuais?

O jovem Donovan ficou aturdido, não sabia como agir. Seus sentimentos eram como uma tempestade sendo alimentada pela ventania.

— Gabriel foi bom te ver, mas tenho que voltar, meu namorado deve estar me procurando. — Amanda intentou voltar para um último abraço, mas olhou para Beatriz, que ainda estava ali, a despeito da forma como quis parecer desprendida de Gabriel, e desistiu.

Ele notou um rapaz com cavanhaque vestindo uma camisa xadrez por sobre uma camiseta preta, calças jeans e botas pretas. O rapaz estava ao lado de Soraya e parecia zangado, enquanto a jovem sorria com olhar peralta. Amanda foi em direção a eles.

— Amanda eu... — Gabriel reagiu sem pensar.

A moça apenas olhou de soslaio e continuou em direção ao namorado.

Beatriz permaneceu no lugar, olhando para Gabriel, furiosa e um pouco triste, o que fez o jovem sentir-se culpado embora não tivesse feito nada. Mas, estava consciente da verdade, ele sabia o quanto queria ter beijado Amanda. Ao mesmo tempo, encarar Beatriz com aquele olhar intenso, aquele jeito de guerreira viking, fazia o sangue de Gabriel ferver, ele queria, ele precisava sentir a boca de Bia, por isso sem pensar, sabendo que a moça estava zangada, ele foi para cima dela que também o beijou ardentemente, porém o mordeu no final de um longo e lascivo beijo.

Com a boca sangrando Gabriel a encarou, desejando transar com ela o mais rápido possível e tentando entender esse instinto primitivo que o fazia tão confuso diante de seus próprios sentimentos.

— Eu senti seu olhar quando cheguei... ficou me observando de longe, não foi? Qual é seu jogo Bia?

— E mesmo assim saiu por aí com qualquer uma.

Gabriel ficou furioso. O jeito como ela falou de Amanda, a forma como reagiu ao ser chamada de namorada, aquele ar debochado, o jeito como o deixara sozinho na casa dela. Tudo, ele queria honestidade, ele queria a verdade.

— Bia eu não sei qual é a sua, mesmo. Primeiro estamos transando loucamente, e nossa como é gostoso, bom e mágico. No outro momento você não quer nada comigo, ou me deixa sozinho e sai por aí para resolver Deus sabe o que. Então me diga, o que você quer de mim?

— Mágico? — Ela gargalhou. — Intrigante. — O ar cruel e debochado feriu o jovem.

Gabriel se virou e estava para sair quando sentiu a pegada forte em seu braço.

— Por favor não vai. — O olhar de ternura de Beatriz era novo, diferente, algo que mal se encaixava naquela moça e no entanto o jovem sabia que era extremamente verdadeiro. — É isso, eu não quero que se vá. Mas eu não sei se poderemos ter algo sério.

— E quer descobrir?

Ela o olhou novamente com aquele ar austero, a expressão de ternura varrida da face.

— Vou pensar no seu caso. — Bia o beijou longamente.

Era um ato diferente, mas Gabriel sentiu-se desconfortável de certa forma. Algo o despertara para seus verdadeiros sentimentos, Amanda o mostrava a verdade mesmo tendo ido embora. Porém antes que ele concluísse qualquer pensamento, foram interrompidos nesse momento íntimo de paixão por Arthur.

— Para alguém que está há duas semanas na cidade, você conhece muita gente eim cara.

Arthur estava sozinho encarando os dois. O ar austero, olhar furioso. Os olhos verdes corriam de um para o outro. Gabriel ficou confuso, mas percebeu o perigo que o sujeito exalava.

— Oi Art, bela festa. Vamos Gabriel, deixa o Art bravinho no canto dele.

O jovem Donovan a seguiu, como já fizera antes, sem entender muito bem para onde estava indo, como em um delírio. A música logo mudou novamente, dessa vez os Selvagens tocavam. Quando os acordes eram mais para uma balada, Gabriel e Bia dançavam um pouco e se beijavam muito, quando a música ficou mais acelerada, pesada, eles buscaram cervejas e depois foram para um lugar mais afastado.

Estar com Beatriz era prazeroso a um extremo que Gabriel não conhecera até ali. Porém agora ele notava o vazio em seu peito, um buraco que o incomodava há algum tempo, mas somente agora passava a compreender, mesmo que parcialmente.

Gabriel conhecia o corpo de Bia por completo, intimamente, mas não a conhecia propriamente. Imaginou que o mesmo deveria se passar pela mente da moça. Ainda assim era fascinante, envolvente estar com Bia.

Ponderou em contar para ela sobre seus problemas, sobre o que precisava descobrir, que iria embora da cidade. Tinha ido à festa falar com ela sobre isso, queria leva-la consigo. Fugirem juntos, dar um jeito, pois ela lhe fazia esquecer-se de tudo, dos problemas, das dores, tudo. Ver Amanda mudara as coisas dentro dele, com relação a tudo. Era como um laborioso despertar.

— Quer me levar para casa? — Beatriz perguntou depois de algum tempo.

— Só preciso arranjar um capacete para você. — Respondeu sem pestanejar.

Gabriel deixou a moça perto de uma barraca onde compraram vários espetinhos para viagem e foi procurar por Alan.

No caminho viu Amanda mais ao longe, os dois trocaram olhares tímidos e ele seguia em busca do amigo quando trombou em alguém.

— Sai do caminho seu bosta. — Zed tinha o olhar vidrado. Sem óculos revelava os olhos de um psicótico, de certo drogado. Junto dele estavam mais dois dos Sanguinários. — Ainda trombo contigo uma noite dessas e te faço sangrar até a morte.

A voz saiu em um sussurro, uma ameaça apenas para os ouvidos de Gabriel.

O sangue do jovem Donovan ferveu, ele pensou em esmurrar os três ali e se lembrou de outros três, três corpos. O corpo ficou quente, a barriga embrulhou, a cabeça zumbiu, ele queria arrancar o coração de Zed e mastiga-lo enquanto admirava o homem estirado no chão com olhar de pavor estampado na face.

O desejo sanguinário gerou uma enorme repulsa em Gabriel e sem dizer nada ele saiu de perto dos três, que riram achando que o jovem se acovardara.

Alan estava conversando com uma moça, pareciam interessados um no outro, por isso Gabriel chegou pedindo desculpas e perguntou por Arthur ao invés de pedir ajuda ao novo amigo.

— Preciso de um capacete para dar uma carona.

— Ah safadão. — Alan brincou sem pudores. — E justo a Bia eim... *bro*, mandou bem.

Àquela altura a moça com quem ele conversava quase saiu de perto, mas Alan tocou a mão dela e quando a jovem trocou olhares com ele, os dois se beijaram lascivamente. Desvencilhando-se da moça ele respondeu Gabriel, que sem graça estava saindo de perto.

— Na barraca da Raquel, pede para minha irmã o capacete, ela sabe qual é.

— Valeu.

Já com o capacete extra no braço, Gabriel e Beatriz saíram do Festival.

— Safadinho, eu vi esse sorriso, não sei se essa carona vai te garantir alguma coisa hoje à noite não eim. — Ela disse rindo, depois pegou o capacete e colocou enquanto Gabriel segurava o pacote de espetinhos.

Uma garoa fina pegou os dois de surpresa pouco antes de chegarem no prédio de Bia.

— Acho que você vai ter que entrar para se secar, mas dessa vez não vai poder dormir aqui. — Ao contrário do que Gabriel esperava, o tom dela era sério.

Comeram os espetinhos regados a uma garrafa de conhaque enquanto assistiam a um filme na televisão. Pouco depois de comerem se entregaram a carícias provocativas o que culminou em uma transa rápida, sem muitos exageros, mas prazerosa. Quando terminaram Gabriel foi tomado por uma culpa, uma sensação de que aquilo embora não fosse algo proibido estava de alguma forma... *errado*.

Se Bia notou isso ele não saberia dizer, mas ela estava fria para com ele.

Incomodado, Gabriel se vestiu. Uma opressão repentina surgiu no ar, o cheiro de mofo penetrou seus pulmões, era um cheiro invasivo. Os pelos do corpo de Gabriel se ouriçaram e ele emitiu um rosnado baixo que desagradou a Beatriz.

Ela se vestiu, e olhando para Gabriel pediu de forma firme, porém educada.

— É melhor você ir Gabriel.

Ele anuiu um sim, recolheu suas coisas e saiu pela porta. Já no corredor, contrariando seus instintos, Gabriel voltou até a garota e a abraçou de forma terna.

— A gente se fala Bia. — Ele a beijou na testa. — Eu precisava ver seu sorriso um pouco, só não sei se te tratei como deveria.

Bia tinha o olhar perdido, surpresa, ainda que com o cenho fechado. Quando uma lágrima escorreu dos olhos da garota ela fechou a porta na cara de Gabriel.

Ele não quis bater na porta. Achou melhor deixar Bia sozinha, ele bem entendia como era lidar com problemas pessoais, a garota precisava de tempo para se abrir, se é que o faria. Ao menos era isso de que o próprio Gabriel carecia. Além disso, assim que a porta se fechou os instintos gritaram novamente, por isso Gabriel foi para o estacionamento onde pegou sua moto e partiu.

Intentou ir para casa, mas resolveu rodar por Londrina, sem rumo, até colocar a mente no lugar. A garoa fina tinha dado lugar a uma neblina esparsa, e a noite tornara-se fria. O céu nublado e a falta da lua deram uma sensação de silêncio ao jovem, como se a cidade estivesse deserta, a despeito das luzes e de alguns carros.

Passava já da meia noite quando Gabriel desacelerou em um sinal de PARE e, prestes a virar para a direita, viu uma sombra cruzar a rua. Imediatamente ele acelerou, sabia dos perigos que a noite guardavam, como se liberto da letargia dos últimos dias Gabriel deixou os instintos guiarem suas ações. Ele continuou por uma quadra até novamente avistar outra sombra passar correndo, essa na lateral direita de sua visão.

Ao olhar para frente, o farol da Mirage revelou-lhe um enorme lobo cinzento de peito branco e olhos densamente verdes.

Gabriel tentou desviar e perdeu o controle da moto, derrapou e caiu da Mirage. Arrastando-se pelo asfalto ralou a perna e bateu a cabeça, ouvindo o constante raspar metálico da lataria da moto que faiscou iluminando mais ainda a cena. Foram segundos, mas com a pancada na cabeça ficou tão desnortado que a cena pareceu demorar uma eternidade.

A vista turvou-se, ele tirou o capacete para respirar e percebeu que estava na calçada com um braço sangrando e a moto a vários metros para frente. Endireitou-se sentando na sarjeta, para logo se levantar desajeitado, assustado ao ver que várias sombras se moviam vindas de além de onde a cruiser.

Aos poucos a vista se firmou e Gabriel distinguiu a verdadeira forma das oito sombras que o cercavam. E o que viu era terrivelmente fascinante. Primeiro os confundiu com uma espécie de cães-lobos depois teve certeza, eram mesmo oito lobos.

Cercando ele em formação de meia lua, os lobos rosnavam. Cada um diferente do outro, com exceção de dois idênticos. O cinzento e branco era o mais ativo e forte, claramente o alfa da alcateia. Ele estava em posição de comando no centro da formação e um passo à frente dos outros, ao lado direito um lobo inteiro cinza, forte, mas não tão grande olhava para Gabriel sem mostrar os dentes, rosnando apenas com a garganta. Do lado esquerdo estava um lobo castanho de focinho fino e negro, mais esguio e com um olhar assassino. Em tamanho e robustez competia com o alfa apenas o lobo de pelos vermelho-dourados e juba cheia, com pequenas estrias pretas no lombo, ao lado desse estavam os dois idênticos, de pelo azulado tigrados de cinza e fechando a outra ponta da meia lua, um lobo caramelo cujo a pata direita era branca.

O alfa rilhou os dentes e latiu de forma gutural; um misto de latido, uivo e urro. Gabriel sabia que não podia correr, por isso assumiu postura de luta. Os lobos ouriçaram os pelos do pescoço, do lombo e das costas. Arreganhando os dentes aumentaram o som dos rosnados. O alfa cinzento latiu novamente, mas dessa vez a nota final se elevou em um uivo estrondoso.

Gabriel deu um paço de ajuste e a perna, ferida, vacilou. Imediatamente um dos lobos azulados saltou para atacá-lo. Gabriel esquivou, quando outro, o lobo assassino de pelo castanho e focinho negro, avançou e abocanhou o braço direito de Gabriel, puxando o jovem para o chão. O lobo avermelhado veio veloz e abocanhou a perna do jovem Donovan, que urrou de dor. Irado, ignorando a dor na perna, Gabriel pegou o lobo assassino pelo cangote e se ergueu, movendo consigo o lobo avermelhado.

Com força prodigiosa Gabriel arremessou o lobo castanho, e intentou socar o canídeo avermelhado, quando o azulado atacou a mão direita do jovem, puxando-o novamente para baixo.

Parado pelos ataques, Gabriel notou que nenhum dos lobos tentava estraçalhar seus membros. Foram momentos de angústia esperando os outros lobos o atacarem, furioso querendo ele mesmo atacar.

O alfa cinzento uivou novamente e como que em um encanto, os dois lobos soltaram Gabriel. O de olhar assassino se levantou e foi para perto do líder. Sem olharem para trás os lupinos saíram dali, como se voltassem a ser sombras na noite.

A dor era lancinante, o sangue rubro banhava o asfalto, brilhando sob a luz dos postes. Gabriel caiu de joelhos com a certeza de que morreria pelos ferimentos. A visão ficou embaçada, os sons da noite misturados e confusos. A escuridão tentou abraçar Gabriel Donovan, mas ele recusou, não aquele manto de morte, *não... nunca*.

Uma vontade gigantesca de viver cresceu em seu peito. Havia coisas à resolver, ele não sabia o que, mas havia.

Olhou para a perna. *Quebrada?*

— Mude ou vai morrer. — Uma voz familiar e distante sussurrou. — Corra ou mate!

Respirando de forma entrecortada, puxando ar e sentindo o perfume ferroso do sangue, Gabriel ficou de pé. Uma fragrância que conhecia bem pairou diante de si e ele a seguiu. Perfume de salvação. Mancando, vertendo o rubro sumo da vida, ele galgou as ruas. Era o perfume do calor, do aconchego de lembranças de infância.

Fungou e farejou o ar. Farejou a essência do Verão. Um perfume doce que aquecia seu peito, o perfume de — Amanda.

Gabriel continuou mancando até que de um beco captou outra essência, profana, bolorenta. Seguindo seus instintos Gabriel entrou na ruela escura e viu duas pessoas com roupas puídas.

Um homem de cabeça raspada e uma mulher de longas madeixas brancas roíam um osso. Os dentes raspando no filamento marfim, as línguas lambendo cada resquício, então eles olharam para Gabriel. Por entre os dois, o jovem divisou um corpo sem vida.

A imagem de Amanda, sua mãe, Soraya, Bia, vieram de uma vez. Lembrou-se das criaturas, do assassinio que presenciara, sentiu a vida se esvaír e foi tomado por uma emoção que conhecia, mas que até então nunca se manifestara de forma tão bruta.

A fúria ardeu em seu sangue, ele urrou, rosnou e uivou.

— Nossa presa! Vá embora! — A mulher falou, a voz nada natural deu repulsa a ele. Uma repulsa milenar.

Cada fibra de seu ser queimava, Gabriel não queria morrer, mas queria se vingar. Ele viu um lobo negro em sua mente e lhe deu boas vindas.

No beco, um vento repentino soprou e das sombras facho de energia de contorno negro saltaram, dançando ao redor de Gabriel, queimando sua pele em alguns pontos, acariciando seus cabelos em outros e a transformação deu início.

Os olhos arderam azulados e o azul glacial se tornou turquesa, os cabelos negros ouriçaram, tufo de pelo surgiram por toda parte em seu corpo. Longas garras negras despontaram de seus dedos, as linhas de energia mística bailaram ao redor dele e transmutaram seu corpo.

No lugar de Gabriel agora estava um lobo negro.

A mulher de cabelos brancos correu com a intenção de atacar o lupino. Ela não era humana. Tinha longas unhas amareladas e enormes dentes podres e afiados projetando-se para fora de sua boca. O lobo negro esquivou fácil, ele gostava das sombras, as sombras o ajudavam a caçar, a lutar, a matar.

De um salto, ignorando a mulher, o lobo negro voou para cima do homem careca. Foi um movimento apenas, os dentes se fecharam como se feitos de aço sobre o pescoço do careca, a traqueia esfaqueando, a espinha sendo partida e a cabeça saltando para a rua. Quando as patas do lobo negro tocaram o chão, o sangue podre do meio-morto sujava o chão. A mulher pensou em fugir, Gabriel notou isso com todos os sentidos unidos. Ele correu em suas negras patas e em um instante estava tirando as entranhas dela pelas costas.

Gabriel estava satisfeito, euforia brotou em seu peito lupino. De alguma forma sabia que era isso que deveria fazer, que matar aqueles seres era o certo. Farejou o ar, Amanda estava perto. O lobo negro correu, os pés vacilando a forma mudando.

Viu um borrão e quando tocou o ombro da moça, ele sabia que era Gabriel novamente, um jovem alto e forte, sangrando, morrendo.

Amanda se assustou e não conseguiu segurar o amigo que caía semi-consciente diante da portaria do prédio.

O silêncio no qual Gabriel mergulhou fora perturbador. Era como a espera pelo ataque, o espírito ansiando pelo próximo confronto. Não conseguia relaxar, até que um calor terno tocou sua pele, era como o sol de uma manhã quente. Um calor que não o incomodava, um calor reconfortante.

Ele respirou fundo e seu coração bateu forte. Do lado de fora, além da escuridão, o relâmpago iluminou a noite e o trovão ressoou.

Gabriel acordou.

A cama onde estava deitado era de solteiro, macia e confortável. Os lençóis verdes estavam manchados de sangue fresco.

Perfumes distintos se mesclavam ali e ele farejou a essência predominante.

Amanda. O cheiro da moça, uma essência amendoada levemente doce, o confundia. O fazia ter lembranças que ele sabia não serem dele. Viojou em uma fulgaz visão, por terras nas quais nunca estivera, no entanto que lhe eram familiares.

Sentou-se na cama e reparou que estava apenas de cueca. Ataduras envolviam o braço direito até os nós dos dedos da mão. A panturrilha esquerda, onde levara a mordida mais forte, também tinha uma atadura que subia até o joelho. A perna direita doía muito, mas para o espanto de Gabriel, não estava mais quebrada. Um hematoma grande se formava na coxa e no joelho. Conseguiu mover a perna e de alguma forma tinha consciência de que seus ferimentos melhoravam.

De pé ele passou a mão no tronco, tinha se esquecido completamente da facada que levara dias antes. Não havia nem cicatriz.

— Por quanto tempo dormi? — Falou assustado.

Uma nova trovada ribombou do lado de fora. Chovia forte em Londrina. O ressoar do trovão passou pelo corpo do jovem, fez seu coração acelerar e ele ouviu.

— Lembre-se de quem você é. — A voz de um estrondo ensurdecedor desnorteou Gabriel.

Teria caído se Amanda não viesse em seu socorro entrando pelo quarto. Correndo ela conseguiu escorá-lo e o ajudou a sentar-se na cama.

Os cabelos castanhos alourados da moça, exalavam um perfume agradável, a pele estava ornada com uma fragrância de jasmim mesclada a essência natural de sua alma. Ela usava uma camiseta larga e calças confortáveis, de tecido maleável, como um pijama improvisado.

— Você não pode se levantar assim, pelo jeito levou uma boa pancada na cabeça.

— O que? Do que... Amanda, há quanto tempo estou aqui?

— Não fazem nem duas horas. Fica tranquilo Gabriel. — Ela se sentou ao lado dele.

Tímido, Gabriel puxou o travesseiro para o colo. A moça corou e com um sorriso sem graça passou a encarar a parede diante deles.

— Eu tive que tirar sua roupa para ajudar com os curativos.

— Foi você?...

— Um amigo que mora no andar de baixo me ajudou, Rogério. Ele é enfermeiro, disse que se você não acordasse e demonstra-se melhora eu tinha que te levar ao médico. — Ela o encarou vencendo a vergonha por alguns segundos. — Na verdade ele queria que eu te levasse, mas eu achei melhor conversar com você primeiro. Não tinha certeza se queria ir à um médico.

— Obrigado, não iria querer mesmo.

— Você caiu da moto? — Ela disse deixando o olhar correr pelo tronco do rapaz, até que voltou a olhar para a parede, enrubescida.

— Cai. E fui atacado por... cães. — Gabriel não queria envolver Amanda em seus problemas, nem em sua vida confusa. Resolveu que o melhor seria ir embora. — É... onde estão minhas roupas?

— Terei que te arranjar novas. Estão empapadas de sangue. — Amanda hesitou por um segundo. — Gabriel, foi isso mesmo que aconteceu? Como foi que me achou?

— Você não quer saber... — Cortou a si mesmo antes de contar tudo para ela.

— Foi Soraya?

— Não... pode perguntar para ela se quiser. — Falou inquieto.

— Adoraria. — Quando notou a cara de confuso do amigo ela concluiu. — Ela tem dormido fora, nos falamos menos do que eu gostaria. Mas isso não importa agora... Eu vou tentar arranjar roupas para você. Tem uma moça que mexe com doações aqui no prédio.

— Não precisa. — Uma súbita vontade de se abrir com Amanda brotou no peito dele, mas resolveu manter o silêncio, ainda ponderando se era prudente contar-lhe a verdade.

— Deixa eu ver essa perna. — Ela despertou de uma divagação puxando a ponta do travesseiro para revelar parte da coxa, antes que Gabriel pudesse impedir. — Ela parecia quebrada, mas... ei... Isso é impossível.

Gabriel tirou o travesseiro e olhou para a perna, não havia hematoma algum.

Os dois foram ávidos para a atadura no braço do rapaz, e juntos a tiraram.

As marcas das mordidas estavam lá. No entanto era como se o ferimento fosse vários dias mais antigo, com os cortes e perfurações quase fechados.

Amanda segurava o braço de Gabriel com as mãos trêmulas.

— O que você faria se eu te dissesse que sou um... lobisomem? — Gabriel perguntou sem pestanejar.

— O que? — A moça tentou recuar, mas os olhos dourados-mel dela encontraram-se com os azul-glaciais dele.

— Se eu fosse um monstro, alguém que cometeu atrocidades, que tirou vidas.

— Ah... — Ela ponderou achando entender a simbologia da pergunta. — Eu diria que talvez precise de uma amiga. — A moça corou, não sabia porque tinha dito aquilo. Não, ela sabia, só não queria encarar a verdade sobre suas palavras.

O coração dos dois aceleram, calor corria de um corpo para o outro enquanto a chuva lá fora se tornavam uma garoa fria e ritmada.

— Amanda é melhor eu ir. Não sei se... é melhor. Pode me dar minhas roupas?

— Não. — Amanda olhou para os olhos de Gabriel. — Você saiu da minha vida uma vez, não vai sair de novo.

Gabriel não resistiu, com um braço a envolveu e levantando-se a ergueu, por instinto a moça entrelaçou as pernas ao redor da cintura dele e com os corpos colados eles se beijaram. Os seios entumecidos de Amanda fizeram-se notar além do tecido da blusa e roçaram no peito nu de Gabriel. Ele não iria se conter por muito mais tempo, nem ela.

— Amanda eu... — Ele parou entre os beijos, a moça arfando. Gabriel a queria. Queria Amanda para a vida toda e isso o assustou.

— É melhor... — Ela falou recuperando o fôlego.

Sem trocaram mais palavras os dois se entenderam. Gabriel gentilmente a pôs novamente de pé.

— Vou pegar suas roupas. — Ela saiu do quarto com lágrimas nos olhos.

Gabriel ficou ali lembrando-se do primeiro beijo, da festa no Zerão, da morte de sua mãe, do primeiro beijo. O coração apertado, os olhos lacrimejando. Quando a moça lhe entregou as roupas, ele fez questão de vesti-las o mais rápido possível.

— Gabriel...

— Obrigado por me ajudar. Eu nunca deveria tê-la deixado. — Ele a interrompeu em um tom vago. Distante, como se experimentasse o vazio de uma vida toda sem a garota.

As roupas sujas e rasgadas o faziam parecer um motoqueiro saído de uma guerra urbana. Já na sala Gabriel pôde reparar no apartamento pequeno, porém aconchegante. A janela dava para uma sacada pequena e através da vidraça ele viu a noite brumosa que o chamava para correr. *Será que minha moto está inteira?* Questionou-se tentando lembrar onde fora o ataque.

— Podemos nos ver novamente? — Perguntou gentilmente pegando a mão de Amanda.

— Estamos os dois comprometidos com outras pessoas não? — Amanda sorriu sem graça, sem soltar a mão. — Mas eu deixei meu número no seu celular.

Gabriel meneou um sim e foi até a porta.

— Amanhã você vai acordar achando tudo isso um erro e ficar com raiva de mim, vamos nos falar um pouco, concertar o que dá e nunca mais nos veremos. — Gabriel disse já no corredor.

— Não, não vai ser simples assim. — Ela deu um paço na direção dele.

O jovem Donovan nunca se sentira tão vivo, o coração batia forte, o sangue fervia e olhando nos olhos de Amanda chamadas de novo fôlego de vida brotaram em seu espírito. As sensações que aquela garota lhe passara até então, se tornaram nítidas. O peso em seus ombros se aliviaram. Amor preencheu Gabriel, de uma forma tão intensa que ele sabia o estar libertando de várias outras feridas.

Como uma tempestade varrendo seu mundo interior e trazendo fertilidade ao terreno outrora destruído.

Gabriel e Amanda se beijaram novamente, um gesto que começou calmamente e escalou para beijo voluptuoso, fazendo os dois perderem a noção de realidade por alguns segundos. Quando se afastaram, sorriram sem graça e foi Amanda quem fechou a porta.

Ele sabia que nada mais seria tão simples.

O jovem saiu para um corredor de paredes brancas manchadas pelo tempo. O carpete pôdo o guiava até a outra extremidade do corredor, onde um elevador simples o aguardava.

A medida que caminhava até ele Gabriel notou um odor pungente, misto de mofo, sangue e dejetos. Achou que vinha de algum dos apartamentos daquele andar. O prédio tinha quatro apartamentos por andar, ao que notara. Intrigado continuou até o final do corredor. O odor sumira.

Quando entrou no elevador notou que estava no nono andar. 904. Lembrou-se do número na porta do apartamento de Amanda.

Havia muito sobre o que pensar a respeito aquela noite. Reencontrar Amanda, virar *ou sonhar* ter virado um lobo, ser um assassino. Os pensamentos atingiam sua mente como marretadas. Quase não notou que ao passar pelo quarto andar o cheiro terrível surgiu novamente. Tossiu e ignorou a raiva que o odor lhe trazia. Não queria pensar mais sobre essas coisas, precisava descansar e tomar uma decisão.

Ao sair para a rua algo que o incomodava há algum tempo veio à mente com a imagem de uma mulher trajando branco em meio a chuva. Foi uma imagem rápida, fugaz como um lampejo do relâmpago. Ainda garoava e Gabriel ficou algum tempo ali deixando a água cair em seu rosto, sofrendo pelo que quase esquecera, por quem quase esquecera.

— Mãe. — Ele murmurou choroso e percebeu que ao tentar fugir, ao tentar se esconder, Gabriel passou a esquecer de sua própria mãe, esquecer até de si mesmo.

Amanda o despertara, ele sabia disso. Como uma chama na escuridão, ela trouxera o espírito do jovem de volta. O corpo respondia a isso, sua força prodigiosa corria pelos músculos novamente. A sensação imediata era de acordar de um torpor sinistro.

Mancando levemente, Gabriel caminhou pela noite até o beco onde estava a Mirage. O chassi arranhado, alguns estragos menores e o farol quebrado. Ele ergueu a cruiser e procurou pelo capacete, sem sucesso.

Montou na moto e deu partida, na segunda tentativa conseguiu fazer pegar e por fim rumou para sua casa.

Rodou pela cidade compenetrado em seus pensamentos. Agora ciente de que seu próprio mistério tinha relação com a morte de sua mãe. Havia uma ligação em tudo que vivera até ali, algo traçado pelo destino, já que era um homem louco ou

um... *Lobisomem*. Tentando não entrar em pânico ele desacelerou a moto ao entrar na rua de casa.

— Lobisomem. — Falou para si. — Não me parece tanta loucura assim. — Ponderou.

A certeza das coisas que vira e vivera até ali o perturbavam mais do que lhe davam conforto. Saber instintivamente que a realidade era muito maior do que a maioria das pessoas supunha, dava uma direção, mas definitivamente nenhum conforto a Gabriel. Justificava momentos de sua vida, porém criava toda uma gama de possibilidades e já que a loucura não era a resposta, então horrores terríveis habitavam o mundo.

Ele entrou com a moto desligada no galpão, era a solução para não sujar o lugar onde pintava. As imagens dos lobos vieram à tona como se fossem formadas por pinceladas. O nítido cheiro de sangue só saiu da memória quando notou um odor conhecido. O pai estivera na casa. Agora que sabia conhecer o cheiro de Eduardo, Gabriel sabia como encontra-lo, e iria atrás dele assim que se recuperasse.

Querendo repousar, Gabriel foi em direção a escada que levava ao primeiro andar, quando olhou para uma das telas cobertas.

Caminhou devagar até ela. Removeu o pano para revelar o lobo negro sem olhos. Trêmulo ele foi até as tintas e pinceis.

Gabriel sabia como terminar o quadro. Tirou a blusa, pegou o banco e com as tintas prontas sentou-se diante da tela. Suor escorria pelas têmporas, os cabelos negros colados ao pescoço, molhados da chuva.

Respirou fundo, encarou as suas angústias mais profundas e começou a pintar os olhos da fera.

Assim que terminou, Gabriel Donovan sabia que os olhos do lobo negro eram os seus.

XV — CONFRONTO DE GERAÇÕES

Depois de algumas horas de sono Gabriel tomou um banho e se vestiu apropriadamente, mas não antes de queimar as roupas sujas de sangue.

Achou melhor desfazer-se delas ao invés de tentar limpá-las. Não queria deixar rastros para a polícia. Já tinha problemas o suficiente. Enquanto olhava as chamas na fogueira do quintal de casa engolirem os farrapos, ele ponderava se devia seguir com seu plano.

Uma vez vestido foi checar melhor o estado da moto. Queria avaliá-la na oficina, mas primeiro tinha um assunto de família para resolver. O dia amanhecera nublado e aos poucos fora clareando até que perto das onze horas as nuvens já eram esparsas. Com uma boa refeição, misto de almoço e café da manhã, Gabriel estava pronto. Todas as energias repostas e os ferimentos cicatrizando.

O jovem Donovan abriu os portões e olhou para a mão ferida, onde a mordida fora mais leve, os rasgos feitos pelos dentes do lobo já davam lugar a uma suave cicatriz. Por algum tempo ficou ali pensando sobre os dias em Londrina. Não queria mais fugir de sua verdade, iria até o fim para descobrir a própria história.

De espírito renovado e um sorriso selvagem no rosto, Gabriel tirou a Mirage da garagem, trancou a casa e farejou o ar. Demorou algum tempo, bastou lembrar-se de que era capaz, de que era um lobo. Aos poucos passava a ignorar suas dúvidas, no fundo ele sempre soubera que o mundo era bem maior.

Deu partida na moto assim que capitou a essência do pai e sem ligar para as leis, sem capacete ou qualquer freio moral ele partiu a toda velocidade cruzando a cidade. A essência de Eduardo o guiava.

Gabriel estava furioso com seu velho. *Ele sabia, sempre soube.* Era tudo que repetia em sua mente enquanto exigia o máximo da Mirage 650. Passou por carros desviando-se com reflexo impressionante. O visor digital entre os guidões media 195 km/h. Concentrado, estava focado no rastro do pai e no controle da moto. Desacelerou em uma esquina para se certificar de onde deveria virar. Entrou à

esquerda, passou por uma loja de caça e pesca. O rastro ficou confuso. Parou a moto, farejou o ar por alguns segundos e continuou em frente.

A partir dali manteve a velocidade compatível com as vias, sabia estar perto da morada de seu pai, queria enfrentá-lo, mas o coração titubeava com o medo das revelações que isso traria.

Passou por um armazém com cheiro de floresta, desacelerou a moto e olhou para o lugar. *Empório da Sorte*. Achou o nome interessante. Na porta do estabelecimento um homem com pouco mais de 1,60 m de altura, segurando uma vassoura nas mãos e vestindo um avental verde musgo por sobre trajes minimamente antiquados, o encarava. Calças marrons, sapatos pretos lustrados, colete marrom e camisa branca, os cabelos avermelhados. Um tipo bem diferente.

Uma quadra depois do estabelecimento Gabriel se deparou com um prédio que fazia esquina com uma viela que cortava a quadra e passava na lateral do lugar. O lugar era cinzento, tinha um portão largo na fachada e janelas altas, comum a prédios como aquele. Gabriel desligou a moto, desceu e bateu no portão de ferro.

Sua fúria só cresceu ao notar o forte cheiro do pai. Todas as questões não resolvidas, a revolta da adolescência parcamente aplacada. Ele bateu mais uma vez e gritou com toda raiva e amargura.

— Pai!

Ele sabia que Eduardo estava lá e quando ouviu movimentação lá dentro, teve certeza absoluta. Sem conseguir se conter, Gabriel enfiou os dedos na parte de baixo do portão de ferro e simplesmente ergueu. O cadeado estourou, o portão subiu e amaçou. Gabriel ficou ali estatelado erguendo um pedaço retorcido de metal enquanto a luz do sol que entrava pelas janelas iluminava o galpão, revelando Eduardo, no meio do pátio, apontando uma .45 para o filho.

— Precisava disso? — O pai resmungou guardando a arma no coldre, na parte de trás da cintura.

— Eu quero saber tudo agora! — Gabriel entrou soltando o portão que cedeu desenrolando e parou na metade com um som de esganar metálico.

— Calma lá garoto. Saber o que?

— Não me faz de idiota, pai. — A voz saiu em um tom gutural, selvagem, antes de se normalizar. — Por que fez isso comigo? Me deixou sem vir aqui, trancado, longe de tudo que eu amo!

— Não seja dramático Gabriel, nunca te tranquei, se o tivesse feito não teria fugido tantas vezes e não estaria aqui seguindo sua própria vida.

— Sempre com um jeito de fugir da questão, não é? Muitos anos de prática. Ei. — Ele se aproximou do pai até quase ficarem cara a cara. — Eu sei que sou um lobisomem ou coisa do tipo. Sei que minha mãe foi assassinada e que você caça essas coisas. — Ele tocou o dedo no peito do pai. — Então abre o bico.

Os olhos de Eduardo mudaram, a luz no olhar se intensificou de alguma forma.

— Não é tão simples assim garoto. Eu deveria mesmo ter falado com você antes, mas agora que você sabe, ótimo. Finalmente posso usar seus poderes.

— O que?

— Eu fiquei esperando e te dando espaço para se desenvolver, agora com sua força podemos matar os desgraçados.

— Você tá pensando que eu sou o que? Eim?

— Não foi por isso que veio para cá, Gabriel?

— Seu desgraçado, você sempre soube, minhas visões, minha juventude, você podia ter me ajudado. — Gabriel não pensava com clareza, tudo que sentia era um furor intenso dentro do peito. — O que eu sou pai? Um cão de caça?

Gabriel urrou de desgosto, toda a dor saindo como um trovejar do peito. As janelas do prédio tremeram, o céu diurno escureceu e trovoadas cortaram a manhã de Londrina. Uma súbita ventania invadiu o galpão. O perfume que ela trazia rememorou Gabriel do passado, da relva verde, da noite trágica. Lágrimas quentes escorreram por seu rosto.

— O que eu sou para você? — Gabriel não conseguia articular sua dor. Palavras não faziam mais sentido àquela altura. O jovem Donovan não se conteve e esmurrou uma pilastra próxima à ele.

Foi um direto de direita, girando o corpo usando toda sua força. O concreto estourou deixando um rombo na quina da pilastra. Quando olhou para o pai viu que ele levava uma das mãos às costas.

Ao notar que por reflexo tinha buscado a arma, Eduardo ficou consternado.

— Gabriel eu...

— É isso? Não passo de um monstro para você? Por isso me odeia? Por isso tem medo de mim? Era assim que via minha mãe? — Perguntou em um urro.

O soco veio rápido, foi mais forte que Gabriel esperava, estourou violento em seu rosto. A surpresa não foi tão grande quanto a do segundo soco. Ele veio lento e no peito. Apenas um toque. Lágrimas escorriam daqueles olhos duros, marcados por mais do que a cicatriz no rosto. Eduardo não conseguia encarar o filho. Em um balbuciar quase inaudível para um humano ele deixou sua dor sair.

— Natasha não era um monstro...

Gabriel não suportava ficar ali. Deu as costas para Eduardo e partiu. Passou pelo portão amassado, montou na *cruiser* e seguiu.

No galpão, Eduardo ficou encarando a moto partir.

— O que estou fazendo? — Passou a mão no rosto tocando as cicatrizes enquanto pensava na família que perdera.

O jovem Donovan dirigiu desorientado enquanto imagens de seu passado eram pinceladas em sua mente. Tons escuros e verdes mesclados ao vermelho ferroso evocavam a cena da morte de sua mãe. O vento, com seu aroma de passado trágico o guiou e Gabriel decidiu que iria investigar o assassinato de Natasha por conta própria. Acelerou a moto rumo a Curitiba.

Perto da saída um carro de polícia emitiu sinal para que ele encostasse. Gabriel acelerou a moto a toda, desviando dos carros, furando semáforos, seus reflexos e a velocidade que imprimia na moto tornaram a perseguição impossível.

Livre da polícia, Gabriel rumou em direção a rodovia se deixando guiar pelo vento e pelas memórias. As nuvens escuras cobriram o sol de tal maneira que a manhã se tornara noite, anunciando uma tempestade.

Os pneus da Mirage cortaram o asfalto velozmente até que Gabriel começou a viver seu pesadelo, viu a estrada como à vira em sua infância. Antes confuso, agora sabia que o acidente acontecera um pouco longe de Londrina. Um arrepio forte subiu sua espinha quando ele reconheceu as árvores que ladeavam a estrada.

Aturdido pelas imagens que vinham à sua mente, o jovem motoqueiro guinou a moto para o gramado que servia de acostamento, para que não sofresse um acidente. Saindo da moto e a deixando caída na grama alta, Gabriel atravessou a estrada para o outro lado. Um pinheiro jovem com galhos partidos exalava um cheiro familiar. O jovem passou a mão em sua casca e a verdade veio à tona, com ela uma vontade selvagem de correr.

Gabriel correu mata adentro rememorando cada segundo daquela noite.

Era por volta das onze horas da noite, o menino sabia, já que estava prestes a ir dormir quando a mãe o puxou pelo braço.

— Vá se arrumar filho, nós precisamos ir. — Foi o que ela disse de supetão depois de horas conversando com Eduardo, a sós no quarto.

Eduardo ajudara Gabriel a arrumar uma mala rápida, com algumas roupas, mas não havia mala para os pais.

— Ei o que está acontecendo? — O menino questionou logo com seu ar tímido e quase rebelde.

Sem responderem ao jovem, com apenas uma troca de olhar entre eles, Natasha e Eduardo o levaram até o carro, um Logan azul marinho, e partiram.

— Nós vamos te levar para conhecer seus avós querido. — Natasha confidenciara quando já saíam de Londrina.

O clima dentro do carro era estranho, opressivo, Gabriel podia sentir a necessidade de fuga naquela situação, como se fosse interna, como se ele quem quisesse fugir de alguma coisa assustadora. Sabia que os pais mentiam para ele, ao mesmo tempo ficara impactado com a possibilidade de conhecer os avós maternos.

Até aquela noite sua mãe nunca os mencionara. Sempre desconversando quando Gabriel abordava o assunto.

Quieto o menino olhava para as árvores durante a viagem, e viu quando a chuva começou a cair suave. Não apenas isso, mas algo na floresta o chamou a atenção. Um ser grande, como um urso, feito de sombras em meio a mata.

Gabriel tentou alertar os pais, mas Eduardo ignorou, ou fingiu ignorar, como sempre fazia com as visões do filho, para o aparente desconforto de Natasha.

Se eram apenas de sua cabeça, por que causava tanto atrito entre os pais menciona-las? Já naquela idade Gabriel notava que Natasha acreditava nele.

Saindo momentaneamente de suas memórias, Gabriel parou de correr diante de um pinheiro partido. No meio do tronco, abaixo da parte quebrada, os sulcos de cinco garras marcavam o caule. Ele passou a mão na marca e farejou o ar, estava perto. Um segundo quadro se pintou em sua mente.

Os Donovan, pai, esposa e filho, já viajavam há cerca de meia hora rumo a Curitiba quando um vulto se fez notar seguindo... perseguindo o carro. Dessa vez Eduardo não ignorara os alertas do filho que batia no vidro da janela alertando o pai para o perigo do lado de fora.

Acelerando o Logan, o pai de Gabriel tentara se desvencilhar do perseguidor, quando uma segunda sombra atingiu o carro vindo pela esquerda, fazendo o veículo ziguezaguear. Naquele momento Eduardo perdera o controle da direção — agora Gabriel conseguia se lembrar nitidamente. Muito mais ocorrera naquela noite.

Com o impacto e o derrapar, o Logan capotou. Gabriel fora chacoalhado de um lado para o outro, vidros estouraram, e o carro parou ao bater em uma árvore. A chuva dando lugar à uma ventania ruidosa, que soava alto entre as copas.

Com um empurrão, Natasha arrancou a porta e Eduardo fez o mesmo. Gabriel ficou segundos sem saber o que fazer, o coração tamborilando, até que viu o pai abrindo a porta de seu lado, cortando o cinto de segurança com uma faca e arrancando o filho.

Do lado de fora Natasha estava em posição arcada, como uma selvagem prestes a se engalfinhar em um combate de luta livre. Ela fez um gesto com a cabeça que pareceu próximo demais ao de um cão farejando o ar. Eduardo puxou o filho para si e olhando em seus olhos disse em tom de comando.

— Corra Gabe. O mais rápido que puder e não pare.

Foi quando um uivo irrompeu, e outro o seguiu. Gabriel sentiu o terror percorrer sua espinha. De alguma forma sabia que aqueles seres, talvez lobos, queriam sangue, queriam morte. Antes de correr ele deu uma última olhada para sua mãe.

Natasha tinha o olhar selvagem, a expressão furiosa quando olhou para o filho, mas logo sorriu. — Corra meu filhote. — Ela disse antes de fechar o cenho novamente e mudar. Gabriel não pôde se mover, o que para alguns poderia parecer terrível e assustador, tomou notas poéticas aos olhos da criança. Os cabelos longos e ondulados de um loiro-amendoado cresceram mais e tornaram-se brancos, ela ficou alta, as roupas engolidas por densas camadas de pelos brancos, maior e maior. Pensou notar tênues linhas de energia dourada rodopiando ao redor dela enquanto mudava, mas não tinha certeza.

E então Gabriel viu as costas poderosas da mãe arquearem e depois se tornaram eretas quando ela alongou o focinho lupino para o alto e uivou chamando seus perseguidores para a batalha.

Gabriel sentiu a vontade de obedecer, sabia que sua sobrevivência dependia disso por isso correu. Correu, muito e se perdeu em meio a floresta. O som de trovoadas e estrondos estranhos vinham a seu alcance, ouviu tiros, e o som de ruidosas respirações. Viu o pai diante dele respirando compassadamente e aliviado por encontrar o filho. Os dois se encararam quando ouviram o som nítido de uma fera próxima. Um urro e um pinheiro foi partido, o tronco separando o caminho entre pai e filho. Eduardo levava a mão as costas e sacara uma espada, a lâmina fulgindo dourada. Antes que ele pudesse usá-la a fera partiu para cima de Gabriel, que se virou e correu como nunca.

Fugindo por entre as árvores, fazendo uso do espaço e de seu tamanho em comparação com a besta sombria que o seguia, Gabriel abriu certa distância, mas não teria conseguido fugir se não fosse por sua mãe.

Diante dele ela se ergueu. Maior do antes, Gabriel não entendia bem como, mas tudo parecia um pouco maior naquele momento.

Natasha era um lobisomem. A forma de mulher-loba era linda, de pelos densos e brancos como a neve, olhos densamente azuis, dentes brancos como lâminas de gelo. O peito manchado de sangue, o sangue dela. Feridas na coxa e no ombro mostravam músculos e ossos. A dor no peito de Gabriel o fez ganir. O jovem se virou para correr crente que a mãe viria junto, outra sombra surgiu em seu caminho. E então Natasha saltou, as garras em riste desceram cruéis. O sangue do inimigo lavou a terra, o sangue de Natasha respingou nas árvores, Gabriel sabia o que a mãe queria, então correu, sentiu o cheiro de seu pai e perseguiu a trilha.

Em meio a uma estrada de terra Eduardo estava prostrado. Sangue escorria por um dos braços, a espada cravada na terra estava suja. Ele abriu os braços para Gabriel e abraçou o filho de forma carinhosa. O uivo de Natasha irrompeu na noite. Gabriel tentou fugir do abraço do pai, a pata negra de lobo rasgou o rosto de Eduardo, ele se encolheu e desmaiou exausto.

Gabriel Donovan voltou a si diante da mesma estrada de terra. As lembranças varridas, como quadros guardados em um galpão de memórias. O jovem Donovan agora entendia sua própria história, embora houvesse muitas lacunas à serem preenchidas, a cada verdade muitas perguntas à serem respondidas.

Natasha Donovan era lobisomem e o filho herdara essa natureza. Um nó se formou na garganta do jovem, ter machucado o pai daquela forma doía na alma, ter a certeza de que poderia ferir a quem amava era uma verdade cruel a ser encarada. *Haviam dois lobisomens aquela noite*, duas feras lutaram contra Natasha, mas Gabriel mal conseguira notá-las. Queria se lembrar, encontrar aqueles seres, vingar-se.

Lágrimas quentes escorreram por seu rosto, um misto de emoções o preencheu.

Passava a entender coisas sobre si e o passado, o que tornava tudo à sua volta mais aterrador.

O uivo que ouvira da mãe em seus pesadelos não era um pedido de ajuda. Ela não arriscaria o filho. Era um adeus, um lamento longo para os dois, para ele e seu pai. Uma despedida de amor. Gabriel não sabia se o pai podia entender como ele, e não tinha certeza sobre o que pensar a respeito. Ainda que sofrida, fora a última ode de amor de sua mãe.

Com a alma ferida e o peito doendo ele fez o que sua natureza pedia, ali na forma de homem, no meio da floresta Gabriel uivou, e o som aos poucos se tornou natural. Cantou sua tristeza para as matas, os céus, a alma de sua mãe.

— Você se lembrou. — A voz de Natasha surgiu com uma lufada de vento e fez o coração do jovem acelerar.

Gabriel farejou o ar buscando pelo cheiro de sua mãe, quando em meio as árvores um redemoinho se formou elevando folhas, fazendo as copas cantarem. Traços de um cinza quase brilhante luziram ao derredor pintando o redemoinho de forma mística.

Os ventos amainaram e diante de Gabriel estava um ser andrógeno de cabelos longos e acinzentados, a pele trocava entre cinza, branco e azul celeste, como nuvens a se moverem, até que estacou tornando-se uma visão sólida com belos padrões tatuados pelo corpo. Plumas cobriam-lhe os ombros e nascendo do umbigo cobriam também toda a virilha. O rosto afeminado do homem era familiar, orelhas pontudas, sorriso fácil na face e os olhos eram os de uma ave de rapina.

— Primo. — Gabriel balbuciou e pôde ver que ao som da palavra o sujeito o encarou focando os olhos predatórios com perigoso interesse.

— Talvez. — Para o espanto de Gabriel a voz que saiu do sujeito era a de sua mãe.

Foram segundos para que o jovem entendesse e conseguisse processar o que estava acontecendo. Ele sabia, na verdade agora que aceitava isso era muito natural

e óbvio para ele, que sempre existira um mundo além do que os meros mortais podiam ver. Ele sempre soube que as visões que teve depois que a mãe morreu eram reais, mais palpáveis do que os psicólogos o fizeram crer, sonhos vívidos... *sonhos além do sonhar*.

Diante dele estava uma criatura mística, um ser cuja a natureza ele desconhecia, mas que de fato podia chamar de sobrenatural e o qual podia farejar.

Gabriel farejava uma essência diferente que o remetia a chuva, névoa, frio, brisas outonais, o vento que levanta terra na estrada, o vento que o rodeia quando corre com a moto. O vento. Isso ficou em sua mente, remoendo, revolvendo e a ira brotou. Aquele ser roubou de alguma forma a voz de sua mãe, e o perturbava desde então, falando para que ele corresse, fugisse, deixando-o maluco e confuso. Não pensou duas vezes e atacou.

Porém o que o jovem Donovan encontrou foi uma árvore, topando nela com força ao passar direto pelo ser que se tornou névoa por um instante.

— Talvez tenhamos sido primos. Será? Eu não me lembro. — Novamente ele usava a voz de Natasha.

Dessa vez não foi a ira que brotou no coração de Gabriel, magoado e de espírito entristecido ele pediu.

— Não use a voz dela. — Gabriel se ergueu do chão e cerrou os punhos. Ali diante do vento era um guerreiro entristecido.

— A voz dela? Era importante ela não? Para mim e para você mais ainda. — Novamente, falar como a mãe dele o fazia se partir em frangalhos. — Pensei que gostaria de ouvir a voz dela mais uma vez... quem era ela mesmo?

— Natasha Donovan... minha mãe. — Gabriel respondeu como um garoto, como se fosse para si mesmo.

O vento que ainda dançava suave nas árvores se tornou uma ventania, o cheiro ferroso de sangue fez o jovem despertar do leve transe em que a tristeza o levava. A ventania silvou forte como um uivo de dor, remorso e raiva.

— A Caçadora, a Dançarina Branca. — Agora as palavras do homem eram como silvos de vento, como sussurros de uma brisa, como a ventania de uma tormenta. Tudo ao mesmo tempo.

Ele não compreendia bem como, mas podia entender o que o homem dizia plenamente.

— Grande amiga que se foi. — A voz amainou e virou uma brisa. — Eu me esqueci. Eu me esqueci dela e do pedido, quando senti que corria, meu primo, eu me lembrei do que deveria fazer.

Intrigado o jovem Donovan olhou para aquela figura e questionou sem titubear.

— Quem é você? O que é você? Por que me chama de primo?

— No passado distante fomos irmãos, seu povo e o meu. Mas isso faz muito tempo, quando os humanos eram inocentes e nossos povos lutavam contra os seres do abismo. Somos primos agora, sua mãe me pediu que cuidasse de você. Não vou mais esquecer. Eu me lembrarei, eu sou o vento e a brisa que sopra em Londrina, posso trazer chuva e névoa muitas vezes. Eu sou o tufão que ajudará você na vingança que busca. Se precisar de mim, chame com o vento. — Dizendo isso o ser sumiu em um ligeiro redemoinho.

Gabriel estendeu a mão como se quisesse alcançá-lo. E com a lufada o perfume de carne assada veio até sua narina. Cheiro de fogueira, suor e óleo de motor se misturavam a carne e cerveja.

As últimas palavras ficaram circundando a mente de Gabriel, *ajuda na vingança...* Ele sabia que ali era o ponto onde sua mãe fora morta. Quem estaria tão perto do local? Decidido se embrenhou entre as árvores e seguiu seu faro.

Mais adiante divisou um casebre de tijolos, com as janelas destruídas e abertas, uma porta puída escancarada e um buraco no telhado. Não se lembrava de tal lugar, de certo não correrá por aquele lado na noite do ataque.

Notou movimento do outro lado da casa, e a fumaça que subia por detrás denunciava a fogueira. Gabriel ficou de cócoras tentando se camuflar enquanto ponderava sobre tudo aquilo.

O vento o levava até ali, o incentivara a caçar sua vingança. Ainda tentando se esgueirar na mata Gabriel deu a volta, se aproximando da clareira onde ficava o casebre. Fosse noite ele sabia que teria alguma vantagem, ainda assim tentou se esgueirar.

A parca luz que saía das nuvens de chuva ameassavam revelá-lo a qualquer momento.

Gabriel caminhou em silêncio com passos pensados e sem pressa. Aos poucos a cena que se revelava diante dele era a de um velho motoqueiro assando a anca de um animal de médio porte. O cheiro fazia o estômago de Gabriel roncar e sua boca logo começou a salivar. Respirou fundo e analisou o sujeito.

Era homem de porte médio, por volta de 1,80 m de altura, magro, os braços à mostra revelavam feixes de músculos resistentes. Usava colete de brim negro calças jeans pretas, mas estava descalço. Um par de botas estava próxima à moto, uma chopper feita de peças de uma Virago, toda cinza escura com partes cromadas.

— Está com fome, filhote? — O velho disse com uma voz severa que parecia antiga, muito velha aos ouvidos de Gabriel.

Compelido pela ira o jovem saiu da mata caminhando em direção ao sujeito. Era um homem de ar severo, com cabelos cinzentos até os ombros e uma barba branca feito neve, cheia e aparada no comprimento do meio do pescoço. O olho

esquerdo estava fechado e o direito tinha uma íris cinza cujo olhar parecia ver a alma de Gabriel.

— O que você está fazendo aqui? — Questionou percebendo que não conseguia pensar com clareza. Sentiu o perigo pairando no ar, aquele velho exalava uma aura predatória extraordinária.

Só podia ser *um lobisomem, um dos assassinos, um daqueles que o privara de sua mãe*. A mente de Gabriel tornou-se obscura e sinistra, ao invés da escuridão que ele conhecia o tragar e esconder, agora ardia como chama negra e viva. Uma vontade assassina dentro de si. Gabriel queria o sangue daquele sujeito.

Ele forçou a vontade assassina, urrou morte e seu corpo começou a mudar. Os músculos tencionaram, as roupas rasgaram e os cabelos ficaram longos, a barba cresceu e Gabriel sentiu uma força gigantesca passar pelo corpo como uma descarga de relâmpagos, era libertador, era difícil, porém libertador. E toda a força que por ele passava o impeliu a urrar para em seguida uivar longa e ameaçadoramente.

Gabriel sabia que dessa vez tinha mudado de outra maneira, ele não era um lobo.

O jovem Donovan mudou para uma forma híbrida, tinha consciência de que era algo mais do que antes, algo mais do que um só.

Tornara-se imensamente musculoso, o corpo densamente coberto por pelos negros, as roupas viraram frangalhos, possuía uma calda canídea de pelos negros; e a cabeça se tornara a de um lupino.

Era a sombra de uma divindade antiga, a mistura de lobo e homem. As pernas arqueadas híbridas entre patas traseiras lupinas e as pernas humanas, munidas de garras, assim como as mãos, agora patas acolchoadas, como as mãos de um lobo que tivesse polegares opositores. Os olhos ardiam em turquesa, um turquesa místico, os dentes longos e brancos como a neve eram lancetas perigosas e os caninos protuberantes.

Diante daquela visão o velho se preparou para o combate. Gabriel achou graça. Do alto de seu novo orgulho sentia-se supremo, um assassino perfeito e se espantou quando o velho mudou, embora suspeitasse desde o início que ele era capaz de fazê-lo.

O homem se tornou um híbrido também, um homem-lobo de pelos cinzentos, como o cinza das nuvens de tempestade. Os olhos mudaram também, o esquerdo como antes fechado, mas o direito azul glacial, como se fosse uma pedra de gelo. Era um lobisomem mais baixo que Gabriel, forte e emanava uma aura terrível, uma presença mais do que a aura aterradora de besta-fera. Aquele velho lobisomem trazia algo em si que fazia Gabriel hesitar.

O sujeito aproveitou a abertura, tomando o ato de Gabriel como agressão. Ele saltou sobre o filhote e o teria acertado se um relâmpago não tivesse caído diante dos dois interrompendo a contenda. O raio não feriu Gabriel, apenas chamuscou alguns de seus pelos, já o lobisomem cinzento saiu do alcance da descarga como se pudesse antecipar, como se ele mesmo fosse o vento.

Aquela não era a primeira vez que um relâmpago parecia interceder pelo jovem. A luz azulada do raio fez as faculdades de Gabriel voltarem, a vontade assassina se digladiava com sua racionalidade, ele sentia-se dividido, como se dois tentassem controlar aquele corpo, *não*, mais do que dois. Seu corpo doía, o peito ardia, seu espírito queria se partir.

O velho homem-lobo cinzento urrou para os céus e Gabriel entendeu.

— Ele veio a mim! Agora não há volta! É meu território! — O velho urrou, uivou e sua voz era como uma trovoadas, gutural e antiga.

Anunciando o ataque, o homem-lobo cinzento saltou sobre Gabriel. Um ataque rápido demais para o jovem, as garras em risqué cravaram fundo como lancetas, entrando nos ombros do jovem. Com a força do impacto o lobisomem cinza derrubou Gabriel. Prostrado sobre o jovem, o velho desferiu um golpe em arco com a garra direita cruzando o peito de Gabriel.

O homem-lobo de pelos negros se irou. A dor o lembrava que tinha que sobreviver, por isso assim que recebeu o golpe, em fúria tremenda se ergueu, contrariando as expectativas do mais velho. O movimento foi seguido de um agarrão, Gabriel o abraçou pela cintura e arremessou com toda força para longe de si.

Chocando-se contra uma árvore, o velho lobisomem emitiu um ganido de dor, mas experiente que era, caiu sobre as quatro patas e ficou encarando Gabriel com seu único olho.

Tendendo a aproveitar a aparente hesitação, Gabriel intentou atacar, porém parou quando suas costas arderam. O sangue escorria por seus pelos, não apenas pelos ferimentos no ombro e no peito, mas nas costas e na nuca também. No movimento de arremessar o adversário ele nem percebera, mas o lobisomem mais velho aproveitou a proximidade e a natureza da agressão para rechaçar as costas do mais novo; abraçando ele com as garras por alguns instantes e dilacerando músculos e tendões até perto da nuca. Um ataque preciso.

Gabriel estava fraco, caiu sobre um joelho e sabia que logo morreria.

— Não mude agora filhote da Caçadora. Há muito que aprender e sua força é grande. — O velho falava com uma eloquência que soava terrível naquela voz gutural. — Abraça sua natureza ou irá morrer. Se morrer tudo morrerá contigo e o legado de Natasha estará perdido.

O lobisomem negro não entendia muito bem porquê, entretanto tais palavras mexeram com ele, fizeram o espírito se firmar em algo.

Urrando ele buscou forças, buscou se lembrar do lobo negro e implorou para que ficassem unidos. Foi como gritar a uma longa distância no meio de uma tempestade, e ser ouvido.

Ele não sabia dizer por quanto tempo ficara ali parado, firmando os pés no solo ereto como um bastião meio-lupino, mas a noite chegou e Gabriel estava na forma de homem-lobo olhando para as árvores, em transe.

Finalmente as forças se esvaíram e ele mudou, tornando-se humano, frágil, esgotado. Ele caiu ao solo nu e ali, adormeceu.

Ao acordar a fogueira ardia mais alto e o velho estava sentado em um toco comendo um naco de carne.

O estômago de Gabriel roncou e ele se ergueu reparando em um par de calças jogada ao seu lado.

— Agora você está com fome né rapaz? Veste a calça e vem comer.

Instintivamente Gabriel passou as mãos pelas feridas e o que encontrou foram leves cicatrizes nos ombros e na barriga, mas ao levar as mãos às costas notou marcas mais proeminentes.

— Eu exagerei, mas se você estivesse em sua plena forma eu teria que ter lutado até a morte, ainda mais com um espírito te ajudando.

— O que? — Gabriel questionou desorientado. Pegou as calças e se vestiu. — O vento? — Falou mais para si.

O velho o encarou pensativo.

— Sente-se garoto. — Ele resmungou algo ininteligível e depois jogou um pedaço de carne no ar.

Gabriel pegou por reflexo e passou a devorar o naco. Seus instintos eram quase irrefreáveis.

— Há um forte desequilíbrio em você. Sente-se, a noite pode ser longa.

— Não sei bem se deveria. — Gabriel não sabia como agir. Sentou-se em um toco moldado em banco próximo ao velho e aceitou um outro naco de carne que este cortou com uma faca.

— Ah garoto você tem bons instintos, mas não sabe usá-los. — O velho mastigou um pedaço de carne. — Espero que não sintam falta desse boi... vamos começar com um pouco de educação, meu nome é Elliot e qual o seu, filho de Natasha?

— Como sabe... — O jovem não entendia porque, mas depois que Elliot lhe falou dos instintos ele percebeu que não desconfiava dele, não com relação a morte

de sua mãe. — Nome diferente o seu. Você parece mesmo estrangeiro. Meu nome é Gabriel.

— Um dos poucos Donovan lobisomens, se é que sei de alguma coisa. — Elliot riu como alguém pregando uma peça, depois o ar severo retornou em seu olhar e encarando o fogo continuou. — Conheci sua mãe quando ela era uma jovem perdida, ainda sem entender o que era, fui eu que contou a ela sobre as origens dos lobisomens. E o destino me trouxe você para que continue o legado de Natasha.

— Eu... Como... Eu estou louco né?

— Você sabe que não. — Elliot parecia zangado com a pergunta.

— Então é isso, somos lobisomens.

— De forma simplória sim.

— De onde veio isso, essa maldição? Por que Deus nos faria ser assim? — Gabriel sentia-se uma criança perdida na criação.

— Não é uma maldição garoto. E Aquele que criou o mundo, ou os mundos, nos criou por uma razão, mas você espera mesmo entender isso? Boa sorte, milhares de humanos tentaram, muitos de nosso povo também. Não te culpo, já fiz minhas próprias jornadas em busca de respostas impossíveis. — Elliot parecia severo nas palavras, mas aos poucos Gabriel notou um certo cansaço no olhar do velho. — Depois de entender sua verdadeira natureza e compreender a si mesmo, então você saberá o porquê de estar aqui, no entanto o rumo de sua jornada é você quem decide.

— Se não é uma maldição, o que somos então? Você falou em povo, somos uma outra espécie?

— O que posso te contar é a história mais antiga que conheço, a verdade, porém já se perdeu há séculos. Essa história, a origem do povo *Wairós* e dos guerreiros *Ulfhednar*, era a favorita de sua mãe e posso garantir que ela morreu acreditando e defendendo essa nossa origem.

— Conte-me, por favor.

Elliot meneou um sim e encarou a fogueira, as chamas dançaram refletidas em seu único olho, ele entregou a faca para que Gabriel se servisse, levantou-se indo até a casa e de lá trouxe um fardo de cervejas que deixou atrás do banco de toco, protegidas do fogo.

— Beba e coma à vontade. Você vai precisar mais tarde. — Elliot estendeu as mãos para o fogo e olhou para a lua. Parecia evocar forças antigas antes de contar e quando começou sua voz pertencia a outro tempo, como se ele mesmo fosse um deus antigo...

XVI — WAIRÓS

A primeira coisa a se saber é que existem muitos mundos paralelos à Terra. Planos de existência, dimensões, fragmentos de realidade. Todos eles conectados, todos interligados pelos galhos da Árvore da Vida, por onde circula a seiva da existência e da magia, a *seidr*.

Há tempos imemoriais para os humanos, uma era de sonhos e lendas na cultura do Povo Encantado, existiram os *Vaettir*, uma raça nômade de seres poderosos, intimamente ligados a *seidr*, capazes de moldar a magia e usá-la para coisas grandiosas. Naquele tempo, antes de chegarem a Gaia, isso é, a Terra, viajando por vários mundos, eles aprenderam novas formas de usar a magia e se dividiram entre três culturas.

Os artesãos, moldavam as formas físicas, os metais, a madeira e nelas imbuíam magia. Os espirituais se conectaram a seiva da magia de tal forma que se tornaram parte da magia, ligando-se a natureza dos mundos, se tornando os mais intrépidos exploradores, porém desconectados dos seus parentes, distantes, misteriosos. E por último, aqueles conhecidos mais tarde como os violadores, um povo que se uniu em torno de uma única causa, a conquista.

Eras se passaram e a cisão aumentou entre as culturas, tornando-as tão distintas que logo os *Vaettir* se tornaram lendas, um ancestral comum, deuses do passado. Os *Gaernes*, seres espirituais, foram os primeiros a chegar em Gaia, um plano de existência onde sua natureza encontrou um ambiente próspero, pois Gaia fica do que seria parte do caule, formando o centro de uma junção dos galhos da Árvore da Vida.

Logo esqueceram quem eram, de onde vieram, conhecendo apenas aquilo que se tornaram. Dentre eles, a tribo mais nobre era a Grande Alcateia, lobos celestes que reinaram na Terra por muito tempo, cuidando da raça dos humanos, mantendo o equilíbrio das coisas.

Enquanto isso os *Gaettir*, poderosos e belicosos, conquistavam e destruíam mundos, tornando-se demônios, mudando a própria natureza; comungando com as

trevas. A partir de então conhecidos apenas como *Waerlocks*, os violadores do pacto, aqueles que corromperam a *seidr*.

Os *waerlocks* logo chegaram em Gaia onde encontraram grande resistência, ao mesmo tempo que uma nova fonte de poder. Descobriram que podiam corromper os humanos e usá-los como seus peões. Decididos a defender seu reino a Grande Alcateia veio ao combate e muito durou a guerra, por eras.

Enquanto as tribos irmãs se enfrentavam em Gaia, os *Daerhines*, a terceira das tribos, os ferreiros celestiais, enfrentavam suas próprias batalhas contra os *waerlocks* através de outros mundos. Cansados, feridos e em menor número depois de derrotar grande parte dos demônios antigos, os *daerhines* encontraram refúgio em Gaia, mais especificamente nas atuais Montanhas Altai, um lugar inóspito para demônios e espíritos, com barreiras místicas que logo se tornaram parte das muradas da fortaleza capital, quando esse povo artesão formou o reino de Byrma. Por séculos intocados, até mesmo convivendo com os humanos que viviam próximo dali, os *daerhines* demoraram para descobrir a guerra que se instaurava em Gaia.

Naquele tempo os *daerhines*, hoje também chamados de Povo Fada, Povo das Brumas ou Encantados; tinham dois líderes imortais. A Rainha Sacerdotisa Asena e seu consorte, Wotan. Grandes entre os seus, eram sábios e justos, e foi essa justiça que os salvou do pior.

A batalha entre a luz e a escuridão estava perdida. Os *waerlocks* haviam dizimado a Grande Alcateia com a ajuda dos humanos que corromperam e dos *ghoul-drekavacs* que criaram. Vivos, estava apenas o casal alfa que veio me busca da ajuda dos *daerhines* quando Byrma já estava sobre ataque.

Buscando virar os rumos da batalha e salvar os espíritos lupinos, Asena e Wotan se fundiram aos dois lobos celestiais, jurando lealdade eterna entre os Encantados e os Espíritos Naturais, os *daerhines* e os *gaernes*.

Esse era o começo do povo *Wairós*, o povo dos meio-lobos. A batalha que antes estava perdida se inverteu. Com a ajuda dos humanos que já carregavam sangue *daehir* e dos *gaer*, Asena e Wotan venceram os *waerlocks* e dizimaram seus súditos. A maioria dos “demônios verdadeiros” fora lançada aos Abismos, fragmentos de planos existenciais que foram destruídos pelos *waerlocks* e passaram a pairar ao redor de Gaia. São poços escuros, tenebrosos, sem a vida como é conhecida na Terra.

Lá eles ficaram, lá aguardaram e remoeram sua derrota.

O tempo passou, Byrma prosperou sob a glória de seus vários clãs e Asena e Wotan tiveram filhos. Os primeiros *Wairós* eram poderosos, uma alcateia de guerreiros divinos. Dentre eles, os primogênitos eram os gêmeos Zeboer e Boriak.

A paz reinava no reino até que duas tragédias acabariam com a era dourada e levariam ao fim de Byrma.

Wotan estava cansado da realeza, cansado da imortalidade e sentia falta da batalha. Entristecido e perdido em seus anseios, ele saiu em busca de outros povos, deixando a rainha e seus filhos e rumando para o norte. Lá ele encontrou a feiticeira Vargmare com quem se deitou por muitas noites antes de continuar sua peregrinação. Revigorado depois de décadas de embates e com saudade de seu povo, Wotan voltou com novas lendas, aliados e histórias sobre como matou grandes demônios que ainda perambulavam pela terra.

Seu terceiro filho, Kveldulfr, conhecendo essas histórias se inspirou e convocou seus próprios filhos para o Norte, a fim de caçarem mais *Waerlocks*. Esses se tornaram os grandes caçadores, *Ulfhednar* o primeiro e mais antigo dos pequenos clãs *Wairós*.

Porém logo viriam a tona os pecados de Wotan e sua honra cairia. Certo dia, Vargmare surgiu na corte com seus oito filhos, os *strigoi*, pedindo audiência com a rainha e seu consorte, para que ela, uma *waerlock* e seus filhos abominações, fossem reconhecidos e aceitos como legítimos. Vargmare exigiu terras, títulos, magia e poder, escravos encantados e humanos para que seus filhos se alimentassem. Tudo isso era um plano para afrontar Asena antes de tentarem assassiná-la.

O que se sucedeu foi a ira da Rainha-Sacerdotisa.

Furiosa com seu consorte e com o que a mulher demônio exigia, ela atacou voraz, dilacerando Vargmare diante dos filhos, enquanto os *Wairós* atacavam os *strigoi*. Apenas quatro de seus meio-irmãos escapariam dali.

Cega em sua justa ira Asena atacou Wotan, que envergonhado mal se defendeu perdendo para sempre um dos olhos na briga. De coração partido, Asena, que conhecia muitos mistérios, deixou a natureza de seu espírito lobo assumir e se tornou ela um espírito ancestral, uns dizem que os *Gaettir* a aceitaram como rainha, outros que ela virou a personificação da Lua. Seja como for, Asena se foi amaldiçoando seu consorte.

Wotan se tornou um exilado e rejeitado por seus filhos e filhas.

Os *Wairós* foram marcados por sua mãe para que não mais cometessem crimes como o pai sem que outros soubessem, assim, ao se tornarem proscritos aos poucos seus crimes deformariam seu espírito e os enlouqueceriam.

O reino de Byrma ruiu depois disso. O povo-lobo tentou formar seu próprio reino, mas uma nova tragédia os desestabilizou. O primeiro a nascer dos primogênitos, Zeboer, matou seu irmão Boriak pelo trono do povo-lobo, o que fez os *Wairós* se virarem contra ele e seus filhos; chamando-os para sempre de *warg*, os lobos malditos. A maldição de Asena caiu mais forte sobre Zeboer do que até

sobre seus filhos e os *wargs* futuros, tornando-o uma pavorosa e decrépita versão de si mesmo.

Alheio a maioria desses acontecimentos, Kveldulfr caçava com seus descendentes no Norte, quando voltou para sua terra-natal e descobriu sobre seu pai e os *wargs*, ele jurou que nunca renegaria nem Asena, nem Wotan, pois a seu ver deveria honrar ambos e como o pai cometera um crime, deveria lavar sua honra sendo o melhor que pudesse. Por isso eternamente os *Ulfhednar* caçariam demônios e todos aqueles que cometem o mal no mundo dos mortais e encantados.

Sua missão é sagrada, seu juramento eterno.

Elliot atçou o fogo com um galho quando terminou. Parecia perdido nas chamas ou na história que narrara.

— É isso? Somos meio espírito? Eu... — Gabriel não conseguia formular uma pergunta, era muito a digerir e quase não compreendia o que aquele homem lhe contara.

— Eu sei, contei muitas vezes essa história para sua mãe e ela sempre me perguntava algo mais. Essa é uma linda garoto, apenas uma das muitas que ouvirá por aí, mas existem coisas reais no que te contei. Reais e mortais.

— Demônios. Acho que topei com alguns. E eu matei, mas não foram encantados, foram criminosos dentre os humanos... O que eu estou dizendo, eu sou humano, não sou?

— Filosoficamente falando, sim. Da raça dos mortais... bom, carrega seu sangue como muitos de nós. Mas não, a magia que há em você o torna algo diferente. Você é um *wairós*, não vai ouvir esse nome tão facilmente, mas é o que é. Um lobisomem. E se é um pouco como sua mãe, de certo sentiu o mesmo que ela ao se deparar com os asseclas das trevas. Sentiu uma fúria incontável e a vontade de matá-los.

— Sim, eu... mas você disse que esta era só uma lenda.

— E que existem verdades contidas nela. A primeira que deve se lembrar é a história dos *wargs*. Aqueles dentre os *wairós* que comem carne humana e se voltam para as trevas se tornam corrompidos e fisicamente distorcidos, destituídos de sua glória. Existem os descendentes de Zeboer, que nascem distorcidos, mas qualquer lobisomem pode se tornar como eles. E os *strigoi*, são ainda piores, filhote. Eles são antigos, poderosos, sua raça demora a procriar, mas é velha. Os *strigoi* são meio-demônios, meio-o que somos. Inimigos terríveis. A verdade Gabriel, é que parte dos teus instintos é destruir todo esse mal.

— Por que parte dos meus instintos?

— Você está dividido. Há o instinto de fugir, de se entregar ao medo, seu lado ferido ainda não aceitou o lobo, ainda não tomou uma decisão e se fugir dele mais

do que fez nos últimos dias, você vai virar um *warg*, porque vai corromper seu coração, não aceitando o que é. Somos criaturas naturais do equilíbrio, uns mais selvagens, outros mais racionais, ainda assim não somos seres caóticos e do abismo. As várias formas nos dão o poder de entender nossa natureza, de caminhar através das peles, mas nossa verdadeira forma é o centro, o equilíbrio, o deus lobo que nos habita.

— Eu... — Por um instante Gabriel quis recusar tudo aquilo, mas dessa vez entendeu o que se passava dentro de si e ao longe ouviu um uivo, um ganido. O peito doeu e ele percebeu os erros que cometia. — Abandonei o lobo interior... nossa que jeito idiota de falar. Estou querendo filosofar agora. — Sem graça ele jogou um galho no fogo.

— Você está entendendo, o lobo que te habita é parte de você, mas também é uma existência própria e vocês precisam se conciliar.

— Tudo bem, mas, e o que me diz sobre minha mãe, ela também não se decidiu no começo? — O jovem terminou uma garrafa de cerveja e pegou outra.

— Ela era diferente. Sua mãe se encantou pelas histórias do clã *Ulfhednar* e decidiu ela mesma se tornar uma. Caçar demônios era o que fazia de melhor. Sua mãe abraçou o verdadeiro instinto de nossa raça, filhote. Somos selvagens campeões da luz. — Elliot levantou-se e pegou uma cerveja voltando para o lugar onde estava. — E ela morreu acreditando nisso.

Ele ergueu a garrafa em um brinde ao céu, depois bebeu um longo gole.

— Caçar demônios... — Gabriel pensou em tudo que o velho lhe dissera. Respirou fundo puxando suas experiências à memória. — Eu entendo porquê ela fez isso. Acho que sei... ela não poderia ficar parada vendo pessoas morrerem. Por isso virou uma... *Ulfhednar*?

— *Ulfhedinn* no singular, mas não ah não. Sua mãe era mais que isso. Um nome significa muito para nosso povo, um título também. Sua mãe se tornou notória no que fazia, por isso ela herdou o título mais sagrado do clã, ela era uma *Valkyrja*. Uma mulher-lobo guerreira. E isso a matou. — Elliot parecia zangado. — Droga filhote, se pretende descobrir o que aconteceu com a Dançarina Branca e se vingar, saiba que os inimigos de sua mãe são muito perigosos.

— Se eu pretendo? — Lágrimas quentes escorriam pelo rosto de Gabriel. O impacto que as palavras de Elliot tiveram sobre o garoto deixaram inerte por alguns instantes. Era como a estagnação dos ventos antes de uma tormenta. Aos poucos o coração de Gabriel se enchia de fúria e orgulho. Ao conseguir compreender sua própria história sua dor crescera, se desprendera. Era uma dor diferente agora, não estava soterrada. — Minha mãe deu a vida pelas pessoas, deu a vida por mim! Se eu pretendo? — Um relâmpago estourou no céu, com sua trovoadas estranhamente unida ao raio.

Gabriel queria falar mais, queria articular palavras em um discurso tão poderoso quanto tudo que ouvira, mas as emoções eram muito fortes. Ele ficou encarando o céu, chorando enquanto tencionava o maxilar.

— Sua mãe era uma heroína. E a tragédia é o fim de todo herói. — Elliot o encarou com um brilho diferente no olhar. — Sua tragédia começou antes de ser um herói, filhote. O que o destino guarda para você?

— Eu não sei velho lobo... E eu preciso entender.

— Pelo menos parece que aprendeu a se questionar direito. Entender, isso é um bom começo. Esse turbilhão dentro de você. — Elliot olhou para o céu, uma tempestade se formava. — Vai te consumir.

— Os *wargs*, é isso, posso virar um... — Gabriel entendia, não de forma completamente racional, mas agora compreendia as sensações que o perseguiram nos dias anteriores. A fome, a frustração... — A raiva.

— Não importa se começam comendo carne humana ou se desapegando do lobo interior, todo *warg* passa a desenvolver a raiva, o ódio e a fome por carne humana.

— Eu ainda não entendo... — Gabriel não queria mais fugir, a realidade era cruel, porém queria encará-la. Fugir era passado, ainda assim ele não algo o impedia.

— Vou te deixar refletindo sobre isso tudo, quando estiver pronto me procure novamente, filhote. Em um mundo perfeito Natasha te ensinaria nosso caminho, mas se quiser, eu posso te ensinar.

Gabriel devolveu a faca para Elliot que a limpou na calça e a guardou na bainha preparando-se para levantar.

— Espere. Eu quero... preciso aprender. Você me contou uma história, mas ainda preciso entender tanta coisa. — Gabriel sentiu-se pequeno e finalmente se deu conta da irritante mania do velho em lhe chamar de filhote.

— O que tem que entender faz parte de sua própria jornada, o que eu posso te ensinar vem depois disso, antes há coisas que você tem que resolver. — Elliot saiu dando um tapinha no ombro do jovem. Alguns passos além da fogueira Elliot mudou tornando-se um lobo cinzento e olhou para Gabriel de soslaio. — Ainda não se aceitou no mundo não é, filhote?

O lobo cinzento saiu em disparada para a mata. Deixando Gabriel atônito, sozinho, acompanhado por uma fogueira que crepitava baixo. Aos poucos as chamas perdiam força e amainavam.

Olhando as brasas e o pedaço de anca parcialmente devorado Gabriel ponderou sobre o que Elliot lhe dissera. Precisava mesmo ficar sozinho.

— Não. — Ele respondeu para si mesmo a pergunta do velho lobisomem. Uma trovoadas seguiu a resposta do jovem. Com o som da palavra em seus ouvidos,

Gabriel achou que fora outra pessoa a proferi-la, alguém distante e então as consequências de sua recusa vieram à tona como imagens diante de si.

Ele recusava a própria mãe. Toda a culpa que carregara por anos no peito depois da morte de Natasha, a sensação de ser o responsável, estouraram de uma vez e as lágrimas verteram. Angústia o consumiu e gemendo ele buscou a Lua no céu. Não entendia o porquê. Ao ver o corpo celeste por entre nuvens de chuva Gabriel uivou sua dor, um som esganiçado, feito por uma garganta humana demais, débil demais para produzir o canto que procurava, mas ainda assim sentiu a conexão com os ancestrais selvagens, os humanos que outrora entenderam mais da natureza do mundo e de si mesmos.

O vento soprou e espalhou parte das brasas extinguindo de vez as chamas. Gabriel sabia que seu primo-vento estava ali, o Mágico-Vento que o ajudara. E tal pensamento o fez ter uma luz, mas antes de formular qualquer ideia a chuva caiu com nova trovoadas.

Acuado, Gabriel correu para dentro do casarão e quando finalmente achou um lugar onde o telhado estava inteiro, se acomodou e observou a chuva. Estava no que talvez tivesse sido um quarto, um cômodo largo, aparentemente vazio na escuridão, com uma abertura retangular na parede, onde fora uma janela. Por ali o vento trazia gotas de umidade. Em pouco tempo os olhos se acostumaram a escuridão, e viu que com a exceção de um rato e alguns entulhos de madeira, a casa estava vazia. Gabriel sentou-se no lado oposto ao da janela, onde se manteria seco e ficou encarando o teto.

A luz azul-arroxeadas de um relâmpago cortou a noite, e embora a chuva fosse forte, algo dentro do jovem o fez querer sentir ela em sua pele. Em seu pelo.

— O lobo. — Balbuciou para si, quando um pensamento finalmente tomou forma. Gabriel imaginou-se com um irmão, um gêmeo de si, passando por tudo que passara e se deu conta que todo o tempo havia uma parte consciente em si que ele renegara, que oprimira; que abandonara.

Decidido, deixou-se levar pela vontade de ir até a chuva, queria achar uma forma de fazer as pazes. Resolveu seguir a única voz que sabia pertencer ao lobo; seus instintos mais primitivos. Gabriel correu para fora do casarão em direção a floresta.

A chuva fria açoitou seu tronco desnudo como lâminas de gelo. A sensação inicialmente dolorosa passou a trazer satisfação junto com a sensação de unidade ao ambiente à sua volta.

Gabriel sentia o solo sob seus pés descalços, a grama molhada a terra úmida, o cheiro da mata, as árvores a cercar-lhe, os animais, a vida correndo por toda parte e a chuva unindo-o a isso e ao céu. O olhar da mãe o tocou e ele entendeu porque

uivava para a lua, lembrou-se da história de Elliot, a Mãe, Asena, era a lua segundo diziam, ideologicamente sua própria mãe estava personificava no disco prateado.

Gabriel correu, correu e dentro de seu coração buscava seu irmão lobo. Aos poucos esqueceu as frustrações, quem era, tudo que havia feito e foi tomado apenas por instinto selvagem. O corpo mudou veloz para a forma de lobo negro e Gabriel mergulhou em um misto de sono e transe por algum tempo.

Algum tempo depois sentiu como se despertasse de um sono ruim, de um torpor imposto. Quando a vista clareou, ele notou vultos rápidos que logo revelaram-se árvores, mas eram diferentes. Tudo parecia maior, o ar era pesado, antigo. Gabriel diminuiu as passadas e notou que estava próximo ao solo. As mãos agora eram patas, assim como os pés e podia sentir as garras no solo da floresta. Farejou o ar e percebeu a nuance de vários odores. Um coelho se escondeu em uma toca próxima e o cheiro da presa fez o lobo salivar. A mente do jovem era uma mistura de sensações e quando procurou pela própria consciência ouviu uma voz antiga, que não era sua... ininteligível. Era um estado de semiconsciência, onde por vezes só era levado, por vezes podia decidir o que fazia.

Sede. Ouvia um curso de água e trotou até ele, a língua de fora transpirando, fazendo o corpo resfriar depois do que parecia ter sido uma maratona, correndo de forma inconsciente. As árvores a sua volta eram as únicas testemunhas de sua nova forma. Gabriel passou por uma araucária enorme, o chão forrado de pinhões. Ele parou e com a ajuda da pata dianteira segurou um pinhão enquanto arrancava à dentadas a castanha de dentro da casca amarronzada. Comeu como se fosse um tira gosto, mastigando alegre com sua dentição canídea. Farejou novamente o ar e ouviu a água corrente agora mais próxima.

Além de algumas samambaias encontrou um riacho límpido. Sorveu a água a goladas, percebendo somente depois que bebia com a língua. Intrigado, ele olhou para o reflexo na água e o que notou de pronto fora o céu cinzento, quase claro com a aproximação do sol.

Lembrou-se da chuva, *estava chovendo quando corri.* Lembrou-se de quando ela parou no alto da madrugada. Concentrou-se em olhar para os olhos que o encaravam, era difícil, como se não quisesse mesmo ver.

Duas pedras turquesas, radiantes faiscaram. Ele afastou o rosto, mas se forçou a olhar novamente. Se via como estava, como era. Um lobo negro de olhos turquesas.

Não entendia o porquê, mas estava eufórico. Alegre. Ouvia novo som. *Presa.* Andou devagar, o corpo rente ao solo, precisava saber onde estava. Viu a capivara. Os sentidos ampliaram-se, percebia o derredor de forma ampla. Pássaros, roedores pequenos, uma cobra em um arbusto longe dali. Havia humanos também, mas

muito distantes. A capivara estava sozinha, as outras nadavam no prolongamento do rio. O lobo negro estava faminto. Ele correu veloz e saltou sobre a presa. O ataque foi inexperiente, mal planejado, mas nada disso o tornou menos eficiente.

O jovem lobo negro era grande, forte, veloz. A capivara morreu rápido e logo ele estava se refestelando na carne da presa. O sangue quente lhe dava energia, a carne suculenta alimentava os músculos e o espírito. Gabriel sabia o que tinha que fazer, algo dentro de si, muito antigo o comandava, por isso ele uivou. Seu longo cantar foi em homenagem ao animal que morreu para lhe dar vida. A floresta e as outras capivaras agora sabiam que um predador feroz caçava, e também receberam seu canto de gratidão.

Satisfeito ele caminhou em direção a uma clareira notando que uma gata do mato prenha agora se alimentava da carcaça da capivara. Não fez questão de lutar pelo resto da caça, *que a vida continue seu ciclo*.

Gabriel sentou-se próximo ao pé de um salgueiro e ficou admirando o raiar do dia. Havia sangue em seu focinho, por isso tratou de se limpar um pouco. Pensou em sua cidade, na vida de mecânico, tudo parecia tão distante, tão sem propósito. Lembrou-se de Bia e das ancas, dos fartos seios e de como poderia lhe dar uma ninhada. Pensou nas sensações de perigo que cercavam a toca da moça e então rememorou a garota gentil, a garota que tinha seu coração.

O lobo negro deitou-se na grama pensando no passado, em como amou aquele beijo. Amanda era forte, ele sempre soube. Um espírito tão antigo quanto o seu. O lobo dormiu pensando em Amanda.

XVII — ATHENAS

Alex veio o mais rápido que pôde. Quando chegou ao galpão do irmão e viu o portão amassado, aberto até a metade, não pensou duas vezes. Saltou da Shadow arrancando o capacete, puxou suas adagas e foi até a entrada cauteloso como um felino, passando furtivo pelo portão. O sol que se punha jogava fachos alaranjados nas nuvens de tempestade, formando um efeito belo, iluminando parcialmente o galpão.

A ligação de Eduardo abalara Alex. Em todos os anos de vida adulta ele nunca sequer vislumbrara o irmão chorar, pedir ajuda com a voz embargada era como o prenúncio de um pesadelo. Porém ao entrar no salão amplo encontrou o mesmo Eduardo de sempre.

O irmão mais velho estava verificando sua Shadow 750 parando apenas ao notar Alex. Alex reconheceu a camiseta que Edu vestia por baixo do casaco *duster* marrom, a velha camiseta do Iron Maiden, já rasgada nas costas, com o desenho trespassado pelo cinto da bainha da espada de Eduardo.

Alex ficou algum tempo encarando a cena que o fez voltar ao passado. Adolescentes caçando monstros com o pai. A vida tinha camadas e isso a tornava muitas vezes interessante e assombrada ao mesmo tempo, ali vendo o irmão mais velho, o grande *einherjar* Alex vislumbrou o adolescente assustado, o pai orgulhoso, o homem ferido, tudo ao mesmo tempo e teve pena do irmão.

— O que aconteceu aqui Edu? — Ele desconfiava da resposta.

— Gabriel. — O irmão resmungou, ajeitando a Facho Solar nas costas. — Vê se consegue levantar o portão.

— Não. — Alex guardou as adagas e cruzou os braços encarando o Eduardo. — Seja lá o que planejou, você vai me contar o que houve e vamos atrás do seu piá. Irmão, eu nunca ouvi sua voz daquele jeito. Edu você pediu minha ajuda, minha ajuda. Eu sei que não era para uma caçada qualquer.

Eduardo tremia. As emoções vieram como uma tempestade poderosa demais. Ele respirou fundo e encarou o Alex. A visão indo longe, para as memórias, para os próprios erros.

— Ele precisa de um certo espaço agora. E nós temos uma pista.

— Diz que não são os *wargs* cara.

— Não, isso seria loucura até para mim, uma hora temos que pegar esses desgraçados, mas não iremos sozinhos. Ainda bem que envelhecemos eim? Anos atrás você iria comigo tentar matar a matilha toda. — Eduardo sorriu, foi um riso discreto, ligeiro, mas que acendeu esperança em Alex.

— Tem certeza Edu? Não é melhor resolver de outra forma? — O irmão mais novo caminhou até o portão e observou o estrago. Onde Gabriel agarrara a porta era possível ver as marcas de dedos. Alex segurou firme no portão e usou toda força para cima. De certo o sobrinho fizera menos esforço.

O ferro cedeu, enrolou, retorceu e subiu. Era um desastre de metal, porém a moto passaria.

— Você vai deixar isso assim? — Alex quis saber indo pegar seu capacete no meio-fio.

— Esqueceu do amuleto que o pai enterrou? Além disso, Albert fez um ritual que funciona quase na quadra toda. — Eduardo passou com a *cruiser* tendo que abaixar um pouco a cabeça, montou e pôs o capacete sem abaixar a viseira. — Vamos para o Jardim Athenas descobrir quem são os membros da matilha que vive lá.

Na moto Eduardo trazia dois estojos que Alex sabia guardarem espingardas de caça.

— Toma. — O mais novo jogou um saquinho de pano para Eduardo. — Acônito, vai confundir um pouco o olfato deles.

Alex não estava nada feliz com aquilo, não gostava de tratar lobisomens como inimigos, não antes de saber se eram criminosos. Com o irmão irredutível, tudo que podia fazer era protegê-lo e quem sabe manter a paz na cidade. Ainda assim, se aquela matilha tinha alguma relação com a morte de sua cunhada, ele entraria na briga ferozmente.

Eles baixaram as viseiras e aceleraram as motos em sincronia. Os Donovan iriam matar todos aqueles responsáveis por assassinaram Natasha, disso Alex tinha certeza.

Partiram rumo ao Norte de Londrina. Rodaram devagar assim que avistaram os fundos do Cemitério Jardim da Saudade e resolveram parar ao lado de seu muro branco. Levantaram as viseiras e esquadrinharam a rua. Um cachorro passou olhando para eles e ganiu assustado. Algo de errado acontecia dentro do cemitério, sabiam disso.

— Tão perto de uma matilha? — Eduardo indagou surpreso. O Jardim Athenas começava do outro lado da avenida que cruzava a frente do cemitério.

— Edu, eu sei o quão irado você vai ficar assim que chegarmos no território deles, mas pensa bem irmão. Tem alguma coisa muito estranha em tudo isso.

Os irmãos sentiam que algo maligno fizera sua morada no Cemitério, mas não iriam intervir, mal precisavam trocar palavras a respeito disso. Caçar é misto de astúcia e habilidade e o ideal é seguir um rastro por vez.

— Tem sim Al. — Eduardo não estava pronto para ceder, porém o irmão tinha razão sobre algumas coisas. Seus planos correriam riscos desnecessários se agisse apenas com a ira. Não, ele precisava agir com sabedoria para garantir a vingança. — Toma. — Ele jogou um dos estojos, o maior, para o irmão.

Alex sabia o que fazer. Colocou o estojo preto sobre o colo e acelerou a moto. Continuaram rodando devagar até chegarem na entrada do bairro. O Jardim Athenas era um retângulo com três largas quadras. As duas ruas mais ao norte divididas por um canteiro longo e arborizado. De cada lado da rua havia casas simples, algumas claramente recém pintadas ou portões mais vistosos, mas todas comuns.

Entretanto, o que chamou mesmo a atenção dos dois *einherjar*, foi o fato das casas estarem vazias. Eles tinham certeza disso.

— Merda. — Alex desceu da moto e deixou o capacete no guidão. Abriu o estojo e armou a espingarda. Uma Winchester 44 modificada. Pôde notar o poder místico imbuído no artefato. Carregou a espingarda e ficou à postos.

Eduardo não quis pegar sua espingarda. Ao invés disso desafiou a espada das costas, depois de descer da moto e remover o capacete. Foi liderando o caminho pela rua, segurando a espada pela bainha e trazendo o estojo da espingarda pela alça no ombro.

No meio da quadra, escondidos da luz dos postes entre as sombras das árvores, os dois pegaram os saquinhos com um preparado de ervas e folhas de acônito do bolso e apertaram, fazendo um pó levemente púrpura formar um pequeno rodopio de fumaça que sumiu logo.

Seguiram caminhando e esquadrinhando a rua. O silêncio incomodo fez a tensão crescer. Os irmãos se comunicavam por olhares e gestos, conhecendo as capacidades dos lobisomens, sabiam que os escutariam facilmente. Pararam antes do final do quarteirão, agacharam e ouviram. Ampliaram os sentidos o máximo que podiam e ficaram algum tempo assim, meditativos.

Os *einherjar* não possuem capacidades sensoriais como as de um lupino, entretanto seus sentidos chegam aos limites humanos, como se fossem o ápice da espécie. Aliado a essa capacidade, os guerreiros sagrados têm o dom de perceber a magia em suas várias formas; principalmente quando é antiga, ou perigosa, quando é profana e maligna. Não era uma habilidade refinada, mas os irmãos aprenderam a usar o que tinham e integrar suas noções para tirar disso um significado ou pista.

Logo, perceberam que o perigo era eminente.

Uma coruja piou perto dali e foi como um sinal para os espíritos dos Donovan. Sincronizados completamente, eles sabiam que eram vigiados e que os lobisomens estavam reunidos próximo dali.

Uma armadilha de certo, mas uma na qual cairiam com prazer.

Eduardo buscou a espingarda no estojo, deixando-o no chão e removendo dele uma espingarda de barril duplo com o cano serrado e um cinto de munição. Afivelou o cinto, carregou a arma e seguiram em frente. O céu coberto por nuvens se acendeu em relâmpagos e uma chuva fina caiu sobre Londrina. Os irmãos chegaram ao fim da quadra, onde virando à esquerda ficava um grande prédio com os ares de uma antiga fábrica, agora abandonada. Os vidros rachados e escurecidos, a fachada de tijolos aparentes pichada de um lado, entulhos travavam a passagem do portão de ferro.

Correram furtivos e colocaram aos muros que cercavam o prédio. Dali notaram um facho de luz tremeluzente, o qual pela experiência sabiam que indicava uma fogueira.

Sem muito esforço e ainda vigilantes, subiram no muro e saltaram para o terreno. Seguiram por um corredor lateral ao prédio, evitando o grande arco que levava ao pátio interno. Os ouvidos capitaram alguém saltando atrás deles, Alex voltou-se de imediato fazendo mira, enquanto Eduardo continuava esquadriando a parte da frente do corredor.

Silêncio. As sombras estavam estáticas e então a chuva ficou mais forte.

Movendo-se como felinos, os irmãos seguiram evitando as janelas que davam para aquele corredor a luz alaranjada bruxuleando nas paredes estava mais forte, estavam perto de seu alvo. Esgueirando-se agora no pátio da fábrica, pela entrada de trás, os dois deram a volta e entraram no galpão principal. Velozes, foi como se dois corvos saíssem da tempestade, anunciando a morte e a guerra.

O salão amplo tinha o teto alto, com pilares e um espaço aberto que dava vista para o segundo andar, talvez um lugar ponde um dia houve um elevador de carga. Dois latões ardiam com fogueiras dentro deles jorrando luz no lugar, desenhando padrões de sombra no chão de concreto liso e nas paredes cinzentas.

Oito jovens encaravam os irmãos Donovan, todos com olhar altivo. Os caçadores sentiram o medo nos jovens apesar da postura de autoridade.

No canto de umas das paredes havia colchões, no da outra um freezer ligado. Eduardo e Alex não tiravam os olhos dos jovens, a tensão cresceu e súbito uma sombra saltou por uma das janelas.

De imediato Eduardo apontou sua espingarda apoiando-a por sobre o braço esquerdo, agarrando firme a facho solar com a outra mão.

Os jovens intentaram se mover e Alex apontou a sua arma para o grupo, escolhendo o que estava mais adiante.

A sombra caminhou próximo a um dos tambores e agitou os pelos molhados, era uma jovem loba de pelo acastanhando.

Em um instante, a loba mudou, soltado chispas de luz fantasmagórica, quase imperceptíveis e tornando-se uma garotinha de vestido verde, cabelos longos e loiros, e o olhar selvagem. A visão abalou Eduardo, sua resolução ruía.

— Fica longe da minha irmã! — Rosnou outra loba saltando para o salão de uma das passarelas elevadas.

Ela caminhou até ficar entre Alex e o garoto. Essa loba era de pelo branco como a neve, com uma mancha castanho-dourada do início do focinho até as orelhas. A voz que ecoava da loba era carregada de rebeldia.

Ao ver a loba de pelos brancos, Eduardo quase teve o espírito quebrado, era como um fantasma, uma lembrança viva de Natasha diante dele. Não podia hesitar, sentia o perigo no ar, fora a primeira vez que sentira algum arrependimento do rumo que tomara, ainda assim precisava manter-se resoluto, por ele e pelo irmão. Caso contrário seriam esquartejados em um instante.

— O que querem aqui? — A jovem loba mudou, tornando-se uma adolescente de cabelos longos e castanho-alarados, com mechas que lhe caíam no rosto. Vestia calças jeans, camiseta preta lisa e coturnos negros.

— Cadê os outros?

— Que outros? — A menina ficou zangada enquanto a garotinha rilhava os dentes para Eduardo.

— Fedelha, vocês pensam que me enganam, não são guerreiros, nunca sentiram prata queimar sua carne e não pensem que não atiro, para mim não passam de feras carniceiras. — Doía na alma de Eduardo proferir cada palavra, e a dor alimentava a ira, porém ele precisava provoca-los.

Alex, que trazia a bandoleira da espingarda passada pelo ombro, soltou a arma no reflexo de seus instintos e buscou suas duas pistolas, apontando para um garoto alto e uma outra jovem que se movia como líder. O grupo era uma tímida meia lua diante dos caçadores, em formação para tentar cercá-los.

— É melhor largarem as armas, corvos! — Um homem saltou do andar superior, e caiu em pé bem ao lado da garotinha. Ele tinha o rosto duro, ar severo, usava roupas grossas como o trabalhador de uma usina. — Ou vamos lavar o chão com seu sangue.

— Será uma bela chuva vermelha. — Alex tinha o olhar assassino, a voz sombria, um tom que há muito não usava. Um tom que mostrava o perigo de sua verdadeira essência. — E manda os cãesinhos saírem das sombras.

O ar mudou, a tensão era como a espera por um relâmpago sabendo que só o perceberiam direito depois do trovão.

Sob o olhar atento dos Donovan a menininha saiu correndo. A mudança de atitude fez eles arcarem as sobancelhas, buscando o sinal de uma armadilha. E mal notaram como ela farejara o ar antes de correr.

Da sala contígua saíram outros dois lobisomens, esses mudados na forma de meio-lobo.

Experientes, embora pouco conhecessem do mundo lupino, os dois caçadores sabiam que eram jovens, como a maioria e começavam a entender um pouco aquela matilha. Misto de família e gangue. O acônito finalmente passou a afetar mais profundamente os lupinos e os caçadores notaram que agora quase todos pareciam estar meio zonzos. Um efeito que duraria pouco tempo, por conta da forma como a essência fora usada, mas tempo o suficiente para pensarem com calma.

O homem no meio dos garotos rosnava, mas não ousava mudar, aquele seria o sinal para a batalha, Eduardo sabia disso. Ele era o mais próximo de um guerreiro dentro daquele grupo inexperiente.

A garota loira estava irada, quando se deu por conta do sumiço da irmã, ela mudou para a forma híbrida, tornando-se uma mulher-lobo, rasgando as roupas no processo e rosnando guturalmente. Era alta e esguia, com o mesmo padrão de pelos de sua forma lupina, mas cheios e longos. Era linda.

Eduardo sorriu, sabia que a garota tinha perdido o controle. A fúria queimava dentro de si, porém a racionalidade ainda comandava os atos do *einherjar*. As feras diante dele faziam sua cede de vingança aumentar, ponderou mais de uma vez em disparar nos jovens. Os joelhos primeiro, isso impediria eles, talvez fizesse o líder hesitar. Sabia que Alex atiraria para matar por puro instinto, o que aumentava o peso de suas decisões. O irmão nunca se perdoaria por matar uma criança, além disso, Eduardo precisava preservar o alfa, para interrogá-lo.

Matar aqueles lobisomens traria algum alívio? A ideia cruzou sua mente, depois pensou em Natasha, Gabriel e o legado que queria deixar para o filho. Respirou fundo e controlou a ira.

— Eu vim atrás de respostas e não vou partir sem elas. Podemos fazer isso de duas maneiras e acreditem crianças, temos experiência em sobreviver, tanto quanto em matar. Procuramos feras como vocês que praticam rituais das trevas e se associam com *drekavacs*. — O plano estava completamente fora de controle, Eduardo sabia que não devia estar ali fazendo mira contra aquelas crianças. Depois pensou por um instante, elas poderiam ser inocentes da morte de Natasha, mas o que e como aquele líder as estava ensinando, e o cemitério? Havia algo tenebroso no cemitério.

— Nós não somos *wargs*! — Gritou o homem.

— E mesmo assim convivem pacificamente na mesma cidade. Será que não tem carne humana naquele freezer? — Alex provocou dando um passo em direção ao congelador.

Por instinto um dos garotos quis se mover, a tensão aumentou. Lágrimas corriam dos olhos dos jovens que não haviam mudado, medo estava na face dos meio-lobos de pé, com exceção da garota, ela era a bravura em pessoa.

— Eu vou repetir só mais uma vez, corvos... — O som de armas engatilhadas preencheu o lugar. Do andar de cima era possível ver cerca de dez pessoas armadas com revólveres e espingardas. — Saíam daqui.

— Deixa a gente em paz. Só queremos vive! — Um dos jovens perto do latão gritou com Eduardo.

Se não fosse o controle do caçador o jovem estaria morto. Em segundos os Donovan notaram que era um adolescente comum, talvez um *vane*, mas não um lobisomem. De certo irmão de alguém, ou filho do homem rústico. Era um recorte estranho na cena, o jovem tremia de medo dos dois homens armados, porém estava confortável ao lado das feras meio-lupinas.

— Calado Leo. — Rosnou o homem, despertando a atenção de Alex.

— Por que vieram para cá? Do que vocês fogem?

— Não interessa! — O sujeito urrou, fazendo os meio-lobos rosnarem.

A batalha teria estourado, não fosse uma presença intensa preencher a sala. Uma sensação que fez Eduardo e Alex recuarem, mas a reação dos lobisomens foi ainda mais notória. Eles se acalmaram em um instante e Eduardo entendeu que o verdadeiro alfa havia chegado.

Da sala contígua entrou um velho de cabelos espetados e barba por fazer, ele era magro, vestia uma blusa fina por cima de uma camisa e trajava calças jeans e botas negras. Era puxado pela garotinha, que parecia fazer esforço tremendo. A cena não condizia em nada com a situação, despreocupado, o velho brincava com a menina fazendo força para não ir. Por fim ele passou entre os garotos e de pronto os lobisomens mudaram para a forma humana, se ajoelhando. Até mesmo a jovem, que nua, não tinha pudores e mantinham o olhar selvagem.

A garotinha soltou a mão do velho e correu para as sombras, voltando com um caixote quase do tamanho dela.

— Obrigado Carol. — Ele pegou a caixa e sentou-se entre os jovens, em postura de liderança.

— Vocês têm uma escolha, senhores. — O velho fez um aceno. Luzes foram acesas e no andar de cima os Donovan divisaram outras pessoas dentre as que estavam armadas. Rostos assustados, crianças, velhos, jovens casais, famílias. — Podem deixar de lado seus métodos violentos e conversar, ou para sair daqui terão

que matar não apenas feras como vocês nos veem, mas também nossos irmãos e irmãs, filhos e filhas. Nossas famílias. E eu lhes pergunto, podem viver com isso, *Einherjar*? Podem manchar o nome da Dançarina Branca?

Abismado, Eduardo abaixou a arma. O guerreiro ouvira esse nome ser pronunciado apenas duas vezes. Natasha era assim conhecida por poucos, por lobisomens da antiga tradição, pelos *ulfhednar*. Eduardo Donovan não conseguiu deter as lágrimas que insistiram em correr por sua face endurecida. Ele aguçou os olhos e reparou no velho.

Uma cicatriz descia de sua mandíbula e ia até a garganta se perdendo dentro da camisa de flanela.

— Quem é você? E como...

— Minha netinha tem um faro diferente. — Ele sorriu, mas os olhos eram os de um predador. — Ela sente passados, memórias interligadas, destinos desfeitos. Bom essa é minha interpretação, já que ela não conheceu Natasha, mas sabe que você era o marido dela.

Carol abraçou a perna do avô e continuou olhando feroz para Eduardo e Alex.

— Natasha? — A jovem ergueu o rosto. — Ela nunca se casaria com esse... esse covarde.

— Fique calma Helena. — O velho rilhou em comando. — Esses homens já foram maiores do que são agora. Quando eram garotos como vocês. Meu nome, rapazes, é Gunnar, mas isso não é importante, meu tempo corre como as folhas de outono em minha terra natal. Logo meu beta, esse meu filho, será o alfa do que sobrou da antiga Matilha do Lago. Hoje esses jovens escolheram outro nome, Lobos de Athena. Achei criativo. — Riu. — Quando a Dançarina Branca era jovem, antes de perder sua própria matilha, ela me salvou de um *mardröm* que quase me enlouqueceu.

— Conheço essa história. — Alex guardou as armas e desarmou a espingarda.

Eduardo ainda incrédulo não conseguia encarar os olhos do velho *ulfhedinn*. Ali diante dele estava a única ligação com o passado que sua esposa representava. Depois da morte dela uma parte do *einherjar* passou a odiar lobisomens, vendo-os como feras selvagens, nunca admitira para si essa verdade.

Conscientemente ele sabia que a verdade era mais profunda. Era triste ver o fim daquele antigo herói, ver sua matilha assustada daquela forma.

— Meu irmão fez uma pergunta a vocês. Do que fogem afinal? Por que tem tanto medo? Você foi um *ulfhedinn*, e convive na mesma cidade com esses *wargs*? O que estão escondendo? — Questionou Eduardo, dando um passo a frente.

— Dúvidas... você carrega muitas dúvidas, não é garoto? — Gunnar ajeitou as costas e continuou. — Nós fomos chamados para essa cidade. Vivíamos em uma fazenda, mas nossa situação era complicada e caçadores, como vocês, corvos,

vieram até minha família. Um jovem nos ajudou, nos deu um lar, comida e água. Hoje respeitamos seu protetorado.

— Pai, eles não são mais a matilha da Caçadora. São apenas assassinos. Não devemos ajudá-los.

Eduardo passou os olhos por eles, eram jovens demais, fracos, com exceção de Gunnar e o filho, não eram guerreiros. Embora numerosos, uma matilha treinada os dizimaria. A Sociedade *Munnin* os caçaria até o último. Pela primeira vez o *einherjar* pensou no que viria depois de sua vingança. O que seria do verdadeiro legado de Natasha e dos Donovan?

— Como pôde deixar isso acontecer? — Eduardo tinha o tom resolutivo, mas ele mesmo não sabia se questionava Gunnar ou a si mesmo.

— Os tempos de glória se foram com sua companheira, jovem corvo. — A voz do velho lobisomem carregava grande amargura. — Nós nunca honramos os antigos caminhos. Sabe por que não nos denominamos uma alcateia? Só existe uma alcateia, a Grande Alcateia que engloba todos os lobisomens. Nós somos uma matilha, pois esse era o nosso dever, somos um grupo de cães de caça. Ao escolhermos deixar de caçar, deixar de proteger os adormecidos, os mortais, contra as trevas, nos tornamos apenas cães vadios. Não sei sobre os *wargs*, mas meus ossos dizem que há muito mais nessa cidade. A matilha que nos protege é forte, mas violenta. Seus métodos são diferentes, e nós lhe devemos lealdade. Porém, eu sou um espírito livre, já nem posso mais mudar, mas o lobo em mim vive.

— Pai!

— Calado filhote! Eu ainda sou o alfa aqui. — A presença de Gunnar era fascinante. — Arthur mantém sua matilha à sudoeste daqui e domina todos os encantados da cidade. Ele é violento, uma maldade que vem do homem, não do lobo. Embora justo, caça tudo aquilo que fica em seu caminho. No entanto, os espíritos me contam coisas, ele está sempre em uma guerra fria com outros seres. Há alguns *strigoi* nessa cidade, um deles comanda os *wargs*, ele é sanguinário, ele é seu alvo caçador.

— Os *wargs* se reúnem no sul, mas são mais de dez, vocês não teriam chances. — A garota rebelde, Helena, foi quem falou para a surpresa de todos.

Eduardo podia ver o potencial de caçadora que ela tinha. Ele se lembrou das histórias que Natasha lhe contara, quando ele ainda acreditava em um mundo melhor. *Ulfhednar*... o nome ecoava em sua mente. Um título de honra, guardiões da humanidade, de todo tipo de humanidade. Por um momento ele voltou a ser o marido de Natasha, e lhe feria saber que não o era mais.

— Essas crianças devem se lembrar que são descendentes de heróis. As lendas só morrem se elas deixarem. — Ele proferiu surpreendendo até mesmo Alex. — Vamos Al, não há nada para nós aqui.

Prontamente o irmão mais novo armou de volta a espingarda e adiantou-se pelo caminho de onde vieram, ciente do olhar dos lobisomens. Caminharam rápido até pularem de volta o muro. Já depois de recolherem o estojo de Eduardo, Alex puxou o irmão pelo braço e dessa vez estava prestes a partir para cima dele.

— Que porra foi essa? Eu te seguiria ao inferno Eduardo, mas se eu perceber que você vai querer ficar por lá, eu mesmo te dou uma surra.

— Do que você tá falando?

— Eram crianças cara, crianças! — Alex empurrou o irmão. — Você pode não querer falar com seu filho, mas eu vou. Quem sabe ele te salva da merda em que você tá metido.

— Faça o que bem entender. — Eduardo estava cansado. — Mas primeiro nós temos trabalho e um cemitério para investigar.

Alex ficou confuso. Tentou se acalmar durante o caminho até as motos.

Eduardo acendeu um cigarro e parou ao lado de sua Shadow. Ficou algum tempo ali olhando para o céu. A chuva havia parado, mas logo viria uma tempestade.

— Sei o que estou fazendo, planejei isso por muito tempo. — Finalmente falou.

— Então por que deixar essa matilha de lado? Você quer investigar o caso de Natasha, pensou em algo? — Alex guardou a Winchester no estojo e o prendeu na VLX.

— Quem habita esse cemitério está ali vigilante. Por que colocar uma matilha próxima a um inimigo? Uma rixa entre *strigoi* e lobisomens resolvida sem banho de sangue... Isso tudo me cheira ao caso da Natasha, esse Arthur... as feras estão por aí e agora saberão que estou atrás delas. Vamos observar... — Eduardo tragou o cigarro profundamente e soltando a fumaça balbuciando. — Vamos ver o que meu cão de caça traz para mim.

— Entendi. — Alex colocou o capacete e deu partida na moto. Precisava esquecer a raiva do irmão, concentrou-se no ronco da Shadow.

— Enquanto isso, vamos ver o que os demônios em Londrina estão fazendo.

O jogo ficava mais perigoso para os irmãos Donovan, e como narravam as histórias do velho Érico, quanto mais perto da morte, mais perigoso um *einherjar* se torna.

Depois que as famílias voltaram para casa, Gunnar dispensou os jovens, quis ficar a sós com Guilherme, seu filho.

— Eu não entendo pai, isso foi perigoso para todos nós.

— Nosso destino estava selado filho. Há uma guerra a ser travada, luz e trevas, como sempre houve. — Os olhos do velho lobisomem mudaram para olhos

dourados de lobo. — Quando os corvos aparecem, é porque sangue será derramado no campo de batalha.

XVIII — VIDENTE DO FOGO

Amanda estava preocupada. Não conseguia prestar atenção no professor, resolveu que uma mente dispersa não era útil naquela aula. Pegou a mochila, colocou os cadernos dentro e saiu tentando imaginar que ninguém estava olhando. Do lado de fora do prédio nuvens escuras cobriam o céu e a chuva do último domingo podia voltar tão fria quanto, naquela segunda-feira. Caminhou devagar enquanto uma brisa gélida arrepiava sua pele em uma sensação prazerosa. Amanda vestia uma saia longa azul com padrões branco e azul claros em dégradé e uma blusinha preta para combinar, por cima usava um cardigã azul escuro e a mochila de tecido às costas.

A jovem sentou-se à uma mesa no refeitório da UEL e pegou o celular na bolsa. *Nenhuma chamada perdida.*

— Ah Soraya onde você se meteu? — Embora estivesse preocupada com a irmã não ia se enganar tanto. Na verdade, o que queria era ter recebido alguma ligação de Gabriel. Sem pensar duas vezes ligou para o celular do rapaz.

Caixa-postal direto. Mordeu o lábio pensativa. Olhou para os lados atenta, não queria encontrar Edson, não ainda. O namorado estava cada vez mais agressivo, possessivo. Seus encontros costumavam terminar sempre em discussão, há semanas. Era melhor ir embora e foi o que fez. Antes de ir para casa passou na biblioteca para pegar um dos livros de referência que o professor indicara, sobre História Moderna. Curiosa com o que Gabriel lhe dissera aproveitou a ida a biblioteca e procurando sobre licantropia encontrou um exemplar antigo d'O Livro dos Lobisomens de Sabine Baring-Gould.

O trajeto todo até seu prédio era uma longa caminhada, mas estava acostumada e a brisa gélida tornaria o trajeto agradável.

Já estava duas quadras longe da UEL quando sentiu o olhar pesado sobre sua nuca, ela já sabia quem era, mesmo assim teve que se virar para olhar e lá estava Edson.

Ele se aproximou com um sorriso matreiro, a camisa de flanela sobre uma camiseta e as calças jeans claras faziam parecer que o frio não o incomodava. O

sorriso de Edson foi mudando à medida que se aproximava.

— Quem era no telefone?

— Quando... Ninguém. — Respondeu confusa. A mente indo direto para Gabriel.

— Ninguém eim? — Edson se aproximou de Amanda. — Sabe gata, eu estava com saudade.

A forma como a voz dele mudou, aquele jeito carinhoso do começo do namoro, o olhar de piedade. Amanda se acalmou diante da expressão do namorado. *De certo ele apenas está cansado, ou estressado com a faculdade.* Pensou por um momento, abraçando a si mesma e lembrando se em algum momento fizera algo de errado, talvez ela fosse a culpada de tudo isso. Mordeu o lábio pensando em Gabriel e em como quase se entregou sem pestanejar. Lembrou-se do beijo quente dos dois. *Foi só pelos músculos?* Talvez Gabriel não fosse mais quem ela conhecera no passado, se é que o conhecera tão bem assim.

— Precisamos conversar, sabe? — Ela falou incerta. Queria corrigir seus erros, queria concertar o relacionamento, ter uma chance nova para eles dois.

— Ah, precisamos é? — Edson rilhou os dentes. — É aquele cara né? Ele está fazendo sua cabeça, eu sabia, você já está diferente fazem meses, e agora tudo se encaixa.

— Do que você está falando? Gabriel chegou aqui semana passada, ele não tem nada a ver com os últimos meses.

Por instinto Amanda deu um passo para trás, mas Edson foi mais rápido e ele era forte, não como Gabriel, mas era. Agarrou os braços dela e a encarou com ódio no olhar.

— Você me traiu com ele, não foi? Responde Amanda. Eu te amo, droga! — Edson apertou os braços da moça com uma pegada férrea, sinistra.

— Me larga! — O suplício da moça mexeu de alguma forma com o namorado. Irada Amanda usou a brecha para empurrar ele. — Eu queria falar com você, conversar e resolver as coisas, um novo começo para nós, uma nova chance.

Amanda tinha lágrimas nos olhos, todas as memórias felizes vieram à tona, mas ela não tinha coragem de abraçá-lo. Sem perceber ela forçava para se afastar.

— Uma chance? — Edson riu, como que saindo de um transe. — Quer almoçar? Eu te levo em algum lugar legal, a gente pode conversar.

— Não. — Amanda respondeu de pronto. O estômago queimava, o peito ardia em brasa. O calor repentino a tomou de assalto, não sabia de onde vinha e parecia impeli-la a sair dali. — Eu preciso de um tempo.

— Tempo? Mas você queria conversar. — Edson caminhou em direção a ela, o olhar confuso a expressão em um sorriso estático.

— Não! Eu preciso pensar. — Amanda se voltou e continuou em frente, se afastando cada vez mais.

Dentro de si orava ao Universo que nada acontecesse. Que Edson não a atacasse. Continuou andando quase correndo, mas sabia que correr seria pior, por isso caminhou de forma ritmada. Agarrava os braços em um abraço solitário, como se aquilo pudesse lhe proteger do mundo e de Edson. Chegou ao prédio ainda perdida, sem saber o que fazer.

Gabriel despertou com o canto de um pardal. A luz do sol entrava parcamente por entre as copas fazendo a mata parecer o cenário de um sonho. Demorou um instante para perceber que ainda vestia a pele de lobo. Levantou-se nas quatro patas atento ao redor, espreguiçou o corpo musculoso coberto de pelos negros e farejou o ar. Aquela mata não era a mesma aonde adormecera, tinha certeza. Os ouvidos logo captaram carros e o som de pessoas.

O lobo negro andou incerto por entre as árvores e encoberto pela sombra de um pequeno pinheiro, sentou a observar pessoas correndo por um caminho cinza feito de cimento. A brisa soprou ao redor dele, dançando, sussurrando. O céu em tons laranjas o remeteu a uma lembrança que achava não ser sua, como um sonho; correria pelo dia todo, caçara lebres, se refestelando-se em sua carne tenra. Tentou pegar uma capivara, mas percebeu que a fome estava saciada por aquele dia e seguiu o curso do rio. Furtivo engalfinhou-se em caminhos desconhecidos aos olhos humanos e chegou sem ser notado até aquele parque. O sonho-memória deixava claro, sabia onde estava, aquela era sua cidade, seu território de caça.

O vento veio sussurrante.

— Ela está em perigo. — E junto com a mensagem seu primo trouxe o cheiro de Amanda.

Amanda se aproximou da janela do apartamento. O céu de entardecer nublado prenunciava chuva enquanto a rua lá embaixo era enredada pela neblina característica de Londrina. Há anos que ela não via dias de neblina como os últimos se mostraram. As linhas brancas desenhadas nas ruas refletindo a luz dos postes, a fazia sentir-se em outra terra. Ela bebericou da xícara de chá deixando a infusão de hortelã descer por sua garganta.

Passara quase toda a tarde dormindo sem o menor ânimo para estudar ou mesmo sair de casa. Vestia uma camiseta larga e shorts confortáveis, os cabelos caindo em madeixas pelos ombros. Encostou-se no vidro, pensando na irmã que estava em algum lugar naquela cidade... *sozinha*.

— Ah Soraya. — Exclamou frustrada pegando o celular e discando para a irmã.

— Tudo bem? — A voz da caçula surpreendeu Amanda no meio de um gole, o que quase a fez engasgar.

— Tu... Tudo Aya, onde você tá?

— Nem começa Amanda. — A irmã rilhou, mas logo voltou a falar. — Como você está? O Gabriel passou por aí de novo?

— Não... Ei, o que você quer com ele? — Amanda ficou emburrada com a irmã, por um minuto ambas eram adolescentes novamente.

— Ah Mana... — Soraya riu alto. — Você precisa largar o besta do Edson e dar uns amassos no grandão. Vocês estão pedindo por isso.

— Aya, você não vem pra casa? — Amanda ficou séria, não queria tratar daquele assunto. — Eu nem quero saber quem você está namorando, mas nosso acordo não inclui você morar em outra casa, não por hora.

— Fica tranquila mana, eu queria mesmo falar com você. Eu estou bem, o Zed me trata bem. Mas logo eu passo em casa para ficar um pouco contigo. Sabe... — Ela fez um silêncio súbito e Amanda pode ouvir ruídos abafados e uma conversa rápida e ininteligível. — Eu tenho que ir, mas fica tranquila. Te amo.

Soraya desligou sem ouvir a resposta.

— Ah mana. — Amanda deixou a xícara na mesa de centro e se recostou no sofá, abraçando os próprios joelhos.

A barriga doera durante a tarde, de forma estranha fazendo ela despertar mais de uma vez, e naquele momento, junto a uma enorme vontade de chorar, a barriga queimava como se fogo estivesse dentro do estômago da jovem. Não, era como de algo queimasse em um círculo nos músculos do abdômen.

As luzes do apartamento oscilaram trazendo Amanda de volta a si. Com lágrimas nos olhos ela foi olhar do lado de fora se as luzes da rua estavam acesas, mas o que viu foi diferente do que esperava. Uma sombra negra corria por entre as linhas da névoa.

O transformador da rua estourou fazendo faíscas choverem por toda parte e Amanda viu que a sombra era um tipo de cão-lobo.

Súbito, a porta rangeu fazendo-a sair de perto da janela. A maçaneta girou uma, duas vezes, alguém forçava a porta de seu apartamento. Alguém forçou, a porta tremeu um pouco e então tudo ficou quieto.

Assustada, Amanda correu até a cozinha e pegou uma faca e ia em busca do celular, porém, assim que os dedos se fecharam no cabo o apartamento foi tomado pelo som de madeira se partindo com um estalo alto e uma pancada surda no solo.

Os instantes que se seguiram pareceram uma eternidade tumular. No escuro, Amanda continuou parada, com a lâmina desajeitadamente em riste. Ouviu passos lentos entrarem no apartamento e então o som de uma respiração pesada, quase animalesca.

Olhos brilharam na penumbra e quando a luz de um relâmpago invadiu a sala Amanda viu o que pareciam ser três pessoas paradas, encarando-a. Foi um

segundo, mas ela entendeu logo em seguida que tinha algo de errado com aquelas pessoas. Estavam arqueadas, como se estivessem fracas, doentes, como se fossem animais selvagens e doentes. Os três tinham roupas puídas, olhos que brilhavam vermelhos e as línguas, ela reparou quando a visão ajustou novamente, eram longas, penduradas para fora das bocarras. Os dentes grandes e afiados, as orelhas pontudas, a pele acinzentada.

Toda a fibra do ser de Amanda gritava para que ela fugisse. Ficou paralisada ao se dar conta de que a única rota de fuga passava pelas criaturas.

Duas eram mulheres, de cabelos longos, uma com mechas faltando onde o couro cabeludo estava rasgado revelando o crânio. O outro, um homem de barba desgrenhada e perna manca, foi o primeiro a se mover, ele respirava de forma angustiada, no olhar trazia ira. Avançou, tornando-se rápido em um segundo.

Apavorada, Amanda quis correr, mas uma voz interior a guiou para frente. Algo dentro dela a fazia odiar aquelas coisas, odiar os *ghouls*.

Guiada por um instinto imemorial Amanda pôs a faca em riste e atacou para frente, a lâmina chispou, faiscando sozinha e um fio de fogo nasceu nela deixando um rastro luzente na escuridão do cômodo.

Ao encravar a faca no peito do *ghoul* ela ouviu um chiado. Desesperada a criatura agarrou os braços de Amanda e a arremessou para trás, fazendo a jovem se desequilibrar e cair ao lado da geladeira. O homem agora gritava com uma voz demoníaca. Caindo de joelhos ele colocou as mãos na cabeça urrando, fazendo as duas que pareciam mulheres, recuarem receosas.

Amanda tentou pegar ir até a faca e a arrancar, mas foi parada por uma imensa dor, quando olhou para seus braços viu cortes profundos vertendo sangue, cortes feitos pelas garras da criatura. Ela foi tirada de seu espanto por outro urro e então o *ghoul* caiu, uma casca vazia.

— Vão embora! — Ela gritou ao ver que as duas mulheres, não mulheres não, — *ghouls* — vinham em sua direção.

Elas eram diferentes, se moviam devagar, mais cruéis, mais inteligentes. Uma não tirava os olhos da faca, a outra saltou e se grudou com as garras no teto. A cena parou quando o apartamento foi tomado por um rosnado, um rosnado tão possante quanto um trovão.

Como se fosse feito de sombras um imenso lobo negro atacou veloz em direção a *ghoul* que estava no chão. A fera galgou a distância entre a sala e a cozinha em segundos, hora visível, hora como se feita de sombras. Gabriel sabia que atacar aquela *ghoul* iria deixar Amanda desprotegida contra a criatura que rastejava agarrada ao teto. Mas seus instintos o guiavam, era como uma consciência à parte, fazendo suas garras e presas caírem sobre o monstro mais fraco, no caso aquela que estava distraída. Caiu de um salto rechaçando sobre a monstruosa mulher.

Irado e compelido a proteger a mulher que amava, Gabriel abocanhou a nuca da *ghoul* com certo regozijo e trancou a mandíbula esmigalhando ossos, partindo o pescoço enquanto erguia o corpo, levantando a criatura com as mandíbulas e apoiando as poderosas garras de lobo em suas costas e forçar.

Com um tranco vigoroso ele destroçou o pescoço da *ghoul*, fazendo a cabeça do monstro voar por cima de suas costas e ir parar na sala, espirrando sangue podre por toda parte no trajeto.

Aproveitando a brecha, a terceira *ghoul*, atacou Amanda com uma das garras de sinistras e compridas unhas negras. Era um ser movido por uma crueldade quase palpável. Tentando se proteger a moça gritou pondo as mãos diante do rosto. O gesto foi seguido por um facho de luz que crepitou de suas mãos, fazendo a *ghoul* hesitar. As luzes do apartamento, como que respondendo ao fenômeno, acenderam radiantes e fortes, zumbindo ao ponto de quase estourarem. Ao ser lavada por luz intensa a *ghoul* tentou fugir caindo do teto e correndo em direção à Gabriel.

O lobo negro não deixou a chance passar, abocanhou a perna do monstro e sacudiu batendo ela na bancada, depois arremessando como um boneco para o meio da sala. O lupino caminhou devagar em direção ao monstro, queria descontar toda sua fúria nela, mas seu instinto falou novamente, algo o impelia a acabar logo com aquilo e tirar Amanda de lá, algo tão grande quanto o amor que nutria pela moça, mas muito diferente em natureza.

Ele saltou sobre o monstro e estraçalhando o peito da criatura achou o coração, bastou uma mordida para destruir o órgão e o *ghoul* junto. Bom a boca vertendo sangue negro, o lobo farejou o ar. Ainda havia inimigos por perto. Gabriel esperou de guarda no meio da sala.

Vendo a magnífica criatura agora à luz, Amanda foi compelida por um afeto que desconhecia. Levantou-se, ferida, e caminhou até a fera. O lobo negro olhou para ela, mostrando belos olhos turquesas e uma expressão que ela conhecia. Porém, antes que ele pudesse dizer algo, um jovem de cabelos longos e loiros entrou no apartamento.

Era um rapaz belo e estranho, suas orelhas eram longas, os olhos loucos, os dentes caninos afiados, e na mão trazia uma espada.

— Morre sua vadia. Morre! — Gritou correndo para dentro da sala, para cima de Amanda como se não pudesse ver o lobo negro ali.

Dois outros *ghouls* vieram logo atrás.

Em meio ao ataque um estampido preencheu a noite e um dos *ghouls* caiu agonizante. Gabriel não esperou por um desfecho, atacou o jovem e por pouco não lhe arrancou a jugular. Esquivando-se o inimigo finalmente dirigiu sua atenção ao lobo e atacou com a espada. O lobo negro tentou se esquivar, mas apenas se livrou de um golpe fatal; a lâmina passou por seu flanco abrindo um talho doloroso e frio,

fazendo sangue verter furioso, molhar seu pelo negro e manchar a sala com sangue escarlate.

Ao ver o lobo negro ferido Amanda foi tomada por um desespero que ela desconhecia. Sua alma se inflamou e os olhos se abriram para a verdade diante dela, tal verdade saiu na forma de um apelo pela segurança do único ser que ela amaria para a eternidade como seu companheiro.

— Gabriel!

Ouvindo seu nome o lobo foi tomado por uma ferocidade gigantesca. O lobo negro agiu de forma instintiva e atacou a arma que o ferira da única forma que pôde. Em segundos ele se moveu como o vento. Com uma abocanhada feroz cerrou a mandíbula no braço direito do rapaz, partindo tendões, músculos e ossos, fazendo sangue jorrar selvagememente pela sala enquanto agitava o inimigo de um lado ao outro até que partiu o membro. Impelido pela enorme força do lobo, o rapaz foi impelido no mesmo momento em que perdia o braço, voando pelo cômodo. A espada voou cravando-se no sofá, o elfo fora arremessado contra a vidraça estilhaçando o vidro, caindo na sacada. E no meio da sala a mão direita do elfo, decepada.

Sangue escorreu para a garganta de Gabriel, um gosto ferroso e terrível, uma sensação que o desagradava.

O jovem elfo se ergueu na sacada e continuou a gritar que mataria Amanda, embora não conseguisse sair do lugar.

Encarando a cena e deixando que seus instintos o guiasse, o lobo percebeu que uma vontade exterior era imposta ao elfo.

Distraiu-se de suas conclusões ao notar outras presenças na porta do apartamento. O homem de óculos que Gabriel conhecia empunhava um revólver, enquanto um baixinho ruivo terminava de matar um *ghoul* com um machadinho de bronze fazendo sangue negro da criatura espirrar em seu colete esverdeado. Em um primeiro momento o lobo negro ficou em postura agressiva para os dois, embora não os percebesse como ameaça para ele ou Amanda.

— Eu preciso matar... — O elfo balbuciou, tomando a atenção de Gabriel, novamente.

O lobo negro rosnou caminhando em direção ao rapaz fraco e indefeso. Amanda, mesmo assustada, também se aproximou.

O elfo tinha loucura assassina estampada na face, porém não tinha forças para se mover por conta da perda de sangue. Farpas de vidro estavam cravadas em suas costas, e o braço mutilado pendia pálido.

— Não faça isso. — O baixinho ruivo pediu. — Tem que ter outro jeito.

Gabriel se voltou ainda rilhando os dentes, não gostava de interferências em seus assuntos, aquela era sua companheira, aquele era sua presa. Reconheceu o

homem de óculos, parecia de outra vida. O Investigador De Angelis baixou a arma, apontando-a para o chão ainda preparada.

Esse pequeno momento de consciência foi o suficiente para que Gabriel expandisse os sentidos a sua volta e não apenas focado no elfo. Então notou um som, um cântico estranho, vindo de longe. De baixo. O lobo negro farejou o ar, um aroma pungente de sangue, uma aura de morte, um perfume maligno. Os instintos o levaram a memórias do passado, de seus ancestrais. Sabia o que fazer.

O lobo negro se moveu depressa, assustando o *leprechaun* e o investigador, passando entre eles antes que pudessem reagir, ganhando o corredor, arrebatando a porta de acesso as escadas do prédio e se perdendo na escuridão enquanto descia os degraus.

Amanda foi tomada por uma força além de si mesma, algo profundo e antigo. Seus olhos se tornaram brancos e diante de si a jovem viu chamas dançando, imagens desconexas e vozes sussurrando. Tudo o que os outros viram na sala foi Amanda se empertigar abrir os braços e levitar, em transe.

Uma lufada de perfume da chuva, do verão, de ventos quentes e prazerosos trazendo o cheiro das árvores e da relva tomou conta de seu olfato e tudo em que ela conseguia pensar era em seguir Gabriel, pois diante de si, nas chamas espectrais que só ela via, a verdade mostrou-se mais uma vez, a verdade de seu coração. Amanda sabia que nunca deixaria aquele lobo. De volta a si, ainda ferida, ela correu em direção as escadas. De Angelis e Albert não a impediram, eles não podiam.

— Vai guardião, eu vou ficar e cuidar do Ricardo. Também terei que ligar para ela, e isso vai exigir muita diplomacia. — Albert deixou o machado no chão e caminhou calmamente em direção ao jovem elfo, desejando não ser um mero *leprechaun*, mas um dos antigos mestres da cura de seu povo.

De Angelis não discutiu, correu em direção as escadas para seguir Amanda de perto.

O lobo negro saltou os últimos degraus convicto, ele podia ouvir os passos dos outros seguindo ele, aquilo era perigoso, porém não tinha como convencê-los a ficar fora disso. Diante dele a porta para o subsolo do prédio. De alguma forma sua presença nas escadas não acionou o sensor que acendia as luzes. Sem demorar-se mais, Gabriel saltou pela porta, ganhando o estacionamento.

As luzes do estacionamento oscilavam, dando a sensação de sombras dançando por toda parte. Era um espaço pequeno de acordo com o porte do prédio, os carros estacionados deixavam corredores estreitos entre si, com três corredores largos por onde podiam manobrar. No corredor central uma figura de olhar compenetrado

sorriu ao notar Gabriel e continuou com seu cântico, como se ver o lobo o animasse a fazer o ritual com mais vigor.

O lobo negro se arrepiou com a voz torpe. As palavras eram corrosivas e cruéis, faziam a alma de Gabriel se inflamar de ódio. O lobo rosnava com voracidade por sua nova presa enquanto caminhava por entre os carros. A entonação do homem mudou e por instinto Gabriel saltou no capô de um dos carros fugindo de algo que correu pelo chão.

O homem diante do lobo negro era um sujeito magro, por volta dos quarenta, com cabelos bem aparados, barba rala e vestindo terno cinza. Na mão direita trazia uma bengala, ele a bateu no chão diante de si e apoiou as duas mãos no pomo de ônix que encimava a bengala.

Em resposta, luzes oscilaram à volta dele e Gabriel viu runas de linhas estranhas gravadas no concreto, fazendo um círculo em volta do homem. O lobo hesitou o ataque, sabia que havia mais ali. No chão rastros do que parecia ser fogo negro rastejaram de toda parte para o círculo. O sujeito então mudou sua entonação e as palavras. Depois sorriu de forma desdenhosa enquanto elevava a voz em sua canção profana.

A canção irava o lobo negro enquanto parecia ferir sua própria alma. Seus instintos lhe diziam que entrar no círculo de glifos era perigoso e talvez mortal, mesmo confiando na própria força. Ficar parado, no entanto, poderia ser pior, além de quase não conseguir conter o ódio por aquele ser. Rosnando como se fosse dez vezes maior, Gabriel surpreendeu o sujeito ao se atirar em um ataque avassalador. O feiticeiro tentou reagir, mas o lobo era forte.

Saltando de cima do carro, o lobo negro entrou na área do círculo e no mesmo instante chamas verdejantes coriscaram no ar chamuscando os pelos de Gabriel e logo se tornando lâminas de energia esverdeada que cortaram sua pele como se fossem garras espectrais. A dor só aumentou a agressividade do lupino. Saltou para frente aterrissando com as patas no peito do feiticeiro, rasgando terno, carne e músculos com as garras, fazendo o homem cair para trás.

As runas se desfizeram em uma explosão de luz, estourando as lâmpadas dos carros, do teto, rachando para-brisas e janelas. Os *sprinklers* despejaram água imediatamente até que um cano estourou na parede interrompendo o fluxo de água.

Os alarmes dos carros dispararam. A luz forte e a cacofonia deixaram o lobo desorientado. O feiticeiro sorriu, o ritual estava concluído. Sua missão era para ser um pouco mais discreta, mas sabia que precisaria de ajuda contra aquela ameaça por isso não pensou duas vezes ao mudar seu canto para uma evocação.

A criatura evocada se esgueirou na escuridão que tomou conta do prédio e aproveitou a distração do lobo para atacar.

A ferroadada veio feroz, cortando a anca de Gabriel que só não foi partido ao meio porque no último instante saltou em reflexo desviando-se do fim ataque. A visão voltou, mas alarmes ainda o ensurdeciam e em apuros o lobo uivou pedindo ajuda para seu primo vento.

Em resposta veio o silêncio. Alerta, Gabriel conseguiu notar a sombra que se movia e assim que seus olhos se acostumaram com a escuridão conseguiu distinguir sua forma. Viu o tronco nu de uma mulher que terminava a cintura onde começava o dorso de um escorpião. Ela estava no teto, movendo-se de um lado para o outro, buscando uma abertura para atacar.

A mulher-demônio abriu a boca para revelar longas quelíceras articuladas com ferrões na ponta, feitas para puxar pedaços de suas presas para dentro da boca. O ferrão sacudiu, era munido de uma lâmina de osso sem bolsa de veneno.

O sangue vertia dos ferimentos de Gabriel escorrendo em seu pelo negro, se esvaindo junto com suas forças, ainda assim o lobo se recusava a desistir da batalha. Rosnando ele recuou diante dos movimentos da mulher-demônio estudando a melhor forma de derrubá-la. Enquanto recuava o lobo negro percebia seu derredor de forma diferente, as cores eram outras. Entendeu por uma consciência similar a corpórea que nas sombras a vantagem era dele.

Metros distante da mulher-demônio e do lobo negro, o feiticeiro se erguia. Ele olhou furioso para Gabriel, apontou a bengala e ameaçou.

— Está sozinho cachorro, vai morrer por essa insolência. — Gritou mostrando o próprio peito dilacerado. — Mas antes eu exijo saber, quem é você?

Em resposta Gabriel atacou. Com um movimento repentino ele correu por baixo da mulher-demônio, a ferroadada passando milímetros a esquerda, ela não fora páreo para os reflexos do lupino. Em segundos Gabriel se tornou trevas, um borrão negro, e logo estava abocanhando ferozmente a perna do feiticeiro, forçando durante o movimento com o intuito de atirá-lo ao chão. Porém, o lobo se surpreendeu ao encontrar uma força tremenda em resistência.

Naquele mesmo momento, Amanda tateava seu caminho na escuridão, quando notou o demônio e a bravata feroz de uma voz que reconheceu ser de um inimigo. Seu coração batia acelerado, ela queria ajudar Gabriel, ela suplicava para si mesma força para fazer algo e sabedoria para saber o que fazer. Desejou ser como o lobo, ou tão forte quanto, desejou do fundo de sua alma que o lobo negro ficasse a salvo.

O calor que ardia no ventre espalhou em ondas para todo o corpo e Amanda vislumbrou a chama que ardia em sua alma. O coração da jovem chamejou, o calor era gostoso, era oposto as trevas. Com um grito ela libertou a força dentro de si.

Chamas brotaram da ponta de seus dedos, globos de luz alaranjada se acenderam a sua volta e um segundo depois, chamas selvagens engolfaram a

mulher-escorpião. As línguas de fogo a lambendo enquanto ela chiava um guincho de morte, sendo completamente consumida.

— Ele não está sozinho, *strigoi*! — Bradou De Angelis, logo atrás de Amanda, inspirado pelo poder da *Spakona*.

Fez mira no feiticeiro iluminado pelos globos de luz que dançavam no ar. Disparou.

As balas preparadas por ele morderam o ombro e o peito do *strigoi* e o fizeram gritar de dor. Em defesa o feiticeiro urrou e chutou Gabriel para o outro lado do estacionamento, fazendo o lobo cair de costas em um dos carros. O lupino sentiu a dor, assim como o *strigoi* que ficou sem um pedaço da panturrilha, arrancado na luta.

Furioso o *strigoi* bateu a ponta da bengala no chão e evocando o poder que lhe daria sua verdadeira forma. Fogo vermelho e negro chamejaram em seu corpo, faiscando fraco, coriscando aqui e ali, queimando a ilusão, mudando seu corpo falso e libertando sua face demoníaca.

O *strigoi* era agora um hominídeo de pele cinza com um rosto quase canídeo. O focinho era mais achatado, os caninos inferiores eram protuberantes, os olhos vermelhos, as orelhas pontudas. Os cabelos negros formavam uma crina que descia a nuca e ia até o meio das costas. Tinha braceletes negros com detalhes de bronze e vestia apenas um saiote de couro.

Ver aquela criatura mexeu com Gabriel, trouxe à tona uma fúria antiga, algo que que ia muito além dele mesmo, além do tempo. Ele se levantou no capô do carro, saltou para o chão e procurava uma brecha para atacar o inimigo quando um relâmpago dançou pelo teto do estacionamento e saltando de lâmpada em lâmpada cercou o *strigoi*.

O relâmpago dançou no chão desenhando um círculo à volta do *strigoi* que urrou e entoou novamente um cântico, mas antes de completar a frase, o relâmpago ribombou e atingiu ele no peito, trovejando por todo o estacionamento. Por um milésimo de segundo Gabriel teve a certeza de ter visto um homem azulado cravando um machado no peito do feiticeiro-demônio bem no momento do relâmpago.

Aproveitando o momento crucial o lobo negro saltou nas costas do *strigoi*, abocanhando a nuca com toda a força e fazendo o feiticeiro-demônio cair no chão. Cravando as garras no corpo de seu inimigo Gabriel firmou o apoio e puxou, sabia fazer os movimentos de matar, era um lobo, sempre fora um lobo. Forçou, puxou, os gritos de resistência do *strigoi* alimentando sua fúria lupina. Chacoalhou e ouviu os tendões se rompendo. Forçou sua musculatura, o trovão estava do seu lado, a força era sua também, sabia disso. Ossos foram esmigalhados, o sangue fétido, corrompido pelo mal puro, jorrou. O imenso lobo negro puxou mais forte,

músculos se partiram e ele arrancou a cabeça do strigoi com um movimento triunfante, jogando ela para o lado e saindo de cima da carcaça de sua presa.

O corpo do *strigoi* murchou, a essência maligna se esvaneceu e o que sobrou foi o corpo de um homem, com as roupas rasgadas, dilacerado por um lobo.

A alma de Gabriel se refestelou com a vitória, o peito se encheu e seu fôlego explodiu em um uivo magnífico.

Em resposta, Amanda correu até o lobo negro e o abraçou em um gesto terno e quente. Ela afundou o rosto nos pelos do lobo e chorou copiosamente, ainda mais ao sentir o sangue de seu amado vertendo por ferimentos horrendos. Era um misto de alívio, triunfo, destino que ela ainda não podia externar de outra forma que não pelas lágrimas.

Gabriel não queria encarar Amanda, sabia do que era capaz, de como também era um monstro da noite. Temia ser mais do que isso, ser um assassino. Mas sabia que era uma fera selvagem, bom ou mal, isso não importava, era selvagem.

O jovem lobo negro preferia viver na mata, longe de humanos. Viver a vida que lhe fora negada, ao mesmo tempo que sabia o quão feroz era e não podia encarar a moça depois de matar de forma tão instintiva, sem remorsos, guiando-se apenas por aquilo que acreditava estar dentro de si.

Gabriel e o lobo negro eram um só, ainda assim suas duas consciências se digladiavam, como fantasmas tentando ao mesmo tempo se unir e se repelir.

Tentou sair do abraço.

— Sou uma fera assassina. — Falou, sua voz reverberando de outra forma, através do espírito, sem que esperasse ser entendido por alguém.

— Não, não é. — Retrucou Amanda. O calor que ela emanava dava a Gabriel a certeza de que era amado.

O lobo negro encostou a cabeça em Amanda repousando o focinho em seu ombro. Sem poder se conter, lágrimas verteram de seus olhos turquesa. Ele podia ouvir a sincronia do coração de Amanda com o seu, batendo ritmados.

Amanda respirou fundo, tomada por uma certeza, uma absoluta verdade que não podia conter em palavras. Agarrou os pelos do lobo com mais força sentindo que o calor que ardia dentro de si passava para Gabriel.

O poder da *Spakona* acelerou a cura do lobisomem e o fez recuperar as forças, acalmando também sua consciência em conflito.

Quando o lobo ouviu um barulho vindo das escadas, ergueu a cabeça em alerta, se preciso fosse lutaria incansavelmente de novo, porém logo capitou cheiros familiares e nada agressivos perante eles.

O baixinho ruivo chamado Albert vinha trazendo o elfo Ricardo, escorado por um dos braços, e na outra mão trazia seu machado de bronze e a espada de Ricardo.

O elfo parecia alheio a realidade, caminhando segundo as passadas do leprechaun. O braço amputado enfaixado em tecido verde, tirado do colete de Albert.

— Não é seguro ficarmos aqui. — De Angelis caminhou até Amanda. — Temos que ir para outro lugar.

— Lobo, ela precisa ir para um local seguro. — Arriscou o investigador. Ele sabia que aquele lobo negro a protegeria de tudo, e podia até arriscar vários palpites sobre o que era a criatura, mas definitivamente tinha certeza que mesmo sendo guardião legítimo, não podia com a força daquele lobo, tinha que convencê-lo.

— Mas, meu Deus... mas e... — Amanda ainda chorava ora olhando para o corpo decapitado, ora para o jovem que a atacara. O terror daquela noite a dilacerava como uma lâmina cega. De joelhos e agora tomada novamente pela dor de seus ferimentos, Amanda pensava em sua irmã. — Eu preciso achá-la.

— Moça você tem que se acalmar, nós temos que ir embora. — De Angelis tinham um empasse, não podia forçar Amanda a ir com ele como gostaria e não podia deixá-la ali.

— É perigoso demais ficarmos aqui, vocês não entendem. — De Angelis abaixou pondo uma mão no ombro da moça e outra no flanco do lobo. — Muito está em risco, várias vidas eu apelo para o coração nobre de vocês, me sigam e eu os levarei para um local seguro.

— Não. — A voz de Amanda soou imperiosa. — Eu... eu tenho tantas perguntas e ao mesmo tempo é como se eu soubesse as respostas para todas elas em meu espírito. — Amanda alisou os longos cabelos para trás e encarou De Angelis. — Mas eu não posso ir... sair daqui. Minha irmã está enfurnada com alguém por essa cidade, tudo isso aconteceu agora, assim... eu não posso sair daqui e quando a polícia chegar e interrogar todo mundo... eu tenho que estar aqui, minha irmã vai voltar para o apartamento uma hora, e se eu não estiver...

Ela parou de falar e foi atingida por uma certeza.

— A polícia não virá né?

O silêncio no estacionamento era sepulcral. De alguma forma Amanda sabia que os humanos não sairiam de seus quartos, talvez os que conseguissem dormir tivessem pesadelos. Era completamente guiada por conhecimentos antigos, inerentes a natureza de sua velha alma. A dor de seus ferimentos incomodou novamente, ela respirou fundo, ainda havia forças dentro de si. Arriscou e o calor veio levando os ferimentos embora. A dor, pelo que notou ainda ficaria um pouco, mas estava segura.

— E ele? — Ela apontou trêmula para o elfo. Era difícil se concentrar naquilo que sabia quando o medo a tomava. Era como acordar de um sonho, mas sem

querer levantar.

— Eu matei quem o controlava. — Foi Gabriel em falou e dessa vez ele soube que pôde manifestar sua voz espiritual para os quatro.

O jovem elfo pareceu sair de um transe e não parava de olhar para o lobo negro, os olhos brilhantes e a expressão entristecida.

— Por favor minha jovem, o destino dos Encantados está em suas mãos. Precisamos de ti. Siga o guardião, ele nos levará a um local seguro.

— Sim, os *Daerhines*. — Ela não sabia como conhecia esse nome, mas dize-lo fez seu espírito reverberar, o sonho se desvanecia, caía aos pedaços.

Albert deixou o elfo escorado em uma pilastra e ajoelhou-se sobre o joelho direito, apoiando uma mão no machado de bronze e a outra mão na testa como se fosse um cavaleiro orando. Uma lufada de vento soprou, preenchendo os cinco de alegria infantil e deixando seus corações mais leves. O baixinho ruivo caiu com as mãos no chão, exausto.

— Albert, meu velho que imprudente. — De Angelis correu para socorrer o leprechaun. — Isso deve ter exigido muito de você.

— Podemos ir em segurança agora. — Albert falou ofegante.

Exaurida, Amanda enfiou os dedos nos cabelos encarando o chão. Era tudo uma imensa loucura, ou seria, se ela não tivesse tanta certeza sobre o que acontecia e até mesmo sobre o que, quem ela era.

— Se eu for com vocês o que será de Soraya? Ela correrá perigo.

— A situação é pior do que imagina. — De Angelis os encarou. — Você é muito importante e se ficarmos aqui, aí sim sua irmã correrá perigo. — Vendo que estavam em um impasse o investigador continuou. — Meu nome é Antônio De Angelis. Sou investigador de polícia. Perdoe meu atraso, eu quase falhei contigo. Mas talvez não devesse ser eu a defender você. Talvez você precisasse de ajuda sim, mas também de descobrir sua verdadeira força. — Ele olhou para o lobo negro e arriscou temeroso. — Gabriel, é você, não é?

O lobo encarou o investigador com um rosar baixo.

— O filho de Natasha? — Albert arriscou, mas as palavras surtiram efeito indesejado.

Ao ouvir o nome da mãe Gabriel se irou e rosnando para o ruivo quase foi para cima dele sendo parado pelo abraço de Amanda.

— Não por favor. — Albert era puro terror. — Sua mãe me salvou, ela me salvou. — O leprechaun tentou levantar, caiu para trás.

— Acalmem-se todos, que noite. Tudo saiu fora de controle. — De Angelis tirou os óculos e esfregou o rosto, não sabia mais o que fazer.

Gabriel foi assolado por enorme tristeza. *Uma fera*. Na eminência da fúria quase atacou um inocente, ou assim o julgava agora olhando em seus olhos. Até ali

pensava ser guiado por seus instintos, mas naquele momento não tinha mais tanta certeza. Ele quis entender porque reagira daquela forma, e quem de verdade eram aqueles aliados. O lobo negro farejou o ar e finalmente percebeu a diferente fragrância que cada um dos quatro emanava. O baixinho ruivo que chamado Albert tinha cheiro de relva, algo que evocava bosques verdejantes e fazia Gabriel ter saudade de uma terra que não conheceria. De Angelis tinha cheiro de um animal mesclado a cinzas e ao calor do fogo. Como um tapete de peles no chão de uma forja. O jovem elfo tinha um perfume de floresta e frio, gelo e noite, o inverno. Enquanto Amanda cheirava a outono e verão mesclados, a folhas verdes, a chuvas e ao forçar mais o olfato, Gabriel farejou na moça as brasas de um carvalho. O calor o fez recuar um pouco.

Os olhos de mel de Amanda encontraram os olhos turquesa de Gabriel, o lobo negro.

— Nós precisamos de você. Você é a quem busco, aquela que pode usar o conhecimento, você é a Vidente do Fogo. — De Angelis falou em uma súplica.

— *Spakona*. — Ela murmurou olhando para Gabriel. — Eu preciso ir bravo lobo. E você precisa achar seu caminho de volta.

Amanda olhava de um lado para o outro, primeiro confusa, depois com os olhos vidrados.

— Isso... — Sua mente voou, era como estar fora do corpo vendo imagens desconexas e tendo emoções que não eram suas, quando voltou a si teve certeza. — Isso tem relação com a morte da mãe de Gabriel.

— Nós não sabemos... — Albert começou levantando-se, mas foi interrompido por De Angelis.

— Ela está afirmando. — O investigador apontou. — Jovem, você é uma peça importante de uma antiga cultura, uma guia que nosso povo tem procurado. Embora eu seja investigador de polícia não estou aqui por isso e talvez eles até venham, embora não seja por conta do que nós presenciamos. Os alarmes dos carros, um vizinho que ouviu barulho demais em algum lugar no prédio, mas não sabe dizer onde ou o que era. No entanto, eu estou aqui porque o mundo é maior e mais terrível do que as pessoas imaginam. Eu sou o que nosso povo chama de *Hodjak Seidr*, o Guardião do Conhecimento, da Magia. Meu papel é achar aquela que pode usar esse conhecimento para levar nosso povo a prosperar. Assim foi me dito.

— Vocês... Nós todos aqui somos descendentes dos *Vaettir*. O primeiro povo, o Povo Antigo. — A voz de Amanda soava antiga, velha e imperiosa. Voltando a seu tom normal, concluiu. — Encantados, como em histórias de fantasia e contos de fada?

— Muitos de nossos nomes deram origem aos folclores e lendas dos mortais, alguns de nossos nomes são emprestados dos idiomas deles, já não sabemos mais discernir. Aqui no Brasil gostamos de nos chamar de Encantados. — Albert confessou. — Há muito o que conversar com você jovem...

— Meu nome é Amanda. — Ela revelou. — Se não sabem quem sou, como me acharam?

— Há muito foi me dito algumas coisas sobre como te achar. Uma delas era sobre o lobo negro que a protegeria. Por coincidência... Acho que não existem coincidências. Estávamos de olho em Gabriel, já que Albert também vislumbrou algumas coisas sobre o lobo negro e sobre como você despertaria o calor em sua alma. Não imaginávamos que seria em situação tão desesperadora, porém foi a única forma de te rastrear, por sorte estávamos juntos quando sentimos o fluxo dos encantamentos que usamos para descobrir os sinais. Viemos o mais rápido possível, mas viemos correndo a pé, pois não havia outra forma do encantamento funcionar ao seguir o lobo e os sinais. — A voz carregada de culpa por sentir-se incapaz de cumprir a missão por completo, mesmo sabendo que tudo dera certo até então.

Impelida por uma vontade antiga, que ela sabia não pertencer inteiramente a si, ao menos não ainda; Amanda se levantou e convocou-os.

— Vamos, me levem até o Templo. — A voz antiga veio trazendo uma lufada de vento quente e logo uma chuva torrencial caiu sobre Londrina.

— Irei escoltá-la até lá. — Gabriel proferiu firmando o poderoso corpo nas quatro patas.

Decididos e protegidos pela magia de Albert, os cinco saíram do prédio sem serem notados pelo porteiro, que dormia um sono inquieto cheio de pesadelos e trovoadas.

XIX — TRADIÇÕES PERDIDAS

O grupo caminhou às pressas seguindo De Angelis e, embora o encantamento de Albert os mantivesse em segurança, todos permaneciam em alerta. A chuva forte e fria não os incomodava, nem minava suas forças era como se lavasse as mágoas da alma.

Quando entraram em uma rua em um bairro comercial De Angelis quebrou o silêncio fazendo sua voz ecoar assim a do rugir da chuva.

— Há muitas coisas sobre as quais não sabemos. Mistérios nessa cidade, mas mais importante, tradições perdidas. Eu sou apenas um desperto, um humano com fraco sangue dos *daerhines*. A *seidr*, a força que permeia a existência, me escolheu como *Hodjak*. Assim eu soube que os Povos Encantados estão e continuarão perdidos se não conhecerem mais sobre suas próprias tradições, se a chama do conhecimento não guiar seus caminhos. Você retém o poder para nos guiar nas tradições perdidas. — Terminou a sentença tocando a porta de ferro de um prédio que parecia abandonado.

Gabriel reconheceu o sedan do investigador do outro lado da rua.

— É aqui, não é? — Amanda apontou para a porta de ferro que destoava com o prédio.

— Quase. — O investigador tirou um molho de chaves antigas do bolso. Enfiou uma na fechadura da porta, um giro de pulso e ela se abriu sozinha.

Gabriel estacou. O lobo sabia que não era a hora de entrar naquele lugar. Amanda tinha razão, ele precisava encontrar o caminho de volta.

Amanda se voltou para ele, os olhos tristes, os cabelos encharcados caindo no rosto.

— Eu tenho que ir, mas voltarei logo para você. — O lobo negro afirmou.

— Eu sei que voltará. — A moça intentou ir até ele, mas se manteve parada.

Com um longo uivo ele se despediu e em um pinote saiu trotando pela noite tempestuosa.

Amanda tremia da cabeça aos pés e abraçando o próprio corpo confessou para os três que ficaram ali e para si mesma.

— Achei que não conseguiria deixa-lo partir, confuso, ferido na alma. Esse foi o meu maior teste.

De Angelis entrou em silêncio no prédio seguido de perto por Albert e Ricardo, Amanda foi logo atrás. Assim que o Hodjak trancou a porta o salão se iluminou. Oito barris ardiam guardando chamas alaranjadas. A luz das chamas revelou um pátio de concreto com teto alto e pilastras. As paredes, o chão, o teto e as pilastras estavam todos pintados com runas, inscrições e frases em vários idiomas falados pelos Encantados. Amanda quase conseguia entender as inscrições.

Era como se fosse míope e com algum esforço pudesse focar as palavras e lê-las. Quase, faltava pouco. Distraída com as pinturas ela demorou alguns segundos para notar as pessoas que a observavam.

Cerca de vinte, do que pareciam serem sem-teto, a olhavam de forma compadecida, com olhos em lágrimas e sorrisos esperançosos. Um deles chamava a atenção, um homem negro de cabelos e barba desgrehados. Era um ser selvagem que emanava certo poder. Ao olhar os olhos daquele sujeito Amanda notou seu corpo formigar, o ar veio a ela como se respirasse fundo depois de um longo mergulho e diante de seus olhos uma neblina suave como fumaça de incenso desvaneceu. Trovões ribombaram do lado de fora e o calor voltou ao corpo de Amanda, alimentado pelo fogo dos tambores e pela força daquele lugar.

E a jovem vidente viu. As pessoas ali não eram humanas, algumas eram dos povos élficos, outra uma leprechaun, uma mulher tinha aspecto misterioso e olhos que ardiam em brasa, o ser selvagem tinha a face de uma hiena e olhos que ardiam vermelhos, o corpo esguio, a pele trazia semelhanças com os pelos de uma hiena, coberta por suas roupas maltrapilhas. Um outro sujeito tinha quase dois metros e meio e uma moça tinha chifres de cabrito.

Todos se curvaram em reverência a Amanda. O homem-hiena se aproximou caminhando em direção a ela e parou com um sinal do *Hodjak*. Era um ser perigoso, no entanto não lhe transmitia nenhuma malignidade.

— Eu guardarei a entrada senhora. — Dito isso o homem-hiena se desfez em um ligeiro redemoinho de areia.

— Venha, Amanda. — De Angelis pediu e apontou uma escada no final do recinto, contígua a parede, descendo para um espaço sombrio. — Albert, ligue para ela sim? Traga o menino, tentaremos ajudar.

— Eu... — Amanda não esperou, foi guiada por uma vontade gigantesca ela precisava libertar-se do *sonho*.

Receosos com seu caminhar enfeitiçado, os três companheiros a seguiram ao invés de guiarem-na.

Quando a moça pôs o pé direito no primeiro degrau uma luz amarelada e tremeluzente surgiu, banhando os últimos degraus iluminando o cômodo

subterrâneo. Assim que chegaram no escritório e arquivo do *Hodjak*, este se surpreendeu. Os braseiros ardiam com chamas douradas e o quartzo puro da luminária do teto agora era radiava luz alaranjada enquanto a lenha na luminária se mantinha apagada. A porta de ferro estava lá, revelada aos olhos de todos. O urso estampado na porta se moveu, ergueu-se nas patas traseiras e ficou encarando Amanda.

A jovem caminhou em direção a porta, a cada passo suas vestes tremeluziam, como se feitas de ilusão. Energia laranja e dourada crepitou a seu redor formando uma aura. Aos poucos a imagem de Amanda desvanecia.

Ela tinha consciência das mudanças em seu corpo, mudanças que entendia serem reais. Sua verdade mudava com ela.

O povo das brumas, os encantados, os *daerhines* tinham em sua maioria uma habilidade diferente da de Gabriel, eles escondiam quem eram dos olhos humanos com um véu de ilusão, às vezes eram mesmo muito parecidos, às vezes notavelmente diferentes, uma artimanha aprendida e não adquirida naturalmente. Haviam, porém outras circunstâncias que traziam à certos encantados a capacidade de mudar, assim como os grandes metamorfos eram capazes de assumir mais de uma forma.

Amanda agora tinha certeza, ela era diferente da maioria. As verdades se revelavam a ela a cada passo.

O conhecimento vinha em ondas, como as ondas de luz que ela mesma emanava. Amanda, a *Spakona*, era uma *Changeling*. Um termo antigo e celta para uma criança trocada, no caso dela, como um cuco em ninho de outros pássaros, ligada a seus pais por magia, posta não a porta de seu lar, coloquialmente; mas na verdadeira porta por onde se entra no mundo.

Mais um passo.

Fogo engolfou a jovem em uma lufada, transformando suas vestes em uma bela armadura, leve e flexível, feita de bronze com adornos em prata. Da cintura brotava um saiote de grosso linho verde, estampado com folhas outonais. Quando a lufada cessou, os cabelos passaram a esvoaçar e as orelhas se tornaram longas e pontudas.

Amanda agora sabia, ela via com sua alma a verdade. Chamas dançavam a sua volta, chamas que somente ela via e imagens eram desenhadas nela.

Anos no passado, nove meses antes de Amanda nascer, sua antecessora teve uma visão. Ela e seu consorte tomaram uma decisão e colocaram uma magia no ventre de uma mulher, de uma boa mulher e Amanda foi concebida semanas depois. Ela era filha de seus pais mortais por sangue e magia tanto quanto era de seus pais elfos. Por isso a capacidade de mudar, de alterar a realidade pessoal. Por isso a vontade enorme de despertar do sonho, Amanda queria viver, queria ser quem nascera para ser.

— Daoine Sídhhe... Uma elfa-guerreira do verão. — O leprechaun sussurrou em espanto.

O poder do momento fez a luz da razão voltar aos olhos de Ricardo, que até então estava em uma espécie de transe. Embora o elfo não conseguisse encarar diretamente a visão da *Spakona*, não resistiria por muito tempo o desejo de contemplá-la.

— Com o fim das cortes achei que nunca veria uma... — Albert falou em tom saudosos. A saudade da Irlanda de sua infância tomou a alegria do velho *leprechaun*, mas logo ele voltou a sorrir quando a porta de metal rangeu e abriu diante do último passo de Amanda.

A *Spakona* ouvia a voz do *leprechaun* como se estivessem muito distantes, além da margem de um rio que só ela tinha atravessado e o qual somente ela podia atravessar. Porém, prestava a devida atenção, era com se sua consciência e seus sentidos estivessem em uma sincronia diferente da dos outros seres, atenta a tudo, alheia a tudo. A elfa sabia o tinha que fazer.

Quando os portões terminaram de se abrir uma lufada de vento quente preencheu a sala e a elfa atravessou o limiar da sala sagrada.

De Angelis foi tocado por labaredas que surgiram à sua volta, fogo subiu em sua pele gravando marcas doloridas, queimando o tecido e tingindo a pele de azul, no peito, nos braços e nas panturrilhas. O urro de um urso ressoou e todos tiveram a sensação de que algo ou alguém fora embora. Como se a sala estivesse um pouco mais vazia.

— Adeus protetor de meus pais. — Amanda soava antiga, sua voz retumbava na alma deles, reverberava nas paredes de dentro da sala secreta.

Chamas acenderam revelando um salão enorme além dos portões, as labaredas douradas da sala de arquivo amainaram e voltaram ao normal, o quartzo laranja continuou radiante, mas dessa vez a luminária do qual era base se acendeu.

De Angelis foi até Amanda, ele sabia, sentia, que tinha a permissão para entrar.

Além da porta uma vasta e antiga biblioteca foi revelada, iluminada por braseiros de prata onde chamas dançavam vivas. As paredes, pilastras, chão e teto eram feitos de pedras talhadas, nelas glifos sagrados traziam histórias perdidas. As estantes de madeira de carvalho guardavam tomos grandes e grossos. Alguns ornados com desenhos em suas lombadas, outros com ouro ou pedras preciosas. As estantes formavam vários corredores, mas eram dispostas de forma a desenhar um sol, com oito corredores fazendo o papel de oito raios. Deixando assim, um grande círculo vazio no dentro da biblioteca onde no chão estava talhado na pedra o antigo símbolo dos *Daerhines*. A lua prateada com a marca de Asena, uma mão garra de mulher-lobo. Imbuído de magia o símbolo mudava a fase lunar junto com a forma

de garra, de mão feminina, para pata, para mão-garra e novamente o ciclo continuava.

— *Spakona*, esses são os registros da cultura dos *Daerhines*, tudo que temos, os segredos contidos aqui são seus. — O *Hodjak Seidr* falou engolindo em seco, admirado com a vastidão daquele lugar.

— Nossos... nossos... eu entendo. — Os olhos de Amanda faiscaram. — Eu sou uma.... Bibliotecária... essa é uma boa palavra nesse idioma.

Um brilho sutil a envolveu e ela levitou alguns centímetros do chão.

— Não exatamente, esse título talvez seja... — De Angelis ficou aturdido.

— Apropriado. Eu sou a guardiã dos textos, aquela que zela pelo conhecimento, aquela que o retém. Uma bibliotecária... — Os olhos acenderam de vez em um tom alaranjado como as cores de outono. O sono acabara, ela era uma *daoine sídhe*, uma elfa-guerreira do verão, escolhida para ser a Vidente do Fogo, a *Spakona*.

— O que ela está fazendo? — Balbuciou Ricardo em um tom envergonhado, olhando pela porta.

— Lendo. — Respondeu o *Hodjak* com um sorriso suave no rosto. — Ela está lendo.

XX — DIA DE TORMENTA

Amanda estava exausta, mas ainda havia mais, muito mais e em um lampejo ela voltou para as visões além de seu ser, para a consciência dentro da Árvore da Vida. Ela viu a primeira *Spakona* de Londrina, Eleonor, uma imigrante europeia que chegara ao Brasil anos antes da fundação da cidade. Eleonor construía uma biblioteca, um templo, aquele templo. Treinara uma nova *Spakona*, acreditava que deveriam ser uma trindade para que a força fluísse de forma mais fácil. Não foi o que aconteceu, a novata Cristina era incauta, intrépida e era a tia de Amanda, uma elfa-guerreira do verão, como ela. E fora essa a sua ruína. Resolveu ela mesma caçar demônios, destruir as trevas até que um *strigoi*, alguém que Amanda só podia ver como a forma de um homem com a cabeça de uma serpente, achou Eleonor e lhe sugou o sangue, aprimorando suas próprias capacidades premonitórias às custas da essência da vidente.

A jovem elfa via, sentia e ao mesmo tempo tomava conhecimentos relacionados para si, parte da consciência de Eleonor, parte dos livros, parte de outras almas. Era difícil concentrar-se sem que sua mente doesse, mas precisava tentar pois agora sabia estar no rumo certo, ela achara um dos fios que ligava seu destino ao de Gabriel e aguentaria a dor que fosse para conseguir entender tal sina.

O *strigoi* era astuto, suas palavras doces mexiam com a alma. Amanda entendia o poder que aquele feiticeiro-demônio exercia sobre Cristina. Sua voz era como um instrumento de prazer na pele da *Spakona* e quando ela se abriu aos desejos, tudo se tornou sinistro e nebuloso. Mas há um ditado, dizem que nas sombras mais profundas a luz de uma vela brilha mais intensamente. Entregue a escuridão Cristina revelou muitas coisas, ensinou os *strigoi* sobre segredos que eles não deveriam conhecer, sobre poderes que não mereciam obter. Ainda assim algo dentro dela persistia forte, ela nunca fora capaz de revelar a localização do templo, ela mesma matou seu antigo *Hodjak* para que não o encontrassem e o torturassem.

— Eu quis te salvar, foi aqui que me libertei. — A *Spakona* Cristina se moveu na visão deixando o fluxo de revelações estático e indo até Amanda. — Eu ameí a ideia de uma sobrinha desde sempre, você nasceu na casa de seus pais antes de nascer no lar dos humanos. É uma *Changeling*, nascida duas vezes, minha criança. Quando eu te vi, não...

A elfa Cristina mexeu os dedos no ar abrindo as visões em uma noite diferente, uma conhecida floresta iluminada pela lua crescente.

— Quando você nasceu o mundo mudou. — Cristina tinha a intenção de roubar a criança para si, mas ao se deparar com a sobrinha no berço travou. Foi o suficiente para que o pai de Amanda atacasse a irmã, a expulsasse de casa e se ferisse mortalmente.

— Pai. — A dor de Pietro seu pai, de Cristina, de Edna, sua mãe e dela mesma fora demais para Amanda suportar.

As feridas físicas, emocionais e psíquicas passaram por ela como se fossem relâmpagos e Amanda saiu do transe, interrompendo bruscamente sua levitação. Ela caiu no chão de pedra com o som de um martelo de cobre contra a rocha. O clangor metálico ecoou pela biblioteca.

O *hodjak* correu até sua protegida, na mão trazia a primeira obra que fora capaz de ler graças a permissão de Amanda. Um tomo que explicava algumas coisas sobre a biblioteca e as funções dos dois.

— Você se machucou? — Ele agachou e ajudou a moça a se erguer do chão. — O que aconteceu?

Prostrada, Amanda tomou aos poucos a consciência corporal e a primeira coisa que notou foi que a armadura que vestia não pesava nada. Respirou fundo e as memórias vieram mais ordenadas dessa vez. A jovem vidente tinha a expressão de uma criança prestes a se debulhar em lágrimas, mas ela sorriu ligeiramente e apoiando-se no investigador, se levantou.

— Eu estou bem, *hodjak*. Só não estou pronta para algumas coisas. — O chão pareceu correr de seus pés, a barriga dava a impressão de estar ausente, o mundo rodou e escureceu um pouco. — Quanto tempo estive em transe? Foi mais de um dia não foi?

— Sim, você precisa comer. Eu ia esperar apenas mais um dia, depois disso tentaria te acordar. Fiquei revezando a vigília aqui com Albert. Venha, estive esperando esse momento, há comida ali.

Ela apoiou um braço no investigador e o seguiu até o lado de fora da biblioteca.

As imensas portas de ferro se fecharam assim que os dois passaram por elas. Diante deles, sentada em uma das cadeiras da mesa no centro do escritório, estava uma mulher loira, as longas madeixas douradas quase brancas, e de olhos azuis acinzentados.

— Olá *hodjak*, e essa é a *spakona*? — A mulher franziu o nariz enojada. — Sou Júlia Sonen dos alfar. Eu vim ter com vocês sobre o que aconteceu com Ricardo, meu sobrinho.

Júlia se virou para a mesa, pegou um objeto metálico e levantou-se. Ela vestia calças jeans, sapatos prateados de salto agulha, uma camisa branca e adornos de

prata, muitos, de brincos à colares e pulseiras. Virou-se para os dois apontando a espada de Ricardo, uma espada que agora Amanda sabia ser viking.

A arma alertou a *spakona*, embora a agressividade de Júlia fosse palpável, ela sentia que havia algo a mais naquele confronto.

— Onde está Ricardo? Era para ele estar aqui, seu sobrinho corre perigo, o que você fez? Hodjak, você e essa vidente são os responsáveis por isso. Meu sobrinho perdeu a mão e agora será caçado por sua causa, *sídhe*, elfa do verão. Sua raça devia ter morrido!

Sim, sídhe. Aquela *alf* conhecia as tradições e os nomes antigos. Nomes e contendas passadas, uma batalha que ela queria reviver naquele salão. Amanda irou-se ao perceber no que as intenções de Júlia levariam. A biblioteca, o templo, eram um refúgio sagrado, não podia permitir que alguém ferisse daquela forma o lugar de paz e proteção.

— Você veio aqui para o que, elfa da noite e do inverno? Se procura orientação ou proteção é bem-vinda, caso contrário vá embora.

O fato de Bruno não estar protegendo o lugar logo chamou a atenção da *spakona*, mas mais que isso, os outros encantados aceitaram que Júlia fosse ter com ela, será que não concordavam que Amanda fosse a vidente do fogo?

— Medo... vocês temem que eu seja nova demais, que eu seja a pessoa errada.

— Você é a pessoa errada, *sídhe* nojenta. Eu vou arrancar sua cabeça e levar até ele. Isso vai acertar as coisas para meu sobrinho.

— Ele quem? — De Angelis que ficara calado estudando a situação tivera seu instinto de investigador atizado pela representante dos *alfar*.

— Vocês vão descobrir, ou melhor. — Júlia riu, os olhos brilharam com olhar assassino. — Suas almas irão. Sabe, meu sobrinho não conhece nossa tradição, uma falha minha. Eu sou diferente, eu nasci antes das Grandes Guerras e embora não seja uma guerreira como meus ancestrais foram, meu avô me ensinou muita coisa.

Júlia girou a espada e súbito a arma se tornou uma lança ao mesmo tempo em que uma lufada gelada passara por ela desvanecendo assim a ilusão que ocultava sua forma. Em um piscar de olhos Júlia agora trajava uma reluzente armadura prateada, com adornos brancos, um saiote de tecido branco com detalhes prateados, aberto na lateral direita. Lã ornava as ombreiras da armadura e nas longas orelhas pontudas ela usava brincos de safira. Os cabelos refulgiam dourados com fios prateados. Encarar a *alf* era como olhar o fantasma do inverno nos olhos.

Com um pensamento Amanda selou a porta atrás de si. O urro do urso enchendo a sala.

— Muito bem Júlia dos *alfar*, eu Amanda dos *daoin*es *sídhe*, a *spakona*, irei mostrar seu erro. Não sou uma guerreira assim como você, mas não deveria me

enfrentar aqui.

Chamas dançaram a volta de Amanda e por instinto ela levou a mão esquerda a cintura. As chamas responderam formando um cinturão e uma espada, semelhante a que Júlia antes segurava, mas com pomo redondo e lâmina mais larga.

Antes que Amanda pudesse desembainhar a espada, Júlia estava sobre ela. A lança em riste em um avanço veloz. Por puro reflexo, a *spakona* saiu da linha do ataque, deixando a ponta resvalar na armadura fazendo um talho no bronze mágico que lhe cobria o busto. A jovem vidente não era guerreira, não tinha treinamento e agora sabia que como *sídhe* e *changeling*, tudo que lhe era natural manifestava por vontade, tudo que deveria ter aprendido durante a vida lhe vinha pelo inconsciente, assim sendo seus poderes manifestavam por instinto puro. Ela acreditava, àquela altura, que não era uma guerreira, *mas por que continuaria a ser tratada como uma elfa-guerreira?*

Sensações de outra era preencheram seu corpo, a *alf* atacou novamente e dessa vez Amanda não precisou se defender.

O urro de um urso preencheu a sala novamente. Veloz, De Angelis esbarrou ombro a ombro com Júlia, jogando-a por cima de uma das prateleiras.

— Você atacou a Vidente do Fogo. Você agiu contra as leis desse templo. — De Angelis urrava furioso salivando como um cão selvagem. Mas era mais que isso. — Não é apenas a *spakona* que se torna poderosa nesse lugar.

O corpo do homem cresceu, as roupas se rasgaram, a face se alongou, o lábio inferior aumentou, pelos castanhos cobriram seu corpo e De Angelis se tornou um enorme urso pardo, com braceletes e um colar, dourados. O urso arremeteu contra a elfa da noite que teve tempo apenas de saltar por cima da fera para conseguir esquivar das garras furiosas.

Aproveitando a chance, Amanda puxou sua espada que luziu dourada e apontou para Júlia. Um facho de luz irradiou forte cegando a *alf*. Chamas dançaram ao redor de Júlia e quando o brilho de luz cessou, a elfa-da-noite viu oito adversários.

Quatro ursos, quatro *spakonas*.

Júlia sorriu, ilusões eram seu caminho, aquela criança logo descobriria isso, mas primeiro precisava lidar com o fogo. As chamas que rodeavam a vidente aumentaram de intensidade. A *alf* puxou o ar e soprou a sua volta. Água, neve e então lâminas de gelo brotaram de seu sopro acabando com as chamas e em um movimento da lança Júlia se multiplicou, e de novo. Agora haviam quatro dela também.

— Criança, eu sei que isso tudo é uma ilusão. — As quatro Júlias bateram os cabos das lanças no chão fazendo raios de gelos crepitarem em direção as oito figuras. — E eu sei onde está.

Uma das Júlias saltou em direção a Amanda. Tudo que a *spakona* pôde fazer foi erguer a espada em posição de defesa e como reação, uma parede de fogo surgiu. Ao mesmo tempo os raios de gelo alcançaram as outras figuras, parando em paredes de fogo como a que protegia Amanda.

— Está me subestimando! — A elfa do verão bradou.

As ilusões da *spakona* brilharam e distorceram-se tomando outras formas. Com o cessar do clarão as cópias de De Angelis também mudaram. Um era um urso negro, o outro um urso-de-óculos e o terceiro virou uma pantera. Assim também mudaram as cópias de Amanda, em mulheres diferentes, todas trajando armaduras com labaredas saindo de suas ombreiras. Uma delas não era elfa, era negra de olhos como fogo e cabelos de areia, a outra era Cristina, a tia elfa de Amanda e a terceira tinha o rosto enevoado com dois únicos traços reconhecíveis, cabelos negros e olhos de coruja.

— Ilusões? — A voz de Amanda ecoou fazendo uma lufada arremessar as estantes de arquivos para os cantos da sala, o vento era quente e cortou como lâminas de fogo as ilusões de Júlia. — Eu sou *spakona*, eu evoquei aqueles que foram e serão, aqueles que fazem parte de nós. Eu sou a Vidente do Fogo!

As imagens imergiram no guardião e na elfa fazendo suas auras acenderem em fachos de luz. Amanda cravou a espada no chão, não era guerreira, agora sabia, era uma feiticeira da guerra. Apontou para Júlia e em um gesto fez a lança que ela segurava se tornar incandescente. Em resposta a elfa da noite jogou a lança no chão soprou com fúria em direção a Amanda. Ventos gélidos rodopiaram a *spakona*, que apenas esperou rodeada por uma ventania de frio cortante.

O *hodjak* urrou furioso e atacou com um golpe preciso de sua garra direita, puxando a perna de Júlia para o lado e para o alto. A elfa da noite rodopiou e caiu de costas. Ao seu lado a lança de sua família derretia. Furiosa ela evocou o inverno de seu coração.

— Não... não! — Gritou enquanto relâmpagos percorreram o teto e o frio aumentou.

Lágrimas escorreram por sua face, o legado de sua família se perdia. Gritando enlouquecida Júlia formou uma lança de gelo em sua mão e cravou no flanco o guardião que já estava sobre ela para lhe arrancar a jugular. O urso cambaleou para o lado e deitou sangrando. Mas aquele último gesto fez a *alf* perder o controle sobre a prisão de frio e gelo na qual tentara encerrar a vidente.

Liberta da ventania gélida Amanda moveu-se depressa e agarrou Júlia pelo pescoço. A mão em brasa queimou a pele da elfa-da-noite. Os olhos de Júlia encontraram os da *daoine sídhe* e Amanda viu.

— Sua dor é real. — A *spakona* fez um gesto em direção a escada, como se quisesse limpar a vista da fumaça. E lá estavam Bruno em sua forma de homem-

hiena segurando os braços de Ricardo, também um elfo-da-noite, que chorava, mas se recusava a dizer uma só palavra.

— Não.. Você espera que eu use meu poder de outra forma... não, isso nunca.
— Amanda recuou. — Posso ter aprendido pouco, mas algo me torna a salvo da corrupção por esse poder, algo que conheço bem.

— Você acha que está acima de nós! — Gritou Júlia em sua dor, ainda presa pela garganta.

Amanda a soltou e de volta das chamas trouxe a lança que voltou a ser uma espada viking.

— Não é sobre estar além ou não, é sobre ser livre. Aqueles que conhecem o amor como minha alma conhece não tem mais grilhões. — Por um momento ela pensou em Gabriel, no que significava para ela e também no que ele enfrentaria pela frente. — Aqueles que precisam de amor estão no caminho também da redenção. — Balbuciou mais para si, mas as palavras impactaram a elfa-da-noite.

— Era um teste? — Amanda olhou para De Angelis ferido e para Bruno que agora soltava Ricardo, deixando-o acudir a tia.

Júlia afastou o sobrinho e buscou a espada, deixando todos apreensivos menos a vidente. Ajoelhando-se ela proferiu.

— Houve aqueles dentre nós que acharam a guerra das cortes um erro. Nosso tempo passou, nós mudamos. Em honra a tudo que me tornei e a quem você é eu lhe entrego minha lealdade, e seu campeão terá para sempre a minha eterna gratidão, pois meu sobrinho e meus filhos são tudo que me restam e ele lhe salvou a alma.

Amanda olhou para os *alf* e mirou o futuro, seu espírito buscando Gabriel, mas teve medo e voltou, voltou a ser a jovem universitária de Londrina. A armadura se desfez como o pôr do sol de outono, a espada virou cinza e as sumiram, a forma de Amanda voltou a ser a de uma mortal. Ela tinha medo de olhar o futuro de Gabriel por estar intimamente ligado ao seu, por amá-lo e não estar pronta para cedê-lo ao destino.

— Tome Júlia. — Amanda estendeu a mão com o que parecia uma semente. — Você e o *hodjak seidr* precisam se curar. Eu não sou versada nas artes da cura, mas eu conheço um ditado do seu povo.

— A noite guarda muitos mistérios de cura e de morte sob a luz do luar. — As duas falaram juntas.

— Minha mãe me ensinou sobre a cura, embora eu lembre pouco.

— Esses dizeres são mais verdadeiros do que pensa, irmã. — Amanda falou mais para si, depois estendeu novamente a mão para Júlia. — Lembre-se de quando era uma criança, use sua imaginação, aos poucos pegará o jeito.

Assim que a *alf* aceitou a semente com sua mão em cuia, a *spakona* soprou uma brisa de outono sobre a semente. Amanda aos poucos vislumbrava seus dons, ainda demoraria para entender de forma racional o quão e como era ligada às estações do ano e a natureza, mas a cada minuto sua mente se abria mais. Em resposta a sua brisa, o ar foi tomado por pontos cintilantes de um laranja vivo. A semente abriu e se desfez no mesmo pó brilhante, rodopiou ao redor da cabeça de Júlia e aos poucos o cintilar laranja foi se tornando branco como cristais de neve.

Os olhos de Júlia crepitaram azuis e suas memórias se mesclaram a lembranças de sua mãe, sua avó, seu bisavô, até que não sabia de quem eram, apenas de que pertenciam a todos os *alfar*. Seu coração frio foi tomado de nostalgia. Esperança foi acesa em sua alma, como uma fogueira no inverno e ondas de tom azulado dispersaram-se de seu corpo, irradiando para a sala, fazendo a ferida de sua perna marcada pela garra do urso e a marca de fogo no pescoço sararem de imediato.

De Angelis, ainda na forma de urso, acordou tomado por um certo desconforto e resmungou ao perceber que a lanceta gélida em sua barriga se mexia. A estaca de gelo derreteu, o sangue parou de verter e virou energia vital voltando novamente para o urso. O *hodjak* foi envolto em luz azulada e assumiu sua forma humana. A camisa rasgada na barriga revelava a cicatriz do ferimento que quase lhe tirara a vida.

O investigador tentou levantar, ficou tonto e deitou-se novamente.

— As antigas tradições do Povo das Brumas. — Júlia suspirou ao compreender o que se passara. — Eu vi... era como se eu soubesse... eu. — Exausta ela se deixou ser apoiada por Ricardo, que a ajudou a ser erguer dos joelhos e sentar-se.

— Sim as tradições dos daerhines, as nossas tradições. — Amanda se sentou no chão, também estava cansada. — Bruno volte lá para cima por favor, certifique-se de que estão todos bem. Assim que possível vou falar com eles, agora entendo quem somos e sei o quão amedrontado e triste está o nosso povo. Mas antes de ir, tenho algumas coisas a resolver aqui.

— O que foi tudo isso? — De Angelis resmungou ainda deitado. Sabia que o embate havia terminado, pois o ímpeto de lutar e mudar sumira.

— Um teste, guardião. Acho que passamos. — Amanda sorriu. — Pretende ficar aqui conosco Ricardo? Ou acha mais seguro voltar com sua tia?

O jovem que até então estava quieto ficou ligeiramente aturdido pelo questionamento da mulher que duas noites atrás tentara matar.

— Eu quero ajudar... de alguma forma. — Ele disse, envergonhado e só então olhou para o coto do braço direito que antes estava envolto em curativos vermelhos, preparados com ervas por Albert. — Meu braço...

O coto estava cicatrizado.

— Desculpe querido, eu quis trazer sua mão de volta, mas a ferida feita por um lobisomem é cruel. — Júlia confessou.

Ricardo sorriu, os olhos profundos, o rosto sofrido.

— Tia Júlia, que bom que não trouxe de volta. Eu... eu quero ajudar, mas preciso me lembrar porque não devo... — Não conseguiu terminar a frase.

— Fico feliz em ter você por perto. — Amanda afirmou. Ela tinha medo, a garota dentro de si estava assustada, mas a vidente confiava no rapaz. Ainda assim, quis ter plena certeza. — São ambos bem-vindos aqui, esse lugar é um templo, um refúgio. As famílias devem ser alimentadas, mas não podemos abusar do poder do santuário pois existem aqueles que não devem descobrir esse lugar. Por isso eu peço, antes que eu mesma torne esse lugar em uma espécie de missão, procurem ajuda, alguém que possa ceder comida aos sem teto, encontrem quem possa ajudar entre os encantados, mas cuidado, confio em Albert e em vocês, mas precisamos ter cuidado. Os *daerhines* se esqueceram quem são de fato...

Júlia se levantou, pegou a espada e a fez sumir com um gesto, assim como tornou sua armadura de volta nas roupas que usava, refazendo a ilusão que enganava os *adormecidos*, para que ela mesma parecesse uma mortal. Ela e o sobrinho fizeram um meneio e saíram escada acima.

— Agora é limpar tudo isso. — Amanda levantou do chão, não tinha tempo a perder. Usava roupas normais, mal notara quando mudou sua armadura para uma saia longa, botas e uma blusa. Sorriu satisfeita com a escolha e foi juntar alguns papéis do chão. Levantar as prateleiras seria a pior parte. — É acho que nem tudo devemos resolver com magia.

De Angelis estava calado, deitado ainda, respirando devagar, recuperando as forças.

— Você parece outra, jovem Amanda.

— Embora eu tenha ficado dois dias lendo, não se engane, sou a mesma, aprendi coisas que não compreendo, compreendi coisas que nunca vivi, meu caminho está apenas no princípio.

— Eu questionei Ricardo sobre o ataque. Pobre garoto. Aquele *strigoi*, nunca pensei que encontraria um, ele era um traficante. Ricardo disse que o feiticeiro-vampiro usava o nome de Tiago Bertran e que tinha um esquema para venda de cocaína em condomínios de luxo e festas de alta classe. Ricardo trabalhava para ele... por conta de dívidas. Agora isso fica preocupante. As dívidas de Ricardo não eram com o *strigoi*. Eram com uma gangue de motoqueiros que cozinha meta-anfetamina no nordeste de Londrina, os Sanguinários.

— Algo me diz que o que te intriga é o fato desse *strigoi* não conhecer minha identidade.

— Ricardo não sabe, não sabia quem você era, só que tinha que morrer. Porém ele se recusou, e foi quando o *strigoi* pôs uma maldição sobre ele. Gabriel deve ter sentido isso de alguma forma... Agora estou preocupado com aquele garoto, por que ele continuou na forma de lobo?

— Eu também me preocupo. Não sei dizer o porquê de eu não ter corrido atrás dele, embora saiba que tenha sido o certo.... Ainda assim, sei que vai ficar bem. Ele tem que ficar. — Amanda abraçou a si mesma, agora que conhecia um pouco mais sobre si e a natureza de Gabriel, sua preocupação aumentara. — De Angelis, os wairós, os lobisomens são inimigos naturais dos strigoi. Por isso ele percebeu o que acontecia. Por isso ele vai caçá-los. — A voz saiu embargada.

O guardião se ergueu e passou a ajudar com as estantes.

— Ele é um Donovan... ele é filho da Caçadora. Vai se sair bem... Ele vai.

Os dois continuaram a arrumar o escritório em silêncio, perdidos em suas indagações.

A parte mais difícil para Amanda depois de todo o trabalho fora convencer o guardião de que ela precisava ir para casa. Os únicos argumentos que lhe valeram foram os de não chamar mais suspeitas para si, sumindo sem deixar vestígios, e o fato dela estar convicta de que devia voltar.

Era madrugada de quinta-feira, as chuvas dos últimos dias tinham passado, deixando o ar frio em Londrina e a umidade tornava possível ver os feixes de luz formando uma aura nas luzes dos postes, mantendo um clima fantasmagórico na madrugada. No céu a lua minguava, formando um quase meio-disco prateado.

— Preso entre os mundos. — Ela sorriu para si, triste. — Ah Gabriel, quanto antes entender sua natureza, menos sofrerá.

Amanda chegou ao prédio sem que o porteiro notasse sua passagem. Respirou fundo quando apertou o 9 no painel do elevador. Sensível agora às forças de natureza mística, percebeu que havia algo de errado no prédio, talvez e muito possivelmente resquícios da noite do ataque. A porta do elevador abriu com um solavanco. O corredor estava vazio, mas ela sabia que logo não estaria tão pacífico. Caminhou até o apartamento preocupada. *Meu celular, tudo meu ficou no apartamento. Se a Sô tentou me achar, ela deve ter ficado preocupada.*

Diante do apartamento Amanda viu que a porta estava como nova. Tocou a madeira e sentiu magia, a magia de Albert e Ricardo.

— Ah Gabriel você é maior do que pensa. — Ela se emocionou sabendo como o lobisomem podia mudar corações. Abriu a porta. A janela estava quebrada, teria que inventar uma desculpa para o porteiro. Notou uma presença no corredor, um problema mundano, porém igualmente complexo a aguardava.

Edson vinha pela porta da escada.

— Ficou me esperando? — Primeiro ela achou que o rapaz estava preocupado, depois viu ira na face dele.

— Sumiu por quê? Onde você estava? — A agressividade no olhar, o jeito de falar. Agora Amanda via a verdade, se culpava por ter permitido aquilo tanto tempo enquanto se perguntava se só via isso por estar apaixonada por Gabriel. Não, ela via agora a verdade sobre si mesma.

Foi um momento de reflexão apenas. Teve certeza.

— Edson, acabou. — Ela disse rápida, não havia porque prolongar nada. Foi como libertar-se de uma corrente pesada. — Eu não te amo, não sei se um dia amei, mas de uma coisa eu sei, você nunca me amou. Vou pegar suas coisas, espera aqui, tá?

— Como é que é, sua vadia? — Edson voou para cima de Amanda e grudou em seu braço puxando ela para fora. — Você não vai me tratar assim. Eu sou o que, eim?

— Me solta. — Ela pediu tentando dizer para si que não podia, não devia incinera-lo. Mas súbito, quando ele a puxou para perto e pegou seu rosto, Amanda travou. — Me solta. — Implorou novamente, era como estar sufocada, presa por uma corrente. Raiva e medo se mesclavam, ela não pensava direito, e quando finalmente decidiu usar seus poderes para se libertar, eles não vieram à tona.

No puro instinto de sobrevivência a jovem puxou o braço e correu para dentro do apartamento. Em resposta Edson foi atrás, a boca espumando.

— Você é minha! — Gritou puxando Amanda pelo cabelo.

A moça caiu de costas no chão, tentou se erguer. Mal percebeu a pancada. O soco na têmpora fez tudo girar. Edson agachou perto dela e agarrando um dos braços novamente, socou o rosto de Amanda.

— Você é minha! — Esbravejou e engoliu o fôlego de susto.

Por reflexo, Edson teve tempo apenas de cair sentado para que o bastão não lhe acertasse a cabeça.

— Sai daqui seu filho da puta! — Soraya segurava uma vassoura nas mãos.

Algo na cena fez Edson rir.

— Isso é briga de casal, fedelha. — Ele se levantou, o que logo mostrou ser um erro.

Irada com a risada e a afirmação, Soraya atacou novamente. A pancada violenta partiu o cabo da vassoura em dois e jogou Edson contra o batente da porta e para fora do apartamento. Aturdido ele intentou voltar, mas Soraya apontou para ele a ponta do cabo quebrado que tinha em mãos, agora era uma longa estaca de madeira.

— Eu te mato seu merda. — Ela esbravejou.

Edson parou, encarou a moça furiosa vestida em calças pretas e em jaqueta de couro, como um espírito da vingança e correu para a porta das escadas do prédio. Aliviada Soraya fechou a porta do apartamento e a trancou.

— Obrigada. — Amanda, agora de pé, abraçava a si mesma inconformada por não ter feito nada. Sem que percebesse, lágrimas verteram desenfreadamente de seus olhos. Puxou ar pelos pulmões para tentar falar, mas só conseguiu chorar.

Soraya não sabia muito bem o que fazer ou o que dizer. Deixou o pedaço de vassoura cair no chão e abraçou a irmã. As duas ficaram chorando algum tempo, até que a caçula pegou carinhosamente o rosto de Amanda entre as mãos. Na sala iluminada apenas pela luz da noite e do quarto de Soraya, elas ficaram algum tempo se encarando.

— O que aconteceu com você? Eu quase tive um treco quando cheguei aqui essa tarde. O Beto me falou na portaria do corpo que acharam no estacionamento, que loucura. E depois o Edson faz isso? Você ficou sabendo desse lance do corpo? E o que aconteceu, meu Deus? Eu assustei, achei que ele fosse um *serial killer* querendo te matar, sei lá.

Amanda estranhou o comportamento da irmã, algo no que ela dizia lhe chamou a atenção. Saindo do carinho fraternal ela olhou para trás, a janela estava intacta. *Albert*. A magia do *leprechaun* ainda estava reparando aos poucos o lugar e fazendo as pessoas esquecerem o que aconteceu naquele apartamento. Ela sorriu triste e encarou Soraya.

— Você não tentou me ligar? — Percebeu enfim. — Veio aqui em casa só hoje?

— Foi... eu... — Soraya ficou sem graça. Queria ter aquela conversa em outro momento.

— É aquele tal de Zed não é? So, você tem que se afastar dele, eu sei o que eu estou falando. Olhando onde eu vim parar, eu fui burra, mas você é mais esperta.

— Ei, do que você tá falando? O Zed nunca me tratou assim.

— Sô, eu ouvi você no telefone sobre a briga no bar.

— Não foi isso... Espera, você estava me espionando? — Soraya explodiu. — Chega Amanda. Eu não sou como você, não sou uma má amada amedrontada que fica sem ação quando um bosta me ataca, eu teria matado ele de primeira.

As duas ficaram em silêncio. Amanda não conseguia responder a irmã. As palavras cravaram fundo no coração, as emoções intensificadas por tudo que vivera, sentira e conhecera nos últimos dois dias.

Soraya por sua vez estava irada, sabia o que estava fazendo, tinha certeza dos rumos de sua vida, não entendia como a irmã não podia ver.

— Eu vou morar com o Zed. — Ela falou finalmente, tirando um peso dos ombros. Foi até o quarto e voltou com uma mala. — Não queria te deixar assim,

talvez eu devesse esperar uns dias para ver se o Edson vai ficar mesmo na dele, mas é isso eu vou morar com o Zed.

Sem controle sobre si, Amanda respondeu de imediato.

— Ele não vai voltar. — Foi como um transe, e quando voltou a si viu a cara de incredulidade de Soraya.

— Acho que é isso então, tenha uma boa vida mana. — Soraya abriu a porta, mas foi impedida por um abraço.

— Não seja boba, não faça isso. Desculpe, não foi o que quis dizer, eu não quero que vá. O que vou dizer para o pai e a mãe? — O desespero era como uma garra esmagando o coração de Amanda. Ela tentou usar seus poderes, ver o destino de Soraya, tentava enxergar as possibilidades e foi com horror que a *spakona* entendeu algo sobre seu título.

O destino é maior do que profecias, do que visões e predições. Mortais ou *daerhines*, ambos detêm o poder da escolha, podem tomar rumos imprevisíveis diante das bifurcações do destino. Por isso, Amanda só via trevas, a escuridão do desconhecido. Entretanto, quanto Soraya puxou o braço para se libertar da irmã, Amanda viu com tristeza que a pequena Sô já havia se entregado ao vício.

— Soraya, não vai. Ele te faz mal, por favor, olha pra você, usando o que? — Um vislumbre nebuloso. — O que você fez consigo?

— Você não sabe nada da minha vida, não venha fingir que é a mamãe agora. Nem eles se importam muito, é tudo sobre a fabulosa Amanda. Sempre houve algo à sua volta, algo a respeito de você. Tem o Gabriel aos seus pés e fica sem saber o que fazer, você é patética. Pelo menos eu fiz minhas próprias escolhas.

Soraya saiu para o corredor e bateu a porta.

— Não faz isso... — Amanda sussurrou sozinha na penumbra da sala enquanto lágrimas vertiam por seus olhos que agora crepitavam alaranjados.

XXI — DEMÔNIOS DE SANGUE

Zed estava furioso. Entrou no estacionamento do prédio fazendo os pneus da Virago cantarem. Parou a moto ao lado de uma pilastra, desligou o motor e tirou o capacete. Algo havia acontecido com seu acólito. Das sombras uma figura conhecida veio caminhando.

— Bertolo, seu idiota, se meu irmão perceber você aqui...

— Está tudo bem chefe. — O policial ergueu um medalhão de prata. — Peguei de uma cigana. Inibe percepção a distância. E também, bom, eu tenho que reportar uma coisa para o Sven, mas seria interessante te falar o que eu descobri primeiro.

Investigador Bertolo era um homem alto, cabelos loiros e ralos, barba por fazer, o olhar injetado, como se estivesse furioso e excitado o tempo todo. Dependia tanto da cocaína e da bebida quanto dependia de certos rituais realizados pelos *strigoi*, para ele. Era um policial do pior tipo, corrupto, corrompido e viciado em sua própria degradação. Por isso Zed gostava tanto de Bertolo.

O motoqueiro cruzou os braços e se escorou se reclinando sobre o capacete no tanque da moto interessado no que o investigador tinha a dizer.

— Você sabe que a sua cria está morta não sabe? — Bertolo tirou um maço de cigarros do casaco surrado. — Vocês sentem esse troço. — Ele sorria com um certo deleite no olhar.

Existem duas formas de um *strigoi* vir a existir, ele pode nascer de pais *strigoi*, ou de um relacionamento entre um *strigoi* e um humano. Ou então serem transformados através de um ritual. Depois que um humano é violado em mente, corpo e espírito, ele é submetido a mordida de seu futuro mestre, tem seu sangue sugado até quase a morte, depois é marcado com um dos glifos dos feiticeiros-demônio e então preso junto com outra pessoa, sua futura vítima. Em pouco tempo o futuro acólito é acometido pela fome por vida, isso ocorre no limiar de sua morte e com isso ele ataca sua primeira vítima tornando-se assim um *strigoi*, porém preso a um laço com seu mestre, por isso sendo o que os feiticeiros-demônio chamam de acólitos.

— Meu acólito... Sim, aquele idiota. Como ele morreu? — Sua ira cresceu com a certeza de sua suspeita.

— Então... — Bertolo acendeu o cigarro. — Sabe o garoto? O tal Gabriel, que você mandou ficarmos de olho, bom eu fiquei, só que o porra do De Angelis é esperto cara, ele sabe que existem lobisomens e vampiros e essa coisa toda por aí, não é à toa que era chegado do Eduardo.

— Ele é um caçador?

— De Angelis? Não, é só um paranoico filho da mãe.

— Por que você nunca me falou dele? — Zed se controlava para não arrancar a jugular daquele incompetente. Mostrar para ele que um *strigoi* era bem pior do que um vampiro, como Bertolo gostava de chama-los.

Respirou fundo, mais tarde descontraria sua raiva em outras pessoas. Caçar, fazia dias já. Ele lambeu os lábios ansiando o sabor de sangue e carne humana. Descruzou os braços e deixou suas longas unhas negras em forma de garra surgirem nas pontas dos dedos, abrindo e fechando as mãos em excitação assassina.

Bertolo se calou subitamente, fingia ser o mais durão do lugar sempre, se a outra pessoa não fosse um *strigoi*. Os vampiros demônio lhe davam medo, não o tipo de medo com o qual já convivera no trabalho, não, aquele era o medo que alguém que conhece o inferno teria.

— Então chefe, pois é por isso que estou te contando. — Sorriu apático. — O De Angelis está no caso, ele chefia a divisão de assassinatos, dos que vocês, bem, você sabe. Eu fiz tudo que me mandaram, mexi no que era para mexer, deixar o público saber o que queriam, por mais que não tenha entendido essa parte...

— Não é para entender. — Zed esbravejou, a voz saiu gutural e fez Bertolo derrubar o cigarro no susto. — Continua.

— Tá... é — Ele agachou pegando o cigarro sem parar de olhar para Zed, atento a expressão por trás dos óculos escuros. — Ele então... eles investigaram aquele caso, os seus rapazes... E eu tenho certeza chefe, quem matou eles, foi esse tal de Gabriel. Bom eles suspeitam, mas eu tenho certeza.

— Por que? — Zed cruzou novamente os braços deixando as unhas voltarem ao normal.

— Ele conseguiu igualar sua força. — Bertolo falou como se fosse tudo muito óbvio. — E bem, o seu menino Tiago ele foi dilacerado por uma fera selvagem. Cabeça arrancada e tudo. A moça que você queria vigiar está desaparecida desde o assassinato, que não estão tratando por assassinato na verdade. E a polícia está lidando com isso como dois casos separados. O desaparecimento e a morte. Mas, se eu juntei as peças então o De Angelis fará o mesmo.

— Você vai reportar isso ao meu irmão, mas nada de falar sobre nosso acordo, ou sobre o De Angelis.

— Tá, mas... bom. Vai ser difícil seu irmão não descobrir que sua gangue está brigando com a do Arthur.

— Gabriel não é da gangue do Arthur, seu imbecil. — Zed estava furioso. Cuspiu no chão amaldiçoando Gabriel. — Você vai fazer o seguinte. Você vai matar o De Angelis e se conseguir se livrar daquele clubinho dele, melhor ainda, esses policiais estão me irritando.

— Eu? Matar eles? — Por um momento Bertolo engoliu em seco, depois se lembrou com quem lidava. — Vai custar dobrado.

Zed avançou, em um piscar de olhos já tinha a mão na garganta de Bertolo e o acossava na pilastra, mais um pouco de força e o esmagaria.

— Cuidado Bertolo, uma hora o pagamento será alto demais para você carregar. — Os olhos de Zed faiscaram vermelhos por de trás das lentes escuras dos óculos. — Mata eles, mas deixe o Gabriel, ele é demais para você, dele eu cuido mais tarde.

O *strigoi* soltou Bertolo e ajeitou a própria jaqueta.

— Você está meia hora adiantado para a reunião, vai arranjar o que fazer até lá. — Zed caminhou em direção ao elevador enquanto Bertolo tossia tentando recuperar o folego.

— Estão mortos chefe. — Tossiu e pigarreou sangue. — Eu garanto... eu garanto. — Resmungou no final.

O motoqueiro apertou o botão do elevador que levava à cobertura e guardou os óculos escuros na jaqueta. Assim que o elevador começou a subir ele passou a recitar os encantamentos para passar pela barreira. Aquele prédio não era um lugar qualquer.

O edifício Castelo Prisma era a sede de escritórios de uma companhia de advogados, além de abrigar o gabinete particular do respeitável vereador de Londrina, Sven Gutterson. Como vereador, Sven se mostrava caridoso, ligado ao povo e um político agressivo, quanto a defender seu ponto de vista e brigar contra seus adversários.

Zed riu pensando na astúcia do irmão que rivalizava apenas com a dele. Sven se pusera em um cargo que garantia acesso a vários níveis de poder enquanto usava seu discurso carregado de ódio para nutrir medo na população, dividindo os humanos, seres ignorantes, como uma presa deve ser.

Com seus feitiços, Sven dominava o prefeito e o resto da câmara sempre que necessário, e por trás de sua fachada política comandava muito mais, de tráfico humano à tráfico de órgãos. Por isso aquela sede não era um lugar comum. Do quinto andar para cima, era permitido o acesso a um grupo seletivo. Havia magia nisso, magia das trevas, magia *strigoi*. Que iam de efeitos sutis a maldições

terríveis. Ao ponto que, a cobertura era apenas para o Secto de Sangue e seus convidados.

Ao passar pelo oitavo andar Zed sentiu o cheiro do harém de seu irmão e ficou tentado a parar para beber um pouco, mas não podia fazê-lo sem arriscar outra briga, por isso continuou concentrado, contendo o desejo. O elevador parou no 11º, a cobertura. A porta se abriu revelando um corredor de mármore branco ladeado por oito pilastras de ouro, quatro de cada lado. Ele caminhou ignorando as portas à esquerda e à direita indo direto para a última, no final do corredor.

Era uma porta de mogno com maçaneta de bronze e Zed podia ver o *imp*, um demônio menor e irracional, que o irmão colocara na porta como forma de proteção. Depois de dizer as palavras corretas ele ouviu um som metálico. Abriu a porta entrando em uma sala vasta.

O escritório de Sven parecia um palacete moderno. O chão era atapetado em vermelho com a runa de seu clã. Traços formando a aparência de duas presas de serpente sobre uma foice de meia lua. As paredes decoradas com madeira de carvalho detalhadas em dourado, no teto um lustre de cristal. Estantes com livros ficavam à esquerda, literatura mundana mesclada a alguns códices de feitiçaria a guias para magia das trevas, do outro lado armários de arquivos em um estante embutida na parede, tudo trabalhado na mesma madeira. No canto direito estavam quatro sofás de dois lugares, dispostos de forma a formarem um quadrado ao redor de uma mesa de centro, sobre ela um crânio humano com a marca de Sven. Ao final da sala, a direita havia a porta que levava ao aposento pessoal do irmão de Zed.

Próxima a janela ficava a mesa de reuniões. Em seu tampo de mogno estava entalhado o desenho da mandíbula de um lobo abocanhando um olho.

Sentada sobre o tampo da mesa estava Valentina, uma mulher alta e magra, de seios fartos e longos cabelos negros, quase azulados. Os olhos azuis eram uma farsa para atrair vítimas inocentes. Sob o olhar de Zed tomaram o tom verdadeiro, vermelho sangue. Sua pele alva e sedosa e as curvas perigosas sempre atraíram o motoqueiro que sabia aquilo ser uma cilada fatal. Valentina vestia um terno completo cinza e sapatos de salto agulha pretos. No mundo dos mortais ela era dona de uma pequena rede de farmácias.

Ao fundo da sala, no canto esquerdo ficava um bar de mogno, onde Sven estava se servindo de um cálice de conhaque. Usava uma camisa azul marinho e uma gravata preta, por cima um terno preto. Sven não tinha a complexão tão forte quanto a de Zed, mas era um homem em forma, com cabelos loiro escuros, ligeiramente grisalhos nos lados. Usava um cavanhaque ralo. Os olhos vermelhos coriscaram ao ver o irmão. Zed sorriu, gostava de provocar o irmão mais velho.

— Onde está Igor? — Zed quis saber, se esticando em um dos sofás.

— Embora ele seja um de nós, isso é sobre os propósitos da trindade. — Sven disse erguendo o copo.

Em verdade o lugar era o salão de reuniões do Secto de Sangue, o nome comumente dado a um grupo de *strigoi* reunidos em nome e para servirem um ou mais *waerlocks*, seus deuses abissais. O Secto de Sangue de Londrina servia a uma trindade, poderosa no passado.

— E sobre seu showzinho no Midgard. — Valentina sorriu para ele, ela sabia que era desejada, sabia também que Zed percebia o perigo em deseja-la, por isso gostava de provocar o comparsa até na maneira de falar. Ela estalou a língua, depois passou ela nos lábios e quando Zed a encarou, os olhos faiscaram. — HAHHAHA... Ah cachorrinho, você é tão ingênuo. Fica brincando de macho alfa aqui e ali, e essa sua garota? Acho que o sujeito que brigou com você pode querer ela, Björn.

— Deixa ela fora disso sua vadia e meu nome é Zed! — Os dois rosnaram um para o outro, Zed deixou os caninos e as garras à mostra. Não deixaria ninguém se meter em seus planos. — Eu já pedi permissão para a trindade, mesmo sem precisar. Vou torna-la minha. — Ele urrou.

— Territorial como sempre. — Sven matinha a calma. Bebeu um gole de conhaque e continuou. — Esse rapaz que te enfrentou no bar, é novo? Sabe quem é você? Nós mantemos Igor sob os holofotes dos encantados e Arthur no comando por um motivo. Por mais poderosos ou perigosos que sejamos, não temos o direito de dar um passo em falso, além disso... bem. Aquela caçadora quase descobriu sobre nós quatro.

— Está tudo sob controle. — Zed relaxou e recostou-se no sofá.

— Interessante essa sua calma. — Sven pontuou, os olhos agora em brasas. — Bertolo me disse que três dos seus homens foram assassinados. Ele não sabe me dizer quem é o assassino... ainda. Além disso você tem essa fixação na garota e nesse rapaz, o que ele é? Um troll? Um lobisomem? Um warg? Você sempre teve a mania de se misturar a cães irmão, mas isso não pode arriscar nossos planos. Nós precisamos do poder dos *waerlocks*, e com isso dominaremos mais do que este Estado. Nós seremos deuses sobre a Terra.

— Deuses eim? — Zed admirava a astúcia do irmão tanto quanto gostava de sua ingenuidade. — Bom... não sei nada sobre esse cara, mas deixei meu pessoal alerta. Sabe irmão, você deve se lembrar a diferença entre ter alguém que vigia suas costas e ter que se virar sozinho.

O motoqueiro sorriu debochado.

— Mas foi isso, vim aqui para tomar essa bronquinha? — Ele colocou os pés na mesa de centro e reclinou no sofá. — Quando estávamos com o pai, era tão diferente.

Um estalo cristalino tomou a sala. Furioso, em um ímpeto de cólera, Sven estilhaçou o cálice de conhaque na mão. Os olhos ardiam em brasas vermelhas e a ira só voltou ao controle quando sentiu a presença de outros cinco *strigoi* no prédio. Calmamente voltou ao bar, pegou outro cálice, sob as vistas de Valentina e Zed que sorriam com prazer ao ver o frio e calculista líder do Secto, perder o controle.

— Não, não foi pela bronca. — Valentina falou com sua voz sedosa em meio ao sorriso. — Algo aconteceu na cidade nos últimos dias. A balança de poder está diferente e como se não bastasse os três não se manifestam.

— Isso me perturba. — Algo na voz de Sven fez o clima ficar sério. — Foram três, não dois, não quatro, precisamente três dos seus homens foram assassinados. Um número cabalístico demais.

— Quer fazer um ritual de premonição? — Zed não era o mais versado em artes sutis, sua especialidade era matar e destruir, mas ele conhecia bem demais o irmão e sabia que o Secto todo era necessário para um ritual daqueles.

Todos ouviram a porta do elevador abrir e antes mesmo que chegassem até a porta de madeira Sven rilhou os dentes.

— Onde está Tiago? Onde está seu acólito?

— Eu sei lá.

— Eu convoquei todos aqui para ter uma visão. Onde está ele?

— Morto porra.

Todos se calaram e o único som a perturbar o silêncio foi a porta se abrindo.

— Não preciso mais do ritual. — Sven virou o cálice, derramando bebida em honra ao morto e encheu o cálice novamente. — Eu quero que seus wargs farejem por toda Londrina. Quero tudo que temos. — Ele olhou de soslaio para Valentina. — Tudo.

A mulher anuiu um sim.

— O que aconteceu? — Igor quis saber ao entrar na sala.

Igor Oliveira era um sujeito alto e de ombros fortes, de pele negra e olhos profundos. Sempre usava roupas finas como as de Sven, porém com um toque mais clássico, quase fora de época. Trajava ali um terno cinza, colete vermelho e gravata cinza com um rubi no nó, além de abotoaduras de rubi nos pulsos. Mancava de um ferimento antigo, por isso trazia na mão esquerda uma bengala de bambu, muito bem trabalha. Os outros *strigoi* presentes eram os poderosos acólitos de Sven, Elisa e Boian, e os acólitos de Valentina, Diogo e Mildred.

— Tiago foi morto por uma criatura encantada. — Sven disse, surpreendendo Zed.

Às vezes era irritante não conseguir acompanhar o irmão. Zed notou Igor se aproximando em silêncio. O *strigoi* sentou-se no sofá diante dele e o encarou com

um olhar inquisidor.

— Vou ter que resolver eu mesmo, era uma cria minha. — Zed anunciou encarando seu aliado, tentando desvendar o que Igor queria dizer, mas tudo que percebia dos olhos profundos do outro *strigoi* era frustração.

— Mildred. — Valentina levantou-se da mesa. — Eu quero que vá até nossos convidados e faça com que eles saibam sobre esse incidente.

— Minha senhora, lobisomens não nos atacariam, atacariam?

— Criança, eu te dei uma ordem. — Valentina sorriu, a face de uma assassina que não admitia ser questionada.

— Sim senhora. — Mildred às vezes enganava com sua postura amistosa, mas quando era lembrada pela feiticeira-vampira, de quem era, ela voltava a ter sua postura militar.

— E tenham cuidado. — Igor aconselhou. — Quem quer que seja não pode saber sobre nós, nossa vantagem está nas sombras. — Apoiou as duas mãos na bengala se reclinando no sofá.

Sven terminou o copo e anunciou.

— Marcarei uma nova reunião para discutirmos nossos outros negócios. Porém, antes quero que você Valentina tenha uma palavrinha com os nossos outros associados, e que eles te levem o livro caixa. Estão dispensados.

Os acólitos se curvaram e saíram de imediato. Valentina, Igor e Zed esperavam uma última palavra de Sven.

— Algo me incomoda em tudo isso. — O líder do Secto continuou. — Tem me incomodado há dias. Igor eu preciso que fique atento, quero que use quantos *ghouls* puder, mas fique de olho. Esse assassino, esse caçador... há mais nisso eu sei, eu sinto. — Os olhos vermelhos coriscaram e súbito ele olhou para Zed. — Mas não sei dizer o que é. Vão estão dispensados.

Igor levantou-se, fez uma vênia e partiu seguido de Valentina. Quando Zed intentou fazer o mesmo o irmão o chamou.

— Björn... Os wargs são seus para comandar, mas a lealdade deles é minha, sempre foram meus cães de guarda. Não ouse usá-los para suas rusgas pessoais, nossos planos são maiores. Depois, depois, você pode ir atrás de quem quiser... E sobre a menina. Livre-se dela logo. Você está tendo trabalho demais por uma foda.

O motoqueiro líder dos Sanguinários cerrou os punhos.

— Pode deixar irmão, pode deixar. — Tirou os óculos da jaqueta, colocou e seguiu os outros dois. Ninguém ficaria no caminho de seus planos, nem nos de Igor ou nos planos de seu deus abissal. Ninguém, e quando chegasse a hora Zed iria gostar de abrir a garganta do irmão e beber todo seu sangue. Mas por hora começaria outra matança, mergulharia Londrina em uma chuva de sangue e horror.

— Pode deixar... — Murmurou para si, sozinho.

XXII — FÚRIA

Na pele de lobo negro, Gabriel corria pela noite chuvosa perdido em seus pensamentos, tentando achar um rumo de volta não apenas ao caminho para a cabana de Elliot, mas principalmente para si mesmo. A chuva fez o sangue voltar a correr em algumas das feridas, ele desconfiava sobre sua capacidade de cura acelerada, por isso o que mais lhe incomodava era perceber que os ferimentos abriam depois de começarem a sarar.

Faminto e cansado, o lobo negro procurou refúgio em um bosque. Percebeu que estava no centro de Londrina, precisava sair da cidade, não era seguro, seus instintos lhe gritavam isso. Escondido em meio às árvores do Bosque Rondon, Gabriel avistou a Catedral Metropolitana de Londrina. Ele se perguntava o porquê de estar ali, quando seu espírito respondeu evocando à mente, imagens do sorriso de sua mãe.

Lembrando-se das visitas a igreja com sua mãe, Gabriel orou pela alma de sua mãe e por ajuda. Ele orou da única forma que podia, uivando para a noite, uivando para a Lua. Em resposta, relâmpagos cortaram o céu e trovões retumbaram pela cidade. Logo, a chuva amainou. Acometido por instintos vindos do espírito, o jovem lobisomem sabia o que tinha que fazer. Caçar.

Se Gabriel não caçasse logo uma presa nobre, sua fome e necessidade de sobrevivência o levariam a matar um humano.

Recusando tal pensamento, o lobo ampliou os sentidos para o bosque. Ouviu camundongos e alguns ratos, talvez um quati e um gato por perto. Cães, dois ou três. O bosque não era um bom lugar, havia humanos também.

Um refúgio. O lobo negro queria fugir de Londrina e isso o deixou irado. Sabia que a cidade não era seu território de caça, era o território de outros seres e pela primeira vez, lobo e homem quiseram matar. Queria destroçar os predadores dali. Londrina seria seu território de caça, cedo ou tarde. Foi uma promessa que o lobo se fez e Gabriel concordou.

Ele se esgueirou entre arbustos e deitou-se um pouco. Respirar começava a ficar difícil, as forças se esvaíam. Delírios logo vieram, teve a sensação de desmaiar e

quando finalmente voltou a si, viu que algumas pessoas passavam próximo de onde estava. Elas tinham um cheiro estranho, errado de alguma forma, como se Gabriel pudesse perceber nuances de podridão em suas almas, além do cheiro incômodo que vinha de seus bolsos. Algo as corrompera.

Não podia se demorar mais ali.

Firmou-se nas patas e buscou na memória onde estaria o ribeirão Cambé em relação a sua posição. Ávido pela vida, assim que teve certeza de para onde ir, o lobo partiu rumo ao sudeste.

Trotava veloz, gravando o asfalto das ruas, e por vezes o concreto das calçadas, com suas garras potentes. Parou duas vezes para beber água em poças no meio fio e continuou a correr.

Quando o lobo negro chegou na entrada do Parque Arthur Thomas, a chuva cessou. Ele farejou o ar, sabia que havia pessoas por perto, tanto quanto tinha certeza de que as sombras o encobririam. Correu veloz passando pelo orelhão vandalizado na entrada, e por um portão de pedra com pichações em vermelho.

Guinou para o sul e correu com todas as forças. Assim que passou do território do parque, longe de estradas e casas, o lobo negro desabou. A chuva que voltava a cair sobre Londrina fez o ar da mata ficar mais frio e aos poucos o vento trouxe a cerração típica do lugar na forma de uma névoa insistente, porém rala.

Escondido em meio as brumas o lobo adormeceu.

Um balido, e os olhos do lobo se abriram. As ovelhas estavam longe, mas ele estava faminto. Fez força e se pôs novamente sobre as quatro patas. Caminhou devagar, cambaleante e parou ao ouvir o curso de um riacho. *Cheiro de pelo molhado*. Gabriel ouriçou os pelos e arreganhou os dentes em excitação. A saliva escorria pelos caninos, os olhos turquesa brilhando intensamente. Farejou a relva. *Capivaras*. Ouviu um farfalhar e correu furtivo, mantendo o corpo rente ao solo, assim que se aproximou da margem de um córrego onde três capivaras se aninhavam.

Por um momento Gabriel hesitou, mas sentiu uma necessidade primitiva englobar sua consciência, a fome era maior do que física, seu espírito se inflamou em algo mais.

Erguendo-se ele encarou o trio, a mais fraca das três sucumbiria. Gabriel não sabia o porquê, mas assim o lobo queria. Ele correu. De ímpeto as capivaras se assustaram, um pássaro piou longe, elas esganiçaram de pavor e o lobo negro caiu sobre a mais velha. Ele sabia qual atacar. Foi um movimento voraz.

Enorme, o lobo abocanhou a nuca de sua presa e com dois movimentos quebrou-lhe o pescoço, esmigalhando ossos, quase dividindo a cabeça do corpo.

Fome. Era o que o corroía, sangue e carne, era o precisava. O lobo negro abocanhou voraz a carcaça da presa, rasgando a pele, chafurdando o focinho no néctar rubro da vida, dilacerando músculos e tendões, rasgando a carne succulenta, esmigalhando ossos.

A carne desceu por sua garganta alimentando corpo e alma. Continuou a devorar até que não aguentasse mais comer. Satisfeito, com o focinho negro manchado de sangue, e um calor nascendo em seu peito, rendeu-se a uma vontade inquietante.

Gabriel uivou longamente. Uma ode ao ciclo da vida.

O lobo negro afastou-se da carcaça, caminhando célere até uma árvore caída. A copa e alguns galhos quebrados formavam, com a terra revirada pela queda, um bom abrigo. Como ainda era um espaço pequeno para ele, o lobo se pôs a cavar até ficar satisfeito com sua toca. Deitou-se no buraco de terra macia, protegido pela copa da árvore morta, e adormeceu.

Quando abriu os olhos, achou que era noite, mas então viu que a noite se movia, como se escuridão fosse feita de fumaça. Saiu engatinhando da toca, o mais veloz que pôde, e para sua surpresa notou que era Gabriel novamente, na forma humana. Vestia apenas as calças jeans que Elliot lhe dera. Tentou orientar os pensamentos, mas vozes se sobrepunham uma a outra em sua mente. Percebeu que eram todas suas vozes, uma cacofonia de momentos e pensamentos ao longo da vida. Lembranças e sonhos se confundindo. Olhou para os lados e viu que as árvores a sua volta tinham marcas de sangue e de arranhões. O cheiro ferroso era doce e o fez salivar. Diante de si havia um rio, parecia perto, mas ao ficar de pé viu o quanto era longe. As águas eram rubras, refletindo a luz de uma lua de sangue.

As sombras passaram a tomar forma ao lado de Gabriel. Um lobo, quase tão grande quanto ele. A fera quis falar, porém Gabriel não queria ouvir. Por algum motivo ele não quis ouvir. Virou as costas e acordou.

O lobo negro acordou assustado, de barriga para cima e desorientado. Ouvia um zumbido estranho que logo fez seus pelos ouriçarem de uma forma estranha, diferente. Voltou-se e saiu cauteloso da toca.

Já era dia, ainda no início da manhã, e o sol vencía as nuvens com lancetas de luz, iluminando a mata.

Depois de um declive à esquerda, onde cresciam duas araucárias, havia uma pequena clareira e no centro dela estava um homem, observando Gabriel.

Era alto e forte, de ar resoluto, a pele era como mármore em tom terroso com veios leitosos nas linhas dos músculos, e os cabelos chispavam esvoaçantes em um azul elétrico. O homem encarou o lobo negro com olhos feitos de energia púrpura, a face pintada de azul celeste, um risco sobre os olhos e dois riscos diagonais em cada bochecha.

— Deixe o garoto sair, eu preciso falar com ele. — A voz era possante, carregada de força e ecoava a cada nota.

O lobo negro reparou um brilho no pescoço do homem. Caminhou para mais perto, receoso. Não gostava daquele homem, principalmente porque não tinha cheiro de homem. Era um perfume diferente, de terra molhada, de noite de tempestade. Quando se aproximou o lobo negro percebeu que era ele quem fazia seus pelos ouriçarem. Era como se emitisse alguma energia pelo ar.

O sujeito cruzou os braços, ostentando um bracelete prateado como lua no antebraço direito. No pescoço o que brilhava era um ornamento do mesmo metal, como uma coleira, ou um julgo, de prata. Gabriel não gostou daquilo, ou o lobo é quem não gostava. Ele deu um passo para trás, firmando as garras no solo macio e tencionando os músculos, rosnando baixo para o espírito.

Ele é como o primo vento. — Pensou.

Porém diferente do outro, parecia um guerreiro antigo. As vestes, um saiote azul escuro preso por fios de prata e sandálias de couro negro ornadas com prata.

— Quem é você? — O lobo negro rosnou, era difícil articular palavras do espírito.

— Anhã Toirneach, eu sou o Mensageiro Trovejante. — A voz dele ribombou pela floresta. — Eu vim atrás de você, lobo negro, porque preciso falar com o garoto, tanto quanto você precisa deixar ele livre.

Gabriel lembrou-se mais uma vez do primo vento, mas dessa vez pensou em todas as coisas que ele tinha a dizer sobre sua mãe, e quis mudar. Ele queria falar com o espírito tempestuoso a sua frente, entretanto não conseguia mudar da forma como queria.

— Não. — Rosnou o lobo negro, furioso. — Fugiu, abandonou, não mais.

Pensar era difícil, as imagens ficaram confusas, o coração acelerou. O lobo negro lembrou-se de sua mãe, da morte, do sangue, do cheiro.

— Vingança! — Gabriel urrou enquanto os músculos enrijeciam, os membros alongavam e um poder, uma força avassaladora tomava seu espírito.

A escuridão dançou diante dele em plena luz do dia e em uma mudança, ele era a escuridão.

Uma criatura de músculos, pelos, garras e presas galopou por entre o pequeno bosque de ipês que margeava a grade oeste do Parque Arthur Thomas. Momentos antes de saltar o gradeado, ela parou e farejou o ar. Cheiro de decadência, um cheiro odioso, corrupto. Sangue fora vertido a terra, sangue inocente, sangue jovem. Um predador, não, uma criatura que não deveria caminhar sobre a Terra, se fartava de carne nova.

O lobisomem de pelos negros e olhos turquesa estacou escutando, buscando e por fim encontrou a direção. Impulsionando seu corpo bípede com as enormes patas traseiras, ele se moveu veloz, saltando, apoiando-se nas mãos-garras, até encontrar sua presa.

Próximo ao córrego, um casal de seres se alimentava. A luz da lua minguante irrompeu pelas nuvens, revelando a aparência das criaturas. Pareciam hominídeos trajando farrapos do que foram calças jeans, com rasgos que deixavam chumaços de pelo à mostra. Uma era evidentemente fêmea, com seios entumecidos e uma musculatura rústica, tinha a pele acinzentada e pelos castanhos volumosos apenas nos antebraços, nos ombros e da cintura até as panturrilhas. O outro seguia os mesmos padrões em forma, com a cor da pelagem em um cinza azulado, e era macho.

Quando notaram o enorme homem-lobo, se voltaram em ameaça revelando suas horrendas faces. Crânios lupinos de focinho curto e robusto, cujos olhos ardiam em chamas vermelhas. Os caninos eram longos e amarelados, os dentes rombudos e afiados, as orelhas longas, a longos pelos desgrenhados circulando a face cadavérica. As garras negras e longas, as costelas saltadas como exoesqueletos. Algo em suas formas era imperfeito, uma mistura entre lobo e homem, mas de forma torpe. As mãos eram preenseis como as de um primata, as ancas mais canídeas, ainda que em proporções robustas. Assim sendo, não conseguiam ficar completamente eretos. O aspecto das bestas era como os cães da morte.

Furiosos por terem a refeição interrompida, urraram.

— *Warg!* — O lobisomem de pelos negros falou em um tom de acusação. A voz gutural e trovejante. Sabia o significa daquela palavra, era como se conhecesse aquele crime há milênios.

Inicialmente os dois pensaram em atacar o lobisomem e provar também sua carne, mas foi como se ouvir sua voz os despertasse para a visão real do ser que estava diante deles. O homem-lobo era uma montanha de músculos, o maior lobisomem que já haviam visto. E aqueles olhos turquesas que chispavam como se fossem de pura energia passavam uma impressão estranha, anormal para a fera. Logo notaram que ele estava cego de ira.

Voltaram-se nos calcanhares para fugir, mas o homem-lobo foi veloz. Galopou e saltou, primeiro sobre o macho. O *warg* se virou com as garras em riste e atacou já caindo de costas para o chão. Era forte, muito forte. Rasgou o peito e os músculos do lobisomem, mas o pavor tomou conta de seu espírito quando notou que a fera parecia não sentir seus ataques. Desesperado, o *warg* tentou uma última investida, mordendo a coxa de seu atacante para prendê-lo e com os dedos unidos, como se as garras formassem uma lanceta, atacou o rim do homem-lobo.

A reação do lobisomem negro à dor foi devastadora. Atacando furiosamente, o homem-lobo abriu as costas do adversário arrancando nacos do pulmão, retalhando a criatura, até que o *warg* virasse ruínas de sangue, ossos e carne. O tronco despencou frente a tamanha selvageria, desprendendo-se da cabeça grudada na perna do lobisomem. Satisfeito com a morte do adversário, o homem-lobo pegou o que restou da cabeça e de um aperto a esmagou entre os dedos.

A fêmea *warg* corria tentando se afastar, precisava chamar o resto do bando, estavam longe. Ela saltou o gradeado e a sombra assassina veio atrás caindo como um falcão sobre a presa. O lobisomem negro guinou o corpo e golpeou ainda no ar com garra direita, jogando a *warg* para esquerda, no meio da rua, sob a luz de um poste.

Rosnando como a tempestade, ele veio. A raiva, o ódio, o cheiro de algo torpe, algo não natural, tudo enlouquecia o lobisomem. Não sabia o que estava fazendo mais, por um momento parou e apenas urrou de fúria. A *warg* usou esse tempo de distração e saltou no lobisomem, intentando um ataque mortal na garganta, mas era tarde demais.

O homem-lobo a abraçou e antes que a *warg* pudesse morder ou arranhar, ele abocanhou a escápula dela, mordeu firme e tão forte que o som agudo de ossos partindo fez eco pela rua. A mulher ficou mole e diminuiu, mudou. Surpreso o lobisomem a jogou no asfalto e viu a *warg* se tornar uma jovem de cabelos curtos e negros. O sangue vertendo vivo pela rua, o vermelho hipnotizante chamando o lobisomem.

Por um instante achou que a carne tenra da mulher seria succulenta, saciaria as dores que sentia e então ouviu uma voz antiga chamar seu nome. Lembrou-se de sua empreitada, lembrou-se de sua verdadeira fúria, os olhos mudando tornando-se branco marmóreos.

O imenso *wairós* negro correu veloz por Londrina em sua caçada selvagem. Enquanto isso, longe dali, um seletto grupo se reunia; alheios a tamanho perigo.

Reunidos na toca, todos esperavam pacientemente a palavra de seu alfa. O galpão era espaçoso e acolhedor, como a toca da matilha deveria ser. Logo depois da entrada, ficavam os veículos do bando, as máquinas queridas por cada um deles. A Picape Ranger vermelha de Eric, estacionada de um dos lados e do outro lado, deixando um corredor direto para o portão agora fechado, ficavam as motos. A Vulcan 900 preta de Arthur, a Midnight Star branca de Breno, a Fúria verde esmeralda de Leandro, a Boulevard M800 azul de Alan e a *bobber* raiada de roxo, de Raquel.

O ambiente era bem iluminado por luzes fluorescentes no teto e decorado de forma rústica, com poltronas e pufes de um lado, um barzinho e televisão do outro,

e a pequena estante de livros por insistência de Eric. Para as refeições, uma mesa larga, de tábua grossa com oito lugares. Além disso tudo havia a mesa de bilhar.

Uma porta nos fundos do galpão levava a área externa, enquanto a porta lateral levava ao corredor com os outros cômodos da construção.

No meio do salão principal, entre os móveis, Arthur Hoffman estava impaciente e irado, a matilha podia sentir.

Detestava não saber o que acontecia em seu território, em Londrina. Quando Alan chegou mais cedo em seu escritório para lhe contar que perdera o rastro de Gabriel, Arthur quase não se conteve. Porém precisava reprimir a besta interior como o pai o ensinara, e não era a hora para se enfurecer. Se Alan perdera o rastro, talvez fosse hora de colocar Leandro no encalço do lobisomem forasteiro.

Era melhor matá-lo do que permitir que invadisse seu território impunemente. Ainda ponderava sobre o que fazer com Gabriel enquanto olhava o círculo formado à sua frente. Como alfa ele impôs desde sempre algumas regras, rituais que acreditava fazerem parte do que uma matilha deveria ser. Um deles era o círculo ali formado, uma exigência dele para as reuniões semanais.

Ao lado direito de Arthur estava Breno, um homem de quase quarenta anos, com a barba por fazer, cabelos negros manchados de grisalho, trajava um colete sem mangas por cima de uma blusa, calças jeans e botas. O beta, segundo em comando e conselheiro leal, o encarava respeitoso e ávido pela voz do líder. Do lado esquerdo estava Leandro, o assassino pessoal, aquele com o qual Arthur podia contar nas horas tenebrosas, um jovem moreno com cabelos cacheados amarrados em um rabo de cavalo. Seguindo a volta até chegar em Breno, vinham Alan, com suas calças jeans rasgadas e uma jaqueta jeans com uma águia nas costas, o batedor. Raquel, também uma batedora, com uma saia curta e meias negras usava uma blusa também negra, os cabelos roxos e seios fartos, Arthur sentia saudade daqueles seios, ele sorriu de forma selvagem e continuou a encarar seu bando.

Laura, sua companheira de lábios doces. A irmã gêmea de Alan vestia calças de couro e uma jaqueta curta com um cachecol cinza, e por fim Eric, vestindo uma blusa azul, calças jeans e tênis. O gigante de pele da cor do ébano era um dos mais inteligentes da matilha, Arthur não gostava muito do perigo que a força e inteligência dele podia representar, mas sabia que era leal.

— Temos problemas, e dos grandes... — Arthur começou em seu tom ríspido, mas não terminou a sentença.

Naquele instante todos foram acometidos pela sensação de perigo iminente, os pelos ouriçados, as faces humanas arreganhadas em um rosar instintivo. Como animais acoissados por um imenso predador, o bando ficou ofegante e em alerta. Era uma experiência aterradora, algo pelo qual a matilha nunca havia passado,

ainda que conhecessem seres perigosos, o bando autodenominado Cães do Asfalto, nunca fora presa de ninguém.

O ribombar de um trovão preencheu o lugar, e com o estouro de uma das janelas altas do galpão, eles entenderam que as trovoadas eram o rosar de fúria de um lobisomem. Estourando a janela e parte da parede em sua passagem, o gigante de pelos negros veio à eles trazendo vidro, concreto e aço.

A enorme fera caiu no meio do círculo, urrando, com olhos brancos como mármore, salivando, e pingando sangue. O cheiro ferroso aticando os outros lobisomens para o combate. Experiente, Breno mudou assim que a fera passou para o lado de dentro do galpão. Em poucos segundos, o homem robusto de meia idade se tornou um homem-lobo de pelos cinzentos, não muito alto, porém de musculatura sólida e ainda assim, não fazia frente ao ser dentro do círculo.

Surpreendendo a todos, o lobisomem negro não se sentia ameaçado e naquele momento, na eminência do que seria seu ataque, ele parou e farejou o ar e então rosnou baixo, o som se mesclando ao rosar tímido dos outros lobisomens. O estranho parecia prestar atenção em todos eles, antecipando algo.

— Quem é você? — Arthur perguntou antes de comandar qualquer ação, a face distorcida em ódio.

Foi como o estouro da tempestade. Em resposta o lobo negro focou a atenção em Arthur e urrou. Trovoadas acompanharam a fera, como se uma matilha celeste viesse a guerra. As janelas tremeram, a porta de metal vibrou por um momento e então a batalha estourou.

Impaciente e sedento de matança, Leandro assumiu a forma de homem-lobo. Era um lobisomem magro, porém de músculos firmes, pelo curto e castanho escuro, focinho longo e negro. Vidrado, ele saltou em direção a fera. O que logo se mostrou um erro fatal.

— Não. Espera! — Foi Eric quem tentou, mas era tarde, seus gritos de alerta se perderam no som da fúria.

Irado, o lobisomem negro recebeu Leandro interceptando o salto dele com um golpe de garras vindo de baixo para cima. O golpe foi como o martelo de um deus, jogando Leandro para cima, fazendo rastros de sangue desenharem um círculo no ar. Quando o lobisomem castanho começou a cair, o negro saltou e o teria partido ao meio, não fosse a intromissão de Breno.

O veterano saltou nas costas do lobisomem negro mordendo seu ombro esquerdo. A mordida foi feroz, os dentes cravaram profundos e quase destruíram os ossos, mas o lobisomem negro era forte demais. Os músculos eram como aço resistindo a retaliação.

— Eu perguntei... — A voz de Arthur ficou gutural, o corpo cresceu, as roupas sumindo na densa pelagem que crescia cinza, o pescoço e o peito sendo cobertos

por pelos brancos, os músculos aumentando com a estatura, o rosto alongando, tomando aspectos lupinos, a orelhas mudando, os olhos em brasas verdes, as pernas terminando em titânicas patas lupinas, a calda cinza em riste pronto para o ataque. — Quem é você!?! — A voz gutural em um rosnado estourou.

Em um ímpeto de selvageria, o lobisomem negro respondeu agarrando Breno e cravando as garras nas costas dele, arrancando-o de cima das costas e jogando o veterano para cima do alfa. O movimento violento fez os tendões do ombro do lobisomem negro se partirem e sangue voou para o chão. Breno aterrissou no solo, onde Arthur antes estava. O alfa entendendo o movimento, esquivou e ficou de quatro, pronto para saltar sobre o lobisomem negro, quando se atentou a um alerta, vindo de dois membros de sua matilha.

— Ele está dominado pela besta! — Gritou Eric.

— É o Gabriel. — Alan teve certeza, e saltando para longe do círculo, assumiu a forma de lobo. Um lobo de pelagem ligeiramente azulada com rajados de cinza, era um lupino veloz e furtivo, e que sabia o que fazer.

Cientes do perigo que Gabriel representava se não fosse parado ou morto, o que seria triste já que não era culpado pelos atos, os outros membros da matilha mudaram para a forma híbrida de meio-lobo.

Laura, assim como o irmão gêmeo, tinha os pelos azulados e tigrados de cinza, Raquel era mais possante e tinha pelagem caramelo sendo o braço direito todo branco. Assim que Raquel intentou se mover em direção a Gabriel, Eric correu e mudou ainda em movimento, revelando sua pelagem vermelho-dourada; de pronto saltou no fim da carreira. Ele era quase tão grande quanto Gabriel, os ombros largos, os músculos tencionados e a barriga grande e musculosa. No pescoço e no peito a juba lupina era cheia. Agarrou Gabriel pela cintura, sem se importar com a mordida que recebeu no braço, e o arremessou para cima das poltronas.

O baque foi forte, destroçou o móvel fazendo espuma, madeira e sangue voarem.

— Ele já estava ferido. — Afirmou Raquel, sua voz diferente da dos outros era um pouco melodiosa, mesmo proferida naquela forma bestial.

A manobra de Eric fez com que ganhassem tempo. Aproveitando o embate feroz, Alan correu para o balcão de bebidas e abocanhou uma garrafa que Arthur mantinha na prateleira de baixo. Acônito.

Ele sabia que era a única coisa capaz de parar Gabriel sem que o matassem... *ou ele a todos nós*. Percebeu ao ver a enorme sombra se levantar furiosa do meio do móvel destruído.

Arthur encarou aquela monstruosidade e ampliou os sentidos, concentrando-se, para entender melhor seu entorno. Eric estava pronto para cobrir seu lado direito, não havia saída ampla do galpão, concreto e vidro estava por toda parte, Laura

aparentemente se cortara ao pisar neles, mas estava bem. O sangue de Gabriel escorria, mas o lobisomem se regenerava a mesma medida, em uma luta insistente com os ferimentos. O braço esquerdo inerte ao lado do corpo, possivelmente sem movimento graças a músculos lacerados. No fundo do galpão, Leandro se erguia e Arthur sabia que ele queria a jugular de Gabriel. Atrás de si, Breno já estava pronto.

Não tinham espaço, se tivessem, Arthur saberia ganhar tempo, correr em círculos de Gabriel, atizar seus ataques até cansá-lo, sangrá-lo ao ponto de minar suas forças. Entretanto, a cruel verdade era que a matilha não o encurralara ali, de fato estavam todos presos em uma grande jaula de concreto com uma fera descomunal.

O alfa sabia o que precisava ser feito, e atacou sem pestanejar, a vida da matilha estava por um fio.

Em um encontro titânico, o lobisomem negro foi até Arthur. Os dois se engalfinharam, mordendo, chacoalhando e com apenas o braço direito, o Hércules dentre os lobisomens, ergueu Arthur, apertando sua cintura, tentando esmigalhar costelas e espinha. Experiente, o alfa soltou a mordida e bateu com as palmas em concha nas orelhas de Gabriel, desnorteando o lobisomem de pelos negros. Assim que o abraço afrouxou, Arthur mudou velozmente para a forma de lobo, caindo e correndo por entre as pernas de Gabriel, no ímpeto de pegá-lo pela nuca, mas o lobisomem negro tinha outros planos.

Veloz como o vento, Gabriel voltou-se e de uma garrada, arremessou o alfa para longe. O cheiro do sangue fluindo, a dor, a fúria, Gabriel se tornou uma tempestade de selvageria.

Leandro estava de pé e seus olhos se encontraram em pronto desafio com os olhos turquesa do lobisomem de pelos negros. A fera correu para rechaçar seu desafiante. Laura e Raquel atacaram tentando impedir que ele chegasse em Leandro, intentaram morder suas pernas, porém Gabriel saltou esquivando das duas e caindo com os pés-patas no peito de Eric, cravando as garras, usando o peso para derrubá-lo. Saltando, em seguida, na direção de Leandro.

Breno sabia que o amigo estava ferido demais, o golpe de Gabriel havia sido certo. Desesperado, tentou impedir o avanço da fera invasora. De pé buscou rasgar o focinho do lobisomem negro com um golpe de suas garras. Esquivando para baixo, o intruso agarrou com pegada de ferro o calcanhar do veterano, puxou e agitou o lobisomem mais velho, jogando-o de mal jeito para o lado.

O crack de ossos partido ecoou em meio aos rosnados ferais. O joelho de Breno era uma massa disforme. Urrando, o lobisomem cinza fazia força para manter sua forma guerreira, se desmaiasse, voltaria a forma de homem, ficaria sem toda a potência da regeneração e perderia a perna.

Em meio ao caos da batalha, Gabriel chegou até Leandro.

Com novo salto aterrissou com as patas no peito de seu alvo e já com os tendões do ombro refeitos, Gabriel grudou as garras nos ombros do lobisomem acastanhado, cravando as garras traseiras, e puxando. O resultando foi terrível, e se suas garras não tivessem sido impedidas por tendões e músculos, teria partido Leandro ao meio. O que fez foi abrir sulcos rubros do pescoço as cochas, e arrancar fibras, pelo e pele dos ombros, além de longos rasgos dilacerando o abdômen de Leandro.

Vitorioso, a fera ergueu-se e prestes a abrir a garganta do adversário foi agredida nos calcanhares.

Laura e Eric, na forma de lobos, grudaram nos calcanhares da besta e puxaram com vontade. Trazendo Gabriel com o movimento, conseguindo derrubá-lo. Cientes do perigo que ele ainda representava, soltaram e se afastaram. Quando ele levantou, Raquel o encarava e ao invés de ataca-lo ela uivou.

Um canto doce, melódico, hipnotizador. Era um uivo belo, fascinante, fazia a fera ficar desnorteada, confusa.

Essa era a brecha que Alan esperara durante todo o embate. Correu e saltou mudando para a forma humana, caindo no peito de Gabriel, grudando com uma mão nos pelos e se apoiando com os pés. Arrancou a rolha da garrafa com a boca e sorveu um bom gole do líquido viscoso a base de acônito. O lobisomem negro agarrou Alan pelo meio do corpo cravando as garras em sua carne. Em resposta, ele cuspiu o líquido na boca de Gabriel, junto com sangue quando o lobisomem apertou mais forte.

Alan tentou se libertar, não conseguiria em condições normais, porém sabia que tinha ganho a luta. Quando Gabriel finalmente sentiu o gosto amargo e venenoso, ele arremessou Alan para longe e intentou continuar seu ataque contra o lobisomem acastanhado, porém os músculos fraquejaram. A consciência voltava em flashes.

Perdido, Gabriel viu sangue por toda parte, não sabia onde estava. O corpo doía, uma dor fria de morte. Regurgitou sangue no chão e aturdido urrou ao ver vários lobisomens a sua volta. Os olhos fixaram em um garoto no chão, Gabriel sabia a verdade, sabia o que era. As mãos de pelos negros e com garras longas, o corpo meio-lupino, os sentidos aguçados.

Eu o matei! — Se desesperou ao olhar novamente para o corpo de Alan estirado no chão. Saltou em busca da saída, movia-se rápido, poderoso.

Veloz demais para os outros, feridos e doloridos, seguirem de perto. Ele escapou ao ataque do lobo de pelos vermelho-dourados, saltou sobre a Ranger, destruindo o capô e o para-brisas. Saltou sobre o portão de ferro, arrebatando-o e abrindo um enorme rombo no metal como se fosse papel.

Por fim ganhou as ruas enevoadas de Londrina e galopou alucinado pela noite.

— Eric! — Urrou Arthur, correndo na forma de lobo no encalço de Gabriel.

Prontamente, o poderoso lobo vermelho-dourado, seguiu seu alfa, alertando de pronto os outros.

— Usem a poção em Leandro e Alan, mas não usem tudo. — Eric ganiu. Ele sabia que apesar de gravemente ferido, Arthur iria se recuperar, mas Gabriel era outro problema, veneno corria em suas veias. A dose alta de acônito o faria ter dificuldades para se regenerar dos ferimentos. Precisariam guardar a poção para ele também, caso quisessem salvá-lo.

Amanda estava cansada de chorar. Soraya não iria atender o celular, ela sabia. Quis ligar para Gabriel mais de uma vez, mas desistiu por motivos diferentes, todas as vezes. Ele possivelmente estava caçando ou dormindo em algum bosque fora da cidade, ou ao menos era o que ela se forçava a acreditar. Seu mundo virara de cabeça para baixo em poucos dias, não era humana, quase fora morta pelo namorado... *ex-namorado*. Um sujeito bem cafajeste, que com terror psicológico a quebrara em pedaços.

Estava livre, mas a que preço? As custas da distância da irmã? Não, isso era outra coisa, era se culpar por tudo de ruim que à sua volta acontecia. *Nunca mais*.

Depois decidiu não ligar para Gabriel porque não era a hora. Primeiro ela tinha que se curar sozinha, depois ir atrás dele. Se é que era isso que o amigo de infância queria. Ela mordeu os lábios pensativa, ainda sentada no escuro da sala de estar de seu apartamento.

Resolveu comer algo, precisava repor as energias. Caminhou até a porta de vidro da sacada, antes de ir para a cozinha, e admirou a vista de Londrina. Do lado de fora uma chuva fina começava novamente, esfumando o cenário da cidade, tornando a noite fria e tranquila. Pensando em Gabriel, ela foi preparar ovos mexidos.

Pouco antes de sair da sala, uma enorme figura de pelos negros escalou a sacada e caminhou sobre quatro patas até a porta de correr. Enfiou as garras entre a porta e o batente, entortando e destruindo o ferro, trincando o vidro em várias partes, abrindo a porta sob o olhar incrédulo de Amanda.

A jovem caminhou em direção à fera que se erguia diante dela. O lobisomem deu um passo em direção à moça, deixando a luz do quarto e da cozinha iluminarem seu semblante.

Para Amanda era como estar diante de um antigo deus, um titã primitivo. O grande e musculoso *wairós* tinha densos pelos negros, as pernas terminando em uma versão enorme de patas lupinas, os braços longos, com mãos-patas, híbridas, as unhas dos dedos eram longas garras negras. Membros alongados, permitindo a

fera caminhar de forma bípede com naturalidade, mas galopar habilmente nas quatro patas se necessário. A cabeça de lobo, era proporcional as dimensões gigantes do lobisomem, que tinha quase três metros de altura. Os olhos ardiam um em tom turquesa, um olhar perdido e ao mesmo tempo poderoso.

Amanda engoliu em seco, não sentia medo, o nervoso provinha de outra emoção. O coração batia como os tambores de guerra dos antigos *daerhines*. Ela caminhou titubeante até chegar perto do lobisomem.

— Gabriel? — A voz saiu fraca, o coração na boca, o corpo quente.

O homem-lobo vacilou ainda de pé. Fungou no rosto da *spakona* e se apoiou nas mãos-patas, ficando de quatro, ganindo baixo diante daquela prazerosa e poderosa fonte de fogo, poder e amor.

Ela queria afagar seus pelos, tocar o corpo verdadeiro de seu amado. Hesitou, e nesse momento percebeu o cheiro ferroso que empestava o lugar. Gabriel estava ferido, espalhando o rubro sumo da vida pelo carpete. Ela o abraçou, enfiou o rosto em seus pelos e percebeu os músculos contraindo. Amanda sabia o perigo que seu amado corria, ela entendia a gravidade daquelas feridas, de certo causadas pelas garras de uma criatura sobrenatural.

O lobisomem de pelos negros mudou sob o abraço de Amanda, os pelos sumindo como se evaporassem, o corpo tenso diminuindo, as feições cada vez mais humanas, até que era Gabriel novamente. A visão foi horrível, apoiado em seu colo, no chão da sala, Gabriel jazia inconsciente e retalhado. Sulcos na barriga, furos abaixo da costela, marcas de mordidas e sangue a verter. Ela sabia, a regeneração dele brigava contra os ferimentos, fazendo sangue esvair à medida que seu corpo, sua alma, tentava regenerar o tecido. Logo seu corpo não suportaria mais produzir tanto sangue, e não aguentaria o esforço em fechar os ferimentos.

Amanda precisava fazer algo, e enquanto buscava em si forças para curar Gabriel, uma presença surgiu na sala.

Ela ergueu o olhar preparada para rechaçar qualquer inimigo que o tivesse seguido, mas surpreendeu-se com a natureza de seu perseguidor, ponderando sobre o que devia fazer, ainda abraçada ao homem que amava. Diante do casal, entrando pela sacada, vinha um lobisomem quase tão alto quanto Gabriel, de pelos cinzas com o peito branco e olhos verde esmeralda. Sangue vertia de sua costela esquerda, manchando o pelo. Rosnava baixo, sem rilhar os dentes, estudando a cena como um predador antes do ataque.

A *spakona* queria atacar, porém sabia que essa vontade protetora era o medo que gritava em seu coração. Ela não aguentava ver Gabriel naquele estado, ponderou em tentar ajudá-lo ainda que sob o olhar daquele lobisomem desconhecido, porém algo a refreou. Amanda repousou seu amado sob o chão, levantou e se afastou, estudando a reação do outro lobisomem.

Arthur observou a mulher se afastando e farejou o ar. Os odores de sangue, de Gabriel e o dela, se misturavam de forma a confundir seu olfato. *E o acônito*. O veneno corria nas veias do outro lobisomem, esvaia por suas feridas perturbando os sentidos daquele alfa.

Devagar, ele caminhou até Gabriel e aprumou a audição. O coração daquele terrível adversário ainda batia forte como um tambor de guerra. Por algum tempo Arthur ficou parado olhando Gabriel. Ferido pelas garras de sua matilha, envenenado, na forma mais frágil possível e ainda assim regenerando seu corpo, lutando pela vida. *Devo acabar com isso aqui*. Olhou para a garota, matar os dois seria fácil. Gabriel era poderoso demais, se o aceitasse em Londrina, a balança de poder estaria em risco. *Sim... estaria*. Caso Gabriel viesse para sua matilha, ele poderia dominar Londrina sem ressalvas.

Gentilmente levantou o corpo mutilado do jovem e olhando uma última vez por cima do ombro, para Amanda, Arthur correu e saltou da sacada para o prédio do outro, três andares mais baixo.

Caiu de mal jeito, mas conseguiu conter o impacto. Um terceiro *wairós*, de pelos avermelhados, veio a seu encontro. Jogou Gabriel sobre o ombro e amparou o cinzento.

Os dois lobisomens correram o mais rápido que puderam de volta para a toca, evitando serem visto, aproveitando a cerração que nublava a noite paranaense. Enquanto Amanda os observava, apreensiva, da sacada.

Alan cuspiu uma nódoa de sangue e riu.

— Quem é esse cara? — Brincou olhando para o rosto da irmã, que o acalentava em seu colo.

— Seu maluco, por que? — Ela não conseguiu completar a frase. Olhou para Leandro, o companheiro de matilha estava muito pior.

Um dos rasgos no peito, fora tão fundo que, segundo Breno, atingira o pulmão. Leandro respirava ofegante, ainda na forma de homem-lobo, os olhos perdidos, fazia força para se levantar, mas ganhava a cada movimento.

— Eu vou pegar... — Breno tentou terminar a frase, mas a dor no joelho o fez para e trancar os dentes.

Laura voltou sua atenção ao gêmeo. Nenhum dos sonhos que tivera a alertara sobre isso, de fato há meses dormia sonos de trevas, sem imagens ou sons, apenas escuridão. Pensou em Gabriel e sua pelagem negra. Teria sido isso um alerta. O irmão piscava pesado encarando ela, sem dizer nada, ainda com aquele sorriso esperto de quem sabe algum segredo divertido. Laura passou a mão pelas feridas de Alan. Não podia ver os buracos abertos pelas garras, o sangue que vertia empava o tecido preto da camiseta. Não fosse lua minguante o irmão já teria mudado para uma das outras duas formas onde a regeneração é mais potente.

— Tome. — Raquel agachou diante do amigo e o fez beber uma boa golada de um líquido quente e viscoso. A poção que Arthur havia pedido para um dos encantados, dizia ele, era capaz de acelerar o processo de cura dos lobisomens. — Isso, apenas um gole.

— Obrigado, guarde um pouco para o grandalhão. — Alan falou, respirando devagar, mas com certo vigor no olhar.

— Por que? — Laura quis saber, aliviada por saber que não perderia o irmão, estariam sempre juntos, fizeram aquela promessa, estariam sempre juntos. — Você quase morreu tentando parar ele.

— Lembra como foi quando éramos só nós dois, Laura? — Alan respirou fundo olhando para o teto. — Pois é... ele não tem um gêmeo. Não tem ninguém, nós tivemos um ao outro.

Raquel se levantou e foi até Leandro. Por um momento ficou olhando o lobisomem acastanhado, aquela expressão assassina mesmo na derrota. Ela não gostava do sujeito, não gostava da sede de sangue dele. Se morresse, teria o que merecia por ter atacado primeiro, mas era um membro da matilha, do bando de caça. Raquel deu um gole para ele, e quase teve o braço decepado quando o lobisomem a atacou, recusando-se a largar a garrafa.

Tão forte quanto ele que agora estava debilitado, ela segurou o braço de Leandro, parando o ataque e, pisando na coxa dele, o fez ganir de dor. Foi a distração que precisava para sair.

— Idiota. — Ela cuspiu no chão com asco, e pôde jurar que Leandro ria com o olhar.

A bebida surtiu efeito logo, tornando mais fácil manter a forma de homem-lobo. Enquanto se concentrava na cura, Leandro desejava a cabeça de Gabriel.

— Eu vou matar ele. — Urrou ao ver Eric entrando no galpão com Gabriel no ombro e acompanhado Arthur, que já andava ereto, quase completamente curado.

— Não. Ele é nosso irmão, terá a chance de se explicar. — O alfa bradou. Estava decidido, Arthur queria que aquela força toda fosse parte da matilha.

Arthur apontou para o canto, onde Eric deveria deixar o rapaz e começou a mudar para sua forma humana. Os pelos evaporando como se fossem feitos de energia, como se o espírito do lobo se desmaterializasse, enquanto o corpo mudava voltando para a os traços primatas. A roupa surgia, escondida entre os pelos que sumiam. Arthur mudava de pele, trocava a forma guerreira do homem-lobo, pela forma humana de Arthur Hoffman. As feridas fechadas, mas a camiseta rasgada no mesmo ponto onde Gabriel o atacara.

Copiando o líder, Eric, Raquel e também Breno cujo joelho já estava bom, voltaram a sua forma humana.

— Ele está nu. — Raquel falou admirando o corpo musculoso do rapaz, que já mostrava sinais de cura.

— Sim, está. — Eric respondeu zangado jogando a própria jaqueta sobre a cintura de Gabriel.

— Besta, não é isso. Ele não sabe mudar como a gente, ou o que? Será que...

— Perdi sinal dele faz algum tempo. — Alan sentou. — Deve estar vagando há dias pela cidade... não, de certo pela zona rural.

— Arthur, ele quase matou o Leandro e pode ter atraído caçadores para Londrina. Isso... — Breno ponderou.

— Esse era o problema que queria discutir com vocês. Os corvos já estão aqui, e a divisão de poder da cidade está cada vez mais precária. Resta saber o que Gabriel é. Parte da solução, ou mais um dos problemas. — O alfa ficou de cócoras diante de Leandro, pensando em qual rumo tomar.

XXIII — LOBO SOLITÁRIO

Breno chegou pilotando sua Midnight Star, na garupa Laura trazia várias sacolas. Passaram pela entrada, agora sem portão e ele parou a moto em frente à Picape Ranger que Eric limpava.

— Compramos vinte e dois lanches. — Laura falou, descendo da garupa com a ajuda de Raquel. — Acho que deve dar.

— Breno, amanhã cedo você tem que ir comprar um novo estoque de carne. Estamos mais que em estado de alerta, não podemos deixar esse freezer vazio. — Arthur foi até as moças e pegou um sanduiche para si e outro para Leandro. — Comam bem, mas guardem ao menos dois desses lanches para Gabriel.

— Vai ser complicado comprar a carne sem a minha picape. — Eric olhava o veículo com pesar. Gostava da caminhonete. — Vamos ter que esperar ele acordar, não é? Bom... quero cobrar esse estrago.

— Relax bro, vai dormir, esse aí não acorda tão cedo. — Alan pegou um dos lanches e devorou tudo em rápidas mordidas. — Preciso de uma breja.

— O que... — Gabriel ergueu o tronco com certo esforço. A cabeça pesava, o corpo dolorido, marcado por cortes e mordidas. Ele passou a mão por si, havia sangue coagulado em vários ferimentos pelo corpo, a coxa com marcas de mordida, o peito ardendo ao respirar e uma dor lancinante fisgava seu flanco.

Tentou focar as memórias, imagens de sangue e morte vinham à sua mente sem que pudesse encontrar um significado para elas. Aturdido ele olhou à volta e viu rostos familiares, que aos poucos passavam a evocar nomes. Gabriel voltava a si, porém notou algo de errado, algo além de seu corpo físico.

— O que fizeram comigo? — Questionou com a voz mole, caindo deitado novamente. Ao longe podia ouvir um uivo, um pedido de ajuda.

— Isso é impossível. — Breno se assustou. Aquela era a primeira vez que via alguém se recuperar de tal forma.

— Vocês deram a poção para ele? — Perguntou Alan, que havia dormido um pouco depois de tomar sua dose.

— Ainda não. — Arthur caminhou em direção ao lobisomem solitário.

— Quem... — Gabriel fez um esforço descomunal e se pôs de pé, foi quando viu um lobisomem recostado ao fundo do galpão, rosnando enquanto o encarava. O

peito riscado por finos talhos vermelhos. — Quem são vocês?

Instintivamente tentou se transformar, mas não conseguiu. Era como se o lobo não estivesse lá. O baque o fez parar e mal ouvir Eric resmungando algo. Alan e Laura estavam em um sofá, ele estava sem camiseta permitindo que suas feridas fossem visíveis.

— A questão não é essa Gabriel. — Arthur interrompeu, o ar na voz era algo que Gabriel nunca ouvira, um tom autoritário, como se fosse maior do que realmente era.

Alheio ao que os outros diziam, Gabriel quis mudar, precisava mudar. Gritou. O urro preencheu a sala como o som de um homem desesperado, mas reverberou em seu espírito como o choro de uma criança em busca do irmão perdido e em resposta ele ouviu... *Estou aqui*. Gabriel sabia que haviam ferido seu eu lobo.

— Por que você atacou minha matilha? — Arthur estava furioso. Se o jovem tentasse algo novamente ele iria rechaça-lo sem perdão dessa vez.

— Ei garotão, você não acha que já causou problemas demais? — Raquel caminhou em direção a ele e o som de sua voz melodiosa fez Gabriel esquecer por algum tempo sua frustração.

Sabia que se quisesse mudar conseguiria depois de algum esforço, assim como sabia que os ferimentos estavam sendo regenerados. O sangue voltou a verter por algumas feridas, expulsando o veneno de seu sangue.

— Beba um gole, será bom para você. — Arthur estendeu a garrafa. — A não ser que queira morrer.

O jovem Donovan puxou o ar, experimentando o odor do lugar. O cheiro familiar de lobos preencheu seus pulmões, embora fosse uma fragrância suave, passageira. Decido a entender o que acontecia, ele sorveu um gole da garrafa. O remédio desceu quente por sua garganta enquanto as forças voltavam aos músculos. A mente viajando veloz, os sentidos voltando a se aguçar. Ele sabia, Gabriel sabia o que havia acontecido. Mais importante ele sabia porque havia atacado a matilha, os assassinos de sua mãe estavam ali. Ou ao menos, um deles. Olhou para o lobisomem de pelo acastanhado recostado no fundo do salão. Algo no olhar dele denotava um verdadeiro monstro, Gabriel sabia disso.

E então reconheceu aquele padrão de cores, o focinho alongado e preto. O cheiro dos lobisomens se tornou familiar.

— Vocês são os lobos que me atacaram... Por que? — Ele resolveu jogar um jogo perigoso. Sem poder acusar formalmente alguém do bando, Gabriel seguiu os instintos e fingiu ignorância. — Me transformaram, foi isso? O que foi que eu fiz?

Gabriel media as palavras tentando conter a fúria. Embora soubesse que o assassino de sua mãe estava dentre eles, não podia cometer uma injustiça. Não era hora de vingança, o jogo virara, era hora de caçar. Alan quase morrera, lembrava-

se disso e queria acreditar que ele era um dos inocentes ali. Gabriel não sabia se teria capacidade de se perdoar por um ato impensado.

Naquele instante percebeu que era diferente do pai. Embora a mesma ira, uma fúria incontrolável como o rastro de destruição demonstrava, o acomettesse, o ferisse, pelo trauma da morte de Natasha, sua mãe; Gabriel era um ser diferente. Ele não queria vingança para o espírito de sua mãe, queria justiça.

— Me perdoem. — Falou mais para si do que para os outros, tentando manter a mente tranquila. A exaustão que extravasar tamanha selvageria lhe trouxera, de alguma forma o auxiliou no controle de suas emoções.

— Essa foi a primeira vez que você mudou? — Eric quis saber.

— Me perdoem... eu não quis. — Os olhos azul glaciais correndo de um para o outro até que parou em Arthur. — Eu não sei, eu tive sonhos vívidos. Posso ter mudado antes... eu não sabia se estava ficando louco ou se era um lobisomem. Acho que... agora eu sei.

Gabriel sabia que era um jogo arriscado, mas não podia contar toda a verdade. Por isso tentava dar um ar de verdade a sua história puxando ela memória as emoções e conflitos reais de sua descoberta.

— Achamos que era mesmo esse o caso. — Arthur apontou o balcão de bebidas onde estavam alguns sanduíches. — Você precisa comer e vestir umas roupas. Temos muito que conversar.

— Precisa mesmo? — Raquel provocou, fazendo todos rirem, menos Leandro que fitava Gabriel com um rosnado baixo.

Envergonhado o jovem Donovan tampou as genitálias e ficou sem saber o que dizer, voltando a si quando Raquel lhe jogou uma calça. A moça recolheu a jaqueta que estava no chão e a devolveu a Eric. Sob o olhar inquisitivo de todos, o jovem se vestiu e foi até o balcão. Não resistia ao perfume dos hambúrgueres. Em meio a mordidas e suspiros de satisfação, ele foi novamente questionado.

— Não sabe porque nos atacou? — Arthur o estudava com cuidado.

— Não faço ideia. — Gabriel olhou para a cicatriz na mão. — Vingança?

Todos ficaram tensos e foi Eric quem quebrou o silêncio.

— Se foi controlado pela besta faz sentido. Você nos atacou em represália, como um animal dotado de certo pensamento estratégico faria. — Ele caminhou até a estante de livros e ficou olhando as lombadas. — Devo ter algo aqui sobre uma história... — Parou de falar pensativo.

— Besta? — Gabriel ficou surpreso com o termo, e intrigado. Aquilo não soava trivial.

— Sim, o espírito maligno que nos faz mudar. — Alan respondeu.

Cabisbaixo Gabriel ponderava se os instruía naquele ponto, porém isso o tornaria suspeito.

— Vou ponderar a respeito de suas atitudes, Gabriel. Até lá eu tenho uma pergunta para você. — Arthur tinha o olhar altivo. — Essa é minha família, minha matilha, os Cães do Asfalto. E aqui eu sou o alfa. Nós nos unimos porque juntos somos fortes, juntos somos poderosos. Embora tenhamos poder, o mundo é um lugar mortal até para nós. E eu lhe pergunto lobo solitário, você quer se juntar a minha matilha?

Gabriel terminou o primeiro sanduíche e pegou um segundo, um X-Calabresa. Mordeu o lanche e resmungou uma resposta

— Eu não sei. — E de fato, para sua própria surpresa ele não sabia. Elliot era um aliado, disso tivera certeza logo. Aquele bando abrigava o assassino de sua mãe, mas eram os únicos parecidos com ele, perdidos, deslocados... lobisomens.

— Gosto disso. — Arthur respondeu com um sorriso. — Há verdade em suas palavras. Você está buscando um caminho e eu prefiro que pense, porque essa família é sagrada. Uma vez parte dela, há responsabilidades e lealdades com as quais terá que lidar.

— Ainda assim não podemos deixar você sem respostas, com dúvidas, perdido... Né, Art? — Alan tentou se levantar, ficou meio zozinho e desistiu. — Você nos instruiu quando nos achou.

Eric se aproximou deles com vários livros nas mãos e sentou no chão, passando a folhear alguns deles. Em silêncio, Arthur buscou um braseiro improvisado que estava nos fundos do terreno, do lado de fora do salão, onde havia um quintal.

— Abram as janelas, como o Leandro não pode se mover, faremos isso aqui. — Ele ajeitou lenha dentro do prato de ferro que ficava na altura dos joelhos e depois que as janelas foram abertas, ateou fogo à lenha. — Gostamos desse costume. Conversar à beira do fogo, há algo nesse ritual.

Eric esperou todos se ajeitarem à volta do fogo, com exceção de Leandro.

— Bom, você sabe que é um lobisomem e todos nós somos. Eu tive a sorte, assim como Arthur, de ser criado por uma família de lobisomens, sorte ou azar. — Eric respirou fundo, a voz soou triste por um momento. — Ainda assim, meus pais sabiam muito pouco sobre as nossas origens e como controlar a besta-fera dentro de nós. Assim como todo humano, acredito que todo ser senciente, busca as respostas para perguntas como, quem somos?... De onde viemos? A questão, para nós, é que simplesmente somos!

— Eric está certo. Ele gosta de ler sobre lendas, busca certos significados em nossa existência, mas sempre teve essa linha... Somos o que somos. — Alan beliscou um pedaço do lanche da irmã. — E não estamos sós. Existem outros seres... os encantados, yokai.. povo das brumas. Como quiser chamar. Já contaram por aí que há muito tempo fomos guardiões de um reino perdido. Não sei sobre isso, só sei que do nosso jeito, tentamos fazer o mesmo aqui. A fera nos dá poder e

muitos dos encantados, assim como nós, podem achar dificuldades. Faz sentido usar nosso poder em prol deles.

— Sim. — Arthur falou em tom ríspido, ao que Alan respondeu baixando a cabeça. — Para nos controlar devemos sempre nos lembrar que somos meio homem, meio lobo o tempo todo. Enquanto esse espírito nos dá a capacidade de mudar para a forma de lobo e a forma guerreira de homem-lobo, também exige coisas em troca. A fome pela caçada é uma delas. Nós precisamos nos alimentar bem, e mais ainda quando cansados e feridos. Mas a fome predatória só pode ser aplacada por caça. Por isso... para não caçarmos na cidade, nós usamos um extrato de acônito. Uma bebida feita com as folhas e as flores dessa planta, ministrada em doses pequenas, nos permite controlar melhor nosso lado fera.

Gabriel estava confuso. Ponderou sobre as palavras de Arthur, ele sabia que aquilo era errado. Muito errado. Gabriel sabia que renegar o lobo adoecia o espírito e a sanidade. Sabia que eles não eram *wargs*, as imagens daquela noite voltavam vagorosamente à sua memória, conheceria tais seres se os visse novamente.

Ainda assim, sabia que estavam em um caminho perigoso, para não dizer maldito, renegando uma parte tão importante de si e aos poucos à envenenando com tal bebida.

— Qual o problema de caçar? Se temos esse instinto... não entendo... — Perguntou, por fim.

— Uma questão de lógica garoto. Somos predadores de nossa subespécie. — Breno anunciou deixando claro seu asco pelos humanos.

— Não podemos nos entregar à uma vida de selvageria. Seríamos caçados facilmente pelos corvos. Os mesmos que mataram meu pai e os pais de Eric. — Arthur falou enquanto mexia no fogo com um atizador. — Para não matarmos, nos dedicamos ao controle e a comer carne vermelha sempre que possível, às vezes comer carne crua. Mas não podemos cruzar o tabu, não podemos comer carne dos mortais. Isso nos tornaria insanos.

— Dizem que isso nos faria... *wargs*. — Raquel falou com certo receio.

— É possível, mas essa é outra questão. — Arthur levantou e foi até o frigobar pegar um fardo de cervejas.

Gabriel sentiu o clima de desconforto entre eles. E pela primeira vez percebeu outra sensação, um sentimento de acolhida. O jovem Donovan compreendeu o que Arthur quisera dizer com família. Era mais do que uma posição ou convenção, era uma ligação criada entre eles, um elo que Gabriel começava a conhecer. Reconhecer.

Enquanto o alfa passava o fardo de cervejas, depois de pegar uma para si, Eric continuou a ensinar Gabriel.

— Entenda, porém não podemos e nem deveríamos refrear ao máximo nossa natureza. Do mesmo jeito que o acônito, o veneno-de-lobo, deve ser usado em pequenas doses, nós não podemos ficar sem mudar. — Eric olhou para Arthur como se pedisse permissão. — Ou sem agir de acordo com o que somos. Por isso, algumas vezes deixamos nossa agressividade aflorar e nos mantemos onde é nosso lugar nessa cidade.

— Nós nos impomos. — Leandro falou em tom gutural, fazendo nascer um sorriso no rosto de Arthur.

— Sim. Nós somos meio lobos, temos que manter um território. E existem outros na cidade, outros que estão sobre nosso julgo. Assim como também os encantados, nós os protegemos em troca de favores.

— Como a máfia? — O jovem Donovan não conseguiu evitar e temeu que suas intenções pudessem de alguma forma serem descobertas por eles.

— É... — Falou Arthur sem rodeios. — Pelo menos no seu começo. Olha eu vi em seus olhos, você está entendendo como é fazer parte de uma matilha. Ser um lobo solitário é perigoso e triste. Caçadores, *wargs*, *ghouls* e outros lobisomens sempre estarão em seu encalço. Nós não somos imortais. — Bebeu um gole da cerveja. — Fogo é cruel, prata mata, acônito também. Seres como nós, sobrenaturais, encantados, podem nos matar. A união garante nossa sobrevivência.

— Entendo onde quer chegar. — Satisfeito depois do segundo lanche, Gabriel abriu a cerveja que Laura lhe dera e bebeu um longo gole. — Não posso responder ainda sua questão. Eu percebo que é a decisão de uma vida.

Parou por um instante. Gabriel não conseguia aceitar que agissem daquela forma, egoístas, dominadores. Sua mãe morrera como heroína, e aquela matilha, aqueles *vira-latas* usavam sua força para dominar e oprimir. Estava decidido. Iria entrar para a matilha e ruir ela, fazer todos pagarem por tamanha covardia, porém tinha que jogar certo... *caçar* direito.

— Por hora, se isso for permitido por suas regras, alfa... Eu ofereço minha aliança. Antes de me decidir, não quero mais ficar contra vocês. Embora eu entenda que se ficar sozinho, possa perder sua camaradagem.

— Veremos. Você tem um ciclo lunar, até a próxima lua minguante, antes que eu exija uma resposta. — Arthur gostava do jeito desafiador de Gabriel. Era um gigante em força e espírito, um guerreiro importante. Sabia que o usaria de um jeito ou de outro. — De qualquer forma você nos deve uma parede e talvez uma picape nova, suas garras foram fundo no capô. Isso sairia caro, mas alguns favores podem te liberar.

Agitados, como se Arthur tivesse contado uma piada secreta a matilha riu e logo uivou em uníssono. O gesto mexeu com Gabriel, ele quase se uniu a eles, restando-se no último momento.

— E agora, que tal se te ensinarmos a mudar de forma sem perder as roupas? —
Eric soou estranhamento zombeteiro, mas logo voltou ao jeito sério de sempre.

XXIV — LEGADO

Gabriel passou o resto da madrugada ouvindo sobre como deveria encarar a mudança e como passar para a forma de homem-lobo sem rasgar as roupas. Nesse ponto os ensinamentos deles passaram a ser valiosos, tanto quanto sobre o sumo de acônito e o fato de elfos da noite conhecerem poções de cura.

A chave para se transformar, dizia Eric, era simplesmente uma questão de crença.

— Você entende que não somos seres explicados pela ciência que conhecemos? — Ele apontou os livros. — Eu tento reunir coisas aqui e ali, nunca achei um livro escrito por um encantado, embora devam ser poucos, acredito que os conhecimentos ali nos seriam muito valiosos. Do que eu te digo, parte me foi ensinado assim por meu pai, parte é uma observação própria. Quando mudamos, mudamos a realidade. Literalmente. Somos seres impossíveis pelo entendimento mundano, mas não pela questão religiosa, ou filosófica... do pensamento.

— Se você é meio espírito, bro, então o que impede de mudar as coisas a sua volta? — Alan interrompeu, interessado no assunto.

— Quando mudamos para lobo isso é natural, porque o lobo é o espírito maligno dentro de nós. — Eric afirmou.

Gabriel detestava quando falavam assim do espírito do lobo, mas se conteve.

— O homem-lobo é o híbrido, a junção dos mundos. Por um momento é como estar vestindo uma pele diferente. Não me olhe assim, é óbvio na fala, mas perceba o que implicam “as peles”. A pele de homem, sujeito da sociedade em que está inserido. Quando enxergar sua forma como uma das faces, uma de suas formas, vai entender que tem controle sobre a realidade em que está inserido.

Depois de ouvir os ensinamentos e as histórias que Eric e Alan contaram, Gabriel ficou motivado, e pela manhã, pouco depois do sol raiar, tentou novamente mudar.

Foi difícil, mais do que antes. Na noite anterior o lobo estava pronto para assumir caso Gabriel resolvesse atacar a matilha novamente. Agora sua outra parte estava distante, o tempo agira contrário aos dois. O veneno o debilitara de tal forma que quando finalmente mudou, pôde ficar pouco tempo. E ao voltar, percebeu o que Eric dizia. Era algo muito mais místico do que antes notara, por mais que

sentisse a mudança física, o aumentar dos músculos, o nascer dos pelos, o remodelar dos ossos. Era a transcendência da realidade própria, da realidade pessoal. As histórias de Elliot fizeram mais sentido, o moldar da magia, o lado físico e espiritual em um só ser.

— Não se preocupe com os efeitos do acônito, logo você estará bem. — Eric falou recolhendo os livros e os guardando.

Os outros membros da matilha haviam se retirado para repousar, pouco depois da conversa com Gabriel e do segundo fardo de cerveja ter acabado. Pelo que o jovem entendera, a construção continuava pela porta lateral do fundo para um corredor com quartos e banheiros. Era mesmo uma toca. No salão ficaram apenas os três e Leandro, que dormira na forma híbrida. Outro fato que foi ensinado por eles a Gabriel, todas as formas se curam bem, mas as formas híbrida e lupina têm uma capacidade maior, ferimentos mortais aos lobisomens às vezes precisam ser regenerados nessas formas sendo que o risco de morte aumenta exponencialmente caso voltem a forma humana.

— Vamos nessa gigante, eu te levo para sua casa. — Alan levantou meio zozinho, esticou o corpo e deu um tapa no rosto. — Pronto para outra.

— Tem certeza? Eu posso chegar em casa andando... só... — Gabriel olhou para os ferimentos e para os pés descalços. — É, isso ainda vai demorar para sarar.

— Eu te arranjo camiseta e sapatos. — Eric caminhou em direção aos cômodos. — Mas você tem sorte, um de nós teria que esperar dias para se recuperar como você.

— Por falar nisso. — Arthur entrou no salão quando Eric ia até os cômodos. — Como foi que se feriu antes de vir aqui? — Ele estava só de shorts, o dorso marcado por cicatrizes. Foi até o bar e pegou uma garrafa de suco. — Eric, fica de guarda enquanto o Alan leva o garoto para casa. E você... esse lugar é sagrado.

Se virou sem esperar uma resposta de Gabriel e foi para os quartos.

— Não sei. — Gabriel passou a mão pelo flanco, ficando de pé e tentando lembrar-se do dia anterior.

As memórias ainda eram imagens confusas, com poucos pontos de ligação. Uma das poucas certezas era de que entre eles estava ao menos um dos lobisomens que atacaram sua mãe. Os cheiros deles se confundiam de tal forma que a lembrança não era forte o suficiente para discernir.

Olhou para Leandro e depois para o portão destruído.

— Como farão com ele? As pessoas podem ver. — Quis saber, apontando o portão aberto para a rua.

Alan começou a rir enquanto pegava os capacetes. Gabriel não entendia a graça e resolveu se concentrar em vestir os sapatos, dois coturnos marrons, e uma camisa larga, cinza, que ele sabia serem de Eric pelo cheiro.

— Nós marcamos nosso território, os humanos costumam não se aproximar. — Alan esclareceu ainda rindo. — Sabe... marcamos. Ah... deixa.

Eric o interrompeu.

— Olha, sua regeneração vai demorar mais um pouco, você é forte, mas isso significa que o lobo também. Tome cuidado para não atacar ninguém. E sobre a mudança, sempre tenha roupas consigo, na sua moto por exemplo. Quando não conseguimos nos concentrar bem, mudamos de uma vez e as roupas já eram.

Gabriel anuiu um sim e estendeu a mão em agradecimento, o que surpreendeu Eric.

— Obrigado Eric e se cuidem. — Apertaram as mãos.

Saiu do prédio colocando o capacete e montando na Boulevard de Alan. Assim que chegaram no primeiro semáforo o piloto parou no sinal vermelho e levantou a viseira.

— Para sua casa né? Ou até sua moto? Perdi seu rastro quando saí da cidade.

— Você estava me seguindo? — Parou para pensar um pouco. — Faz sentido.

E se deixou levar na moto, algo dizia que Alan sabia onde ele morava. Durante todo o trajeto Gabriel ficou ponderando sobre os acontecimentos que o levaram àquele ataque. O que acontecera antes? E por que tinha a sensação de que Amanda o conhecia verdadeiramente?

Imagens voltavam a seu espírito como as vozes de alguém esquecido querendo o reencontrar.

Quando chegaram no sobradinho em que Gabriel morava ele mal reparou no que Alan dizia.

— Hey bro, depois devolve aquele capacete. — Ele brincou. — E vê se não some eim Gabriel.

Alan acelerou a Boulevard azul e partiu.

O jovem Donovan estava perdido, precisava reunir seus pensamentos, saber o que fazer. Precisava *dormir*. Exausto, pulou o portão e arrombou a própria porta. *As chaves, minha carteira*. Gabriel quase se desesperou, mas respirou fundo e foi para seu quarto. Tudo em seu corpo dizia que dormir era necessário.

— Vou resolver isso depois. E com o Alan no meu pé... — Parou de falar temendo ser ouvido.

Foi para o chuveiro tomar um banho quente. Separou as roupas que ganhara, usaria de roupas reserva.

O sol matutino ainda não estava muito forte quando Gabriel finalmente adormeceu.

Acordou zonzinho, olhou o relógio ao lado da cama, o visor marcava 17:39. Ergueu o tronco e sentou na cama. Dormira um sono pesado, estranho e

desconfortável, porém se recuperou dos ferimentos. Ainda tentando se orientar ouviu sussurros na sala de estar. Foi cambaleante até o final do corredor.

Na sala um redemoinho soprava folhas e do lado de fora, pela porta da sacada aberta, ele viu nuvens de chuva.

— Primo vento? Achei que me ajudaria. — Resmungou ressentido, estava mais frustrado pelas lacunas em sua mente que pela ausência do aliado.

Foi até a cozinha, preparou ovos com um pedaço de bacon. Puxou o ar farejando a comida enquanto cozinhava e notou que o olfato estava mundano demais. A audição também parecia insuficiente, com um zumbido no fundo.

— Bebem veneno, se matam a cada dia. — O vento sussurrou tomando forma no meio da sala.

Impaciente Gabriel não ligou, ficou comendo os ovos e o bacon. Começava a se acostumar com situações antes absurdas.

— Sim. — Resmungou entre as garfadas. — Estão se envenenando, e fizeram o mesmo comigo. Você e o Trovão deveriam... — Parou de comer.

A lembrança do homem de pele marrom-marmórea e pinturas azuis veio de uma vez. O lobo, ele aticara o lobo. O trovão trouxera sua transformação. As memórias vinham agora claras como nunca, claras como se iluminadas por relâmpagos.

— Eu me esqueço, assim como o vento sopra eu me altero, eu mudo. Mas volto. E me lembro. — O ser de pele oscilante, entre cinza, branco e azul, caminhou em direção a cozinha. — Eu me lembrei de você quando ajudei a proteger a companheira, a vidente.

De algum modo o ser que ali estava pareceu maior, antigo, fazendo Gabriel compreender a grandiosidade real de seu *primo vento*. A sensação de gratidão brotou em seu peito antes que se lembrasse o porquê.

— Obrigado primo, minha mãe fez bem em te escolher. — As palavras vieram fáceis e com a emoção de uma criança. O vento lutara ao seu lado para proteger Amanda.

— Mas você tem razão caçador noturno. Se me esquecer, posso não estar lá. — Em um instante o vento estava diante de Gabriel.

Ele pegou a mão direita do jovem lobisomem entre as duas mãos frias, que passavam uma sensação de nostalgia ao mesmo tempo que de fúria. Era como aproveitar a ventania antes de uma tempestade que sabia ser arrasadora.

— Eu lhe concedo minha graça, mais do que terá de qualquer outro por seu geas. Enquanto para você, for eu seu primo, minha natureza o ajudará. — Ao encerrar essas palavras, o Primo Vento esvaneceu em uma brisa suave e saiu fechando a porta da sacada atrás de si

O braço de Gabriel esfriou subitamente e do pulso direito até o cotovelo, linhas começaram a se formar, aos poucos dando origem a uma tatuagem que inicialmente parecia ser tribal, mas logo se mostrou em um padrão conhecido por ele.

As linhas se uniam, dançavam, desenhavam e por fim ele viu, eram um nó celta formando uma gravura alongada em seu antebraço. Nós celtas formamos o que hora parecia ser um dragão, hora um berrante com entalhes celtas. No que formava a boca do berrante ou o pescoço do dragão, havia uma faixa com padrões que Gabriel tinha certeza serem de tatuagens tupinambá. A cor era de um preto denso que reluzia azul escuro conforme ele mexia o braço.

Ele estava maravilhado, embora a palavra *geas* ecoasse em sua mente de forma familiar, mesmo que nunca a tivesse ouvido.

O som de trovoadas cortou seu pensamento de deslumbre e o cheiro da chuva o trouxe para a realidade de seus problemas imediatos. Caminhando até a sacada, Gabriel ficou pensando em uma forma de tentar se lembrar do que aconteceu na noite anterior por completo. Os fragmentos começavam a montar padrões e ele tinha certezas, mas não imagens. Era como se seu espírito soubesse de coisas que sua consciência não.

Um relâmpago cruzou o céu de Londrina, rasgando as nuvens, fazendo com que a chuva viesse forte e ruidosa.

A luz do raio fez ele pensar em Amanda, seu coração bateu mais forte, as mãos suaram frias. Novo raio e um aperto de saudade se apoderou dele. Quis correr ao encontro da amada. *Amada*. Sim, agora ele sentia, sabia que o amor que cultivara na infância germinara ali, anos depois.

Teve uma ideia. Foi até o atelier, arrombou a porta e pegou o caderno de desenhos. Sentado em seu banquinho enquanto a chuva caía na cidade, Gabriel rabiscou as feições de Amanda, seu rosto, seus lindos olhos, as longas madeixas. Fazia traços rápidos no caderno, pensando, remodelando, começando outro desenho.

A chuva e o vento farfalhavam as árvores ao redor da casa. O som familiar, o cheiro do galpão, a sensação que tinha naquele lugar. Gabriel passava a entender como a natureza de lobo o influenciava. Aquele lugar era sua toca e sentia-se confortável lá.

Terminou mais um desenho e estacou olhando a folha. O rosto de Amanda figurava assustado no topo. Um lobo negro, que sabia ser a representação de si mesmo, estava no canto inferior direito. No meio da folha a figura de Amanda era cercada por chamas, labaredas que dançavam à sua volta como se a ornamentassem.

As memórias, antes difusas, se desenrolavam diante de Gabriel.

— Ela me viu... me viu na pele de lobo. — Era tudo no que conseguia pensar, por mais que houvessem outras várias implicações.

Intentou ir até o apartamento de Amanda então estacou. A vidente do fogo era importante demais, considerando tudo que ouvira da matilha e sabendo que um ou dois deles eram assassinos, ir até Amanda a colocaria em risco. De certo, Alan já sabia onde a moça morava. *Deve ter me seguido naquela mesma noite.* Pensou olhando para a cicatriz na mão direita e depois para a tatuagem no antebraço.

Elliot. O velho lobo lhe dissera para voltar quando estivesse pronto, precisava ir correndo, precisava reconectar-se com o lobo para pedir perdão. Tentou mais de uma vez se transformar, não sabia exatamente qual era o problema, o veneno, ele mesmo — Exaustão?

Porém, agora que estava em uma partida perigosa. Os movimentos tinham que ser planejados. Alan não o estaria vigiando 24 horas, mas estaria de olho. Decidiu pelo mais simples, ir falar com o tio. Ver se ainda tinha um emprego, organizar a vida pessoal. Afinal, como Elliot o instruíra e os outros o lembraram, Gabriel tinha que achar o equilíbrio entre as vidas de homem e de lobo.

Trocou de roupa, fechou a porta meio receoso por deixar a casa destrancada, temeroso de que alguém a invadisse, macula-se seu espaço pessoal. Ganhou as ruas em um salto suave, acrobático e tão ágil que nenhum transeunte viu o gigante de 1,95 m saltando o muro da própria casa.

Caminhou receoso sem se importar com a chuva que lavava Londrina. Pensava sobre a noite em que encontrara Amanda. *Quem... O que era aquele sujeito no estacionamento?*

Precisava falar com a amada sobre quem ela era, questionar o que realmente significava ser a vidente do fogo. Havia mais naquela cidade, mais do que a vingança pela morte de sua mãe. Ele queria justiça para Natasha. O peito doeu só de pensar no sorriso da mãe e então lhe veio um calor, uma sensação ainda que passageira, muito prazerosa, de aconchego e acolhimento.

O amor de mãe.

Diante dessa breve lembrança Gabriel passou o caminho até a oficina do tio refletindo sobre seu papel em Londrina. E depois que vingasse a morte de sua mãe? O que isso implicaria? Não, era fácil demais.

Matar o assassino dela não é a questão. É isso que o velho quer e somente isso. Porém os lobos de Treze Tílias quiseram lhe lembrar do passado de sua mãe, as marcas... Elliot.

Encharcado pela chuva, com os cabelos negros colando na nuca, Gabriel deixou que vários pensamentos viessem a sua mente, as memórias de tudo que experimentara e aos poucos chegava a uma resolução.

— Terminar o que ela começou. — Falou para si ao ver do outro lado da rua a oficina do tio.

Para o jovem Donovan, o único meio da mãe ter paz seria ele concluir o que ela iniciou. Achar o assassino e fazê-lo pagar não era o suficiente, entraria para a matilha, aprenderia deles tudo que pudesse, precisava descobrir porque a mãe fora morta e o que ela descobrira. Algo ligado a juventude de Natasha, a seus parentes em Treze Tílias, os mesmo que guiaram Gabriel naquela noite. Seu plano era simples quando saiu de casa para falar com o tio.

Sem poder ir até Amanda por medo de pô-la em risco, ou até Elliot já que não queria entregar o paradeiro do mentor de sua mãe. Gabriel decidiu por voltar até a oficina e trabalhar, não ia conversar com o tio sobre sua outra vida. Mas ali, diante das últimas resoluções mudara de ideia.

Atravessou a rua e foi recebido na porta por Hugo.

— Gabriel, por onde você esteve garoto? Estávamos preocupados. Seu tio até pediu que eu rodasse com minha turma atrás de você, noite passada. — Antes que o jovem pudesse reagir, o mecânico o abraçou sem se importar com o estado dele e depois soltando-o continuou. — O Al está no escritório.

Gabriel anuiu um sim e cruzou a oficina sob o olhar atento dos outros mecânicos. Ao fundo, a Shadow VLX do tio lhe chamou a atenção. *Acônito*, podia sentir o cheiro desagradável. No meio da oficina algumas peças e na mesa central um chassi. Gabriel sabia que dali possivelmente sairia uma *chopper*. Um tipo de moto modificada que surgira nos idos de 1950, o clássico das motocicletas de filmes como *Sem Destino*, com garfos alongados. Construídas de partes de outras motos.

Pensar em um de seus filmes favoritos assim o fez caminhar até a moto. Ele passou a mão no chassi. O segundo objetivo depois de conversar com o tio, seria para falar com o pai. Contar para ele parte de seus planos.

— Gabriel? — Alex estava nervoso.

O sobrinho sabia que ele queria abraça-lo, mas algo o segurava.

— Vem aqui, preciso falar contigo. — O tio se tornou frio, de um jeito que Gabriel nunca vira.

Passava das três horas da tarde e a oficina estava vazia. Alguém mexeu no rádio e o som inconfundível de *Steppenwolf* preencheu o ar. Gabriel sorriu pensando na ironia daquilo.

— Gabe eu preciso começar te pedindo perdão. — Alex disse assim que o gerente saiu do escritório fechando a porta atrás de si. — Eu... Ah piá.

A emoção de ver o sobrinho ali de pé, encharcado como um garoto perdido, de saber como Edu o tratava, dos erros de seu próprio passado com os filhos, o fez

quebrar. Ele abraçou Gabriel para a surpresa do sobrinho e pediu perdão novamente.

— Seu pai devia ter lhe falado sobre nós, sobre você. Mas quando não falou, eu devia ter dito algo, nem que isso fizessem vocês me odiar.

— Está tudo bem. — Gabriel não conseguia esconder a raiva. Era irritante ser um brinquedo na mão deles, mas não quis culpar o tio. O soco no pai ainda doía em seu espírito, as brigas entre eles deveriam ter um fim e não queria começar a brigar com o tio. Justo Alex que o acolhera prontamente em Londrina. — Eu preciso mesmo conversar com o senhor. Mas...

— Aqui não. E eu sei exatamente onde teremos essa conversa. Mas primeiro eu preciso acertar com você algumas coisas e uma delas é seu último trabalho na oficina.

Aquilo pegou Gabriel de surpresa. Por alguns instantes achou que seria rejeitado.

Alex pegou um pedaço de papel e rabiscou alguma coisa, depois o dobrou e pegou um molho de chaves do bolso, tirando três chaves.

— Hugo vai te orientar e você vai montar aquela chopper ali fora, depois disso eu te pago e acabou.

— Mas por que? Eu... — Gabriel não conseguia entender.

— Você é mais do que isso garoto. Muito mais. Eu conversei com De Angelis, sei o que andou aprontando pela cidade. Pegue essas chaves. Eu já passei a escritura para o seu nome, esse lugar tem alguma coisa. Alguém o protege. Estará seguro por lá, ao menos por um tempo. — E junto das chaves entregou um papel.

— Pega sua moto e vai para lá. A gente conversa à noite.

— Estou sem moto, mas eu me acho. — Gabriel abriu o papel.

“Rua Netuno, 117, Shangri-lá”.

— Que lugar é esse?

— O escritório de sua mãe. — Alex disse como se um peso deixasse seus ombros.

Gabriel caiu no sofá como se o chão tivesse corrido de seus pés. Ele ouvia o próprio coração batendo no peito anunciando uma guinada no destino. As respostas para os questionamentos de minutos atrás estavam ali naquelas chaves, naquele endereço.

— Você não vai encontrar muita coisa além de móveis velhos. Os arquivos de sua mãe foram incinerados a pedido dela, os únicos cadernos restantes estão com Eduardo.

Era isso, tudo voltava ao seu pai. *Tenho que enfrentá-lo novamente, mas de outra forma.*

— Mas. Minha mãe nunca me disse o que fazia. Sempre evasiva, falando apenas em ajudar pessoas. — Ele ponderou sobre o poder e a presença que Arthur exibia, e entendeu que talvez essa mesma força o fizera nunca questionar a mãe quando ela insistia em não responder. Ficou olhando para as chaves, fechou o punho ao redor delas.

— O que aconteceu com a sua moto? — Alex quis saber.

— Essa é uma história para outro dia tio. — Gabriel levantou-se e já ia sair.

— Espera Gabe. Toma. — Alex entregou a ele R\$ 200 e as chaves da moto. — Pega a minha moto, vai para lá e eu te encontro assim que sair da oficina. E não precisa ficar nervoso, eu vou te contar o que eu puder.

— Tudo bem. — Resolveu dar crédito ao tio, aquele achado do passado de sua mãe era valioso demais. Gabriel estava mexido, emocionado. Não sabia exatamente como processar os pensamentos, mas já mudava seus planos. Falar com Elliot ficava cada vez mais importante.

— Ei Hugo, me faz um favor. — Alex pediu depois de abrir a porta e se voltou para Gabriel. — Minha jaqueta não vai te servir direito. Ah Hugo, empresta sua jaqueta pro Gabe, ele tem que fazer uns corres pra mim.

O velho motoqueiro prontamente pegou uma jaqueta de couro preta.

— Mas tio... Tem as cores dele. — Gabriel apontou para o brasão costurado nas costas da peça, o perfil de um coiole em um anel de correntes e os dizeres, Coioles MC. O símbolo do moto-clubes.

— Relaxa garoto. — Hugo amenizou. — Você vai me devolver, além disso é um favor pro Al. Seu tio é como um irmão para nós aqui e você um novo sobrinho. Mas ei... ninguém pode saber, eim.

Hugo piscou e deu um soco amigável no peito de Gabriel.

Contrariado, o jovem vestiu a jaqueta, pegou o capacete do tio, ligou a Shadow e partiu para o endereço. Sabia que era só seguir em direção Noroeste e se localizaria.

Pilotou nervoso, ponderando se alguém o seguiria até lá. Aquele era um local sagrado para ele, onde talvez encontrasse mais respostas do passado de sua mãe.

Perto da Avenida do Sol, Gabriel parou em um mercado e comprou suco, cerveja, frutas, pães e frios. Tudo que pudesse carregar na moto, colocou em uma caixa e levou no colo. Gastou quase todo o dinheiro, mas teria comida para si e seu tio.

A chuva havia passado e o sol saiu entre as nuvens jogando tons alaranjados sobre a cidade.

As cores do entardecer fizeram o peito de Gabriel doer de saudade. Queria Amanda, estar com ela, ficar com ela. A verdade era que o mais difícil até ali era se manter longe dela. O lugar para o qual queria voltar sempre, era a casa de Amanda.

Não... é onde quer que ela esteja. Entendeu. Onde quer que ela esteja é onde meu coração quer estar.

— Quando tudo isso acabar... — Lembrou-se de Bia. Tinha esquecido a moça completamente e aquilo resolvia as coisas. Precisava pôr um fim na história com ela, Amanda era diferente. Tudo era diferente com ela.

Dias atrás quisera fugir com Bia. Dias atrás, quisera fugir. *Nunca mais*. Pensava consigo quando parou a *cruiser* do tio diante de uma igreja familiar. A rua era majoritariamente residencial, porém, havia alguns prédios comerciais, como uma padaria, um açougue uma marcenaria. Procurou pelos números das casas e andou um pouco mais, estacionando à sombra de um salgueiro. A rua era amplamente arborizada.

O número 117 era um prédio de dois andares com a entrada ladeada por salgueiros. Contíguo ao prédio ficavam uma casa pequena à esquerda e um escritório de advocacia à direita.

Gabriel desligou a Shadow e desceu com as compras pondo-as diante da fachada. Buscou as chaves no bolso da jaqueta.

O prédio era pequeno, com a fachada do térreo feita de pedras cinzas e o primeiro andar pintado de cinza claro, com uma pichação em preto, abaixo e à esquerda de uma das janelas. O desenho era um hexágono dividido por três traços que o cortava de vértice a vértice evidenciando os seis triângulos que formava interiormente. A porta azul escura, de duas folhas, com uma parte envidraçada, tinha algumas lâminas de vidro faltando e, da janela do lado, restava apenas a armação. O andar de cima tinha duas janelas, fechadas e pintadas da mesma cor que a porta e a outra janela. Ele reparou que o ar à volta tinha um cheiro diferente, algo que remetia à chuva.

Abriu a porta que rangeu como se não quisesse ser perturbada. Antes que algum curioso aparecesse, ele entrou com a caixa, trancou a porta e tirou o capacete. O ar do lugar era pesado, estagnado. Gabriel conseguia enxergar razoavelmente bem lá dentro, mas procurou pelo interruptor. Achou-o ao lado da porta, apertou e o mesmo respondeu prontamente, acendendo a luz e banhando o salão da entrada, vazio.

O chão era de taco, o espaço amplo, com quatro pilastras pintadas de marrom indo até o teto, o fundo era como a metade de um hexágono, com uma janela na face esquerda e uma porta na direita. Começando no fundo do cômodo, colada à parede à direita de Gabriel, uma escada de concreto levava ao andar superior.

Emocionado o jovem levou a mão ao peito em busca da cruz que ganhara do padre Johan. Não estava lá. Ele tentou puxar pela mente onde a perdera, quando a luz oscilou e diante dele surgiu um homem de longos cabelos azuis e pele como mármore terroso.

A visão do homem fez Gabriel sentir vergonha, como se devesse desculpas a ele.

O homem era forte, trajava roupas semelhantes às de Gabriel, coturnos, calças jeans e uma jaqueta marrom de sarja, toda puída.

— Não achei que o veria aqui tão cedo, filho da Dançarina Branca. — Os olhos do sujeito traziam uma força que desafiava Gabriel, o impelia a querer ser mais, a erguer a cabeça em desafio, mas não para medir forças, para ser notado.

— Meu irmão mais novo te ajudou. — Ele apontou para o braço de Gabriel que ainda usava jaqueta.

— Como você... — Confuso olhou para o braço e de volta para o homem.

— Eu vejo além da carne, ele não marcou apenas seu braço. Ele marcou você, um inconsequente, não... um inconstante, isso soa melhor para o vento.

O jovem Donovan queria entender, pensava ter lembrado de tudo que vivera na pele de lobo, mas ali percebeu que ainda tinha muito que recordar, ele sentia que o vira antes, quando vagava caçando. Sem perceber Gabriel rosnava e então ganiu como assustado, acuado. *Culpado*. Sabia que já tinha feito isso para o Trovão. A memória veio à tona, dessa vez não como uma interpretação das visões de lobo, mas como a vívida memória de seu lado lupino.

— Desculpe-me, Anhã Toirneach, o Mensageiro Trovejante. — O reconhecimento fez Gabriel vislumbrar seu eu lupino, seu espírito voltava a se fortalecer.

Por sua vez, ao ouvir seu nome verdadeiro, o *gaer* se despiu da carne de humano, revelando a forma já conhecida por Gabriel, com os cabelos esvoaçando soltando chispas de eletricidade.

— Não é a mim que deve desculpas apenas, afilhado. Seu irmão lobo, seu eu *gaer*... Você deve desculpas... perdão a si mesmo. — A voz dele ecoava pelas paredes, e ao longe um relâmpago cruzou o entardecer.

As palavras do espírito diante de Gabriel o confundiram, mas mais importante o intrigaram.

— Por que achou imprudente a... dádiva do meu Primo Vento?

— Seu *geas* já é muito forte.

— Meu o que?

— Todo *wairós* nasce com um dom especial. Sua mãe não era chamada de Dançarina Branca à toa. Quando ela começava uma batalha seu corpo se movia de forma graciosa, seguindo um ritmo que somente ela podia ouvir. Essa dança era letal para qualquer um a não ser que o ritmo fosse quebrado. Mas, você é diferente dos outros.

O coração de Gabriel batia no peito como se fosse explodir. As palavras do espírito eram como sensações, visões vívidas de sua mãe. Ele podia senti-la ali na

forma de mulher-lobo, com pelos brancos como a neve, dançando à sua volta, a dança de morte.

— Seu geas se alimenta de todo gaer que é seu aliado. Meu irmão é seu primo, assim ele o reconhece. Eu. Sua mãe te deu à mim para zelar e cuidar, como meu afilhado. Ela o fez quando você passou a despertar suas capacidades, assim a força do Trovão sempre foi e será sua. Mas não apenas isso. Eu me pergunto... O que acontecerá quando você estiver em paz consigo mesmo? — Dizendo isso, Anhã Toirneach sumiu com o som de uma trovoadas, deixando Gabriel paralisado.

Foram alguns instantes até que o jovem recobrasse seu espírito e fosse direto para a escada. Correndo, galgou os degraus, parando ao fim da escada, diante de uma porta. Havia também uma lâmina de vidro fosco na parede, permitindo que a luz do cômodo chegasse até a escada, e no topo, na fachada do prédio, uma janelinha basculante que Gabriel não havia notado.

Por ela entrava a luz do sol, alaranjada, iluminando a porta e o topo da escada.

O jovem Donovan respirou fundo antes de empurrar a porta. Ele sabia que o cômodo estava vazio, mas entrar ali o deixava mais nervoso que enfrentar qualquer inimigo. Empurrou a porta que estava apenas encostada, para revelar um escritório empoeirado.

As duas janelas fechadas estavam em bom estado, ele pensou em abri-las, mas resolveu acender a luz. A lâmpada amarelada piscou e por fim iluminou o cômodo. O assoalho também era de taco, e os móveis tinham um ar antigo. A mesa de madeira maciça tinha apenas um telefone e parecia ter sido limpa recentemente. Encostadas em uma parede, estavam duas estantes de arquivos e perto da porta um sofá de dois lugares. No fundo do cômodo, duas portas entreabertas levavam respectivamente ao banheiro e para um quarto vazio.

Gabriel foi direto nos arquivos, desesperado por descobrir algo. Abriu uma por uma das gavetas. Todas vazias.

Olhou na mesa, nada.

Atrás da mesa havia uma cadeira de espaldar alto que parecia confortável, de frente para a mesa, duas cadeiras menores, também de madeira. Gabriel tremia, ainda assim, conseguiu sentar-se na cadeira que fora de sua mãe. Por segundos, voltara a ser um garoto assustado.

Puxou o ar, o cômodo tinha uma atmosfera carregada, como o andar de baixo, mas mais pesada devido à falta de circulação de ar. Intentou abrir uma das janelas, mas ao invés disso parou como um cão de caça e farejou o ar novamente.

Ele conhecia aquele cheiro. Lágrimas brotaram involuntárias, o cheiro que lembrava infância, a tenra juventude. O colo da mãe. Correu para o canto perto do sofá e arranhou o taco até achar. Uma peça se moveu e soltou revelando um compartimento, um buraco quadrado no chão.

Dentro, um papel dobrado, amarelado e envelhecido.

Ele abriu, as lágrimas molhando a carta. A letra lhe era familiar, quando leu as primeiras linhas o peito apertou como se tivesse um buraco ali.

“Meu pequeno Gabriel. Se está lendo essa carta eu morri. Não sei quais foram as circunstâncias de minha partida, mas não tem porque negar, nossa vida é selvagem e de fato esse é o único jeito de um de nós partir, em um combate.

Há tanto que queria lhe dizer, colocar no papel, te dizer pessoalmente. Sei que não consegui esse feito, pois prometi a mim mesma rasgar essa carta depois de lhe ensinar nosso caminho, os desígnios de um *Ulfhednar*. Mais do que isso... quero viver para ver o garoto que vai se tornar.

Biel... não posso responder todas as suas dúvidas, essa carta seria perigosa nas mãos de nossos inimigos. Mas antes de sairmos da cidade eu cobreí favores, daqui, e da minha terra natal. De nosso avô. O que quer que seja que estivermos enfrentando, meu filho, é antigo e poderoso, remonta as batalhas passadas. Tome cuidado.

Meu pequeno filhote, eu te amo. Sempre estarei contigo. Espero que seu pai tenha sobrevivido, se fiz tudo certo ele está bem. Não suportaria ver nenhum de vocês morrer. E conhecendo o gênio dele eu te peço. Tenha paciência. Um dia, assim meu coração sempre desejou, você vai entender o que seu pai e eu sentimos.

Te amo filho e não importa o que faça, sempre terei orgulho do meu ulfhedinn de pelos negros.”

Gabriel não conseguia suportar. Chorou copiosamente, leu e releu a carta sentindo-se uma criança perdida. A dor, as últimas palavras.

— Me perdoe. — Sua voz saiu oscilante, pedia para sua mãe e para seu espírito lobo.

Ficou algum tempo sentado no chão, recostado na parede, enquanto deixava a tristeza ir embora. O pesar saía de seus ombros, uma última despedida.

Gabriel não saberia dizer quanto tempo ficou recostado à parede. Já era noite em Londrina e ele só voltou a si ao ouvir o carro, que sabia ser do tio. Guardou a carta no bolso da calça, tirou a jaqueta deixando-a sobre uma das cadeiras e tampou o compartimento no assoalho. Desceu para abrir a porta para tio.

Alex estava diante do lugar, esperando.

— Por que não me chamou?

— Eu sabia que viria me atender. Além disso, eu só posso entrar se você deixar.

— Como assim? — Gabriel achou estranho e falou por reflexo. — Entra.

— Eu não sei Gabe, mas quando a Nat me falava para fazer algo... eu fazia e isso sempre me manteve vivo.

— Tudo bem... entra, vem... — Gabriel riu sem graça. Ainda estava abalado.

— Tudo bem, piá?

Gabriel fechou as portas e sem responder pegou a caixa no chão apontando o capacete para Alex à guisa de pedir ajuda.

Subiram em silêncio, Gabriel depositou as compras sobre a mesa e tirou a carta do bolso. Confiava no tio, aquilo era pessoal, muito. Mas Gabriel precisava de uma palavra amiga.

— Caramba Gabe. Isso. — Alex sentou no sofá e o sobrinho o copiou puxando uma cadeira para sentar-se diante dele.

— Ela só deixou isso. — Gabriel soava como uma criança pedindo por mais, querendo mais.

Foi a primeira vez em que fora sincero com seus sentimentos. Gabriel não queria vingança ou justiça. Queria a mãe de volta.

— Ah Gabe. — Alex não conseguia dizer nada. Ficaram algum tempo ali se olhando até que o tio resolveu falar novamente. — Quando eu conheci sua mãe... Ela foi a única pessoa que conseguiu me entender, que soube como eu odiava matar.

Gabriel ergueu uma sobrancelha surpreso.

— Você...

— Os Donovan descendem dos *Vaettir*. O povo antigo. Assim como sua mãe, e sua herança dela. Mas nosso sangue é... ralo. Nos chamam de vanes. Alguns, de despertos. Para usar nosso potencial existem certos meios, rituais. Ou às vezes, como você, nascemos com um dom. Seu avô Érico era um Ferreiro Celestial. Ele podia fazer armas e artefatos imbuídos de magia. — Alex levou as mãos as costas e tirou duas longas adagas, colocando elas no colo. — Aposto que não sentiu o perigo.

— Não. — Gabriel se surpreendeu, sem tirar os olhos do tio.

— Eu e o Edu somo diferentes. Papai nos educou para sermos guerreiros, nos treinou e então nos fez passar pelo ritual de morte. Uma tradição perdida que o velho descobriu de algum jeito. Se voltássemos, e voltamos, do além vida, nos tornaríamos *einherjar*. Guerreiros sagrados, devotados a lutar contra as trevas.

— Até o Ragnarök... — Gabriel resmungou para si lembrando-se do que Elliot dissera, de como os mortais mesclavam nomes dos *daerhines* a sua cultura e vice-versa.

— Não esse tipo de guerreiro. Somos mais como caçadores.

— Corvos. — Gabriel finalmente entendeu o que o pai fazia.

— Onde ouviu isso? — Alex ficou desconfiado. Guardou as adagas. — Gabe você não deve confiar nos outros... — Começou, mas logo se arrependeu. — Não... me desculpe. Era isso que eu queria te contar. Seu pai... ele desconfiava de todo encantado por aí, principalmente dos aliados do nosso pai. Foi por isso que ele desconfiou do lobisomem que andava rondando Londrina.

— Minha mãe?

— Éramos jovens e inconsequentes. Fomos verificar o caso sem avisar para o pai. Bom, ela quase matou Eduardo. Eu o tirei de lá a tempo, só que a vida não é tão simples. O jogo virou, tinha um *drekavac* na fazenda onde ela patrulhava. — Fez uma pausa quando percebeu a cara de confuso de Gabriel. — Existem os *ghouls*, eles são como corpos possuídos. Quando um fica muito velho, come demais ou é forte demais, ele... é como se ele se tornasse um demônio verdadeiro. Ou quase isso. Matamos ele e bem... foi aí que o cabeça dura do seu pai entendeu que Natasha não era nossa inimiga.

— Se apaixonaram?

— De cara? De jeito nenhum. Papai resolveu cuidar da Nat, eu fiquei feliz, sempre quis uma irmã. Sua mãe foi a melhor amiga que tive. Ela e o Edu... — Ele riu como se fosse vinte anos mais novo. — Brigavam todo dia.

— E a vó nesse rolo todo?

— Mamãe era... não sei explicar. Ela conseguia deixar todo mundo tranquilo, apartar as brigas, remendar as feridas. Era uma mulher experta sua avó, uma desperta. Conhecía poucos segredos, mas muito fortes. Esse lugar, ela ajudou Natasha a proteger esse lugar. — Ele fez um gesto amplo com as mãos. — Seja lá o que elas tenham feito. Mas mesmo sua avó não previu o que aconteceria. Foi quase um ano depois e seus pais não desgrudavam mais um do outro. Sempre achei que o Edu teve sorte. Eu tive uma esposa legal por um tempo, cometi muitos erros e acabei sem nem poder ver meus filhos mais, por isso sempre invejei seu pai... até. Bom, não invejo ele mais.

Alex puxou o ar tentando não ficar emocionado.

— Quer cerveja? — Gabriel questionou já pegando uma das garrafas e passando para o tio, depois abrindo uma para si.

Alex deu um longo gole antes de continuar.

— Na noite do casamento dos seus pais, Edu me contou o quanto ele amava... ama, a Natasha. É uma coisa diferente sabe. Ele me disse que nunca tinha sentido nada igual e que Natasha falou sobre como isso é para o seu povo, para um lobisomem. Amor verdadeiro, almas predestinadas, esse tipo de coisa. Foi um dos poucos segredos que ela contou para nós sobre o povo-lobo. Engraçado como ela era com os segredos dos lobisomens, acho que... — Ele devolveu a carta à Gabriel. — Ela queria contar para você antes de contar para seu pai. Às vezes eu pensava isso comigo, que ela sempre soube que o teria.

Gabriel sorria, os olhos marejados. Não conseguia entender a saudade unida a felicidade que sentia. A história do tio lhe trouxe ainda mais luz sobre as palavras de sua mãe.

— Obrigado. — Foi tudo que Gabriel conseguiu responder colocando a carta de volta no bolso.

— E Gabe, sobre essa carta, ela te chamou de *ulfhedinn*. Eu ouvi seu pai falar isso uma vez e pelo que fiquei sabendo, você andou ajudando os encantados, noites atrás.

— O senhor falou isso mais cedo. Como ficou sabendo, quer dizer agora eu sei quem são mesmo os Donovan. Mesmo assim, como?

— De Angelis foi parceiro do seu pai, quando ele era da Homicídios. Ainda somos aliados, embora ele seja, à essa altura, mais seu aliado que nosso. Inclusive ele pediu algo para mim e pro seu pai. Os encantados querem se encontrar contigo, querem falar com você.

— Falar comigo? — Gabriel puxou pela memória a noite em que protegera Amanda, sobre sua sina. A Vidente do Fogo. — Certo. — Respondeu ciente da importância que a jovem tinha para o Povo das Brumas. — Não sei, eu tenho meus próprios planos assim como meu pai...

— Edu foi contra você falar com eles. Está fora dos planos, mas eu dei um jeito de deixar você escolher. — Alex entregou ao sobrinho um cartão. — Liga para esse número, o telefone aqui do escritório está funcionando, assim como a energia. Pedi para religaram quando seu pai veio para cidade, mas ele acabou não vindo até aqui.

O tio levantou-se e foi até as compras mexendo nos pacotes, preparando um sanduíche de presunto com pão de forma, para si.

Gabriel fitou o cartão. Era verde e trazia escritor em dourado “Empório da Sorte”, com um trevo de três folhas ao lado. Logo abaixo, “Albert O’Malley”. No verso também em dourado estava um número de telefone, “(43) 3322-3399”.

— Você só pode estar brincando. — Gabriel riu nervoso. Albert! Agora sabia de onde conhecia o ruivo que o ajudara a salvar Amanda. Queria falar com eles logo, saber como a amada estava, embora seus instintos lhe dissessem que ela estava à salvo por hora.

— O que? Ah, você foi falar com o Edu né. Sim, a loja do Albert é na mesma rua.

— Ah tio, se eu te contasse. — Ele respirou, limpou as lágrimas e notou pela primeira vez que a barba estava grande, há dias sem fazer. Os braços também estavam mais peludos que de costume. Foi até as compras e pegou uma pera. — Deixa isso para os encantados. Uma hora você vai conhecer tudo... esse De Angelis, ele é de confiança mesmo né?

— Como eu disse. E se te ajudou a matar um *strigoi*, acho que isso fala por si só. Gabe, agora sobre você e seu pai. Vocês precisam acertar as coisas, mas mais importante piá, você precisa se acertar. Eu não sei o que aconteceu exatamente contigo nesses dias, fora o que me contaram. Quando quiser conversar estou aqui,

pena não poder te ensinar sobre os lobisomens, mas posso te ensinar sobre os caçadores. Principalmente a lutar contra eles. Por isso insisti na jaqueta e em minha moto. Você precisa manter-se um pouco escondido até estar pronto, não vai conseguir se esconder para sempre, mas por uns dias é melhor ficar por aqui.

— Eu concordo com você tio. Ficarei aqui um tempo, essa noite pelo menos. Mas sobre me esconder, não é assim que lobos caçam. — Gabriel sentia um certo furor, as emoções que a carta lhe trouxera começavam a se transformar, a nostalgia, a tristeza, mudavam aos poucos em alegria e coragem, orgulho de sua herança.

— Nesse caso Gabe, só há uma escolha a fazer. Abraçar ou não seu legado. — Alex soou inspirado, mas em seu olhar havia algo de sinistro.

Dentro de sua alma Gabriel pôde ouvir um uivo de ode, um lamente e um chamado enquanto uma palavra ecoava em sua mente. —Ulfhedinn.

SOBRE O AUTOR

CONRADO L. RIBEIRO é escritor, artista marcial e licenciado em Física pela FCT-UNESP. Nascido em julho de 1984 em Presidente Prudente, São Paulo, desde muito jovem reforçou nos jogos de RPG a paixão por narrar histórias que já vinha da tradição familiar com as rodas de causos.

É autor dos contos **Tiercel**, **Fúria Selvagem** e **Estranhos na Noite**, dentre outros. Finalista do Prêmio ABIPTI de Literatura 2020, com o conto de Ficção Científica **Luz Roubada Luz Proibida**.

Autor de **Noites de Verão**, conto da antologia **Contos do Tarot**.

Cães do Asfalto é seu romance de estreia e o primeiro da série **Lobos da Noite**.